HISTÓRIA da REFORMA

3

do SÉCULO DÉCIMOSEXTO

JEAN HENRI MERLE-D'AUBIGNÉ

Copyright © 2024. Empresa de Publicações Luz del Mundo.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, electrónico ou mecânico, incluindo fotocopias, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento ou recuperação de informações, sem a permissão expressa por escrito da editora, exceto no caso de citações breves incorporadas em artigos e resenhas críticas. Consulte todas as perguntas pertinentes ao editor.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, electrónico ou mecânico, incluindo fotocopias, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento ou recuperação de informações, sem a permissão expressa por escrito da editora, exceto no caso de citações breves incorporadas em artigos e resenhas críticas. Consulte todas as perguntas pertinentes ao editor.

ISBN: 200-2-85533-777-2

Catalogação em Dados de Publicação

Editado por: Light of the World Publications Company Ltd.

Reproduzido em Torino, Italia

Impresso no: Light of the World Publications Company Ltd

P.O. Box 144, Piazza Statuto, Torino, Italia

"Lux Lucet in Tenebris"

A Luz brilha nas Trevas

Light of the World Publication Company Limited

A Luz do Mundo

P.O. Box 144 Piazza Statuto, Turin, Italy

Email: newnessoflife70@gmail.com

HISTÓRIA

DA

REFORMA

DO DÉCIMO SEXTO SÉCULO

POR J. H. MERLE D'AUBIGNÉ.

Chamo accessorio o estado das cousas desta vida caduca e transitoria. Chamo principal o governo espiritual no qual brilha soberanamente a providencia de Deus." ---

TEODOSIO DE BEZE

Terceiro Volume.

SÃO PAULO,

CASA EDITORA PRESBITERIANA

MDCCCCLI

Esta página foi intencionalmente deixada em branco.

PREÂMBULO

Esta edição foi reproduzida por Light of the World Publication Company Ltd. Este livro pretende esclarecer sobre as verdadeiras controvérsias em jogo, refletidas em contendas inabaláveis e múltiplos dilemas morais. O relato e as ilustrações são especialmente concebidos e incorporados para edificar o leitor sobre desenvolvimentos pertinentes nas esferas histórica, científica, filosófica, educacional, religioso-política, sócio-económica, jurídica e espiritual. Além disso, padrões e correlações claros e indiscutíveis podem ser discernidos onde se pode perceber o trabalho em rede, a interligação e a sobreposição de escolas de pensamento antitético, mas harmonioso.

A longa trajetória de coerção, conflito e compromisso da Terra preparou a plataforma para a emergência de uma Nova Era. Perguntas quentes assistem ao advento desta nova era antecipada, acompanhada das suas superestruturas, sistemas de governança, regimes baseados em direitos e ideais de liberdade e felicidade. Cheio de decepção básica, repressão estratégica e objetivos da nova ordem mundial, este e-livro conecta os pontos entre as realidades modernas, os mistérios espirituais e a revelação divina. Traça o progresso cronológico da catástrofe nacional para o domínio global, a destruição de um sistema antigo e a forja de um novo; sucintamente iluminando o amor, a natureza humana e até mesmo a intervenção sobrenatural.

Repetidas vezes, acontecimentos marcantes moldaram o curso da vida e da história, ao mesmo tempo prefigurando o futuro. Vivendo em tempos de grande turbulência e incerteza, o futuro tem sido pouco compreendido. Felizmente, este trabalho permite uma visão panorâmica do passado e do futuro, destacando momentos críticos do tempo que se desenrolaram em cumprimento da profecia.

Embora nascidos em condições pouco prometedoras, afligidos em cadinhos cansativos, vários indivíduos resolveram, perseveraram na virtude e selaram a sua fé, deixando uma marca inefável. As suas contribuições moldaram a modernidade e pavimentaram a estrada para uma maravilhosa culminação e mudança iminente. Portanto, esta literatura serve como inspiração e ferramenta prática para uma compreensão penetrativa e profunda por trás do manto do questões sociais, religião e política. Cada capítulo narra tanto sobre o mundo como sobre a condição humana, envolta em trevas, envolvida em confrontos aguçados e impulsionada por sinistras e ocultas agendas e segundas intenções. Aqui, estes estão expostos de forma desavergonhada à vista plana. No entanto, cada página irradia com resplandecentes raios de coragem, libertação e esperança.

Em última análise, é nosso desejo fervoroso que cada leitor experimente, cresça para o amor e aceite a verdade. Num mundo permeado de mentiras, ambiguidade e manipulação, a verdade permanecerá para sempre como o anseio quintessencial da alma. A verdade gera vida, beleza, sabedoria e graça; resultando num propósito renovado, com vigor e uma transformação genuína, embora pessoal, em perspetiva e vida.

PREFÁCIO AO VOLUME TERCEIRO

Há presente em nossos dias um espírito de inves-tigação e análise incitando, continuamente, os homens de letras de França, Suíça, Alemanha e Inglaterra na busca dos documentos originais que formam a base da História Contemporânea. Deseja participar com a minha migalha na realização da importante tarefa que esta geração parece ter chamado a si. Não me tenho até aqui dado por satisfeito com a mera leitura das obras de historiadores modernos: dentre os vários marzuscrilos publicados após o aparecimento em França do Segundo Volume desta Obra, servi-me particularmente do de Bullinger [1].

Mas a necessidade de recorrer a documentos inéditos tornou-se mais imperiosa quando tratei (Livro Décimo Segundo) da história da Reforma em França. Mercê das contínuas vicissitudes por que passou neste país a Igreja Reformada, possuímos sôbre o assunto apenas algumas memórias impressas. Tanto quanto esteve em meu alcance examinei, na primavera de 1838, as manuscritos arquivados nas bibliotecas públicas de Paris; e como se poderá verificar um manuscrito, creio que até aqui ignorado e existente na Biblioteca Real, projeta muita luz sôbre os primeiros estágios da Reforma; consultei além disso, no outono de 1839, os manuscritos conservados no consistório dos pastôres de Neufchatel, uma coleção extremamente rica rio que concerne ao período, tendo herdado os manuscritos da biblioteca de Farei; e graças, por fim, à gentileza do Castelão de Meuron, tive em mãos uma biografia de Farei, manuscrita por Choupard e na qual foram copiados em sua grande maioria êsses documentos. Semelhante material me permitiu reconstituir tôda a fase da Reforma em França. Como refôrço a essas fontes de informação

e à contribuição da Biblioteca de Genebra, lancei pelas colunas do Archives du Christianisme um apêlo a todos os amigos da História e da Reforma, que porventura dispusessem de manuscritos pertinentes; e aqui agradeço penhoradamente as diversas comunicações recebidas, com particular atenção às do pastor de Meaux,

Ladevèze. Conquanto muita guerra religiosa e per-seguição possam ter destruído documentos preciosos, há-de por fôrça haver, espalhados pela França, inúmeros documentos da mais alta relevância para a história da Reforma; e assim sendo, concito enfàticamente quantos tenham conhecimentos ou posse de tais documentos a se comunicarem comigo. Admite-se hoje em dia que documentos dessa natureza constituem patrimônio público, e nisso firmo minha esperança de que não terá sido em vão o meu apêlo.

Poder-se-á imaginar que, escrevendo uma história geral da Reforma, eu me tivesse estendido em detalhes supérfluos quanto aos seus primórdios em França. To-davia são detalhes pràticamente desconhecidos; as ocor-rências que enfeixam o assunto do meu Livro Décimo Segundo não preenchem mais que quatro páginas da Histoire Ec,clesiastique des Eglises réformées au Royaume de France, Por Theodore

Beza, enquanto os demais historiadores se cingiram exclusivamente ao desenvolvimento político da nação. As cenas que descobri e me disponho a narrar não têm!, com efeito, a imponência de uma Dieta de Worms; entretanto, independente do interêsse cristão a elas ligado, o movimento humilde, mas descido do céu, teve provàvelmente nos destinos da França urna influência mais incisiva que as famosas guerras de Francisco 1 e Carlos V. Numa grande máquina nem sempre a peça mais aparatosa é a parte vital, mas antes as molas menos conspícuas.

Houve quem se queixasse da demora na publicação dêste terceiro volume, e houve, por outro lado, quem desejasse que eu tivesse retido o primeiro volume até o término da obra. Há, sem dúvida, cérebros superiores ante os quais as circunstâncias se curvam, porém outros há, cuja inferioridade os coloca na subserviência delas: e no número dêstes é que se põe o autor. Publicar primeiro um volume, depois outro, quando capaz, e, mais tarde, um terceiro, eis a única alternativa oferecida pelas graves responsabilidades do meu cargo e minha frágil competência. Outras circunstâncias, além destas vieram, também influir, e, por duas vêzes, a composição dêste terceiro volume deveu interromper-se diante da dor suprema de concentrar no túmulo de filhos amados todo o meu afeto e todo o meu pensamento. Sómente a consideração de dever eu glorificar o adorável Mestre, que em tão possantes apêlos a mim se dirigira e com tanto Divino consolo me abençoara, lograria conjurar em mim a coragem necessária para terminar o trabalho.

Julguei credora destas explicações a bondosa aceitação desta Obra, tanto em França como na Inglaterra, especialmente nesta última. A aprovação dos Cristãos Protestantes da Grã-Bretanha, representantes dos prin-cípios e doutrinas evangélicas nas partes mais distantes do mundo, tem para mim um valor inexcedível, e tenho prazer em dizer-lhes que a recebo como valioso estímulo aos meus labóres.

A causa da Verdade recompensa aquêles que a abraçam e a defendem, e foi êsse o resultado nas nações que aceitaram a Reforma. No século dezoito, no momento preciso em que Roma julgava triunfar com os Jesuítas e o patíbulo, a vitória lhe escapuliu. E Roma, tal como Nápoles, Portugal e Espanha, caiu na teia das mais intrincadas dificuldades; ao mesmo tempo duas nações protestantes se erguiam começando a exercer na Europa uma influência até ali apanágio das potências católico-romanas. A Inglaterra saíra vitoriosa dos ataques de' franceses e espanhóis que o papa havia muito vinha fomentando contra ela, e a despeito da ira de Clemente XI, o Eleitor de Bradenburg recebera na fronte uma coroa real. Desde então a Inglaterra estendeu seu domínio aos quatro cantos do globo, a Prússia subiu de categoria entre os estados continentais, enquanto uma terceira potência, a Rússia, também divorciada de Roma, desenvolvia-se nos seus 'desertos imensos. E assim os princípios evangélicos passaram a exercer influência nos países que os abraçaram, e a justiça exaltou as nações (Prov. 14:34). Fiquem as nações

evangélicas bem certas de que devem ao Protestantismo sua grandeza. No instante em que abandonarem a posição que Deus lhes conferiu, inclinando-se novamente para Roma, terão perdido sua glória e seu poder. Roma agora se acha consumindo esforços para recuperá-las, alternando lisonjas com ameaças; uma nova Dalila acalentando-se para lhe dormirem no regaço... mas no intuito de lhes romper os laços para que os adversários possam arrancar-lhes os olhos e prendê-las a pesados grilhões.

Aqui também está uma grande lição para êsse país ao qual o autor se acha tão intimamente ligado por laços ancestrais. Fôsse novamente a França, imitando seus diferentes govêrnos, voltar ao papado, acreditaríamos ver nisso um sinal de graves desastres. Quem quer que adira ao papado compromete-se a destruí-lo. A França não se oferece perspectiva de poder ou grandeza a não ser inclinando-se para o Evangelho. Possa essa grande verdade ser devidamente compreendida pelo povo e seus líderes!

E' verdade que em nossos dias o papado entrega-se a uma grande agitação. Embora se debata nas malhas de uma doença incurável, pretende, com côres brilhantes e atividade febril fazer crer a outrem, tanto quanto a si mesmo, que ainda possui vigor. Foi o que se esforçou por fazer um teólogo de Turim, quando se publicou esta História. Não nos furtamos de lhe •conceder certo talento, ao apresentar com inusitada candura os mais frívolos testemunhos, e também elegância de estilo, embora peque em seu décimo segundo capítulo pela facilidade com que revive contra os reformadores acusações, cuja falsidade já foi tão autênticamente demonstrada e tão sobejamente reconhecida [2].

Em sequência à sua biografia de Lutero, M. Audin acaba de publicar uma Vida de Calvino, escrita sob a in-fluência de lamentáveis preconceitos; não conseguimos reconhecer ali a personalidade dos reformadores ou da Reforma. Não obstante, evita êle as vergonhosas acusações contra Calvin() a que nos referimos há pouco: passou sôbre elas no mais louvável silêncio. Homem algum que tenha respeito próprio poderá agora aventurar-se proferindo tão grosseiras e vís calúnias. Talvez em outra ocasião acrescentemos mais algumas palavras ao que já dissemos em nosso Livro Primeiro sôbre a origem do papado. Estariam aqui fora de lugar.

Apenas comentarei, de modo geral, dizendo que é precisamente às causas humanas e muito racionais, que lhe explicam tão claramente a origem, que êle recorre a fim de provar sua instituição divina. Dêste modo a antigüidade cristã declara ter sido conferida a todos os bispos o episcopado universal, de sorte que os bispos de Jerusalém, Alexandria, Antioquia, Éfeso, Roma, Cartago, Lião, Arles, Milão, Hipona, Cesaréia, etc., tinham in-terêsse e envolviam-se em tudo quanto ocorria no mundo cristão. Roma incontinenti reclama para si o dever imposto

igualmente a todos e, raciocinando como se ai não houvera mais ninguém afetado, aplica-o como de-monstração de sua primazia.

Tomemos novo exemplo. As igrejas cristãs estabe-lecidas nas grandes cidades do império mandavam mis-sionários aos países com os quais estavam relacionadas. Isto em primeiro lugar foi feito' por Jerusalém; em se-guida vieram Antioquia, Alexandria, Éfeso e, finalmente, Roma. E pelo que ela fêz após outros, e em escala inferior a êsses outros, Roma ato contínuo conclui achar-se intitulada a elevar-se acima das outros- Éstes exemplos hão de bastar.

Digamos apenas mais, que Roma fruía no Ocidente a honra que no Oriente tinha sido repartida entre Corinto, Filipos, Tessalônica, Éfeso, Antioquici e, num grau muito mais elevado, Jerusalém [3] : a honra de contar com um apóstolo, ou com muitos, entre seus pri-meiros mestres. Era natural que, em face disso, as Igrejas latinas tivessem Roma em' certo respeito, mas os cristãos orientais que a honravam na sua capacidade de Igreja da metrópole política dia império nunca lhe re-conheceriam a superioridade eclesiástica. O famoso Concílio Geral de Calcedônia atribuíra a Constantinopla, primitivamente .a obscura Bizâncio, os mesmos pri-vilégios ( ) que a Roma declarando que devia elevar-se com ela. E por conseguinte, quando o papado se formou definitivamente em Roma, o Oriente não reconheceria nenhum Senhor do qual nunca ouvira fazer menção; e firmado na antiga base da sua catolicidade, abandonou o Ocidente à nova seita que ali surgira. Até ao dia de hoje o Oriente enfàticamente se denomina católico e ortodoxo, e sempre que se pergunte se é católico a qualquer dos cristãos orientais que Roma conquistou a trôco de numerosas concessões, tem-se resposta invariável: "Não sou papista". [4].

Se esta História foi comentada pelo partido romano, também parece ter encontrado outros que a encara, ram sob o aspecto puramente literário. Homens que tenho em grande estima parecem ligar maior importância a uma história política ou literária da Reforma do que a uma exposição fundamentada em seus princípios espirituais, em seus impulsos inãtos de ação. Compreendo fàcilmente êste modo de considerar o meu assunto; entretanto não posso compartilhar dele. Na minha opinião a própria essência da Reforma está na sua doutrina, na sua vida interior. Poderá ser aparatosa uma obra em que estas duas coisas não ocupem o primeiro lugar, mas nunca será cândida e fielmente histórica-Seria como o filósofo que, descrevendo um homem, pin tasse com rigososo detalhe e pitoresca beleza tudo quanto concerne ao corpo e relegasse a plano secundário seu divino habitante, a alma.

Há, sem dúvida, muita falha nesta obra imperfeita, da qual apresento aqui novo fragmento ao público cristão5 e muito estimaria vê-lo ainda mais imbuído do espírito da Reforma. Quanto melhor eu lograr indicar tudo aquilo que revela a glória de Cristo, tanto mais leal terei sido perante a história. De boa mente adotarei

como lei para mim as palavras com que, depois de narrar certa porção daquele Protestantismo em França do qual me abstenho de falar, um historiador do século dezeseis, homem mais da espada que da pena, se dirigiu mis que pretendessem completar-lhe a obra: "Dar-lhes-ia a lei que eu próprio reconheci: que, procurando a glória dêste precioso instrumento, seu primeiro objetivo seja o do braço que o preparou, empregou e brandiu consoante Seu prazer. Pois será extemporâneo e mal colocado todo louvor. dirigido a príncipes, quando não tenha como ft:ilha e raiz o do Deus vivo, o único que faz jus a honra e domínio para todo o sempre" [5].

D'Aubigné era então um refugiado em Genebra, e no prefácio dessa obra, que contém uma história do mundo, e mais particularmente da França e do Protestantismo francês durante o tempo em que viveu, relega a seus filhos a tarefa de completar a História que êle parcialmente esboçara, prescrevendo-lhes (na passagem citada acima) o espírito dentro do qual deveria ser executada. Longe estava êle de pensar que dois séculos e meio deveriam escoar-se antes que seu legado fôsse aceito, e a História do Protestantismo terminada. (Nota. do Tradutor norte-americano).

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Cronick, Bullin.ger, Frauenfeld, 1838-1840.

[2] La Papauté considerée dans son origine et dans son développement au moyen âge, réponse aux allégations de Merle d'Aubigné dans son Histoire de la Réforrnation au seizième siècle, par l'abbé C. Magnin, docteur en théologie, Genève, chez Berthier-Guers, 1840.

[3] Santo Epifânio disse que Nosso Senhor confiou a Tiago, presbítero de Jerusalém, seu trono na terra e falando dos bispos reunidos em Jerusalém declara que o mundo inteiro ( ) devia submeter-se à sua autoridade. Epiph. Haeres, 78, 10; 78, 7.

[4] Journal of the Rev. Joseph Wolff, Londres, 1839, p.

[5] Visto como o original em francês não indica a fonte desta citação, não seria impróprio mencionar que se encontra na Histoire Universelle de Theodore Agrippa D'Aubigné, 3 vols. folio, Amsterdam, 1626.

ÍNDICE DE CONTEÚDOS

LIVRO IX. PRIMEIRAS REFORMAS. 1521 e 1522 12
CAPÍTULO I 12
CAPÍTULO II 18
CAPÍTULO III 24
CAPÍTULO IV 28
CAPÍTULO V 34
CAPÍTULO VI 40
CAPÍTULO VII 49
CAPÍTULO VIII 58
CAPÍTULO IX 73
CAPÍTULO X 81
CAPÍTULO XI 92
CAPÍTULO XII 99
LIVRO X. AGITAÇÕES, REVESES E PROGRESSO. 1522 a 1526. 104
CAPÍTULO I 104
CAPÍTULO II 112
CAPÍTULO III 116
CAPÍTULO IV 124
CAPÍTULO V 131
CAPÍTULO VI 138
CAPÍTULO VII 143
CAPÍTULO VIII 152
CAPÍTULO IX 155
CAPÍTULO X 163
CAPÍTULO XI 173
CAPÍTULO XII 179
CAPÍTULO XIII 183
CAPÍTULO XIV 189

ÍNDICE DETALHADO

LIVRO IX. PRIMEIRAS REFORMAS. 1521 e 1522

CAPITULO I

Progresso da Reforma — Novo Período —Utilidade do Cativeiro de Lutero no Wartburg — Agitação na Alemanha — Melanchton e Lutero — Entu-siasmo

CAPÍTULO II

Lutero no Wartburg — Objetivo do seu Cativeiro — Ansiedade — Enfermidade — Lutas de Lutero — Sôbre a Confissão — Resposta a Latomus — Suas Caminhadas diárias

CAPÍTULO III

Comêço da Reforma — Casamento de Feldkirchen — O Casamento de Monges — Teses —Discurso contra o Monacato — Lutero deixa de ser Monge

CAPÍTULO IV

O Arcebispo Alberto — O Ídolo de }lane — Indignação de Lutero — Alarma na Côrte — Carta de Lutero ao Arcebispo — Resposta de Alberto — Joaquim de Bradenburg

CAPÍTULO V

Tradução da Bíblia — Necessidade da Igreja — Princípios da Reforma — Tentações do Demônio — Obras de Lutero condenadas pela Sorbonne — Resposta de Melanchton — Lutero visita Wittemberg

CAPITULO VI

Novas Reformas — Gabriel Zwilling e a Missa — A Universidade — Proposições de Melanchton — O Eleitor — Ataque a Instituições Monasticas Emancipação dos Monges — Distúrbios —Capítulo dos Monges Agostinianos — Carlstadt e a Missa — Primeira Celebração da Ceia do Senhor — Importância da Missa no Sistema Romano

CAPÍTULO VII

Falsa Reforma — Os Novos Profetas — Os Profetas em Wittemberg — Melanchton — O Eleitor — Lutero — Carlstadt e as Imajens — Dis-túrbios — Lutero chamado — Êle nao hesita —Perigos

CAPÍTULO VIII

Partida do Wartburg — Nova Posição — Lutero e o Catolicismo Primitivo — Reunião no Urso Prêto — Carta de Lutero ao Eleitor — Volta a Wittemberg — Sermão em Wittemberg — Caridade — A Palavra — Como aconteceu a Reforma — Fé em Cristo — Seus Efeitos — Didymus — Carlstadt —Os Profetas — Entrevista com Lutero Fim da Luta

CAPÍTULO IX

Tradução do Novo Testamento — Fé nas Escrituras — Oposição — Importância desta Publicação — Necessidade de um Arranjo Sistemático — Loci Communes de Melanchton — Pecado Original — Livre Arbítrio — Efeitos do Loci Communes.

CAPÍTULO X

Oposição — Henrique VIII — Wolsey — A Rainha — Fisher — Sir Thomas Morus — Livros de Lutero queimados — Ataques de Henrique contra Lutero — Apresentação ao Papa — O Efeito sôbre Lutero — Energia e Violência — Resposta de Lutero — Réplica pelo Bispo de Rochester — Réplica de Sir Thomas Morus — A Ação de Henrique

CAPÍTULO XI

Movimento geral — Os Monges — Como a Reforma foi conduzida — Crente indouto — Os Antigos e os novos Doutores — Imprensa e Literatura — Venda de livros

CAPÍTULO XII

Lutero em Zwickau — O Castelo de Freyberg — Worms — Frankfort — Movimento uni-versal — Wittemberg, o Centro da Reforma — Os Sentimentos de Lutero

LIVRO X. AGITAÇÕES, REVESES E PROGRESSO (1522 a 1526)

CAPÍTULO I

Elemento Politico — Falta de Entusiasmo em Roma — Cêrco de Pamplona — Coragem de Inácio — Transição — Lutero e Loiola — Visões — Dois Princípios

CAPÍTULO II

Vitória do Papa — Morte de Leão X —O Oratório do Divino Amor — Adriano VI — Plano da Reforma — Oposição

CAPÍTULO III

Dieta de Nuremberg — Invasão de Solimão — O Núncio clama pela Morte de Lutero —Os pregadores de Nuremberg — Promessa de Reforma — Alarme do Núncio — Queixas da Nação —Decreto da Dieta — Fulminante Carta do Papa — Conselho de Lutero

CAPÍTULO IV

Perseguição — Esforços de Duque Jorge — O Convento de Antuérpia — Miltenberg — Os Três Monges de Antuérpia — O Patíbulo — Os Mártires de Bruxelas

CAPÍTULO V

O Novo Papa, Clemente VII — O Legado Campeggio — Dieta de Nuremberg — Exigência do Legado — Resposta da Dieta — Projeto de um Conselho Secular — Alarma e Esforços do Papa — Bavária — Liga de Ratisbona — Desonestidade de Campeggio — Severidade e Reformas — Cisma politico — Oposição — Intrigas de Roma — Decreto de. Burgos — Separação

CAPÍTULO VI

Perseguição — Gaspar Tauber — Num livreiro — Crueldades em Wurtemberg, Salzburg e na Bavária — Pomerânia — Henrique de Zuphten

CAPÍTULO VII

Separação — A Ceia do Senhor — Dois Extremos — Descoberta de Hoen — Wessel sôbre a Ceia do Senhor — Carlstadt — Lutero — Misticismo dos Anabatistas — Carlstadt em Orlamund — Missão de Lutero — Entrevista em Table — Conferência de Orlamund — Carlstadt banido

CAPÍTULO VIII

Progresso — Resistência contra a Liga de Ratisbona — Encontro de Filipe de Hesse com Melanchton — O Landgrave convertido ao Evangelho — O Palatinado — Luneburg — Holstein —o Grão-Mestre de Wittemberg

CAPITULO IX

Reformas — Igreja de Todos os Santos — Queda da Missa — Ensino — Escolas Cristãs —O Ensino estendido aos Leigos — As Artes — Religião moral — Religião estética — Música — Poesia —Pintura.

CAPÍTULO X

Fermentação política — Lutero contra a Rebelião — Tomás Munzer — Agitação — A Floresta Negra — Os Doze Artigos — Opinião de Lutero —Helfenstein — Marcha dos Camponeses — Marcha do Exército Imperial — Derrota dos Camponeses — Crueldades dos Príncipes.

CAPÍTULO XI

Munzer em Mulhausen — Apêlo ao Povo — Marcha dos Príncipes — Fim da Revolta —Influência dos Reformadores — Sofrimentos — Mu-danças — Dois Resultados

CAPÍTULO XII

Morte do Eleitor Frederico — O Príncipe e a Reforma — Aliança Católico-Romana —Planos de Carlos V — Perigos

CAPÍTULO XIII

As Freiras de Nimptsch — Os Sen-timentos de Lutero — Dissolvido o Convento — Casa-mento de Lutero — Felicidade doméstica

CAPÍTULO XIV

O Landgrave — O Eleitor — Prússia — Reforma — Secularização — Dieta — Aliança de Torgau — Resistência dos Reformadores — Aliança de Magdeburg — Os Católicos redobram seus Esforços — O Casamento do Imperador — Cartas ameaçadoras — Os Dois Partidos

LIVRO IX. PRIMEIRAS REFORMAS. 1521 e 1522

CAPÍTULO I

Progresso da Reforma — Novo Período — Utilidade do Cativeiro de Lutero no Wartburg — Agitação na Alemanha — Melanchton e Lutero — Entusiasmo.

Havia quatro anos uma velha doutrina tinha sido proclamada de novo na Igreja. A grande notícia da salvação pela graça, anunciada em tempos anteriores na Ásia, Grécia e Itália por Paulo e seus irmãos, e depois de longa era redescoberta na Bíblia por um monge de Wittemberg, tinha ressoado das planícies da Saxônia e chegado até Roma, Paris e Londres; e das altas montanhas da Suíça ecoou de novo em acentos poderosos. Os mananciais da verdade, da liberdade e da vida tinham sido reabertos para a raça humana. Para ali se precipitaram as nações em massa a beber sôfrega-mente; mas os que haviam tão ávidamente saciado a sêde, não apresentavam nenhuma mudança em seu aspecto. Tudo por dentro estava novo e, entretanto, tudo por fora continuava aparentemente no mesmo.

A constituição da Igreja, o seu ritual, a sua dis-ciplina, não tinham sofrido a menor alteração. Na Saxônia, e mesmo em Witemberg, onde quer que as no-vas idéias tivessem penetrado, a adoração papal prosseguia com sua pompa habitual; o padre oferecendo a hóstia a Deus diante do altar parecia operar uma inefável transubstanciação; frades e freiras ingressavam nos conventos prestando o voto eterno; os pastôres dos rebanhos viviam sem familia; irmandades religiosas mantinham mútuo contacto; organizavam-se peregrinações; nos pilares das capelas íam os crentes apnder os penhores de suas promessas; e tôdas as cerimônias, mesmo as mais insignificantes observâncias do santuário, celebravam-se na mesma forma de antes. Pulsava no mundo urna vida nova, que ainda não tinha criado um corpo novo. A linguagem dos padres fazia o mais notável contraste com as suas ações. Ouviam-nos trovejar do púlpito contra a missa, acusando-a de culto idólatra, e logo depois viam-nos descer e celebrar escrupulosamente diante do altar as pompas dêste mistério.

Por tôda parte o novo Evangelho se fazia ouvir em meio de antigos ritos. O próprio padre não percebia essa tão estranha contradição; e o povo, que tinha ouvido com admiração as palavras ousadas dos novos pregadores, continuava devotamente na prática das velhas observâncias, como se nunca a tivesse de pôr de lado. Tudo permanecera no mesmo, tanto no lar e nas esferas socais como na casa de Deus. Havia no mundo uma nova fé, mas não novas obras. O sol da primavera já tinha brilhado, mas o inverno parecia ainda tolher a natureza inteira: não havia exteriormente folhagem, flores, nem nada que testemunhasse a mudança de estação. Porém essas aparências eram enganadoras: uma seiva -vigorosa, invisível debaixo da superfície, circulava na iminência de modificar a face do mundo.

Foi talvez á prudência dêsse desenvolvimento que a Reforma deveu os seus triunfos. Tôdas as revoluções precisam de realizar-se primeiro na mente antes de exteriorizar-se. A inconsistência que apontamos não ocorreu a princípio nem ao próprio Lutero. Parecia-lhe muito natural que o povo, ledor entusiasta de suas obras, devesse continuar devotamente ligado aos abusos que êle condenava. Poder-se-ia quase imaginar que êle tinha esboçado o seu plano de antemão, resolvendo mudar o espírito antes de mudar o corpo. Mas, dizer isto é atribuir-lhe uma sabedoria cuja honra pertence a uma Inteligência mais alta. Êle executou um plano que não foi de sua própria elaboração. Ulteriormente poderia reconhècer e discernir essas coisas, porém nem as imaginou e nem as dispôs dessa maneira. Deus mostrara o caminho, e segui-lo fôra o dever de Lutero.

Se Lutero tivesse começado por uma reforma exterior; se logo após ter falado tivesse tentado abolir os votos monásticos, a missa, a confissão, as formas de culto, êle certamente teria encontrado uma 'vigorosa opósição. O homem precisa de tempo para. acomodar-se às grandes revoluções. Mas Lutero não foi, em. absoluto, o inovador arrojado, imprudente e violento. qu-e alguns historiadores descreveram [1]. O povo não vendo modificação alguma em suas devoções costumeiras, entregou-se sem receio ao seu novo mestre.

Todos, ao contrário, se surpreendiam diante dos ataques' contra um homem que ainda lhes deixava sua missa, seu. ro sário, seu confessor, e atribuíam-nos ou à inveja rasteira de adversários obscuros ou à injustiça cruel de adversários poderosos. Contudo as idéias de Lutero agitaram as mentes, renovaram os corações e de tal forma solapararam o antigo edifício, que êste:logo se desmoronou, sem o concurso humano. As •idéias•não têni ação instantânea: elas abrem caminho silenciosarnenite como as águas que, infiltrando-se nos rochedos dos Alpes, desprendem-nos da montanha onde repousam. O trabalho feito em segrêdo revela-se de súbito, e.um dia é quanto basta para lançar à luz o esfôrço de muitos anos, quiçá o de muitos séculos.

Uma nova era se inicia para a Reforma- .A verdade já foi restituída em sua doutrina, e agora a doutrina está prestes a restituir a verdade em tôdas • as formas da Igreja e da sociedade. A agitação é grande demái para a mente dos homens permanecer fixa' e imóvel no ponto a que atingiu. Sôhre êsses dogmas, agora tãoviolentamente abalados, erguiam-se costumes que j'á. vacilavam ante sua queda, para com êles desaparecer. Há excessiva coragem e vida na nova geraçãO para ela con-tinuar muda diante do êrro. Os sacramentos, o cultó público, hierarquia, votos, constituição, a vida pública c doméstica — isso tudo está prestes a ser modificado. O navio, lenta e laboriosamente construído, está para deslisaor do estaleiro e ser lançado em alto mar: Teremos de lhe acompanhar o curso através de liinitos' es-colhos.

O cativeiro do Wartburg delimita êstes dois períodos. A Providência, que se estava preparando para imprimir à Reforma um tão grande impulso, tinha preparado seu desenvolvimento, conduzindo a um retiro profundo o instrumento destinado à sua execução. A obra pareceu sepultar-se algum tempo com o obreiro; mas a semente tem de ser lançada à terra para poder produzir fruto; e dessa. prisão, que parecia ser o túmulo do reformador,..a Reforma estava destinada a partir para novas conquistas e a se espalhar em breve pelo mundo inteiro.

Até então. a Reforma tinha estado centralizada na pessoa de Lutero. Seu aparecimento perante a Dieta de Worms foi indubitàvelmente o dia mais sublime de sua vida. Seu caráter se apresentava na ocasião quase impoluto, e foi isso que deu ensejo ao comentário de que Deus, que ocultara o reformador dez meses dentro das muralhas do Wartburg, o tivesse naquele instante afastado para sempre dos olhos do mundo, seu fim teria sido uma apoteose. Porém Deus não destina apoteose alguma para seus servos, e Lutero foi preservado para a Igreja, a fim de ensinar, precisamente por suas faltas, que a fé dos Cristãos devia firmar-se exclusivamente na Palavra de Deus. Foi êle súbitamente removido longe .do teatro da grande revolução do século dezesseis; a verdade que durante quatro anos proclamara com tamanha veemência continuou, na sua ausência, a agir sôbre a Cristandade: e a obra, de que êle fôra mero instrumento, passou daí por diante a ter o sêlo, não do homem, mas do próprio Deus.

A Alemanha ficou impressionada com o cativeiro de Lutero. Circulavam pelas províncias os boatos mais con-traditórios.

A ausência do reformador excitava a mente dos homens mais do que sua presença o pudera jamais. ter feito. Num lugar, dizia-se que amigos franceses o haviam levado em segurança para a outra margem do Reno [2] ; noutro lugar, que tinha tombado vitfma do punhal assassino. Mesmo nas mais pequeninas aldeias se perguntava por Lutero: cercavam-se viajantes a fim de os interrogar, e nas praças públicas se reuniam grupos. Vêzes havia em que algum orador, numa emocionante narrativa, contava como o doutor tinha sido levado; descrevia como os cavaleiros cruéis tinham amarrado as mãos do prisioneiro, esporeádo os cavalos, arrastando-o a pé atrás de si até as fôrças o abandonarem, fechando os ouvidos a seus gritos e fa-zendo jorrar sangue dos seus membros [3].

"O corpo de Lutero", acrescentava êle, "foi visto varado em todos os sentidos". [4]. Ouvindo isso, os circunstantes 'soltavam exclamações de pesar. "Ai !" diziam, "nunca mais veremos ou ouviremos aquêle homem de nobre espirito, cuja voz nos falava tão junto ao coração !" Os amigõs de Lutero tremiam de indignação, jurando vingar-lhe a morte. Mulheres, crianças e homens pacatos, os anciãos, contemplavam todos com susto a perspectiva de novas lutas- Nada poderia igualar o alarma dos .par-tidários de Roma. Os padres e frades que a princípio não tinham podido disfarçar sua

exultação, julgando-se seguros da vitória, porque um único homem estava morto, e tinham erguido a cabeça num,insolénte ar de triunfo, temiam agora a ira ameaçadora do povo [5]. Êsses honiens que tinham dado rédeas à sua fúria quando. Lutero estava livre, agora que êle estava prêso tremiam [6]. Aleander, principalmente, estava assombrado. "A única maneira que nos resta de nos salvar" escreveu um católico romano ao Arcebispo de Mentz, "é acender tochas e ir procurar Lutero pelo mundo inteiro a fim de o devolver à nação que está clamando por êle". [7] Poder-se-ia dizer que o pálido fantasma do reformador, arrastando suas correntes espalhava o terror em roda e imprecava vingança. "A morte de Lutero", exclamavam alguns, "fará correr torrentes de sangue.". [8]

Em lugar algum se registrou tamanha convulsão como na própria Worms, onde boatos insistentes se fizeram ouvir tanto da parte do povo quanto da dos príncipes.. Ulrich Hütten e Hermann Busch 'enchei.am o•pais•de. melodias queixosas e canções guerreiras. Carlos V e o núncios foram acusados públicam.ente. A nação esposou a causa do pobre monge que, pela fôrça de.sua fé, tinha-se tornado o seu líder.

Em Wittemberg seus colegas e amigos, especial-mente Melanchton, haviam a principio mergulhado na Mais profunda ansiedade. Lutero tinha comunicado a êsse jovem letrado os tesouros da santa teologia que daí por diante lhe ocupara completamente o espírito. Lutero tinha imprimido substância e vida naquela cultura puramente intelectual, que Melanchton havia levádo para Wittemberg. A profundeza dos ensinamentos 'do reformador tinha impressionado o jovem heleniàía, que se sentira tomado de entusiasmo ouvindo o doutor afirmar corajosamente os direitos do Evangelho eterno sôbre a autoridade humana. Tinha-se tornado participe de seus labôres, tomado da pena e, com aquel.pureza de estilo obtida no estudo dos antigos, sucessivas .vêzes humilhara com pulso de ferro a autoridade dós padres e dos concílios diante dà soberana palavra de: Deus.

Melanchton exibira no seu saber a mesma impavi- dez, decidida de Lutero nos seus atos. Nunca houve dois homens mais afastados um do outro e ao mes- mo tempo perfazendo entre si a mais perfeita unidade. "As . Escrituras", disse Melanchton, "comunica à alma santo e maravilhoso deleite: é a ambrosia celeste" [9], "A. Palavra de Deus", exclamara Lutero, "é uma espada; é guerra, destruição; cai sôbre os filhos de Efraim como uma leoa na floresta". Dêste modo, um via nas Escrituras uma fôrça consoladora; outro, opo- sição contra a corrupção do mundo. Ambos as tinham como a coisa mais sublime na terra, e assim concorda- vam em perfeita harmonia.

"Melanchton é uma maravilha", dissera Lutero; "todos os homens agora o con- fessam. E' o mais formidável inimigo de Satanás e dos escolásticos, pois lhes conhece a doidice, e Cristo, o rochedo. O pequeno grego ultrapassa até mesmo a mim

próprio em teologia; ser-vos-á tão útil como muitos Luteros juntos". E acrescentou que estava pronto a abandonar qualquer opinião que Filipe não aprovasse. Por seu lado também, Melanchton, cheio de ad-miração pelo conhecimento que Lutero tinha das Es-crituras, erguia-o muito acima dos padres da Igreja. Desculpava as sátiras com que reprovavam Lutero, dizendo que o comparava um tósco vaso de barro que continha em seu interior um precioso tesouro. "Sen-tir-me-ia muito pouco inclinado a reprová-lo inconsi-deradamente neste ponto", disse Melanchton [10].

Mas agora, aquêles dois corações tão intimamente unidos estavam separados. Os dois valentes soldados não mais podiam marchar lado a lado na libertação da Igreja. Lutero tinha desaparecido; talvez perdido para sempre. A consternação em Wittemberg era extrema: como a de um exército, de fisionomia tristonha e abatida diante do corpo ensangüentado do general que os conduzia à vitória.

Súbitamente chegaram notícias mais confortadoras. "Nosso amado pai vive", [11] exclamou Filipe com alma radiante; "tenham coragem e ponham-se firmes". Mas não demorou a tristeza em acometê-los de novo. Lutero vivia, mas no cárcere. O edito de Worms com suas terríveis prescrições [12] circulara aos milhares através do império, alcançando mesmo as montanhas do tirol [13]. Não tombaria a reforma afinal, esmagada pela mão de ferro que pesava sôbre ela? O espírito delicado de Melanchton estava acabrunhado de tristeza.

Porém a influência de outra mão mais poderosa foi sentida acima da mão do homem: o próprio Deus tirava ao edito formidável tôda a sua fôrça. Os príncipes alemães que tinham sempre buscado diminuir o poder de Roma, no Império, tremeram diante da aliança entre o seu soberano e o papa, receando que ela resultasse na destruição da cua liberdade. Assim foi que, enquanto Carlos, em sua excursão pelos Países-Baixos acenava com um sorriso para as fogueiras onde as mãos de bajuladores e fanáticos faziam arder em praça pública as obras de Lutero, essas mesmas obras eram lidas na Alemanha com um ardor cada vez maior, ao mesmo tempo que numerosos panfletos a favor da Reforma infligiam diàriamente novo golpe ao papado. Os núncios estavam confusos vendo produzir tão peque-no efeito aquêle edito, o fruto de tantas e tantas intrigas. "A tinta com que Carlos V assinou sua detenção nem está sêca ainda", diziam êles amargamente, "e já o decreto imperial está por tôda parte rasgado em peda-ços".

O povo aderia cada vez mais ao homem admiravel, que, surdo ao trovejar de Carlos e do papa, tinha confessado sua fé com a coragem de um mártir. "Éle se prontificou a retratar-se", diziam todos, "se alguém lhe provasse o contrário; mas ninguém se atreveu a em-preender a tarefa. Não prova isso a verdade das suas doutrinas?" Assim, ao primeiro movimento de alarma em Wittemberg e sôbre todo o Império, seguiu-se um movimento de entusiasmo. O próprio Arcebispo de Moguncia, presenciando aquela explosão de simpatia popular, não se arriscou a permitir que os

franciscanos prègassem contra o reformador. A universidade, que parecia na iminência de ser esmagada, ergueu de novo a cabeça. As novas doutrinas estavam já demasiado consolidadas para se deixar abalar pela ausência de Lutero; e os auditórios acadêmicos mal continham a multidão de ouvintes. [14]

NOTAS DE RODAPÉ

[1] 1-lume e outros.

[2] L. Epp. ii. p. 5.

[3] Cochloeus, p. 39.

[4] Pallavicini, Hist. Cone. Trid. i. 122.

[5] L. Ep. ii. p. 13. •

[6] Ibid.

[7] Ibid.

[8] Gerbelii Ep. MS Heckelianis, Lindner, Leb. Luth. 244.

[9] 1 O Corp. Ref. i. p. 128.

[10] Corp. Ref. i. p. 211.

[11] Ibid. p. 389.

[12] Ibid.

[13] Ibid.

[14] Spalatini Aniles, 1521, Outubro.

CAPÍTULO II

Lutero no Wartburg — Objetivo do seu Cativeiro — Ansiedade — Enfermidade — Lutas de Lutero Sôbre a Confissão — Resposta a Latomus — Suas Caminhadas diárias.

Entrementes o Cavaleiro Jorge, pois por êste nome Lutero era chamado no Wartburg, vivia solitário e desconhecido. "Se te acontecesse ver-me", escreveu êle a Melanchton, "tomar-me-ias por um soldado e, mesmo tu, mal me haverias de reconhecer" [1]. Lutero a a princípio deu-se ao repouso, fruindo de um lazer que até então não lhe tinha sido permitido. Vagueava livremente pela fortaleza, não podendo ir além das muralhas [2]. Todos os seus desejos eram atendidos, e nunca fôra êle melhor tratada [3].

Um turbilhão de pensamentos lhe enchia a alma, mas nenhum tinha o poder de perturbar-lhe a calma. Ora baixava êle os olhos para as florestas que o envolviam, ora os erguia para o céu. "Estranho prisioneiro que sou", exclamara êle "cativo por minha própria vontade e ao mesmo tempo contra ela!" [4]

"Ora por mim", escreveu a Spalatin; "tuas preces são a única coisa de que preciso. Não me aflijo por coisa alguma que se possa dizer de mim no mundo. Finalmente estou em descanso". (5). Esta carta, bem como muitas outras do mesmo período, estão datadas da ilha de Patmos. Lutero comparava o Wartburg à. famosa ilha para onde a ira de Domiciano banira outrora o Apóstolo João.

No seio das escuras florestas da Turíngia o refor-mador descansava das lutas que haviam tumultuado em sua alma. Ali estudava a verdade cristã, não com a finalidade de contender, mas como um caminho para a regeneração e a vida. De início a Reforma necessà-riamente teria natureza polêmica: novos tempos exi-giana novas lidas. Após remover cipoal e espinhos, mister se fazia semear pacificamente nos corações a se-mente da Palavra de Deus. Se Lutero tivesse sido cha-mado a uma nova luta cada instante, não teria êle podido realizar obra durável na Igreja._ Seu cativeiro lhe valeu destarte escapar ao perigo que possivelmente teria arruinado a Reforma: o de sempre atacar e des-truir, sem nunca defender e construir.

Aquêle humilde retiro teve outro resultado ainda mais precioso. Elevado por seus compatrícios como um escudo, achava-se à beira do abismo; a mais ligeira vertigem poderia tê-lo precipitado em sua voragem. Alguns dos pioneiros da Reforma, tanto na Alemanha como na Suíça tinham atolado no orgulho espiritual e no fanatismo. Lutero era um homem muito sujeito às enfermidades da nossa natureza, e incapaz de eximir-se de tais perigos. A mão de Deus, entretanto, libertou-o momentâneamente, com sua remoção súbita da atmosfera dos aplausos entorpecentes para um retiro ignorado. Ali sua alma se embevecia em piedosa meditação aos pés de Deus; nova têmpera lhe foi impressa nas águas da

adversidade; o sofrimento e a humilhação forçaram-no, pelo menos por algum tempo, a andar ao lado dos humildes; e desde então os princípios de uma vida cristã desenvolveram-se em sua alma com maior energia e liberdade.

Não foi de longa duração a calma de Lutero. Sentado na solidão das muralhas do Wartburg passava dias esquecido em profunda meditação. Umas vêzes via a Igreja ostentando tôda a sua miséria (6) ; outras, erguendo ao céu olhos esperançosos, exclamava: "Por que, criarias debalde todos os filhos dos homens? ',(Salmo, 89:47). E então, cedendo ao desespêro, dizia com tristeza: "Ai! Não há ninguém neste dia de sua ira, que se ponha qual muralha diante do Senhor, e salve Israel !

Volvendo, em seguida, ao seu próprio destino, temia ser acusado de deserção do campo de batalha (7), e essa suposição lhe acabrunhava a alma. Preferia ser estendido sôbre brasas", dizia êle, "a deitar-me aqui semimorto (8).

Transportando,-se pelo pensamento ao meio dos seus adversários em Worms e Wittemberg, arrepen-dia-se de ter ouvido o conselho dos seus amigos para que deixasse o mundo e não oferecesse o peito à fúria dos homens (9). "Ai !" dizia êle, "não há nada que eu mais deseje do que aparecer diante dos meus inimigos mais cruéis" (10).

Pensamentos mais amenos, todavia, levaram uma trégua àquela ansiedade. Tudo não era tempestade e borrasca para Lutero; de tempos em tempos seu es-pírito encontrava tranquilidade e confôrto. O que mais o consolava, depois da certeza da ajuda de Deus era a lembrança de Melanchton. "Se eu morrer", escreveu, o Evangelho nada perderá (11); haverás de me su-ceder como Eliseu sucedeu a Elias, com uma dupla porção do meu espírito. Relembrando porém a timidez de Filipe, exclamou com energia: "Ministro da Palavra! Guarda as muralhas e as tôrres de Jerusa-lém até caíres prostrado pelo inimigo. Por enquanto estamos sózinhos no campo da batalha; depois de mim visarão a ti com seus golpes". (12)

Com o pensamento do ataque final que Roma estava prestes a •desfechar contra a Igreja infante, sua ansiedade recrudescia. Prisioneiro e solitária, o pobre monge teve muitos combates a travar sõzinho. Não de-morou, entretanto, que em sua alma raiasse uma espe-rança de libertação. Parecia-lhe que os assaltos do Papado fariam sublevar-se tôda a nação alemã, e que os vitoriosos soldados do Evangelho cercariam o Wartburg e •devolveriam o prisioneiro à liberdade. "Se o papa", disse êle, lançar mão sôbre os que estão do meu lado, haverá distúrbio na Alemanha; tanto mais se apresse em nos exterminar, tanto mais cedo chegará o fim dêle e de seus seguidores. E eu... eu serei restituído a ti. (13) Deus está despertando o coração de muitos e agitando as nações. Deixemos que os inimigos ataquem a nossa causa e procurem asfixiá-la, circundando-a com os braços: debaixo dessa pressão ela adquirirá fôrça e sairá dez vêzes mais formidável.

Mas a enfermidade o fêz descer das alturas a que o tinham levado a coragem e a fé. Já em Worms so-fria muito e a doença agravou-se na solidão. (14)- Não suportava o alimento do Wartburg, que aliás era melhor que o do seu convento; foram obrigados a dar-lhe a magra dieta a que estava habituado. Passava em claro noites inteiras. Às aflições morais vinham somar-se as dores físicas. Obra notável jamais se realizou sem sofrimento e martírio. Sózinho no seu rochedo, Lutero suportou com sua natureza robusta uma paixão que a emancipação da raça humana tornara necessária. "Sentado, de noite, no meu aposento", diz êle "gemi como uma mulher ao dar à luz; dilacerado, ferido e sangrando" (15) e então interrompendo seus queixumes com a lembrança de que seus sofrimentos eram uma bênção de Deus, exclamara com ternura: "Graças a Ti, oh Cristo, que não me deixarás sem as preciosas marcas da Tua Cruz !" (16) Logo porém, en-furecido contra si mesmo, exclamou:

"Louco e duro de coração que sou! Ai de mim! Só raramente oro, só raramente luto com o Senhor; não é pela Igreja de Deus que eu gemo! (17) Em vez de arder em espírito, as minhas paixões se inflamam. Vivo na ocio-sidade, no sono, na indolência!" E então, não sabendo a que atribuir êsse estado, e acostumado a tudo esperar da afeição dos seus irmãos, exclamou com o coração desolado: "Ah, meus amigos! Então se esquecem de orar por mim, para que Deus esteja assim tão longe de mim?"

Aquêles que o rodeavam, tanto quanto os seus amigos em Wittemberg e na côrte do Eleitor, estavam alarmados e inquietos com aquêle estado de sofrimento. Receavam ver tristemente declinar e expirar aquela vida que haviam salvado das chamas do papa e da espada de Carlos V. Estaria o Wartburg destinado a ser o túmulo de Lutero? "Receio", disse Melanchton, "que lhe cause a morte a aflição que sente pela Igreja. Êle ateou fogo em Israel, e agora, se morrer, que esperança restará para nós? Mesmo ao custo •da minha própria miserável existência, prouvera Deus eu pudesse reter no mundo essa alma que é um dos seus mais belos ornamentos! (18) — Ah! que homem!" exclamou, corno se já estivesse de pé, ao lado de sua sepultura. "Nunca o soubemos apreciar devidamente!"

Aquilo a que Lutero chamava vergonhosa indolência de sua prisão era tarefa que quase excedia as fôrças de um homem isolado. "Passo aqui o dia inteiro", escreveu êle em 14 de maio", na indolência e no prazer (sem dúvida referindo-se à alimentação melhor que lhe forneceram a princípio). Estou lendo a Bíblia em hebraico e em grego; vou escrever em alemão um tratado sôbre a Confissão Auricular; continuarei na tradução dos Salmos e comporei um volume de sermões, tão depressa receba de Wittemberg o que pedi. Estou escrevendo sem parar". (19) E contudo, isso era apenas parte do seu trabalho.

Seus inimigos julgavam que, se não estivesse êle morto, pelo menos não ouviriam mais nada dêle; esta alegria porém não foi de longa duração, e não poderia haver dúvida de que estava vivo. *Uma multidão de escritos, compostos no Wartburg, sucediam-se ràpida-mente, e a voz amada do reformador foi aclamada com entusiasmo por tôda parte. Lutero publicara simultâ-neamente obras destinadas a edificar a Igreja e polêmicas que molestavam a exultação demasiado viva dos seus inimigos. Durante quase todo um ano êle suces- sivamente instruiu, exortou, reprovou e trovejou do seu retiro na montanha; e seus adversários se entreolhavam surpreendidos, perguntando se não haveria qualquer coisa de sobrenatural, qualquer mistério naquela pro-digiosa atividade. "Êle jamais poderia ter tido qual-quer descanso", disse Cochloeus (20).

Mas não havia nenhum mistério além da impru-dência dos partidários de Roma. Apressaram-se a ti-rar partido do edito d.e Worms e desferir um decisivo golpe contra a Reforma, enquanto que Lutero, condenado pelo Império e prisioneiro no Wartburg continuou a defender a salutar doutrina como se ainda estivesse vi-torioso e livre. Era principalmerite no tribunal da pe-nitência que os padres se esforçavam por apertar a corrente nos seus dóceis paroquianos, e foi êsse natural-mente o primeiro alvo dos ataques de Lutero. "Apresentam", disse êle, "estas palavras de Tiago: Confessai as vossas faltas uns aos outros. Singular confessor êsse! Seu nome é Uns aos Outros. Donde se segue que os confessores deviam também confessar-se a seus penitentes; e cada cristão a seu turno, papa, bispo, padre: e que o próprio papa devia confessar-se a todos!" (21)

Mal Lutero terminara êsse discurso já outro estava começado. Um teólogo de Louvain, de nome Latomus, já notório pela sua oposição a Reuchlin e Erasmo, tinha atacado as opiniões do reformador. Em doze dias ficou pronta a contestação de Lutero, que foi uma obra-prima. Defendeu-se da acusação de falta de moderação, dizendo: "A moderação do século é dobrardes o joelho diante de pontífices sacrílegos e de ímpios sofistas, dizendo-lhes Gracioso Senhor! Excelente Mestre! e, feito isso, mandardes depois matar quem quer desejeis; poderíeis mesmo convulsionar o mundo, e nem por isso seríeis menos um homem moderado... Para longe com essa moderação! Prefiro ser franco e não iludir ninguém. A casca pode ser dura, mas o miolo é mole e tenro". (22).

Como sua saúde continuasse precária, Lutero pensou em deixar o seu lugar de enclausuramen.to. Mas, de que modo o conseguiria? Aparecer em público seria expor a vida. Atrás da montanha onde se erguia a fortaleza havia numerosos atalhos marginados de tufos de morango. O pesado portão do castelo se abria e o prisioneiro se aventurava, não sem temor, a ir colher algumas frutas (23). Gradualmente êle se foi tornando mais ousado, e no seu traje de cavaleiro se pôs a vagar pelas adjacências,, acompanhado por um .dos guardas do castelo, um homem digno, porém, um tanto grosseiro. Certo dia, entrando numa estalagem, Lutero

atirou de lado a espada que o incomodava e lançou ràpidamente mão de uns livros que lá havia. Sua natureza era mais forte que a prudência. O seu guarda tremeu, receando que aquêle gesto, tão impróprio num soldado, fizesse suspeitar não ser o doutor realmente um cavaleiro. Em outra ocasião os dois camaradas apearam no convento de Reinhardsbrunn, onde Lutero tinha dormido, meses antes, a caminho de Worms (24). Súbitamente um dos frades leigos soltou uma exclamação de surprêsa. Lutero tinha sido reconhecido. Seu guarda percebeu e carregou-o dali precipitadamente, e quando o leigo se recobrou do seu espanto já galopavam longe do mosteiro.

A vida militar do doutor tinha, por intervalos, qual-quer coisa verdadeiramente teológica. Um dia em que se aprontaram as rêdes, os portões da fortaleza se abriram_ e a matilha se lançou fora, Lutero desejou expe-rimentar os prazeres da caçada. Os caçadores logo se animaram e os cães avançaram impelindo a caça do seu esconderijo. No meio de todo aquêle tumulto o Cavaleiro Jorge permanece imóvel; seu espírito está ocupado .com pensamentos sérios; os objetos a seu redor lhe enchem de tristeza o coração (25). "Não estaria ali a imagem do demônio açulando os seus cães", disse êle, — Isto é, os bispos, êsses representantes do

(23) Mathes, p. 33.

(24) Vol. ii. p. 237.

(25) L. Ep. ii. p. 43.

Anticristo, atirando-os na perseguição das pobres al-mas? (26) Uma lebre foi apanhada; contentíssimo com a perspectiva de libertá-la, êle a cobriu cuidado-samente com o seu manto, colocando-a no interior de uma moita; mal porém se tinha afastado poucos passos quando os cães, farejando a lebre, atiraram-se a ela e a mataram. Atraído pelo barulho, Lutero soltou um gemido de pesar exclamando: "Oh 'papa! e também tu, Satanás! que assim vos esforçais por destruir mesmo as almas que foram salvas da morte!" (27)

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Epístolas de Lutero, II p. 11.

(2) Ibid. p. 3, 12 de Maio.

(3) Ibid. p. 13, 15 de Agôsto.

(4) Ibid. p. 4, 12 de Maio.

(5) Ibid. p. 4, 10 de Junho de 1521.

(6) Ibid. p. 1.

(7) Ibid.

(8) L. Ep. ii. p. 10.

(9) Ibid. g. 89.

(10) Ibid. p. 1.

(11) Ibid. p. 10.

(12) Ibid. p. 2.

(13) Ibid. p. 10.

(14) Ibid. p. 17.

(15) L. Ep. ii. p. 50, 9 de Setembro.

(16) Ibid.

(17) Ibid. g. 22, 13 de Julho.

(18) Corp. Ref. i. p. 415, 6 de Julho.

(19) L. Ep. ü. p. 6, 16.

(20) Cochl. Act. Luth. p. 39.

(21) L. Op. xvii. p. '701.

(22) Ibid. Lat. ii. p. 213.

(23) Mathes, p. 33.

(24) Vol. ii. p. 237.

(25) L. Ep. ii. p. 43.

(26) Ibid.

(27) Ibid. p. 44. (1) Vol. I. p. 78.

CAPÍTULO III

Comêço da Reforma — Casamento de Feldkir-chen. — O Casamento de Monges — Teses — Discurso contra o Monacato — Lutero deixa de ser Monge.

Enquanto, morto para o mundo, o doutor de Wit-temberg assim procurava distràção nas vizinhanças do Wartburg, a obra continuava como que por si mesma; a Reforma estava começando, não mais adstrita apenas à doutrina, mas entrando fundamente nas ações dos homens. Bernard Feldkirchen, pastor de Kemberg, o primeiro a atacar sob a orientação de Lutero os erros de Roma (1) foi também o primeiro a lançar de si o jugo das instituições daquela. Casou-se.

Os alemães são amantes da vida social e das alegrias domésticas, e conseguintemente, dentre tôdas as ordenanças papais, o celibato compulsório era a que mais tristes consequências produzia. Essa lei que fôra primeiro imposta aos chefes dentro do clero, impedira que os feudos eclesiásticos se tornassem hereditários. Quando porém Gregário VII o tornou extensivo ao clero inferior, os resultados foram os mais deploráveis. Muitos padres tinham evadido das imposições sofridas, através de desordens escandalosas e atraindo desprêso e ódio contra tôda a organização; mas os que se ti- nham sujeitado à lei de Hildebrando estavam no íntimo exasperados contra a Igreja porque, enquanto os dignitários superiores gozavam de tanto poder, riqueza e prazer mundano, ela amarrava os ministros mais hu-mildes, que lhe eram os sustentáculos mais úteis, a uma renúncia tão contrária ao Evangelho.

"Nem papas nem concílios", •disseram Feldkirchen e outro pastor chamado Seidler que lhe tinha seguido o exemplo, "podem impor à Igreja um mandamento que põe em perigo o corpo e a alma. A obrigação de obedecer á lei de Deus nos compele a violar as tradições dos homens" (2), O restabelecimento do matrimônio no século dezesseis foi uma homenagem prestada à lei moral. A autoridade eclesiástica alarmou-se e imediatamente fulminou seus decretos contra êsses dois padres. Seidler que se achava no território do Duque Jorge foi entregue ,aos seus superiores e morreu na prisão. Mas o Eleitor Frederico negou-se a entregar Feldkirchen ao Arcebispo de Magdeburg. "Sua Alteza", disse Spalatin, "recusa o papel de beleguim de polícia". Feldkirchen continuou, por conseguinte, pastoreando o seu rebanho, se bem que com espôsa e filho.

Quando o reformador soube disso sua primeira emoção foi uma exultação incontida: "Admiro êste novo noivo de Kemberg, que nada teme e se lança à frente no meio do tumulto". Lutero era de opinião que os padres deviam casar-se. Mas esta questão envolvia outra: o casamento dos frades; e aqui Lutero teve de suportar uma daquelas batalhas íntimas de que tôda a sua vida fôra uma sucessão, pois que tôda reforma tem primeiramente de sair vitoriosa de uma luta espiritual. Melanchton e

Carlstadt, leigo um e padre outro, achavam que a liberdade de contrair os laços do matrimônio devia ser concedida tanto para os monges quanto para os padres. O monge Lutero não foi a principio dêsse alvitre. Tendo certo .dia o governador do Wartburg levado a êle as teses de Carlstadt sôbre o celibato, êle exclamou: Santo Deus! Os nossos

Wittemburganos querem, então, dar espôsa até mesmo aos monges !... Semelhante pensamento o tinha deixado surprêso e confuso: seu coração ficara perturbado. Recusou para si a liberdade que reclamava para os outros. "Ah !" dizia indignado, "pelo menos a mim êles não haverão de forçar a tomar uma espôsa". (3) Esta expressão de Lutero é talvez desconhecida de quantos afirmam que êle pregava a Reforma a fim de poder casar-se. A pesquisa .da verdade, feita por êle, não com paixão, mas com uma firmeza de propósito, levava-o a proclamar o que era verdadeiro, se bem que contrário ao seu modo de ser. Caminhava num misto de verdade e êrro até que êste caia e só a verdade se mantinha de pé.

Havia realmente uma grande diferença entre as duas questões. O casamento dos padres não era a des-truição do sacerdócio; isto, ao contrário, poderia por si só restituir ao clero secular o respeito do povo. Entretanto o casamento dos frades seria a queda do monacato. Tratava-se, portanto, de saber se seria conveniente desmantelar aquêle poderoso exército que os papas tinham sob suas ordens. "Os padres", escrevia Lutero a Melanchton, "são de nomeação divina e, por conseguinte, livres no que concerne aos mandamentos humanos. Porém de sua livre e espontânea vontade os monges tinham adotado o celibato, pelo que não lhes competia agora remover um jugo que se impuseram voluntária-mente". (4)

O reformador estava destinado a avançar e levar com nova pugna esta nova posição do inimigo. Éle já tinha calcado aos pés uma infinidade de abusos romanos, e mesmo a própria Roma; todavia o monacato ainda continuava firme. O monacato, que um dia levara vida a tantos desertos e que, atravessando tantos séculos, estava agora enchendo os mosteiros de indolência e, não raro, de licenciosidade, parecia ter-se incorporado para defender seus direitos naquele castelo da Turíngia, onde na consciência de um único homem se discutia a ques- tão de sua vida ou de sua morte. Lutero batalhava; ora se via prestes .a triunfar, ora se sentia quase derro-tado. Finalmente, incapaz de sustentar por mais tem-po a luta, lançou-se em prece aos pés de Jesus Cristo exclamando: "Ensina-nos, liberta-nos e firma-nos, por Tua misericórdia, na liberdade que nos pertence; pois que certamente somos Teu povo!" (5)

Não teve de esperar muito tempo pelo livramen-to; uma importante revolução se operou na mente do reformador, e ainda uma vez lhe valeu a vitória sua doutrina da justificação pela fé. O mesmo braço que havia derrubado as indulgências, as práticas. de Roma, e o próprio papa, produzia também a queda dos monges na

mente de Lutero e em tôda a Cristandade. Lutero viu que o monacato estava em violenta oposição à doutrina da salvação pela graça e que a vida monástica se fundava inteiramente nos pretensos méritos do homem. Sentindo-se convencido desde aquela hora que essa questão interessava à glória de Cristo, passou a ouvir dentro de sua consciência uma voz que constantemente lhe dizia: "O monacato tem de cair!" — "Enquanto a doutrina da justificação pela fé se mantiver pura e incorrupta na Igreja ninguém poderá fazer-se monge", disse êle (6). Dia a dia se robusteceu no seu coração esta convicção, até que no comêço de Setembro êle mandou "aos bispos e diáconos da Igreja de Wittemberg", as seguintes teses, que eram a sua declaração de guerra à vida monástica:

Quem quer que faça voto de virgindade, de castidade, de serviço a Deus sem fé, faz um voto ímpio e idólatra — um voto ao próprio demônio.

Fazer semelhantes votos é pior do que os sacer-dotes de Cibele ou as vestais dos pagãos; pois os monges fazem seu voto com a idéia de serem justificados e salvos por êsse voto; e aquilo que ~ente à misericórdia de Deus se poderia atribuir, o é a obras meritórias.

Precisamos demolir tais conventos, como sendo as, habitações do demônio.

Só existe uma ordem que é santa, e faz santos aos homens, e essa é o Cristianismo ou a fé. (7)

"Para que fôssem úteis, os conventos teriam de transformar-se em escolas, onde as crianças fôssem edu-cadas para a vida adulta; ao contrário disso são casas onde os adultos se tornam crianças, e crianças ficam para sempre".

Vemos que, como instituições educacionais, Lutero ainda teria tolerado os conventos; contudo seus ataques contra êsses estabelecimentos se tornaram mais violentos. A imoralidade e as práticas vergonhosàs que se verificavam nos claustros voltaram forçosamente a lhe ocupar o pensamento. "Estou decidido", escreveu êle a Spalatin, em 11 de Novembro, "a livrar os jovens das chamas infernais do celibato". (8) E então escreveu um livro contra os votos monásticos, dedicando-o a seu pai:

"O senhor quer", disse êle, na dedicatória ao an-cião de Mansfeldet, "o senhor ainda quer salvar-me da vida monástica? Terá o direito, porque ainda é Meu pai, e ainda sou seu filho. Mas isso não é mais necessário; Deus lhe tomou a dianteira e pelo seu poder me libertou pessoalmente. Que importa se eu aban-dono ou uso a tonsura e o capelo? Será o capelo, será a tonsura que fazerá o frade? Tôdas as coisas são vossas, disse São Paulo, "e vós sois de Cristo. Não pertenço ao capelo; o capelo é que pertence a mim. Sou um monge e, contudo, não o sou; sou uma nova criatura, não do papa, mas de Jesus Cristo. Cristo é, sózinho, e sem intermediários, meu bispo, meu abade, meu prior, meu senhor, meu pai e meu dono; e não conheço outro. Que me importa a mim se o papa me condena e me leva à morte? Não poderá me

chamar do túmulo e matar-me uma segunda vez... O grande .dia se aproxima em que será derrubado ó reinado das abominações. Prou- vera a Deus que valesse a pena fôssemos degolados pelo papa! Nosso sangue clamaria ao céu contra êle e dêsse modo sua condenação se precipitaria e seu fim estaria perto. (9)

A transformação já tinha sido feita no próprio Lu-tero; não era mais frade. Não foram circunstâncias exteriores nem paixões terrenas ou influência carnal que operaram a mudança. Tinha havido luta; a principio Lutero estivera do lado do monacato, mas também a verdade tinha comparecido à liça e o monacato caiu diante dela. As vitórias das paixões são efêmeras, as da verdade são duradouras e decisivas.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Tudo o que não é de fé, é pecado (Rom. xiv. 23).

(2) Corp. Ref. I. p. 441.

(3) L. Ep. II p. 40.

(4) Ibid. p. 34.

(5) L. Ep. II. p. 40. ti

(6) L. Op. (W) XXII. p. 1466.

(7) L. Op. XVII. p. 718.

(8) L. Op. II. g. 95.

(9) L. Ep. II. p. 105.

CAPÍTULO IV

O Arcebispo Alberto — O ídolo de Halle —Indignação de Lutero — Alarma na Côrte — Carta de Lutero ao Arcebispo — Resposta de Alberto —Joaquim de Bradenburg.

Enquanto Lutero assim preparava o caminho para uma das maiores revoluções destinadas a se operarem na Igreja, e enquanto a Reforma começava a entrar poderosamente na vida dos cristãos, os partidários de Roma, cegos, como são os que geralmente retêm lon-gamente o poder, imaginaram que, porque Lutero es-tivesse no Wartburg, a Reforma estava morta e defini-tivamente extinta. E pensaram que poderiam tranqui-lamente voltar às suas antigas práticas, que por um momento tinham sido perturbadas por um monge de Wittemberg. Albert, o Arcebispo-Eleitor de Mogúncia era daqueles homens fracos que, tudo o mais estando igual, decidem pela verdade; mas desde o instante em que os interêsses pessoais entram em jôgo, não vacilam em pactuar com o êrro. Seu mais importante objetivo era ter uma côrte tão faustosa como a de qualquer outro príncipe na Alemanha, sua equipagem tão rica e sua mesa tão lautamente servida.

O tráfico das in-dulgências prestava-se admiràvelmente a promover aquêle objetivo. Assim foi que, mal saíra da chance- latia imperial o decreto contra Lutero, Alberto, que então residia com a sua côrte em Halle, chamara os tra-ficantes de indulgências ainda alarmados com as palavras do reformador, e procurara encoraj á-los dizendo: "Nada receeis, nós o silenciámos; passemos a tosquiar tranquilamente o rebanho; o monge está prisioneiro, atrás de ferrôlho e grade; desta vez, se vier de novo a nos perturbar, terá de ser muito esperto". O mercado se reabriu, a mercadoria voltou a se exibir à venda, e novamente as igrejas de Halle ressoavam com os sermões dos charlatães.

Mas Lutero estava ainda vivo e sua voz suficiente-mente poderosa para atingir além das muralhas e das grades, atrás das quais se achava escondido. Nada poderia ter erguido sua indignação a um timbre mais agudo. Como! As mais violentas batalhas tinham sido feridas; êle havia enfrentado todos os perigos; a verdade continuava vitoriosa e, não obstante, ainda ousavam pisá-la como se estivera derrotadal. .. Novamente se fará ouvir aquela voz que já uma vez pusera têrmo àquele comércio criminoso. "Não terei um minuto de descanso", secreveu êle a Spalatin, "enquanto não tiver atacado o ídolo de Mogúncia com o seu bordel de Halle". (1)

Lutero imediatamente lançou mãos à obra; pouco se importava com o mistério com o qual alguns pro-curavam envolver sua permanência no Wartburg. Êle era como Elias, no deserto, forjando novos raios contra o ímpio Acab. No dia primeiro de Novembro concluiu o seu tratado: "Contra o Novo Ídolo de Halle".

O arcebispo tem conhecimento dos planos de Lutero Alarmado e emocionado diante da mera idéia, expediu para Wittemberg, em meados de Outubro dois emissários, Capito e Aurbach, incumbidos de evitar a tempestade. "Lutero precisa moderar sua impetuosidade", diseram êles a Melanchton, crue os recebera cordialmente. Mas embora brando, Melanchton não era dêsses que julgam consistir a verdade em perpétuas con- cessões, em subterfúgios, em silêncio. "E' Deus que o impele", respondeu-lhes, "e nossa era precisa do mais violento sal (2)".

Em face disso Capito dirigiu-se a Jonas, procurando por seu intermédio agir sôbre a côrte. A notícia das intenções de Lutero já era ali conhecida, tendo causado grande espanto. "Como!" exclamaram os cortesãos: "atear novamente o fogo que nos deu tanto trabalho para extinguir! Lutero só pode salvar-se sendo esquecido, e, no entanto, ei-lo outra vez erguendo-se contra o primeiro príncipe do Impé-rio!" — "Não admitirei que Lutero escreva contra o Arcebispo de Mogúncia, e dêsse modo perturbe a tran-qüilidade pública", disse o Eleitor. (3)

Quando lhe repetiram essas palavras, Lutero ficou contrariado. Não era bastante lhe aprisionarem o corpo, e ainda quererem algemar-lhe a alma e, com ela, a verdade?... Será que pensam que êle se oculta por mêdo, e que seu retiro valha por uma derrota? Éle insiste em que seja uma vitória. Quem se atrevera a levantar-se contra êle em Worms e fazer oposição à verdade? Por conseguinte, quando o cativo do Wart-burg leu a carta do capelão, dando-lhe ciência dos sen-timentos do príncipe, atirou-a de lado, decidido a não dar nenhuma resposta. Não pôde, entretanto, conter-se muito tempo, e, tomando da epistola, escreveu a Spalatin:

"O Eleitor não consentirá! .. nem eu também consentirei que o Eleitor não consinta que eu escreva... preferiria antes destruir-me a mim, ao Eleitor e a tôdas as criaturas do mundo. (4) Se resisti ao papa, que é o criador dos teus cardeais, por que hei--de ceder diante de sua criatura? Magnífico isso de ouvir-te dizer que não devemos perturbar a tranqüilidade pública, quando permites seja perturbada a eterna paz de Deus!... Spalatin, não haverá de ser assim! Príncipe, não haverá de ser assim! (5) Mando-te um livro que já tinha preparado contra o cardeal, quando recebi tua carta. Envia-o a Melanchton."

Spalatin tremeu quando leu aquêle manuscrito; no-vamente ponderou ao reformador a imprudência de pu-blicar uma, obra que forçaria o govêrno imperial a pôr de lado seu aparente esquecimento de Lutero e a castigar um prisioneiro que se atrevia a atacar o maior príncipe do Império e da Igreja. Se Lutero insistisse nos seus desígnios, a tranqüilidade ficaria outra vez perturbada e a Reforma perdida, talvez. Lutero consentiu em protelar a publicação do seu tratado e permi-tiu mesmo que Melanchton eliminasse as passagens mais violentas. (6) Mas, .irritado com a timidez do seu amigo, escreveu ao capelão: "O Senhor vive e reina, êsse Senhor no qual vós, cortesãos, não acreditais, a não ser que Êle acomode Suas obras à vossa

razão, de tal modo que não seja mais necessário acreditar em nada". E então se decide escrever diretamente ao cardeal.

E' todo o corpo episcopal que, na pessoa do primaz alemão, Lutero traz à barra do tribunal. Suas palavras são as de um homem destemido, ardendo em zêlo pela verdade, e que sente estar falando em nome do próprio Deus.

"Sua Alteza, Arcebispo-Eleitor", escreveu êle do recôndito de seu retiro, ergueu novamente, em Halie, o ídolo que consome o dinheiro e a alma dos pobres cristãos. Pensa, talvez, que estou incapacitado e que o Imperador poderá fàcilmente abafar os clamores de um pobre monge... Saiba, entretanto, que me desin-cumbirei dos deveres que me impôs a caridade cristã, e isso sem temer as portas do inferno e, muito menos, o papa, os bispos e os cardeais.

Por êse motivo, meu humilde pedido é que Sua Alteza se lembre do comêço dêste negócio — de como de uma pequenina fagulha surgiu tão tremenda confla-gração. Todo o mundo estava então num espírito de segurança. Éste pobre frade mendigo, pensavam êles, que sõzinho atacava o papa, é frágil demais para tal empreitada. Porém Deus interveio, e êle infligiu ao papa mais ansiedade e labor do que jamais sentira desde que se assentou no templo de Deus para tiranizar a Igreja. Êsse mesmo Deus ainda vive; que ninguém o duvide. (7) Êle saberá enfrentar o cardeal de Mogúncia, ainda que apoiado por quatro imperadores, pois Êle se apraz, acima de tudo, em derrubar os cedros altaneiros e abater os altivos Faraós.

Por esta razão informa Sua Alteza por carta, de que se o ídolo não fôr descido do seu pedestal, eu deverei, em obediência aos ensinamentos de Deus, públi-camente atacar Sua Alteza, do mesmo modo como ataquei o próprio papa. Que Sua Alteza se conduza em conformidade com êste conselho. Esperarei quinze dias por uma resposta favorável e pronta. Dada em meu isolamento no Domingo depois do dia de Santa Catarina (15 'de Novembro) de 1521.

De Sua Alteza, servo dedicado e obediente.

"Martinho Lutero".

Esta carta foi remetida para Wittemberg e de Wittemberg para Halle onde o Cardeal-Eleitor então residia, pois ninguém se aventurara a interceptar-lhe a passagem, prevendo a tempestade que desencadearia com um ato tão temerário. Melanchton, porém, fê-la seguir acompanhada de outra carta, dirigida ao prudente Capito, na qual se esforçava por aplainar o caminho para um desfêcho favorável àquela difícil pendência.

Impossível descrever-se as emoções do jovem e fraco arcebispo ao receber a carta do reformador. A anunciada obra contra o. ídolo de Halie era como uma espada suspensa sôbre a sua cabeça. Além disso, quanta ira não se teria inflamado no seu

coração pela inso-lência com que aquele filho de camponês, — um frade excomungado, se atrevia a dirigir tais palavras a um príncipe da casa de Bradenburg, — o primaz da Igreja alemã! Capito suplicou ao arcebispo que fizesse a von-

Jade do monge. Alarma, orgulho e a voz da consciência que Alberto não podia fazer calar, empenharam-se em tremenda luta dentro do seu peito. Finalmente, tangido pelo mêdo do livro ou pelo remorso talvez, êle se humilhou. Reuniu tudo quanto calculou poder acalmar o homem do Wartburg, e mal se passava a quinzena, quando Lutero recebeu a seguinte carta, muito mais espantosa do que mesmo sua própria terrível epístola:

Meu caro Doutor. — Recebi e li a sua carta e tomei-a em bom espírito. Mas parece-me que já há muito deixaram de existir os motivos que o levaram a endereçar-me semelhante epístola. Desejo, com a ajuda de Deus, comportar-me como piedoso bispo e príncipe cristão, e confesso minha necessidade da graça de Deus. Não nego que eu seja um pecador, sujeito ao pecado e ao êrro, pecando e errando diàriamente. Sinto-me bastante seguro de que, sem a graça de Deus, sou lama inútil e fétida, tal como os outros homens, senão mais ainda. Ao responder sua carta não ocultaria esta graciosa disposição, pois que estou mais que desejoso de lhe mostrar, pelo amor de Cristo, tôda a bondade e favorecimento. Sei como receber uma contestação cristã e fraterna.

Com a minha própria mão.

"Alberto"

Tal foi a linguagem dirigida ao monge excomungado do Wartburg pelo Arcebispo-Eleitor de Mogúncia e Magdeburg, comissionado para representar e manter na Alemanha a constituição da Igreja. Escrevendo-a, teria Alberto obedecido aos impulsos generosos da sua consciência ou aos seus temores de escravo? Na primeira hipótese, teria sido uma carta nobre; na segunda, mereceria nosso desprêzo• Preferíamos supô-la originada nos melhores sentimentos do seu coração. Seja como fôr, patenteia isso a incomensurável superioridade dos servos de Deus sôbre todos os grandes da terra.

Enquanto Lutero sózinho, prisioneiro e condenado, hauria na fé sua invencível coragem, o arcebispo, eleitor e cardeal, cercado de todo o poder e favor do mundo. tremia no seu trono. Êste contraste constantemente aparece e é a chave do estranho enigma oferecido pela história da Reforma. Ao Cristão não se exige contar as suas fôrças, enumerar os seus meios de vitória. A única coisa de que se devia preocupar é saber se a causa que defende é realmente a causa de Deus ou se êle apenas tem em mira a glória do seu Senhor. Indubitàvelmente êle tem que fazer uma investigação, mas inteiramente espiritual, --- o cristão olha para o coração e não para o braço;

pesa, não a fôrça exterior da sua causa, mas a sua justiça. Uma vez assentada essa questão, seu caminho se abre livremente. Deverá avançar impàvidamente, ainda que fôra contra o mundo e contra tôdas as suas hostes armadas, levando consigo a inabalável convicção de que o próprio Deus lutará por êle.

Os inimigos da Reforma passaram assim de uma extrema severidade a uma fraqueza extrema; o mesmo já tinham feito em Worms, e essas transições súbitas são de contínua ocorrência no combate travado entre a verdade e o êrro. Tôda causa destinada à derrota se apresenta internamente contaminada de uma inquietação que a torna vacilante e insegura, e a impele alternadamente de um pólo a outro. Estabilidade de propósito e energia valem muito mais; embora talvez pre-cipitando a queda, ao menos,aso advenha mesmo a queda, ela será gloriosa-

Um dos irmãos de Alberto, Joaquim I, eleitor de Brandenburg, deu exemplo dessa fortaleza de caráter, tão rara principalmente em nossos tempos. Inamovível nos seus princípios, rígido na ação, sabendo, quando preciso, resistir à usurpação do papa, êle opôs tenaz resistência contra o desenvolvimento da Reforma. Em Worms tinha insistido em que Lutero não fôsse ouvido, mas simplesmente punido como herege, a despeito de sua inofensiva conduta. Mal saíra o edito de Worms, ordenara sua estrita imposição sôbre todo os seus domínios. Lutero sabia dar valor a um caráter tão enérgico e, fazendo confronto entre Joaquim e seus outros adversários, disse: "Ainda podemos orar pelo Eleitor de Brandenburg". (8)

A disposição dêsse príncipe parecia ter-se comunicado ao seu povo. Durante muito tempo Berlim e Brandenburg estiveram fechadas à Refor-ma. Mas o que se recebe lentamente é fielmente reti-do. (9) Enquanto outros países — a Bélgica e a Westf alia, por exemplo — que então haviam acolhido com alegria o Evangelho que logo deviam abandonar, Brandenburg, o último dos estados alemães a ingressar no estreito caminho da fé, estava destinado a, nos anos vindouros, figurar nas fileiras da vanguarda da' eforma.

Lutero não lera a carta do Cardeal Alberto, sem uma suspeita de que fôsse ditada pela hipocrisia, e de acôrdo com o conselho de Capito. Guardou silêncio, entretanto, satisfeito em declarar a êste que, enquanto o arcebisço, quase incapaz de conduzir uma pequena paróquia, não pusesse de lado a máscara de cardeal e a pompa episcopal para se tornar um simples ministro da Palavra, ser-lhe-ia impossível pôr-se a caminho da salvação. (10)

NOTAS DE RODAPÉ

(1) L. Ep. II. p. 59, 7 de Outubro.

(2) Corp. Ref. I. p. 463.

(3) L. Ep. II. p. 94

(4) Ibid.

(5) Ibid.

(6) Ibid. p. 110.

(7) L. Ep. II. p. 113.

(8) Helwing, Gesch. der Brandeb. II. p. 605.

(9) Leutingeri Op. I. p. 41.

(10) L. Ep. II. p. 132.

CAPÍTULO V

Tradução da Bíblia — Necessidades da Igreja —Princípios da Reforma — Tentações do Demônio —Obras de Lutero condenadas pela Sorbonne — Res-posta de Melanchton Lutero visita Wittemberg.

Enquanto Lutero lutava contra o êrro, como se es-tivesse no meio do campo de batalha, também trabalhava no seu retiro do Wartburg como se não tivesse preocupação alguma com o que se estava passando no mundo. Tinha chegado a hora em que a Reforma, de mera questão teológica que era, devia tornar-se a vida do povo, e todavia não estava ainda montada a grande máquina que iria realizar aquêle progresso. Êsse poderoso e possante instrumento destinado a arremessar de tôda parte contra o orgulhoso edifício de Roma seus raios fulminantes, a derrubar-lhe as paredes, eliminar assoberbante pêso do papado sob o qual a Igreja jazia asfixiada, e a transmitir a tôda a raça humana um impulso que haveria ainda de ser sentido até o fim dos tempos — êsse instrumento deveria partir do velho castelo do Wartburg e penetrar no mundo no mesmo dia em que terminava o cativeiro do reformador.

Quanto mais distante a Igreja estivesse do tempo quando Jesus, a verdadeira luz do mundo, palmilhara a terra, tanto maior a necessidade do archote da Palavra de Deus, ordenada a levar o brilho de Jesus Cristo aos homens da posteridade. Porém essa Palavra Divina estava naquele tempo oculta ao povo. Sucessivamente em 1477, 1490 e 1518 várias tentativas de tradução da Vulgata tinham sido feitas, mas quase ininte-ligíveis e, pelo seu elevado preço, fora do alcance do povo. Fôra mesmo proibido dar-se à Igreja alemã a Bíblia na língua vulgar. (1) Além disto, o número de pessoas capazes de ler não se tornou considerável, en-quanto não houve no idioma alemão um livro de inte-rêsse vivo e universal.

Lutero foi chamado a dotar sua nação com as Escrituras de Deus. O mesmo Deus que havia conduzido São João a Patmos, para ali escrever a sua revelação, tinha também fechado Lutero no Wartburg para que ali traduzisse a Sua Palavra. Essa grande tarefa, que lhe teria sido difícil empreender no meio dos cuidados e ocupações de Wittemberg, deveria estabelecer o novo edifício sôbre a primitiva rocha e, depois de decorrido o lapso de muitas eras, reconduzir os Cristãos das sub-tilezas escolásticas ao puro manancial da redenção e da salvação.

As necessidades da Igreja falavam bem alto; cla-mavam por esta grande obra, e Lutero, pela sua pró-pria experiência intima, deveria ser levado a executá-la. Éle, na realidade, achara na fé aquela paz espiritual que sua consciência agitada e suas idéias monásticas o tinham por tanto tempo induzido a procurar nos seus próprios méritos e santidade. A. doutrina da Igreja, a teologia escolástica, nada sabiam das consolações pro-venientes da fé, mas que as Escrituras proclamam com grande veemência: foi ali que êle as foi encontrar. A fé na Palavra de Deus tinha-o

libertado- Sentiu-se com isso emancipado da autoridade dogmática .da Igreja, da sua hierarquia e tradições, das opiniões dos escolásticos, da fôrça do preconceito e de tôda ordenança humana. As numerosas e grossas correntes que por tantos séculos tinham inibido e sufocado a Cristandade, haviam caído ao chão, rompidas em pedaços, espalhados ao seu redor; e êle ergueu nobremente a cabeça, livre de qualquer autoridade exceto a da Palavra. Essa independência do homem, essa submissão a Deus, que tinha aprendido nas Sagradas Escrituras, êle as queria comunicar à Igreja. Antes, porém, de poder fazer isso, seria necessário pôr diante dela as revelações de Deus. Fazia-se mister uma mão poderosa aue abrisse o maciço portal do arsenal da Palavra de Deus, de onde Lutero obtivera suas armas, e franqueasse ao povo para o dia da batalha aquelas abóbadas e antigos salões que por tantas eras pé algum tinha pisado.

Lutero já tinha traduzido vários fragmentos das Sa-gradas Escrituras; os sete Salmos penitenciais sendo sua primeira tarefa. (2) João Batista, o próprio Cristo e a Reforma tinham, de idêntica maneira, começado, exor-tando os homens ao arependimento. E' o princípio la-tente de tôda regeneração do homem tomado individual-mente e de tôda a raça humana. Aquêles ensaios ti-nham sido recebidos àvidamente; os homens ansiavam por receber mais, e a êsse clamor público Lutero interpretava como a voz do próprio Deus. Decidiu-se a res-ponder ao chamado. Éle era prisioneiro atrás daque-las altas muralhas. Que tinha isso! Iria dedicar seu lazer e traduzir na língua dos seus compatriotas a Palavra de Deus. Dentro em breve veremos essa Palavra descendo com êle do Wartburg; circulando entre o poyd da Alemanha e pondo em suas mãos os tesouros es-pirituais até então guardados nos corações de poucos homens piedosos. "Quisera que êste único livro", ex-clamara Lutero, "estivesse em todos, os idiomas, em tôdas as mãos, diante dos olhos, dos ouvidos e cora-ções de todos os homens!" (3) Palavras admiráveis, que, três séculos mais tarde, traduzindo a Bíblia na língua materna de tôdas as nações da terra, uma ilustre organização (4) se propôs materializar. "As Escrituras sem comentário algum" repetia êle, "são o sol donde todos os mestres recebem sua luz".

Tais são os princípios intrínsecos do • Cristianismo e da Reforma. De conformidade com estas veneráveis palavras não devemos ir aos Pais da Igreja para nos esclarecerem as Escrituras, mas às Escrituras para nos explicarem os Pais da Igreja. Os reformadores e os apóstolos apontam a Palavra de Deus como a única luz, tal como exaltam o sacrifício de Cristo como a única retidão. Misturando qualquer autoridade humana a esta absoluta autoridade de Deus, ou qualquer retidão humana a esta perfeita retidão de Cristo, viciamos o Cristianismo nas suas próprias bases. São estas as duas heresias fundamentais de Roma que, conquanto em escala muito menor, alguns mestres quiseram introduzir no seio da Reforma.

Abrindo os originais gregos dos evangelistas e dos apóstolos, Lutero empreendeu o difícil trabalho de fazer êsses divinos mestres falarem na sua língua materna.

Importante crise na história da Reforma! a partir de então a Reforma já não estava mais nas mãos do reformador. A Bíblia se apresentou; Lutero se ausentou. Deus apareceu e o homem desapareceu. O reformador pôs O Livro nas mãos dos seus contemporâneos. Cada qual poderá agora ouvir por si mesmo a voz de Deus; quanto a Lutero, êle daí por diante se mistura com a multidão, colocando-se na posição daqueles que vão à fonte comum de luz e de vida.

Traduzindo as Sagradas Escrituras Lutero achou o consôlo e a fôrça de que tanto necessitava. Pois solitário, doente e entristecido com as atividades dos seus inimigos e as extravagâncias, de alguns dos seus seguidores, — vendo sua vida consumir-se na penumbra daquele velho castelo, êle teve muitas vêzes de suportar terríveis embates. Naquele tempo os homens costumavam trazer ao mundo visível os conflitos que a alma sustinha contra inimigos espirituais; fàcilmente a imaginação fértil de Lutero dava corpo às emoções do coração, e visto que sua mente ainda se ressentia das superstições medievais, poderíamos dizer dêle o que foi dito de Calvino, no tocante ao castigo infligido aos hereges; ainda perdurava nêle um resquício do papado. (5)

Satanás não era para Lutero um sêr invisível, conquanto real: pensava êle que êsse adversário de Deus aparecia aos homens da mesma forma como aparecera a Jesus Cristo. Se bem que mais que duvidosa seja a autenticidade das versões sôbre o assunto, contidas na Conversa ao Redor da Mesa e alhures, cabe, entretanto, à história a obrigação de registrar esta fraqueza no reformador. Nunca fôra êle mais vítima dessas idéias sombrias do que quando na solidão do Wartburg. Nos seus dias vigorosos êle tinha enfrentado o demônio em Worms, mas agora a pujança do reformador parecia ter-se enfraquecido e sua glória empalidecido. Éle tinha sido atirado de lado, enquanto a seu turno Satanás triunfava, e na angústia de sua alma Lutero imaginou ter visto sua forma gigantesca diante dêle, apontando-lhe um dedo ameaçador, exultando num escarninho acre, infernal, ao mesmo tempo que rangia os dentes numa ira tremenda.

Especialmente certo dia, dizem, estava Lutero trabalhando na sua tradução do Novo Testamento, quando imaginou ver Satanás, horro-rizado com o seu trabalho, atormentando-o e rodean-do-o qual um leão prestes a saltar sôbre a sua prêsa. Alarmado e incensado, Lutero agarrou o tinteiro e ar-remessou-o contra a cabeça do inimigo, mas o espe- tro desapareceu e ❑tinteiro foi espatifar-se de encon-tro à parede. (6)

A permanência no Wartburg começou a tornar-se intolerável para Lutero. Sentia-se indignado diante da timidez dos seus protetores. Ficava, às vêzes, um dia inteiro mergulhado em silenciosa e profunda medita-ção, da qual despertava ~ente para exclamar: "Ah! Se eu estivesse em Wittemberg!" Finalmente não foi capaz de resistir por mais tempp; já tinha havido suficiente cautela e êle precisava tornar a

ver os seus amigos, ouvir-lhes a voz e falar com êles. Verdade era que poderia cair nas mãos dos seus inimigos, mas nada houve que o detivesse. E assim, no fim de Novembro, deixou secretamente o Wartburg e partiu para Wittemberg. (7)

Uma nova tempestade acabava de desencadear-se sôbre êle. A Sorbonne se tinha, por fim, manifestado. Aquela célebre escola de Paris, a primeira autoridade na Igreja abaixo do papa, a antiga e venerável fonte de onde tinha procedido todo o saber teológico, tinha passado o seu veredito contrário à Reforma.

As seguintes são algumas das proposições conde-nadas por aquela instituição teológica. Lutero havia dito: "Deus sempre perdoa gratuitamente os pecados, e nada exige de nós em troca, a não ser que para o fu-turo pautemos nossa vida na retidão". E êle tinha acrescentado, De todos os pecados mortais, êste é o mais mortal, a saber, que alguém não se julgue culpado de um pecado mortal e condena torno perante Deus. Em outra parte, êle também dissera que "queimar hereges era contrário à vontade do Espírito Santo".

A essas três proposições, sem falar de várias outras que mencionaram, a faculdade teológica de Paris respondera, "Heresia! — que êle seja amaldiçoado!" (8)

Mas um jovem de vinte e quatro anos, estatura pe-quena, difidente, aspecto despretensioso, ousou erguer a manopla que a primeira escola teológica do mundo lançara ao chão- Em Wittemberg sabiam muito bem o que pensar a respeito daquelas pomposas censuras; sabiam que Roma havia cedido às sugestões dos Dominicanos, e que à Sorbonne tinha sido mal conduzida por dois ou três doutores fanáticos que em Paris eram conhecidos por alcunhas satíricas. (9) Conseguintemente, na sua Apologia, Melanchton não se limitou a defender Lutero; mas com a audácia característica da sua pena, levou a guerra ao campo inimigo. "Dizeis que êle é Maniqueu ! — êle é Montanista! — que as chamas e o fogo lhe reprimam a louctiralE quem é Mon-tanista? Lutero, que quer que aceitemos exclusivamente as Sagradas Escrituras, ou vós que quereis que os homens aceitem as opiniões dos seus semelhantes, de preferência à Palavra de Deus?" (10)

Atribuir maior importância à palavra do homem do que à Palavra de Deus, era, na verdade, a heresia de Montano, como ainda é a do papa e de todos aquêles que colocam a autoridade hierárquica da Igreja ou as inspirações pessoais do misticismo acima das declarações positivas das Sagradas Escrituras. E assim o jovem mestre de artes que tinha dito: "prefiro lançar por terra minha vida a lançar por terra minha fé", (11) não tinha parado ai. Acusou a Sorbonne de haver obscurecido o Evangelho, extinguido a fé e substituído o Cristianismo por uma filosofia rica. (12) Depois desta obra de Melanchton, a posição da disputa se alterou; êle provou irrefutàvelmente que a heresia estava em Paris e Roma, enquanto que em Wittemberg estava a verdade católica.

Entrementes Lutero, pouco se incomodando com as condenações da Sorbonne, caminhava, em sua equipa-gem militar, rumo à cidade universitária de Wittem-berg. Muito se afligiu com as várias noticias que foi encontrando pelo caminho, relativamente a um espíri- to de impaciência e independência que se exibia entre alguns dos seus aderentes. (13)

Finalmente chegou a Wittemberg sem ser reconhecido e hospedou-se na casa de Amsdorff. Imediatamente todos os seus amigos foram secretamente convocados, (14) entre os primeiros estando Melanchton, que tantas vêzes tinha dito : "Prefiro morrer a perdê-lo". (15)

Todos compareceram! —Que reunião! — Que alegria! — O cativo do Wartburg experimentou na companhia dêles tôda a doçura da amizade cristã. Ficou informado da expansão da Reforma, das esperanças dos seus irmãos e, exultante com quanto viu e ouviu, (16) ergueu uma prece — agradeceu a Deus — e então, depois de curta demora, voltou para o Wartburg.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Codex Diplom. Ecclesiae Mogunt. IV. p. 460.

(2) Salmos 6, 32, 38, 51, 102, 130, 147.

(3) L. Ep. II. 116.

(4) Sociedade Bíblica.

(5) Michelet, em suas Ménioires de Luther, dedica mais de trinta páginas às diversas citações dessas visitas satânicas.

(6) O zelador do Wartburg ainda chama cuidadosamente a atenção dos turistas para os sinais deixados pelo tinteiro de Lutero...

(7) L. Op. XVIII p. 238.

(8) Corp. Ref. I. p. 366-388.

(9) Zwinglii Ep. I. p. 176.

(10) Corp. Ref. I. p. 396.

(11) Ibid.

(12) Ibid. g. 400.

(13) L. Ep. II. p. 109.

(14) L. Op. XVIII. p. 238.

(15) Corp. Ref. I. p. 453, 455.

(16) L. Ep. II. p. 109.

CAPÍTULO VI

Novas Reformas — Gabriel Zwilling e a Missa — A Universidade — Proposições de Melanchton —O Eleitor — Ataque a Instituições Monásticas —Emancipação dos Monges — Distúrbios — Capítulo dos Monges Agostinianos Carlstadt e a Missa — Primeira Celebração da Ceia do Senhor — Importância da Missa no Sistema Romano.

A alegria de Lutero era bem fundada. A obra da Reforma fizera um progresso imenso. Feldkirchen, sempre na vanguarda, conduzia o assalto; agora, com o grosso das tropas em movimento, o poder que levara a doutrina purificada pela Reforma a integrar-se no culto, na vida e na constituição da Igreja, manifesta-va-se por uma nova explosão, mais formidável ao pa-pado do que o fôra a primeira.

Livre do reformador, Roma julgava estar no fim a heresia. Mas em pouco estava tudo mudado. A morte tinha removido do trono pontifical o homem que pusera Lutero sob a condenação da Igreja. Distúrbios ocorridos na Espanha forçaram Carlos V a ir visitar o seu reino além dos Pireneus. A guerra estalou entre êsse príncipe e Francisco I, e, como se isso não bastasse para ocupar o Imperador, Solimão tinha feito uma incursão na Hungria. Atacado assim por todos os lados Carlos V se viu na contingência de esquecer do Monge de Worms com suas inovações religiosas.

Por êsse tempo, a nau da Reforma que estava na iminência de soçobrar, levada para todo lado por ven-tos contrários, aprumou-se de novo e continuou singrando briosamente as águas.

Foi, no convento dos Agostinianos, em Wittemberg, que irrompeu a Reforma. Não nos devemos surpreender disto : é verdade que ali já não estava mais o re-formador, mas não havia poder humano capaz de ba-nir o espírito que o havia animado. -

Durante algum tempo na Igreja onde Lutero tinha tantas vêzes prègado ressoavam doutrinas estranhas. Gabriel Zwilling, zeloso monge e capelão do convento, ali estava enèrgicamente proclamando a Reforma. Como se Lutero, cujo nome era então universalmente celebrado, se tivesse tornado demasiado ilustre e demasiado forte, Deus tinha escolhido homens modestos e fracos para dar início à Reforma que o famoso doutor tinha preparado. "Jesus Cristo", dizia o orador, instituiu o sacramento do altar em memória à sua morte, e não para objeto de adoração. Adorá-la é pura idolatria. O padre que comunga sózinho comete pecado. Prior nenhum tem o direito de compelir um monge a celebrar missa sózinho. Que um, dois ou três oficiem, e os outros recebam sob ambas as espécies o sacramento do Senhor, (1)

Era isto o que exigia o Frade Gabriel, e essa lin-guagem ousada era ouvida com aprovação pelos de-mais irmãos, notadamente os que provinham dos Paí-ses Baixos (2). Discípulos do Evangelho que eram, por que não haviam êles de tudo conformar aos seus mandamentos? Pois não tinha o próprio Lutero escrito no mês de Agôsto a Melanchton: Daqui por dian- te, e para sempre, não mais celebrarei missa sózinho? (3) E assim os monges os soldados da hierarquia, emancipados pela Palavra, tomaram ousadamente a parte contra Roma.

Em Wittemberg encontraram violenta resistência da parte do prior. Admoestados de que tôdas as col.- sas deveriam processar-se de maneira ordenada, êles cederam, não porém sem terem declarado que manter a missa era opor-se ao Evangelho de Deus.

O prior tinha levado o triunfo do dia; um só homem se mostrava mais forte do que todos os outros. Poder-se-ia, portanto, supor que aquêle levante dos Agosti-' nianos não passava de um dos caprichos de insubordi nação tão freqüentes nos mosteiros. Entretanto era na realidade o próprio Espírito de Deus que agitava na ocasião a Cristandade inteira. O brado solitário levantado no seio de um convento encontrou eco em mil outras vozes, e aquilo que os homens teriam desejado confinar nas paredes de um claustro, projetou-se para o exterior tomando forma corpórea no coração da cidade.

Logo se propalaram pela cidade os boatos de dis-sensão entre os frades. Os cidadãos e os estudantes da universidade tomaram parte, dividindo-se uns a favor e outros contra a missa. A côrte do Eleitor estava afli-ta. Surpreendido, Frederico • mandou a Wittemberg o seu chanceler Pontanus, com ordens de conduzir os monges à obediência, submetendo-os se necessário, a pão e água (4); e em 12 de Outubro, às sete horas da manhã, uma deputação dos professores, da qual Me-lanchton fazia parte, visitou o convento, exortando os irmãos a não tentarem inovações (5) ou, pelo menos, a esperarem um pouco mais. Diante disso todo o seu zêlo reviveu; unânimes na fé, exceção feita do prior que os combatia, apelaram para as Escrituras, para a compreensão dos crentes e para a consciência dos teó-logos; e dois dias mais tarde entregaram uma declara-ção escrita.

Os doutores então passaram a examinar mais aten-tamente a questão e verificaram estarem os monges com a verdade. Foram convencer e saíram convencidos. Que deveriam, pois, fazer? A consciência lhes bradava alto; a ansiedade foi crescendo e, afinal, ao cabo de longa hesitação, tomaram uma resolução corajosa.

No dia 20 de Outubro a universidade fez seu re-latório ao Eleitor. "Queira Sua Alteza", disseram êles, depois de enumerar os erros da missa, "pôr côbro a todos os abusos, para que no dia do juízo final Cristo não nos repreenda, como fez com o povo de Capernaum".

Assim não eram mais uns poucos monges humil-des que falavam, mas a universidade, que, havia vários anos, era_ saudada pelos sábios como a escola da nação; e precisamente o meio empregado para sufocar a Reforma foi o que mais lhe valeu para ganhar expansão.

Com aquela audácia que imprimia ao seu saber, Melanchton publicou cinquenta e cinco proposições des-tinadas a iluminar a mente dos homens.

Da mesma forma", dizia êle, "como a mera con-templação de uma cruz não é obra meritória, mas sim-plesmente a contemplação de um símbolo que nos faz lembrar a morte de Cristo;

Da mesma forma como a mera contemplação do sol não é obra meritória, mas simplesmente a contem-plação de um símbolo que nos faz lembrar de Cristo e do seu Evangelho;

Assim também, participar da Ceia do Senhor não é fazer obra meritória, mas simplesmente utilizar um símbolo que nos faz lembrar da graça concedida a nós através de Cristo.

Porém aqui está a diferença, isto é, enquanto os símbolos inventados pelos homens ~ente nos lembram aquilo que significam, os símbolos dados por Deus, não ~lente nos lembram as coisas compreendidas, mas asseguram ao nosso coração a vontade de Deus (6).

Como a contemplação da cruz não justifica, as-sim também a missa não justifica.

Assim como a contemplação da cruz não é um sacrifício, quer por nossos pecados, quer pelos pecados de outrem, também a missa não é sacrifício.

Só um sacrifício existe — só uma satisfação — Jesus Cristo. Além dêle, nada há.

"Amaldiçoados os bispos que não se opõem á im-piedade da missa".

Assim falou o piedoso e brando Filipe.

O Eleitor estava estupefato. Desejara reprimir al-guns jovens frades e eis que se levanta em sua defesa a universidade inteira, encabeçada 'por Melanchton. Esperar, pareceu-lhe, entre tudo, o meio mais seguro de êxito. Não gostava de reformas súbitas e queria que tôda opinião tivesse livre curso, sem obstrução. "Só o tempo", pensou êle, "tudo esclarece e tudo faz amadurecer". Todavia, não obstante êle, a Reforma avançava com passo acelerado, ameaçando tudo levar diante de si. Frederico empenhou todos os esforços a fim de lhe deter o passo, pondo em ação a sua autoridade, a influência do seu caráter, os motivos que lhe pareceram os mais convincentes. "Não sejais precipitados", disse êle aos teólogos; "é demasiado pequeno o vosso número, para levar a cabo semelhante reforma. Se for baseada no Evangelho, haverá outros que também descobrirão isso, e então poreis fim aos abusos com o

auxilio de tôda a igreja. Falai, debatei, pregai quanto quiserdes sôbre tais assuntos, porém abstende-vos dos antigos costumes".

Tal foi a batalha travada em tôrno da questão da missa. Os monges tinham corajosamente conduzido o assalto; os teólogos, momentâneamente indecisos, logo vieram em seu apoio. Sómente o príncipe e seus ministros defenderam a praça. Tem-se afirmado que a Reforma foi realizada pelo poder e pela autoridade do Eleitor; longe disso, pois que os assaltantes tinham re- ti cuado ao som da sua voz e a missa ficara a salvo por alguns dias.

O fogo do ataque estava já apontado em outra di-reção. O frade Gabriel continuava ainda os seus co-moventes sermões na Igreja dos Agostinianos. O alvo agora dos seus reiterados golpes era o Monaquismo; se a missa era a fortaleza das doutrinas romanas, as ordens monásticas eram o sustentáculo da hierarquia. Essas, pois, as duas primeiras posições a serem to-madas.

"Ninguém", disse Gabriel, conforme o relatório do prior, nos conventos guarda os mandamentos de Deus; ninguém poderá salvar-se sob um capelo; (7) todo homem que entra num claustro entra em nome do demônio. Os votos de castidade, de pobreza e de obediência são contrários ao Evangelho.

Aquela extraordinária linguagem foi levada ao co-nhecimento do prior, que evitava comparecer à igreja, temendo ouvi-la.

"Gabriel", diziam êles, "deseja que se faça todo o possível para esvaziar os claustros. Diz que quando encontraram um frade na rua todos lhe deverão puxar o hábito e rir-se dêle; mas se o ridiculo não conseguir expulsá-lo dos conventos, que sejam então expulsos pela fôrça. Arrombai, derrubai, destruí completamente os mosteiros, diz êle, para que dêles não reste o mais ligeiro vestígio; e que nem mesmo se encontre, no lugar que êles tanto tempo ocuparam, pedra alguma que contribuiu para abrigar tanta indolência, tanta superstição". (8)

Os frades estavam espantados; a consciência lhes dizia que as palavras de Gabriel timbravam pela ver-dade, que a vida de monge não estava de acôrdo com a vontade de Deus, e que ninguém podia dispor de suas pessoas senão êles mesmos.

Treze Agostinianos abandonaram juntos o convento, e, deixando o hábito da ordem, vestiram-se de traje leigo. Aquêles que possuíam alguma instrução foram assistir às aulas da universidade, no propósito de al-gum dia serem úteis à Igreja, enquanto os que não tinham cultura se esforçavam por ganhar a subsistên-cia com o trabalho das próprias mãos, conforme as injunções do apóstolo e o exemplo dos bons cidadãos de Wittemberg. (9) Um dêles, que conhecia o ofício de marceneiro, requereu o direito de cidadania e resolveu casar-se.

Se a entrada de Lutero para o convento dos Agos-tinianos em Erfurt tinha sido o germe da Reforma, a saída daqueles treze frades Agostinianos do convento de Wittemberg era o sinal de que ela tomava posse da Cristandade. Havia trinta anos vinha Erasmo pondo à mostra a inutilidade dos frades, seu disparate e seus vícios, enquanto tôda a Europa se ria e se zangava com êle: mas agora não era mais necessário sarcasmo. Treze homens de pensamento elevado e audazes voltaram para o tumulto do mundo a fim de se tornarem proveitosos à sociedade e para cumprirem o mandato de Deus. O casamento de Feldkirchen tinha sido a primeira derrota da hierarquia, e a emancipação dos treze Agostinianos, a segunda. O Monaquismo que se erguera no tempo em que a Igreja tinha entrado no seu período de escravização e de êrro, estava fadado a cair com o advento da liberdade e da verdade.

Aquêle passo atrevido provocara em Wittemberg uma fermentação generalizada. Sentia-se admiração por aquêles homens que assim tinham vindo tomar parte na luta geral e, portanto, recebidos como irmãos. Ao mesmo tempo se ergueram brados contra aquêles que persistiam no abrigo indolente das paredes dos mosteiros. Os monges que se mantiveram fiéis a seu rigor, tremeram em suas celas, e êste, arrastado na onda do movimento geral, suspendeu a celebração das missas não cantadas.

Por pequena que fôsse, num momento tão crítico, essa concessão precipitou o curso dos acontecimentos. A ordem do prior causou grande sensação na cidade e na universidade, produzindo uma súbita explosão. Entre os estudantes e os citadinos de Wittemberg encontravam-se alguns dêsses homens turbulentos que a mais leve excitação desperta e lança em desordens cri-minosas. Exasperaram-se com a idéia de missas música ou côro estarem ainda sendo celebradas na igreja paroquial, mesmo depois do o supers-ticioso prior as ter suspendido.

No dia 3 de Dezembro, pois, quando a missa ia ser iniciada, correram brus-camente para o altar, apanharam o missal e tocaram os padres fora da capela. O conselho da universida-de, contrariado ,reuniu-se para punir os autores daquele atentado. Mas, uma vez exaltadas, as paixões não se deixam tão fácilmente dominar. Os Franciscanos não tinham tomado parte nesse movimento dos Agos-tinianos. No dia seguinte os estudantes afixaram nos portões do seu convento um cartaz ameaçador; depois disso quarenta estudantes entraram na sua igreja e, embora se abstendo de violência, ridicularizaram os monges ao ponto de não se atreverem mais êstes a celebrar missa sem côro. Por volta do entardecer os frades foram avisados a se porem em guarda:

"Os estudantes, diziam, resolveram atacar o mosteiro!" Não sabendo como se defender de tais ataques, imaginários ou reais, os religiosos, alarmados, pediram apressadamente proteção ao conselho; um destacamento de soldados foi mandado ao

local, porém os assaltantes não apareceram. A universidade mandou prender aos estudantes que tinham participado naqueles distúrbios. Ficou descoberto que alguns dêles procediam de Erfurt, onde se tinham tornado notórios pela sua insubordinação. (10) As penalidades da universidade foram aplicadas contra êles.

Contudo sentia-se a necessidade de abrir cuidadoso inquérito sôbre a legalidade dos votos monásticos. Um capitulo de monges Agostinianos da Misnia e Turingia congregou-se em Wittemberg no mês de Dezembro. Chegaram à mesma opinião de Lutero• Por um lado 'declararam que os votos monacais não eram cri-minosos, mas, por outro, também não eram compulsó-rios. "Em Cristo", 'disseram, "não há nem leigo nem monge; cada qual é livre de abandonar o convento, ou de nêle continuar. Diseram mais que quem quer que dali se lance ao exterior reflita sôbre o uso que vai fazer da liberdade; e quem quer que ali permaneça obedeça aos seus superiores, mas por amor". Em seguida aboliram a mendicância e a celebração de missas pagas; igualmente decretaram que os mais instruidos entre êles se dedicassem ao ensino da Palavra de Deus, enquanto os demais sustentariam os seus irmãos com. o trabalho de suas próprias mãos. (11)

Desta forma pareceu assentada a questão dos votos, mas a da missa continuava ainda em suspenso. O Eleitor ainda opunha resistência à torrente e defendia a instituição que êle via de pé em tôda a Cristandade. As ordens de um príncipe tão indulgente não poderiam frear por muito tempo o sentimento público. A cabeça de Carlstadt, em particular, estava afetada pela fermentação geral. Zeloso, reto, brioso e pronto, como Lutero, a tudo sacrificar pela verdade, era entretanto inferior ao reformador em sabedoria e moderação; não estava totalmente isento de vaidade e de uma inclinação para examinar o âmago de tôda questão, mas era falho em julgamento e em clareza de idéias. Lutero tinha-o arrancado do atoleiro da escolástica para o colocar no caminho do estudo das Escrituras, porém CarIstadt não tinha reconhecido, como seu amigo, a auto-suficiência da Palavra de Deus.

Consequentemente amiúde o viam fazendo as interpretações mais singulares. Enquanto Lutero estêve a seu lado, a superioridade do mestre mantinha o escolástico adstrito aos competentes limites. Porém agora Carlstadt estava livre. Na universidade, na igreja, por tôda a parte em Wittemberg, êsse pequeno homem 'de cútis morena, que nunca se salientara por sua eloquência, podia ser ouvido a proclamar com grande fervor idéias às vêzes pro-fundas, mas frequentemente entusiásticas e exageradas. Que loucura!" exclamava êle, "pensar que se deva deixar a Reforma exclusivamente nas mãos de Deus! Uma nova ordem de coisas está agora começando. A mão do homem precisa interferir. Ai de quem ficar atrás e não se colocar nas fileiras da causa do Todo-Poderoso!

A linguagem do arcediago contaminava os outros com a impaciência que êle sentia. "Tudo quanto os papas têm ordenado é ímpio, diziam certos homens íntegros

e sinceros que lhe seguiam o exemplo. Não nos tornemos partícipes dessas abominações, consentindo que subsistam por mais tempo. Aquilo que é condenado pela Palavra de Deus devia ser deitado por terra em tôda a Cristandade, sejam quais forem as ordenanças dos homens. Se os chefes do Estado e da Igreja não cumprem o seu dever, cumpramos o nosso. Renunciemos a tôdas as negociações, conferências, teses e polêmicas e apliquemos o remédio eficaz para a cura de tantos males. Precisamos de um segundo Elias para derribar os altares de Baal".

O restabelecimento da Ceia do Senhor, naquele momento de fermentação e entusiasmo, não poderia evi-dentemente revestir-se do caráter solene e sagrado da sua primitiva instituição pelo Filho de Deus, na véspera de sua morte e quase ao pé da cruz. Mas se agora Deus utilizava homens humildes, porém ardentes de paixão, era, não obstante, Sua própria mão que fazia reviver na Igreja a festa do Seu amor.

Já no Outubro anterior Carlstadt havia celebrado a Ceia do Senhor, na intimidade, com doze amigos seus, como o prescrevia a instituição de Cristo. No domingo antes do Natal anunciou do púlpito que, no dia da circuncisão do Senhor, o primeiro dia do ano, êle iria distribuir a eucaristia em ambas as formas, pão e vinho, a quem quer que se apresentasse diante do altar; que iria omitir, mais, tôdas as - formalidades desneces- sárias, (12), não usando nem casula nem capa de as-perges na celebração daquela missa.

O conselho, amedrontado, ordenou ao conselheiro Beyer prevenir tão flagrante irregularidade, e em face disso Carlstadt decidiu não esperar o tempo marcado. No dia de Natal, em 1521, prègou na igreja paroquial a necessidade de interromper a missa e receber o sa-cramento em suas duas formas. Terminado o sermão dirigiu-se ao altar e, depois de haver pronunciado em alemão as palavras da consagração, voltou-se para o povo atento dizendo-lhe em voz solene: "Todo aquêle que sentir o pêso dos pecados, e sentir fome e sêde da graça de Deus, que se aproxime e receba o corpo e o sangue de Nosso Senhor". (13) Em seguida, omitindo a elevação da hóstia, passou a distribuir o pão e o vinho a todos, dizendo: "Êste é o cálice da meu san-gue, o sangue da nova e eterna Aliança".

Sentimentos antagônicos surgiram na assembléia. Alguns, sentindo que uma nova graça de Deus tinha sido conferida à Igreja acercaram-se do altar com emoção e em silêncio. Outros, atraídos mormente pela novidade, aproximaram-se com certa agitação e impa-ciência. Sômente cinco comungantes estiveram no confessionário; todo o resto tomou parte na confissão pública dos pecados. Carlstadt estendeu a todos uma absolvição pública, não impondo a ninguém outra pe-nitência além desta: "Não pequeis mais". Encerraram a cerimônia entoando o Agnus Dei. (14)

Ninguém fez oposição a Carlstadt; aquelas refor-mas tinham já logrado obter o consentimento unânime. O arcediago ministrou de novo a Ceia do Senhor no dia de Ano Bom e no domingo seguinte, a partir do qual ela passou a ser celebrada

regularmente. Ein-sidlen, um dos conselheiros do Eleitor, tendo adyerti-do a Carlstadt que êste buscava antes sua glória pes-soal que a salvação dos seus ouvintes, recebeu a se-guinte resposta: Poderoso Senhor, não há forma de morte que me afaste das Escrituras. Tão eficazmente se apoderou de mim a Palavra, que, ai de mim se a não prègar! (15)

Pouco depois Carlstadt se casava. No mês de Janeiro de 1522, o conselho e a universidade de Wittemberg regulamentaram a Ceia do Senhor, conformando-a ao novo ritual. Estavam por êsse mesmo tempo cuidando dos meios de fazer revi- ver a influência moral da religião, pois a Reforma de- veria restaurar simultâneamente a fé, o culto e a mo- ral. Decretou-se a intolerância à mendicância, quer por frades ou não. Foi resolvido também que uma pessoa piedosa, em todas as ruas, fôsse incumbida de cuidar dos necessitados e de chamar perante a univer- sidade e o conselho todos os pecadores declarados. (16)

Assim tombou a missa, o principal bastião de Ro- ma; assim a Reforma passou do simples ensinamento ao culto público. Haviam passado três séculos desde o estabelecimento definitivo da missa e da transubstan- ciação. (17) Desde êsse período tudo na Igreja tinha assumido uma nova direção, tendendo tudo para a glória do homem e o culto do sacerdote. O Sagrado Sa- cramento tinha sido adorado; tinham-se instituído festividades em honra ao mais sublime dos milagres; a adoração de Maria tinha tomado grande importância; o padre que, na sua ordenação, recebia o maravilhoso poder de "fazer o corpo de Cristo", tinha sido aparta- do dos leigos e transformado, conforme Tomás de Aqui- no, num mediador entre Deus e o homem; (18) o ce- libato tinha sido proclamado lei inviolável; a confis- são auricular tinha sido imposta ao povo concomitante- mente com a negação do cálice; pois, como poderiam humildes leigos ser postos a ombrear-se com os sacer- dotes investidos de tão augusto ministério?

A missa era um insulto ao Filho de Deus; era contrária à per- feita graça da Sua Cruz e à glória imaculada do seu reino eterno. Mas, se de um lado rebaixava o Salva- dor, de outro, exaltava o padre, a quem comunicava o poder ímpar.de reproduzir por suas mãos, e à vontade, o Soberano Criador. Desde aquêle tempo a igreja pa-recera existir não para prègar o Evangelho, mas simplesmente para reproduzir corporalmente o Cristo. (19) O pontífice romano, cujos servos humildes criavam à vontade o corpo do próprio Deus, sentara-se como Deus no templo de Deus, mantenedor de um tesouro espiritual de onde, à vontade, tirava indulgências para o perdão das almas.

Tais foram os êrros que, durante três séculos, ti-nham sido impostos à Igreja, juntamente com a mis-sa. Quando a Reforma aboliu essa instituição do ho-mem, aboliu-lhes também os abusos. A iniciativa do arcediago de Wittemberg foi, por conseguinte, de muito larga extensão. Tudo ruiu com a missa: a festividades para

divertimento público, a adoração da Virgem, o orgulho dos padres, a autoridade do papa. A glória foi tomada aos padres e devolvida a Jesus Cristo, e a Reforma deu um imenso passo à frente.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Corp. Ref. L p. 460.

(2) Corp. Ref. I. p. 476.

(3) L. Ep. II. p. 36.

(4) Corp. Ref. I. p. 461.

(5) Ibid.

(6) Corp. Ref. I. p. 478.

(7) Corp. Ref. I. p. 433.

(8) Ibid. p. 483.

(9) Corp. Ref. I. p. 483.

(10) Corp. Ref. L. p. 490.

(11) Corp. Ref. I. p. 456. Os editôres colocam êste decreto no mês de Outubro, antes de terem os frades abandbnado o convento de Wittemberg.

(12) Corp. Ref. I. p. 512.

(13) Corp. Ref. I. p. 540. -C

(14) Ibid.

(15) Ibid. p. 545.

(16) Ibid. p. 540.

(17) Pelo Concílio de Latrão, em 1215.

(18) Th. Aquin. Summa, III. •p. 22.

(19) Th. Aquin. Summa Quest., p. 80.

CAPÍTULO VII

Falsa Reforma — Os Novos Profetas — Os Profetas em Wittemberg Melanchton — O Eleitor — Lutero — Carlstadt e as Imagens — Distúrbios — Lutero chamado — Êle não hesita — Perigos.

Os homens de preconceito poderiam não ter visto na obra em curso nada além dos efeitos de um entu-siasmo vazio. Os próprios fatos deveriam provar o con-trário, mostrando haver um grande abismo de diferença entre uma excitação fanática e uma Reforma baseada na Palavra de Deus.

Quando quer que se manifeste na Igreja uma grande fermentação religiosa, sempre surgem elementos impuros, ostentando ares de verdade. Vemos o apa-recimento de uma ou mais falsas Reformas provoca-das pelo homem, que nos servem de testemunho ou contra-sinal da verdadeira reforma.

Assim no tempo de Cristo muitos falsos messias testificaram o apare-cimento do verdadeiro Messias. A Reforma do século dezesseis não se poderia ter verificado sem a presença de semelhante fenômeno. Foi na pequena cidade de Zwickau que teve êle sua primeira manifestação.

Viviam naquela localidade alguns homens que, agitados •diante dos ,grandes acontecimentos que então comoviam tôda a Cristandade, ambicionavam ouvir as revelações diretamente da Divindade, ao invés de modestamente desejarem a santificação do coração, e afirmavam que tinham sido chamados a completar a Reforma, tão falhamente delineada por Lutero. "De que vale", perguntavam êles, "aderir assim tão estritamente à Bíblia? A Bíblia! Sempre a Bíblia! Poderá a Bíblia nos fazer sermão? Será suficiente para a nossa instrução? Se Deus tivesse tencionado ensinar-nos, por meio de um livro, não nos teria êle mandado do céu, uma Bíblia? Sómente pelo Espírito é que poderemos ser iluminados. O próprio Deus fala dentro de nós. Deus em pessoa nos revela aquilo que devemos fazer e aquilo que devemos prègar". Assim foi que tais fanáticos, à guisa dos adeptos de Roma, atacavam o princípio básico sôbre que estava fundamentada a Reforma — a plena suficiência da Palavra de Deus.

Um simples alfaiate, chamado Nicolas Storck, anunciara ter-lhe aparecido, de noite, o anjo Gabriel,(1) que, depois de lhe comunicar coisas que por enquanto não podia revelar, lhe dissera: "Sentarás no meu trono". Certo ex-estudante de Wittemberg, ne nome Mark Stu-bner, associou-se a Storck, abandonando imediatamen-te os seus estudos, pois, no dizer dêle, tinha recebido diretamente de Deus a faculdade de interpretar as Sa-gradas Escrituras.

Outro tecelão, Mark Thomas, veio somar-se ao número. Também novo adepto, Thomas Munzer, homem de índole fanática, deu regular orga-nização à novel seita.

Desejoso de seguir os exemplos de Cristo, Storck escolheu doze apóstolos entre os seus seguidores e setenta e dois discípulos. Todos declara- ram abertamente, tal como uma seita o fêz em nossos dias, que afinal os apóstolos e os profetas tinham sido devolvidos à Igreja de Deus. (2)

Ésses novos profetas, pretendendo seguir as pegadas dos antigos, puseram-se a proclamar sua missão: "Ai! ai 1" diziam, "uma Igreja governada por homens tão corrompidos como os bispos não pode ser a Igreja de Cristo. Os ímpios governadores da Cristandade serão derrubados- Dentro de cinco, seis ou sete anos, uma desolação universal descerá sôbre o mundo. Os turcos se apoderarão da Alemanha; todos os padres serão le-vados à morte, mesmo aquêles que forem casados. Não restará vivo um único homem sem Deus, um único pecador; e depois que a terra tiver sido purificada pelo sa Lue, Deus estabelecerá, então, um reino, no qual Storc será a autoridade suprema, investindo os santos do govêrno das nações. (3) Haverá, então, uma só fé, u só batismo. O dia do Senhor é chegado e o fim do mundo se aproxima. Ai! ai! ai!" Passando em seguida a declarar inútil o batismo infantil os novos profetas exortaram todos os homens a virem receber de suas mãos o novo batismo, como sinal de sua admissão na nova Igreja de Deus.

Essa linguagem causou profunda impressão no po-vo. Muitas pessoas piedosas se agitaram com o pen-samento de que os profetas tinham sido devolvidos à Igreja, e quantos, amantes do maravilhoso havia, ati-raram-se nos braços dos fanáticos de Zwickau.

Mal porém tinha conseguido adeptos essa heresia que já se havia manifestado nos dias do Montanismo e na Idade Média, quando encontrou na Reforma um poderoso antagonista. Era pastor de Zwickau êsse Ni-colas Haussmann, de quem Lutero fizera elogiosa re-ferência, dizendo: "O que nós prègamos êle o pratica". (4) Êsse bom homem não se deixou desorientar pelas pretensões dos falsos profetas. Impediu as inovações que Storck e seus seguidores desejaram introduzir, e nisso os seus dois diáconos o secundaram. Repelidos pelos ministros da Igreja, os fanáticos incidiram em outra extravagância. Organizaram reuniões onde se professavam doutrinas revolucionárias. O povo se agi-tou e distúrbios irromperam. Com o apedrejamento de um padre que conduzia a hóstia, (5) as autoridades civis intervieram e meteram no cárcere os chefes im-plicados. (6) Exasperados com os acontecimentos, e ansiosos de represália, seguiram para Wittemberg Storck, Mark Thomas e Stubner. (7)

Ali chegados em 27 de Dezembro de 1521, Storck foi à frente com a pôse e garbo de um soldado de cavalaria. (8) Mark Thomas e Stubner acompanharam-no. A desordem, então, reinante em Wittemberg foi propícia aos seus desígnios. A juventude acadêmica e os citadinos, já profundamente abalados e num estado de excitação, eram terreno fértil para receber aquêles novos profetas.

Julgando-se seguros do apoio, imediatamente se apresentaram aos professôres da universidade no in-tuito de obter sua sanção. "Somos enviados de Deus para instruir o povo", disseram. "Mantemos íntimas conversações com o Senhor; sabemos o que vai acon-tecer: (9) em uma palavra, somos apóstolos e profetas, e apelamos ao Dr. Lutero". Semelhante linguagem estranha surpreendeu os professôres.

"Quem te comissionou de pregar?" perguntou Me-lanchton ao seu antigo discípulo Stubner, a quem re-cebera em sua casa. "O Senhor nosso Deus" — "Es-creveste alguns livros?" — "O Senhor nosso Deus proibiu-me de o fazer". Melanchton perturbou-se: ficou impressionado e alarmado.

1-lá realmente", disse êle, "espíritos extraordiná-rios nesses homens; mas que espíritos?... Sômente

Lutero poderá decidir. Por um lado, cuidemos em não sufocar o Espírito de Deus, mas por outro lado, em não ser desviados pelo espírito de Satanás.

Dotado de temperamento irrequieto, Storck logo deixou Wittemberg. Stubner ficou. Animado, por um espírito de proselitismo percorreu a cidade, falando ora com um, ora com outro, e muitos reconheceram nêle um profeta de Deus. Êle se dirigia mais particularmente a um amigo de Melanchton, um sábio chamado Cellarius, que mantinha urna escola onde instruía grande número de jovens, e logo reconheceu cabalinente a missão dos novos profetas.

Com isso Melanchton ficou ainda mais perplexo e inquieto. Não o inquietavam tanto as vsiões dos pro-fetas de Zwickau corno a sua nova doutrina sobre batismo. Parecia-lhe conforme à razão e merecedora de análise: "pois", disse êle, "não devemos nem aceitar nem rejeitar levianamente coisa alguma". (10)

Tal é o espírito da Reforma. A hesitação e a afli-ção de Melanchton são prova da retidão do seu cora-ção, mais honrosas a êle talvez do que se tivesse feito urna oposição sistemática.

O próprio Eleitor, a quem Melanchton denominava "a lâmpada de Israel" (11) hesitou. Profetas e após-tolos no eleitorado da Saxônia, tal como na Jerusalém de outros tempos! "Isto é urna questão de vulto", disse êle, "e como leigo não a posso compreender. Antes que lutar contra Deus, tomaria na mão um cajado e desceria do meu trono".

Finalmente fêz sentir aos professores, através dos seus conselheiros, que, corno estava, já tinham bastante perturbação em Witernberg; que com tôda a probabilidade as pretensões daqueles profetas de Zwickan eram apenas alguma tentação do demônio; e que, na sua opinião, o mais sensato seria deixar a questão desaparecer por si mesma; não obstante isso que, em quaisquer circunstâncias, sempre que Sua Alteza pudesse claramente discernir a vontade de Deus, não

ouviria conselho nem de irmão nem de mãe, mas estaria pron-to a tudo sofrer pela causa da verdade. (12)

No Wartburg Lutero teve notícia da agitação ha-vida na côrte e em 'Witemberg. Homens estranhos ti-nham aparecido, cuja missão era de fonte desconheci-da. Percebeu imediatamente que Deus permitira aquê-les fatos aflitivos a fim de humilhar os seus servos e incentivá-los, pelas provações, a mais que nunca bus-carem a santificação.

Sua Graça", escreveu êle a Frederico, "tem, des-de muitos anos, colecionado relíquias de tôdas as na-ções. Deus lhe satisfez o desejo e lhe mandou agora, sem trabalho ou custo, tôda uma cruz, com cravos, lanças e açoites... Saúde e prosperidade para essa nova relíquia

1... Apenas consinta Sua Alteza estender o braço e sofrer na carne a punção dos cravos 1... Sempre esperei que Satanás nos mandaria essa praga.

Mas ao mesmo tempo nada lhe pareceu mais ur-gente do que assegurar para outros a liberdade que re-clamava para si próprio. Não era homem de dois pesos e duas medidas. "Evitemos de atirá-los ao cárcere", escreveu a Spalatin. "Que o príncipe não mergulhe a mão no sangue dêstes novos profetas". (13) Lutero na questão da liberdade religiosa, foi muito além da sua era, e mesmo além da de muitos outros reforMadores.

• Em Wittemberg as circunstâncias tornavam-se, dia a dia, mais sérias. (14)

Carlstadt repelira muitas das doutrinas dos novos profetas, particularmente o seu anabatismo. Há, porém, no entusiasmo religioso um contágio a que uma cabeça como a dêle não podia fàcilmente resistir. A partir da chegada em Wittemberg dos homens de Zwickau, Carlstadt. acelerou seus passos na direção de reformas violentas. "Precisamos destruir tôdas as práticas ímpias e demoli-las tôdas num dia", disse êle. (15) Reu- nindo tôdas as passagens das Escrituras contra as imagens, investiu com redobrada fôrça contra a id-A.-itria de Roma. "Éles se prostram — arrastam-se diante dêstes ídolos, "exclamou êle, "acendem círios diante dêles e fazem-lhe oferendas... Ergâmo-nos e a:Tauquê:no-los dos altares!"

Tais palavras não foram proferidas em vão aos ouvidos do povo. Invadiram as igrejas, carregaram dali as imagens, quebraram-nas em pedaços e as queimaram. (16) Teria sido melhor esperar que a abolição das imagens fôsse proclamada legalmente, mas pensaram alguns que semelhante prudência por parte dos chefes poderia comprometer a própria Reforma.

A julgar pela linguagem daqueles entusiastas não havia em Wittemberg verdadeiros cristãos, a não ser aquêles que não iam ao confessionário, que atacavam os padres e comiam carne nos dias de jejum. Quem quer que fôsse suspeito de não

repelir todos os ritos da Igreja como invenção diabólica era imediatamente apontado como adorador de Baal. "Prec'samos", cla-mavam êles, "formar uma Igreja composta exclusiva-mente de santos!"

Os cidadãos de Wittemberg puseram à frente do concilio certos artigos que êle teve de aceitar. Muitos de tais regulamentos eram conformes à moral evangé-lica. Exigiam mais particularmente o fechamento de tôdas as casas de diversão pública.

Mas Carlstadt logo foi mais longe: começou a desprezar os estudos. Assim foi que de sua cátedra passou a aconselhar os seus discípulos a voltarem para casa, pegarem na enxada, guiar o arado e culticar pacatamente a terra, pois que o homem tivera ordem de comer pão com o suor do seu rosto. George Mohr, mestre da, escola masculina de Wittemberg, levado pelo mesmo fanatismo, dirigiu aos cidadãos, reunidos debaixo de sua janela, palavras exortando-os a virem retirar os seus filhos. Por que razão fazê-los estudar, quando Storck e Stubner, que nunca tinham pisado na universidade, eram profetas?... Por conseguinte uni simples mecânico estava tão qualificado como um doutor, senão melhor, para prègar o Evangelho.

Assim surgiram em oposição direta à Reforma dou-trinas que tinham sido preparadas com a renascença das letras. Fôra com as armas do saber teológico que Lutero havia atacado Roma; entretanto os entusiastas de Wittemberg, como os monges fanáticos combatidos por Erasmo e Reuchlin, tiveram a presunção de calcar aos pés todo o saber humano. Tivesse êsse vandalismo logrado manter seu terreno, perdidas estariam as esperanças do mundo; nova incursão de bárbaros extinguiria a luz acesa por Deus na Cristandade.

O efeito de tais discursos não tardou em manifes-tar-se. A mente dos homens fôra absorvida, perturba-da e desviada do Evangelho; a universidade desmem-brou-se; os estudantes desmoralizados romperam os laços da disciplina e se dispersaram; e os governos da Alemanha reclamaram a volta dos seus súditos. (17) E dessa forma os homens que tudo desejavam reformar e vivificar estavam na iminência de tudo destruir. (18) Mais um esfôrço exclamavam os amigos de Ro-ma, que d.e todos os lados estavam recobrando ânimo, mais uma luta e tudo será nosso!

Reprimir prontamente os excessos daqueles faná-ticos era o único meio de salvar a Reforma. Mas, quem o haveria de dar? Melanchton? Era jovem demais, frágil demais, e êle próprio abalado por aquêles estranhos fenômenos. O Eleitor? Êste era o homem mais pacífico do seu tempo, cujas preocupações amenas eram erguer castelos em Altemburg, Weimar, Lochau e Coburg; enfeitar igrejas com as lindas pinturas de Lucas Cranach; aperfeiçoar o canto nas capelas; fomentar a prosperidade da universidade; promover a felicidade dos seus súditos; parar na rua, no meio de crianças a brincar, e distribuir entre elas pequenos presentes. E agora, depois de chegado à idade avançada, lutaria êle contra fanáticos — oporia violência con- tra violência? COMO poderia o bom e piedoso Frede-rico decidir-se a tanto?

O mal continuava a espalhar-se, e ninguém se apresentava para contê-lo. Lutero estava longe de Wittemberg. A cidade estava sob o império da confusão e da ruína. A Reforma tinha visto surgir do seu próprio seio um inimigo mais tremendo do que papas e imperadores. Ela estava à beira do abismo.

Lutero! Lutero era o clamor e unânime em Wit-temberg. Os citadinos chamavam sinceramente por êle; os professores desejavam seu conselho; os próprios profetas apelavam para êle. Todos lhe rogavam que voltasse. (19)

Bem podemos imaginar o que ia pela mente do re-formador. Todos os terrores de Roma nada eram com-parados com aquilo que agora lhe tangia o coração. Foi precisamente do meio da Reforma que brotaram os seus inimigos. Estava devorando as próprias visceras; e a única doutrina que lhe tinha valido a paz do coração atribulado, tornava-se agora o germe de perturbações fatais à Igreja.

Se eu soubesse", dissera êle uma vez, "que a mi-nha doutrina feriu um homem, um único homem, por obscuro e humilde, o que não é possível, visto ser o próprio Evangelho, preferia morrer dez vêzes a não retratá-la". (20) E agora estava uma cidade inteira, a própria Witemberg, a braços com a desordem! Ver-dade era que sua doutrina nenhuma parte tinha naquilo, porém de todos os quadrantes da Alemanha se ouviam vozes acusando-o como culpado. Dores mais agudas do que as que até aí sentira, assaltavam-no agora, enquanto novas tentações o agitavam. "Poderá então ser êsse o fim da grande obra da Reforma?" perguntava de si para si. Impossível! — êle repele semelhante hipótese. Deus começou... Deus aperfeiçoará a obra. "Prostro-me em profunda humildade em busca da graça do Senhor", (21) exclamou, "e imploro que seu no- me possa continuar ligado a esta obra; e se qualquer coisa impura ai se achar de mistura, que se lembre de que sou um homem pecador.

As notícias levadas a Lutero da inspiração daqueles novos profetas e de suas sublimes entrevistas com Deus, não o fizeram vacilar por um instante sequer. Éle conhecia a profundidade, a angústia e a humilhação da vida espiritual; em Erfurt e Wittemberg experimentara o poder de Deus para não ser fàcilmente levado a crer que aparecesse às suas criaturas e com elas conversasse. "Pergunta a êsses profetas", escreveu êle a Melanchton, "se sentiram êsses tormentos espirituais, essas criações de Deus, essas mortes e êsses infernos que acompanham tôda verdadeira regeneração... (22)

Mas se êles só te falarem de coisas agradáveis, de impressões tranquilas, de devoção e piedade, não lhes dês crédito, muito embora proclamem ter sido levados ao terceiro céu. Antes de Cristo poder atingir a sua glória, foi compelido a sofrer a morte, e da mesma maneira o crente antes de obter a paz terá de passar pelas amarguras do pecado. Queres saber a hora, o lugar e o modo como Deus fala aos homens? Escuta : Tal como um leão, quebrou-me êle todos os ossos: estou lançado fora de sua face, e minha alma abatida até mesmo às portas do inferno... Não! A

Majestade Divina, como a Êle denominam não fala com os homens face a face, para que o vejam; pois, homem algum, disse Éle, poderá ver minha face e viver".

Mas só lhe servia para aumentar o desgôsto a fir-me convicção em que Lutero se achava da ilusão sob que estavam aquêles profetas. Teria a grande verdade da salvação pela graça tão repentinamente perdido o seu encanto para que os homens a pusessem de lado a fim de seguir fábulas? Começa a sentir que a obra não era tão fácil como a principio pensara. Feria-se na primeira pedra posta em seu caminho pela falsida-de do coração humano; curvava-se sob o pêso da má-goa e aflição. Com risco da própria vida, decidiu re-mover aquela pedra cio caminho do seu povo, voltando a Wittemberg.

Nessa ocasião estava ameaçado de iminentes pe-rigos. Os inimigos da Reforma se acreditavam em vés-peras de destruí-la. Jorge da Saxônia, igualmente in-disposto com Roma e Wittemberg, tinha, já em 16 de Outubro de 1521, escrito ao Duque João, irmão do Eleitor, para que que o atraísse nas fileiras dos inimigos da Reforma. Alguns", disse, "negam que a alma é imortal. Outros "e êsses não monges", prendem sinetas em porcos e fazem-nos arrastar pelas ruas da cidade as relíquias de Santo Antônio para finalmente _as lançar no pântano. (23)

Isso tudo é fruto dos ensinamentos de Lutero! Insta com o Eleitor, teu irmão, para castigar os ímpios, autores dessas inovações, ou pelo menos declarar públicamente sua opinião a respeito dêles. A mudança em nosso cabelo e barba nos lembra termos chegado à porção final da nossa jornada, e nos impele a dar um fim a tão grandes males.

Depois disto Jorge partira para a sede do seu go-vêrno imperial em Nuremberg. Nem bem ali chegado empenhou todos os esforços no sentido de serem ado-tadas medidas severas. Efetivamente, em 21 de Janei-ro, publicou um edito, queixando-se amargamente de que padres celebrassem missa sem estar paramentados com as vestes sacerdotais, consagrassem a hóstia em alemão, administrassem a comunhão sem a necessária confissão dos comungantes, pusessem-na nas mãos de leigos (24) e nem mesmo se preocupassem de saber se estavam ou não em jejum os que se apresentavam à mesa da comunhão.

Assim o govêrno imperial instruiu os bispos a pro-curarem e punirem severamente todos os inovadores dentro de suas respectivas dioceses. E êstes se apres-saram em cumprir ,as ordens recebidas.

Êsse era o cenário do momento, quando Lutero se propôs a reaparecer no palco. Viu o perigo e previu incalculáveis desastres. "Não irá demorar muito", disse êle; "irromperão no Império distúrbios que arrastarão, no seu ímpeto, a príncipes, magistrados e bispos. O povo tem olhos; êle não quer e não pode ser conduzido pela

fôrça. A Alemanha tôda vai nadar em sangue. (25) Ergâmo-nos como uma muralha para resguardar a nossa nação nesse terrível dia da cólera de Deus".

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Camerarii. — Vita Melanchton, p. 48.

(2) Corp. Ref. 1. p. 514. — O autor refere-se aos seguidores de Irving.

(3) Camerar. Vita Melanchton, p. 45. ti

(4) Quod nos docemos, ille facit.

(5) Seck p. 462.

(6) Mel. Corp. Ref. I. p. 513.

(7) Ibid.

(8) L. Ep. II. p. 245.

(9) Corp Ref. I. p. 514.

(10) Camer. Vita Mel. p. 49. •

(11) Ibid. p. 513.

(12) Ibid. p. 537.

(13) L. Ep. II. p. 135.

(14) Camer Vita Mel. p. 49.

(15) Ibid.

(16) Die Bilder zu stürmen und aus den Kirchen riu wer-fen. Math. p. 31.

(17) Corp. Ref. 1. p. 560.

(18) Camer. Vita Mel. p. 52.

(19) Corp. Ref. I. p. 566.

(20) L. Op. XVIII. p. 613.

(21) Ibid.

(22) L. Ep. II. p. 215.

(23) Weimar Ann. Seck. p. 482.

(24) L. Op. XVIII p. 285.

(25) L. Ep. II. p. 157.

CAPÍTULO VIII

Partida do Wartburg — Nova Posição — Lutero e o Catolicismo Primitivo — Reunião no Urso Prêto — Carta de Lutero ao Eleitor — Volta a Wittemberg — Sermão em Wittemberg — Caridade — A Palavra — Como aconteceu a Reforma — Fé em Cristo —Seus Efeitos — Didymus — Carlstadt — Os Profetas —Entrevista com Lutero — Fim da Luta.

Eram êsses os pensamentos de Lutero, que, porém, avistara um perigo ainda mais iminente. Longe de arrefecer, em Wittemberg, a conflagração se tornava cada dia mais feroz. Das alturas do Wartburg, Lutero podia perceber no horizonte os medonhos clarões, sinais da devastação, que se projetavam de tempos em tempos no ar. Não é êle o único capaz de ajudar na--Ruela conjuntura extrema? Não se atiraria êle no meio das chamas para estancar-lhes a fúria? Em vão seus inimigos se preparam para ferir o golpe decisivo; em vão o Eleitor insta com êle a não deixar o Wartburg, mas a preparar sua justificação para a próxima dieta. Éle tem uma tarefa mais importante a desempenhar: justificar o próprio Evangelho. "Mais sérias notícias me chegam diàriamente", escreveu êle. "Vou partir: as circunstâncias positivamente mo impõem". (1)

Por conseguinte, no dia 3 de Março levantou-se com a determinação de deixar o Wartburg para sempre. Disse adeus às suas tôrres consumidas pelo tempo e às suas sombrias florestas. Saiu do interior daquelas muralhas, onde não o podiam alcançar as excomunhões de Leão X e a espada de Carlos V. Desceu da monta-nha. O mundo que se estendia a seus pés e no qual estava prestes a entrar de novo, talvez logo se pusesse a clamar em alta voz pela sua morte. Mas isso não importava! Foi avante, jubiloso, pois que em nome do Senhor estava regressando ao seio dos seus semelhan-tes. (2)

O tempo tinha marchado. Lutero estava deixando o Wartburg por uma causa bem diversa daquela por que ali entrara. Ali entrou como assaltante de velhas tradições e antigos doutores; saia agora como defensor da doutrina dos apóstolos contra novos adversários. Entrara como inovador, como impugnador da antiga hierarquia, e saía como conservador e campeão da fé dos cristãos. Até então Lutero só uma coisa tinha visto em sua obra, — o triunfo da justificação pela fé; e com essa arma tinha derrubado poderosas superstições.

Mas se havia um tempo para destruição, também havia um tempo para construção. Debaixo daquelas ruínas com que seu possante braço havia juncado a planície; debaixo daquelas cartas de indulgências amarrotadas, daquelas tiaras quebradas e capelos esfarrapados; debaixo de tantos abusos e erros romanos que jaziam em confusão no campo de batalha, êle discernia a primitiva Igreja Católica que reaparecia, a mesma de sempre, como que emergindo de um longo período de

provação, com as suas imutáveis doutrinas e os seus acentos celestiais. Podia distingui-la de Roma, acolhendo-a e abraçando-a com alegria. Lutero nada fêz de novo no mundo, como foi falsamente acusado, não ergueu para o futuro nenhum edifício que não tivesse ligações com o passado; êle tirou a coberta, abriu á luz meridiana os antigos alicerces onde cresceram espinheiros e cardos, e, continuando a construção do templo, simplesmente edificou sôbre as bases lançadas pelos apóstolos.

Lutero percebeu que a antiga e primitiva Igreja dos apóstolos precisava, por um lado, de ser restaurada em oposição ao papado que por tanto tempo a trouxera oprimida, e por outro lado, de ser defen- dida contra entusiastas e contra descrentes, que pretendiam negar, e que, a despeito de tudo quanto Deus fizera no passado, desejavam começar uma obra inteiramente nova. Lutero já não era mais exclusivamente o homem de uma doutrina — a da justificação —se bem que a ela sempre reservasse o mais alto lugar; tornou-se o homem da teologia cristã inteira, e, ainda acreditando ser a Igreja essencialmente a congregação de santos, teve o cuidado de não desprezar a Igreja visível, e reconheceu a assembléia dos eleitos como sendo o reino de Deus.

Dêste modo uma grande mudança, então, se efetuou no coração de Lutero, na sua teologia e na obra de renovação que Deus estava efetuando no mundo. Possivelmente a hierarquia romana poderia ter levado o reformador a gestos extremos, mas as seitas que então erguiam altivamente a cabeça puseram-no de novo no caminho da moderação. A estada no Wartburg divide em dois períodos a história da Reforma.

Lutero cavalgava sózinho na estrada de Wittem-berg; era já o segundo dia de viagem, e têrça-feira de carnaval. Ao entardecer desabou um temporal violento, inundando as estradas. Dois jovens suíços que viajavam na mesma direção que êle apertavam o passo, esperando encontrar abrigo na cidade de Iena. Tinhar: estudado em Basiléia e a fama de Witemberg os atraíra para a sua universidade. Iam indo a pé, cansados e encharcados, João Kessler de St. Gall e seu companheiro. A cidade estava tôda agitada com os folguedos carnavalescos; a população de Iena tôda entregue a bailes, mascaradas e ruidoso festim, de sorte que os viajantes ao chegarem não conseguiram encontrar alojamento em estalagem alguma.

Finalmente foram aconselhados a procurar o Urso Prêto, fora das portas da cidade, e para lá se encaminharam lentamente, esfalfados e abatidos. O senhorio apresentou-lhes hospitaleiro acolhimento. (3) Sentaram-se perto da por- ta do salão público, envergonhados do estado em que tinham ficado com a tempestade, e não se aventurando o entrar. Numa das mesas sentava-se um homem sr. litário, com vestuário de cavaleiro, um capuz vermelho na cabeça, e as abas do gibão que desciam até aos calções. A mão direita descansava na maçã da espada, enquanto a

esquerda se fechava no punho, e diante dêle estava um livro aberto, que êle parecia ler com grande atenção. (4) Com o barulho da chegada daqueles dois jovens levantou a cabeça, cumprimentou-os affivelmente e convidou-os a se sentarem à sua mesa. Oferecendo-lhes então um copo de cerveja e fazendo alusão ao seu sotaque, disse: Sois suíços, corno vejo; mas de que cantão?" — "De St. Gall". — "Se ides a Wittemberg, lá encontrareis um patrício, o Doutor Schurff". — Encorajados com arruela hoa acolhida, êles acrescentaram: "Senhor, poderia informar-nos onde s1 encontra Martinho Lutero neste momento?" — "Tenho certeza", respondeu o cavaleiro, "de que não está em. Wittemberg, mas dentro em breve haverá de esta-.

Lá se encontra Felipe Melanchton. Estudai grego e hebraico a fim de poderdes compreender claramente es Sagradas Escrituras". — "Se Deus nos poupar a -ircla.", observou um dos jovens, "não voltaremos para casa sem ter visto e ouvido o Doutor Lutero, pois foi por causa dêle que empreendemos esta longa viagem. Sa-bemos que deseja abolir o sacerdócio e a missa, e como desde a infância nossos pais nos destinaram ao sacerdócio, queremos saber claramente em que bases êle assenta a sua proposição". O cavaleiro quedou em silêncio por algum tempo, e então continuou: "Onde tendes estudado até agora?" — "Em Basiléia". — "Erasmo de Rotterdam ainda está lá? que faz êle?" Depois da resposta dos jovens, verificou-se nova pausa. Os dois suíços não sabiam o que pensar.

"Não parece estranho", pensaram êles, "que êste cavaleiro nos fale de Schurff, de Melanchton, de Erasmo, e da necessidade de aprendermos grego e hebraico?" — "Meus caros amigos, "perguntou subitamente o desconhecido, "que pensam de Lutero, na Suíça?" — "Senhor", respondeu Kessler, "lá corno em tôda parte, as opiniões se divi-dem. Alguns não conseguem exaltá-lo suficientemente ao passo que outros o condenam como abominável he-rege". — "Ah! os padres, sem dúvida 1, exclamou o estranho.

A cordialidade do cavaleiro tinha posto os estudantes à vontade. Ansiavam por saber que livro era que estava lendo no momento da sua chegada. O cavaleiro tinha-o fechado e colocado de lado. Por fim o companheiro de Kessler aventurou-se a pegá-lo. E para grande surprêsa de ambos, era o Saltério Hebraico! O estudante largou-o incontinenti e, como quisesse disfarçar-se pela liberdade que tinha tornado, disse: "Daria de boa vontade um dedo a trôco de saber essa língua". — "Seu desejo será realizado", replicou o desconhecido, "se se der ao trabalho de aprendê-la".

Momentos depois, Kessler ouviu o senhorio que o chamava; o jovem suíço receou que qualquer coisa má tivesse acontecido, porém o estalajadeiro o tranquilizou dizendo baixinho: Percebi que tens um grande desejo de ver e ouvir Lutero; pois bem! E' êle que lá está sentado perto de ti". Kessler recebeu isso como uma pilhéria, dizendo: "Senhor hospedeiro, está me fazendo de bôbo". — É a pura verdade; é êle mesmo", reafirmou o estalajadeiro, "mas não deixes que saiba que já o conheces".

Kessler não deu resposta, mas voltou ao salão e sentou-se outra vez à mesa, ardendo em desejo de comunicar ao companheiro aquilo que ouvira. Mas de que modo poderia fazê-lo? Por fim lembrou-se de se inclinar como se fôsse olhar para fora da porta, e então murmurou ao ouvido do companheiro: "O senhorio me garantiu que êste homem é Lutero". — "Talvez êle tivesse dito Hütten", observou o companheiro, "e não ouviste bem". — "Pode ser", respondeu-Kessler; "o senhorio disse: E' Hütten; os dois nomes são muito parecidos, e entendi um pelo outro".

Naquele instante fêz-se ouvir fora da estalagem um rumor de cavalos. Dois mercadores que desejavam acomodações entraram no salão, e depois de tirarem as esporas e o manto, um dêles colocou sôbre a mesa um livro não encadernado que logo despertou a atenção do cavaleiro. "Que livro é êsse?" perguntou. — "Um comentário sôbre alguns Evangelhos e Epístolas feito pelo Doutor Lutero", respondeu o mercador; "acabou de sair publicado". — "Irei logo adquiri-lo", disse o cavaleiro.

Nesse momento o estalajadeiro entrou para anun-ciar que a ceia estava na mesa. Os dois estudantes alarmados com a despesa de uma refeição na compa-nhia do cavaleiro Ulrich von Hütten e de dois abasta-dos mercadores chamaram de lado o hospedeiro e pe-diram-lhe que lhes servisse qualquer coisa à parte. "Nada disso, amigos", replicou o dono do Urso Prêto, "sen-tem-se à mesa ao lado dêsses senhores, que lhes cobrarei um preço módico" — "Vamos", disse o cavaleiro, "é por minha conta".

Durante a refeição o cavaleiro proferiu muitos co-mentários simples e edificantes. Os estudantes e os mercadores eram todo ouvidos, prestando mais atenção às palavras dêle do que às iguarias sôbre a mesa. "Lutero deve ser ou um anjo do céu ou um diabo do inferno", comentou um dos mercadores no decorrer da palestra: "daria sem pestanejar dez florins para me encontrar com Lutero e confessar-me a êle".

Terminada a ceia os dois mercadores se levanta-ram da mesa, enquanto que os dois suíços continuaram sôzinhos com o cavaleiro. Êste, tomando um grande copo de cerveja, levantou-se e disse solenemente à moda do pais: "Suíços, mais um copo em agradecimento". Quando Kessler estava aprestes a segurar o copo, o desconhecido o depôs sôbre a mesa, oferecendo-lhe outro cheio de vinho: "Não estais acostumados à cerveja".

Em seguida, erguendo-se, atirou sôbre os ombros um manto militar e estendeu a mão aos estudantes di-zendo: "Quando chegardes em Wittemberg, cumpri-mentai_por mim o Dr. Schurff". — "Com muito pra-zer", responderam, "mas que nome havemos de dar?" — "Dizei-lhe simplesmente", acrescentou Lutero, que aquêle que há de vir o saúda. E com essas palavras saiu da sala, deixando-os cheios de admiração pela sua bondade e boa índole.

Lutero, pois era êle, prosseguiu na sua viagem. Cumpre lembrar que estava sob a interdição do Impé-rio: quem quer que o visse e o reconhecesse poderia prendê-lo. Mas sempre que estava empenhado numa ação que o expunha a tôda sorte de perigos, era ho-. mem calmo e sereno, conversando alegremente com quantos encontrasse pelo caminho.

Lutero não se enganava. Via o futuro negro de tempestades. "Satanás está enfurecido", disse êle, "e tudo ao meu redor planeja a morte e o inferno. (5) Apesar disso irei para a frente lançar-me no caminho do Imperador e do papa, sem outra proteção além de. Deus no céu. Deram aos homens o poder de matar-me, onde quer que me encontrassem. Cristo, porém, é o Senhor de tudo; se fôr de sua vontade que eu morra, amém!"

Naquele mesmo dia, quarta-feira de Cinzas, Lutero chegou a Borna, uma pequena cidade perto de Leipzig. Sentiu-se no dever de informar o príncipe quanto ao nasso ousado que se dispunha a dar, e de acôrdo com esse plano apeou no "O Condutor" e escreveu a se-guinte carta:

A graça e a paz de Deus, nosso Pai, e de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Sereníssimo Eleitor, gracioso Senhor! Os aconte-cimentos ocorridos em Wittemnberg, para grande vergonha do Evangelho, causaram-me tanta dor que, não estivesse eu seguro da verdade da nossa causa, ter-me-ia entregue ao desespêro.

Sua Alteza sabe isso, e, se não, saiba agora que recebi o Evangelho não das mãos do homem, mas do céu, através de Nosso Senhor Jesus Cristo. Se entrei em debates, não foi porque tivesse dúvidas, mas por humildade e na esperança de convencer aos outros. Uma vez, porém, que minha humildade se volta contra o Evangelho, minha consciência me impele agora a agir diferentemente. Cedi suficientemente à Sua Al-teza, passando êste ano no retiro. O demônio bem sabe que não o fiz inspirado no mêdo. Eu teria entrado em Worms ainda que na cidade houvesse tantos demô-nios quantas as telhas em cima das casas. Ora, o Du-que Jorge, 'com quem Sua Alteza me ameaça, é muito menos temível que um simples demônio isolado. Se o que se passa em Wittemberg acontecesse em Leipzig (a residência do duque), eu imediatamente montaria no meu cavalo para ir lá (possa Sua Alteza perdoar estas palavras), embora por nove dias seguidos não chovesse outra coisa senão Duque Jeorges, e cada qual mais furioso que êle. Que pensa êle atacando-me? Será que toma Cristo, meu Senhor, como a um boneco de palha? (6) Oh, senhor! queira evitar o terrível julgamento que pesa sôbre êle!

Saiba Sua Alteza que estou indo para Wittemberg debaixo de uma proteção muito mais poderosa que a de príncipes e de Eleitores. Não estou pensando em pedir o apoio de Sua Alteza, e, longe de desejar a sua proteção, eu antes protegeria Sua Alteza. Se eu soubesse que Sua Alteza poderia, ou quereria proteger-me, eu

absolutamente não iria a Wittemberg. Não existe espada que possa vir em auxílio desta causa. Deus sõzinho terá de fazer tudo sem o concurso ou ajuda dos homens. Aquêle que tem mais fé é o mais apto a protegê-la. Noto, porém, que Sua Alteza está ainda muito fraco na fé.

Mas desde que Sua Alteza deseja saber o que tem de fazer, responderei com tôda a deferência: Sua Alteza já fez demais e não devia fazer absolutamente nada mais. Deus não quererá nem poderá tolerar os seus cuidados e labôres ou os meus. Que a conduta de Sua Alteza se oriente por isto.

No que me diz respeito, Sua Alteza deverá agir na capacidade de Eleitor; precisará deixar que as or-dens de Sua Majestade Imperial tenham livre curso nas suas cidades e nos seus distritos rurais. Não devereis opor a menor resistência, se os homens quiserem agarrar-se ou matar-me, (7) pois ninguém deve resistir às ordens, exceto Êle que as estabeleceu.

Deixe Sua Alteza abertos os seus portões, respeitando os salvo-condutos, se inimigos meus, em pessoa ou por meio de enviados, chegarem aos estados de Sua Alteza à minha procura. Tudo será feito sem incômodo ou perigo para Sua Alteza.

Escrevi esta carta às pressas, para que Sua Alteza não se aflija com a notícia da minha chegada. Tenho-me de haver com um homem muito diferente do Duque Jorge. Êle me conhece bem e eu o conheço também.

"Escrita em Borna, na estalagem do "O Condutor, nesta Quarta-feira de Cinzas de 1522.

De Sua Alteza

"Mui humilde servo, "Martinho Lutero.

Assim foi que Lutero se avizinhou de Wittemberg. Escreveu ao seu príncipe, mas não para desculpar-se. Uma confiança imperturbável lhe enchia o coração. Via naquela causa a mão de Deus, e isso lhe bastava. O heroísmo da fé nunca poderá ser levado mais longe. Uma das edições das obras de Lutero traz na margem, ao lado desta carta: "Isto é um escrito maravilhoso do terceiro e último Elias!" (8)

Lutero entrou novamente em Wittemberg na sexta-feira, 7 de Março, tendo gasto cinco dias para vir de Eisenach. Os doutores, estudantes e cidadãos, todos irromperam em regozijo; pois tinham recuperado o pilôto, o único que poderia conduzir o barco fora dos escolhos onde se tinha encalhado.

O Eleitor, que se achava em Lockau com sua côr-te, sentiu grande emoção quando leu a carta do refor-mador. Desejava defendê-lo perante a Dieta: "Êle que me escreva uma carta", escreveu. o príncipe a

Schurff, "explicando os motivos da sua volta .a Wit-temberg, e mencionando que voltou sem o meu consentimento". Lutero anniu a isso.

"Estou pronto para incorrer no desagrado de Sua Alteza e na ira do mundo inteiro, "escreveu êle ao príncipe. "Não são acaso os Wittemberguenses as aninhas ovelhas? Não mas teria confiado Deus? E não deveria eu, se necessário, expor-me à morte por causa delas? Ademais, receio ver na Alemanha urna terrível convulsão, com a qual Deus castigará a nossa pátria. Esteja Sua Alteza bem certo e não duvide de que os decretos do céu são bem diferentes dos decretos de Nuremberg". (9) Esta carta foi escrita no mesmo dia da chegada a Wittemberg.

No dia seguinte, sendo véspera do primeiro domingo da quaresma, Lutero fêz urna visita a Jerônirnó Schurff. Ali estavm reunidos Melanchton, Jonas, Amsdorff e Agostinho Schurff, irmão de Jerônimo. Lutero interrogava àvidamente os seus amigos, que o informavam do ocorrido, quando dois estudantes estrangeiros foram anunciados, os quais desejavam falar com o Dr. Jerônimo. Na presença daquela assembléia de doutores os dois jovens de St. Gall ficaram, a princípio, acanhados. Logo, porém, se reanimaram, vendo no meio d.êle o cavaleiro do "Urso Prêto". Êste incontinenti se dirigiu a êles, cumprimentou-os como a velhos conhecidos e sorriu, quando apontou para um dos doutores: "Êste é Felipe Melanchton. de quem lhes falei". Os dois suíços passaram o dia todo com os doutores, de Wittemberg lembrando-se do encontro de Iena.

Um grande pensamento absorvia a mente do refor-mador e lhe diminuia a satisfação de novamente encontrar os seus amigos. Sem dúvida o caráter no qual devia agora reaparecer era um tanto obscuro; preparava-se para erguer a voz numa pequena cidade da Saxônia e, contudo, seu empreendimento tinha tôda a importância de um acontecimento destinado a influenciar os destinos do mundo. Muitas nações e muitos séculos deveriam sentir os seus efeitos- Era questão de saber-se, se a doutrina encontrada por êle na Palavra de Deus, e indicada para exercer tão poderosa influência no futuro desenvolvimento da raça humana, era ou não mais forte do que os princípios destruidores que lhe ameaçavam a existência. Era questão de saber-se, se era possível ou não, reformar sem destruir, desimpedir o caminho para novos progressos sem prejuízo das velhas conquistas. Silenciar fanáticos inspirados pela energia do primeiro entusiasmo; dominar uma multidão desenfreada, acalmá-la e reconduzi-la à or-dem, à paz e à verdade; cercear o ímpeto da torrente que ameaçava arrasar o jovem edifício da Reforma e espalhar suas ruínas por grande extensão: — eis a ta-refa para a qual Lutero tinha voltado a Wittemberg. Mas, seria suficiente para isso a influência de sua pessoa? Sómente os acontecimentos o poderiam demonstrar.

O coração do reformador tremeu ao pensar na luta qiie o esperava. Ergueu a cabeça como o leão que sacode a longa juba, quando provocado à luta. "Agora

precisamos pisar Satanás e contender com o anjo das trevas", disse êle. "Se os nossos adversários não se retirarem espontâneamente, Cristo saberá como os forçar. Nós que confiamos no Senhor da vida e da morte, somos também senhores da vida e da morte". (10)

Ao mesmo tempo, porém, como que freado por al-gum poder superior, o impetuoso reformador recusou-se a empregar os anátemas e os trovões da Palavra e tornou-se um humilde pastor, um brando condutor de almas. "Com a Palavra é que havemos de lutar", disse Me, "e com ela vencer e demolir o que foi erguido pela violência.. Não empregarei a fôrça contra os supersticiosos e os descrentes. Quem crê, que se aproxime! Quem não crê, que se, afaste para bem longe! Ninguém deverá ser constrangido. A liberdade é a própria essência da fé". (11)

O dia seguinte era domingo. Nesse dia o doutor, que durante quase um ano as altas muralhas do Wart burg tinham ocultado a todos os olhares, voltaria a aparecer diante do povo, no púlpito da igreja. Correra em Wittemberg o boato de que Lutero havia voltado e que ia pregar. Passando de bôca em bôca, só essa noticia já tinha sido suficiente para imprimir novo rumo às idéias pelas quais o povo estava sendo desviado. Todos Iam ver o herói de Worms. A população se reuniu, influenciada por diversas emoções. E no domingo de manhã uma multidão atenta e ansiosa apinhava-se na igreja.

Lutero adivinha todos os sentimentos da sua con-gregação; sobe ao púlpito e se põe diante do rebanho que êle antes tinha conduzido como dóceis ovelhas, mas que se tinha desgarrado dêle como um touro bra-vio. Sua linguagem é simples, nobre e, no entanto, plena de robustez e suavidade: poder-se-ia compará-lo a um pai amoroso diante de seus filhos, interrogando-os sôbre sua conduta e relatando-lhes as noticias que tinha recebido dêles. Ele cândidamente reconhece o progresso que tinham feito na fé, e por êsse meio lhes prepara e cativa a mente. E prossegue com as seguiri tes palavras:

Mas precisamos de alguma coisa mais que a fé; precisamos da caridade. Se um homem estiver sôzinho com uma espada na mão, pouca diferença fará se essa espada estiver desembainhada ou não; mas se êle estiver no meio de uma multidão, deverá tomar cui-dado para não ferir ninguém.

Que faz uma mãe ao seu infante? Primeiro lhe dá o leite, depois alimento leve. Se ela começasse, dando-lhe carne e vinho, qual seria a consequência?...

Do mesmo modo devíamos proceder junto de nossos irmãos. Meu amigo, estiveste tempo suficiente, ao meu seio? Muito bem! Deixa então que teu irmão beba tanto tempo quanto bebeste.

Contemplai o sol! Ele dispensa duas coisas?) luz e calor. Não há rei algum suficientemente poderoso para lhe desviar os raios; êles chegam diretamente até nós,

mas o calor é irradiado e comunicado em tôdas as direções. Assim a fé, corno a luz, devia ser sempre 'reta e inflexível, enquanto que a caridade, como o calor, devia irradiar-se para todos os lados e submeter-se a tôdas as necessidades dos nossos irmãos.

Tendo com isso preparado os seus ouvintes, Lute-ro se pôs a fazer maior pressão sôbre êles.

"A abolição da missa", -dizeis, "está de acôrdo com as Escrituras: concordo! Mas que ordem, que decência tendes observado? Competia-vos erguer ardentes preces ao Senhor e dirigirdes às autoridades públicas; dêsse modo, então todos os homens poderiam recebê-la como vindo de Deus".

Assim falou Lutero. Êsse homem impávido, que enfrentara em Worms os príncipes da terra, produziu grande impressão nos seus ouvintes, fazendo-lhe calar fundo na mente aquelas palavras de sabedoria e paz. Carlstadt e os profetas de Zwickau, tão grandes e po-derosos durante algumas semanas, que tinham agitado e tiranizado Wittemberg, sumiram como anõezinhos ao lado do cativo do Wartburg.

"A missa", prosseguiu êle, é uma coisa má; Deus se opõe a ela; deve ser abolida; e gostaria que por sô-bre o mundo inteiro ela fõsse substituída pela Ceia do Evangelho. Mas que ninguém seja arrancado dela a viva fôrça. Ternos de deixar o assunto nas mãos de Deus. Sua Palavra é que deverá agir, não nós. E por que isso? — me haveis de perguntar. Porque não tenho em minhas mãos o coração do homem, como o oleiro tem o barro. Temos o direito de falar, porém não temos o direito de agir. Preguemos: o resto per-tence a Deus. Fôsse eu empregar a fôrça, que ganharia com isso? Esgares, formalidades, momices, orde-nanças humanas e hipocrisia.. Porém não haveria sinceridade de coração, nem fé, nem caridade. Onde faltarem estas três coisas, tudo estará faltando, e eu não daria nada em trôco de semelhante resultado. (12)

Nosso primeiro objetivo deverá ser cativar o co-ração dos homens, e para isso devemos pregar o Evan-gelho. Hoje a Palavra cairá num coração, amanhã nou-tro, e, assim obrando, levará cada qual a se afastar da missa e a abandoná-la. Com a sua Palavra Deus faz sozinho mais do que eu, vós, ou todo o mundo com nossa fôrça conjugada. Deus se apodera dos corações, e quando o coração esta prêso tudo está vencido.

Não estou dizendo isto para que restaureis a mis-sa. Se ela caiu, que em nome de Deus fique bem caí-da! Mas, devíeis ter agido da forma como agistes? Chegando certo dia na poderosa cidade de Atenas, Paulo ali encontrou altares erigidos a falsos deuses. Êle foi de um a um, observando-os todos, mas não tocando em nenhum. Foi então para o meio da praça do mercado pacificamente e declarou ao povo que seus deuses eram ídolos. Sua linguagem lhes ganhou o coração e os ídolos tombaram sem que Paulo os houvesse tocado.

Eu prègarei, discutirei e escreverei; porém não coagirei a nenhum, porque a fé é um ato voluntário! Fiz frente ao papa, às indulgências e aos papistas, mas sem tumulto ou violência. Expus a Palavra de Deus; prèguei, escrevi — aí está tudo o que fiz. Entretanto, enquanto eu dormia ou me sentava na intimidade da mesa com Amsdorff e Melanchton, bebendo e palestrando com a nossa cerveja de Wittemberg, a Palavra que eu havia prègado derrubou o papado sem que príncipe ou imperador fizesse a ela grande mal. Contudo nada fiz; só a Palavra fez tudo. Se eu tivesse desejado apelar para a violência, talvez tôda a Alemanha ficasse inundada de sangue. Mas qual teria sido o resultado? Desolação e ruína, tanto para o corpo quanto para a alma. Eu por conseguinte fiquei quieto e deixei a Palavra correr mundo sózinha. Sabeis o que pensa o demónio quando vê os homens lançarem mão da violência para propagar o Evangelho no mundo? Sentado de braços cruzados diante da fogueira infernal, Satanás diz com olhar maligno e sorriso medonho: "Ah! Como êsses loucos sabem jogar o meu jôgo! Mas quando vê a Palavra correr e lutar sózinha no campo da batalha, êle se perturba, seus joelhos se chocam: êle treme e desmaia de mêdo".

Lutero subiu novamente ao púlpito na têrça-feira, e sua voz possante mais uma vez ressoou, perpassando pela multidão agitada. Novamente pregou nos cinco dias sucessivos. Passou em revista a destruição das imagens, a distinção das carnes, a instituição da Ceia do Senhor, a restauração do cálice, a abolição da confissão. Mostrou que todos êsses pontos eram de importância muito inferior à da missa, e que os causadores das desordens verificadas em Wittemberg tinham abusado grosseiramente da sua liberdade. Em sua linguagem alternou palavras de caridade cristã com arroubos de santa indignação.

Investiu mais particularmente contra os que to-maram levianamente parte na Ceia de Cristo. "Não é a mastigação exterior que faz o cristão", disse êle, "mas o comer interior, espiritual, impulsionado pela fé, e sem o que, não passam de exibicionismo e visagem tôdas as formas exteriorizadas. Ora, esta fé consiste na firme crença de que Jesus Cristo é o Filho de Deus; que tomando sôbre si os nossos pecados e as nossas iniquidades para suportá-las na cruz, Êle é por si próprio a única e poderosa reparação; que Êle se acha continuamente diante de Deus, que nos reconcilia com o Pai e que nos deu o sacramento do seu corpo para robustecer nossa fé na sua indizível misericórdia. Se eu acreditar nestas coisas, Deus será meu defensor; com êle enfrentarei o pecado, a morte, o inferno, os demônios; não me poderão fazer mal, nem desalinhar um único fio do meu cabelo.

O pão espiritual é a consolação dos aflitos, a saúde dos enfermos, a vida dos moribundos, o alimento dos famintos, a riqueza do pobre. Quem quer que não gema sob o pêso dos pecados não deve aproximar-se dêsse altar: que irá êle ali fazer Ah! que nossa consciência nos acuse, que o nosso coração se abra em dois ao pensamento

dos nossos pecados, e então não seremos presunçosos, acercando-nos do santo sacramento".

A multidão não cessava de superlotar o templo; das cidades vizinhas afluía gente para ouvir o novo Elias. Entre outros, Capito permaneceu dois dias em

Wittemberg e ouviu dois sermões do doutor. Nunca es-tiveram em maior concordância Lutero e o capelão do Cardeal Alberto. Melanchton, os magistrados, os pro-fessores e todos os habitantes estavam contentíssimos. (13) Schurff, maravilhado com a solução de um as-sunto tão sombrio, apressou-se em dar ciência ao Elei-tor. Na sexta-feira, 15 de Março, dia em que Lutero prègou seu sexto sermão, êle escreveu : Oh! quanta alegria espalhou entre nós a volta do Dr. Martinhol Suas palavras, pela misericórdia divina, estão diàriamente trazendo de volta ao caminho da verdade os homens desgarrados. E' claro como o sol que o

Espírito de Deus está com êle, e que por Sua especial providência foi que voltou a Wittemberg. (14)

Na realidade êsses sermões são modelos de eloqüência popular, mas não daquela que, nos tempos de Demóstenes, ou mesmo de Savonarola, incendiava o coração dos homens. A tarefa do orador de Witemberg era mais difícil. Mais fácil é inflamar a fúria de uma fera do que acalmá-la. Lutero tinha de apaziguar uma multidão fanatizada, de domar suas paixões desenfreadas; e nisso êle foi bem sucedido. Nos seus oito discursos o reformador não deixou escapar uma única palavra agressiva aos causadores dos distúrbios, — uma única alusão desagradável. Entretanto, quanto maior sua moderação, tanto maior a sua fôrça; quanto mais cautela com relação àqueles homens iludidos, tanto mais vigor em sua vindicação da verdade ofendida. Como poderia o povo de Wittemberg ter resistido à sua poderosa eloqüência?

Os homens geralmente atribuem à timidez, receio e comprometimento, as orações que advogam a causa da moderação. Ali não havia nada disso. Lutero aparecera diante dos habitantes de Wittemberg, enfrentando as excomunhões do papa e a proscrição do Imperador. Tinha voltado a despeito da proibição do Eleitor, que tinha declarado sua incapacidade de defendê-lo. Mesmo em Worms Lutero tinha exibido abundante coragem. Enfrentara os mais iminentes perigos, e, portanto, suas palavras não deixa-riam .de receber consideração: o homem que desprezara o patíbulo tinha direito de exortar à submissão. Podia altivamente falar de obediência a Deus êsse ho-mem que, para tanto, desafiava as perseguições dos homens. Com a voz de Lutero «idas as abjeções desapareceram, todo o tumulto cessou, os brados sediciosos calaram-se e a população de Wittemberg retomou tranquilamente a direção do lar.

Gabriel Didymus que se tinha mostrado o mais entusiasta dos frades Agostinianos não perdeu uma única palavra do reformador. Não achas Lutero um maravilhoso mestre?", perguntou-lhe um ouvinte emo-cionado. "Ah!" respondera êle, "parece que ouço a voz, não de um homem ,mas de um anjo! (15) Não tardou Didymus em declarar abertamente que tinha sido enganado. "Êle está outro homem", disse Lute-TO (16)

Assim não se deu a princípio com Carlstadt. Me-noscabando o saber, fingindo encontrar entre os tra-balhadores de Wittemberg a chave para a compreensão das Sagradas Escrituras, sentiu-se mortificado, vendo sua obra desmoronar-se com o aparecimento de Lutero. (17) A seus olhos isso significava cercear a própria reforma. Dai seu ar abatido, taciturno e des-contente. Êle, no entanto, tinha sacrificado seu amor-próprio ao bem da paz; freou seus desejos de vingança e, pelo menos exteriormente, reconciliou-se com o seu colega, reassumindo, pouco depois, suas aulas na universidade. (18)

Os principais profetas não se achavam em Wit-temberg, quando Lutero ali voltou. Nicolau Storck peregrinava pelo pais; Marcos Stubner tinha deixado o teto hospitaleiro de Melanchton. Talvez seu espírito profético tivesse desaparecido e êles não tivessem tido nem voz nem resposta, (19) logo que souberam que o novo Elias dirigia seus passos rumo ao novo Carmelo. Apenas permanecera o velho mestre-escola Cellarius. Entretanto Stubner voltou apressadamente, quando soube da dispersão de suas ovelhas. Aquêles que ainda eram fiéis à "profecia celeste" reuniram-se em tôrno do mestre, referindo-lhe os sermões de Lutero e pedindo ansioso conselho quanto ao que deviam fazer e pensar. (20) Stubner exortou-os a se manterem firmes em sua fé. "Êle que apareça", exclamou Cellarius, "êle que nos conceda uma conferência — nos permita tão ~ente expormos nossa doutrina, e então haveremos de ver..."

Lutero não fazia grande empenho em encontrar-se com homens dessa espécie; sabia-os violentos, impa-cientes, orgulhosos, incapazes de tolerar mesmo urna admoestação, e exigindo submissão de todos à primeira palavra, como se a uma autoridade suprema. (21) Assim são os entusiastas de todos os tempos. Não obstante, uma vez que desejavam uma entrevista, o doutor não lhes poderia negar. Além disso, poderia ser útil aos fracos do rebanho, caso desmascarasse a impostura dos profetas. A conferência teve sua ocorrência. Stubner abriu a sessão, explicando o modo como desejaria regenerar a Igreja e transformar o mundo. Lutero calmamente prestou-lhe tôda atenção. (22) "Nada de quanto disseste", respondeu êle afinal, em tom grave, "tem base nas Sagradas Escrituras. — Não passa de uma mera fábula". Em face dessas palavras Cellarius não se pôde conter por mais tempo; levantou a voz, e, gesticulando como um possesso, batendo os pés no chão e dando um murro na mesa (23), exclamou, inflamado de paixão, que era um insulto assim falar a um homem de Deus. Mas isto Lutero retorquiu: "São Paulo declarou que as provas do-seu

apostolado se tornaram conhecidas por meio de milagres; dá, pois, igual prova do teu". — "Nós a daremos", responderam os profetas (24) "O Deus que adoro", disse Lutero, "saberá conter os vossos deuses". Stubner, que tinha mantido a calma, fixou então os olhos no reformador, dizendo-lhe num ar de inspirado: "Martinho Lutero! Vou dizer-te o que se está passando em tua alma. Estás começando a crer que a minha doutrina é verdadeira".

Ao cabo de curta pausa Lutero exclamou: "Deus te castigue, Satanás!" Com essas palavras todos os profetas ficaram como que alarmados. "0 Espírito! o Espirito!" gritaram êles. Assumindo Lutero aquêle tom frio de desprêzo e aquela linguagem familiar que lhe eram tão habituais, disse : "Ao vosso espírito dou-lhe uma tapona no focinho". (25) Seus clamores então se avolumaram; Cellarius, em particular, destacando-se por sua violência. Espumava e tremia de cólera (26) Não se podiam mais ouvir uns aos outros na sala da conferência. Por fim os três profetas abandonaram o lugar e deixaram Wittemberg no mesmo dia.

E dêsse modo cumpriu Lutero a missão que o ha-via trazido do seu retiro. Tinha oposto um obstáculo ao fanatismo e expulsado do seio da Igreja renovada o entusiasmo e a desordem por que tinha sido invadida. Se com urna mão a Reforma derrubou os poeirentos decretos de Roma, com a outra repeliu as pretensões dos místicos, estabelecendo no terreno conquistado, a Palavra viva e imutável de Deus. Assim se firmou sôlidarnente o caráter da Reforma. Estava fadada a caminhar perpètuamente entre êsses dois extremos, equidistante das convulsões dos fanáticos e do torpor letárgico do papado.

Tôda população, antes agitada, iludida e desen-freada, ficara imediatamente tranquila, calma e sub-missa; e naquela cidade que dias atrás mais parecia um oceano revôlto, tornou a reinar o mais perfeito sossego.

A liberdade perfeita foi estabelecida em Wittem-berg. Lutero ainda continuava residindo no mosteiro e vestindo o hábito monástico; mas todos tinham liber- dade de agir de outra forma. Para a comunhão na mesa do Senhor era bastante uma absolvição geral, ou se podia obter uma particular. Ficou assentado como princípio nada rejeitar que não estivesse em oposição a qualquer declaração formal e expressa nas Sagradas Escrituras (27). Isto não significava indiferença, ao contrário, a religião ficava assim restabelecida naqui- lo que lhe constitui a própria essência; o sentimento religioso divorciou-se das formas acessórias em que ia quase perecendo, e colocou-se sôbre o seu verda-deiro alicerce. Desta maneira salvou-se a Reforma, permitindo-se aos seus ensinamentos continuarem a de- senvolver-se em caridade e verdade no seio da Igreja.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Ibid. p. 135.

(2) Seck. p. 458.

(3) Veja-se a narrativa de Kessler, com todos os detalhes e na linguagem simples da época, em Bernet, Johann Kessler, p. 27. Hahnhard Erzãhlungen, III. p. 300, e Marheinecke Gesch. der Ref. II. p. 321, segunda edição:

(4) Ibid.

(5) L. Ep. II. p. 153.

(6) L. Ep. II. p. 139.

(7) L. Ep. II. p. 140.

(8) L. Op. (L) XVIII. p. 271.

(9)

(10) L. Ep. II. p. 150.

(11) Ibid. p. 151.

(12) L. Op. (L) XVIII. p. 255.

(13) L. Op. XVIII. p. 266. ti

(14) Ibid.

(15) Camer. g. 12.

(16) L. Ep. II. p. 156.

(17) Ibid. p. 17'7.

(18) Ibid. p. 284.

(19) I Reis, XVIII; 29.

(20) Camer. p. 52.

(21) L. Ep. II. p. 179.

(22) Camer. p. 52.

(23) Ibid

(24) Ibid. p. 53.

(25) L. Op. Altenburg, Aug. In. p. 137.

(26) L. Ep. II. p. 179.

(27) Ganz Klare und grüundliche Schrift.

CAPÍTULO IX

Tradução do Novo Testamento — Fé nas Escrituras — Oposição — Importância desta Publicação — Necessidade de um Arranjo Sistemático — Loci Communes de Melanchton — Pecado Original —Livre Arbítrio — Efeitos do Loci Communes.

Mal tinha sido restabelecida a tranqüilidade, quando o reformador se dirigiu ao seu querido Melanchton, pedindo-lhe auxílio na revisão final do Novo Testamento, que trouxera consigo do Wartburg. (1) Já em 1519 Melanchton tinha estabelecido o grande principio de que a Patrística devia ser explicada de acôrdo com as Escrituras e não as Escrituras de acôrdo com a Patrística. (2) Com a meditação dia a dia mais profunda sôbre os livros do Novo Testamento êle se sentiu maravilhado com a sua simplicidade, e impressionado com a sua profundeza. "Se mente ali poderemis encontrar o verdadeiro alimento da alma", afirmou ousadamente aquêle homem tão familiarizado com tôda a filosofia dos antigos. Assim, prontamente anuiu ao convite de Lutero, passando daí por diante os dois ami- gos muitas horas juntos estudando e traduzindo a Pa-lavra inspirada. Amiúde suspendiam suas laboriosas pesquisas para dar largas à sua admiração. Um dia disse Lutero: "A razão pensa, Oh! se eu pudesse uma vez ouvir a Deus falar! Haveria de correr de um ex-tremo ao outro do mundo para ouvi-lo... Ouve, pois, meu irmão! Deus, o Criador dos céus e da terra, a ti te fala".

A impressão do Novo Testamento foi levada a ca-bo com um zêlo sem precedentes. (3) Dir-se-ia que os próprios tipógrafos sentiram a importância do tra-balho em que estavam empenhados. Três impressoras foram postas a rodar e, diz Lutero, dez mil fôlhas por dia se imprimiram. (4)

Finalmente, no dia 21 de Setembro de 1522, apareceu, a edição completa de três mil exemplares, em dois volumes, in-folio, com êste titulo singelo: O NOVO TESTAMENTO — ALEMÃO — WITTEMBERG. Não trazia nome de homem. A partir de então qualquer alemão podia ter a Palavra de Deus por um preço módico. (5)

A nova tradução, escrita precisamente no tom das Sagradas Escrituras e vazada num idioma que ainda trazia o viço da juventude e que, pela primeira vez, exibia suas grandes belezas, despertou o interêsse, o en-canto e a emoção tanto das fileiras mais baixas quan-to das mais elevadas da população. Era uma obra na-cional, um livro do povo, mais que isso: era, em ver-dade, o Livro de Deus. Os próprios adversários não puderam negar seu aplauso a tão maravilhosa obra, e alguns amigos indiscretos do reformador imaginaram poder nela reconhecer uma segunda inspiração, tal a impressão que sentiram ante a beleza da tradução. Essa versão serviu para disseminar a piedade cristã mais do que todos os escritos de Lutero juntos. A obra do século dezeseis assim se plantara num alicerce onde nada a

poderia abalar. Dada ao público, a Bíblia recon- duziu à divina fonte da salvação o espírito do homem, tanto tempo errante nos tortuosos labirintos da esco-lástica. Foi prodigioso, conseqüentemente, o êxito dessa obra. Em pouco tempo foram vendidos todos os exemplares. Em Dezembro apareceu urna segunda e em 1533 dezessete edições tinham sido impressas em Wittemberg, treze em Augsburg, doze em Basiléia, uma em Erfurt, uma em Grimma, outra em Leipzig, e mais treze em Strasburg. (6). Essas foram as poderosas alavancas que ergueram e transformaram a Igreja e o mundo.

Enquanto se achava no prelo a primeira edição do Novo Testamento, Lutero empreendeu a tradução do Antigo. Êsse trabalho, encetado em 1522, prosseguiu sem interrupção. Publicou em partes a tradução, à medida que ficavam prontas, a fim de mais ràpidamente satisfazer a impaciência do povo e permitir aos pobres a aquisição do livro.

Das Escrituras e da fé, duas fontes que na reali-dade não são mais que uma, fluiu a vida Evangélica, que ainda continua se espalhando sôbre o mundo. Êsses dois princípios combatiam dois erros fundamentais. A fé se opunha à tendência pelágica do catolicismo ro-mano; as Escrituras, à teoria da tradição e da autori-dade de Roma. As Escrituras conduziam o homem à fé, e a fé o guiava de novo às Escrituras. "O homem não pode fazer obra meritória; ~ente o salva a graça de Deus, recebida pela fé em Cristo". Tal a doutrina que foi proclamada na Cristandade. Mas essa doutrina não poderia deixar de impelir a Cristandade ao estudo das Escrituras. Na verdade, uma vez que a fé em Cristo é tudo na Cristandade e uma vez que nada são as ordenanças da Igreja, o que nos cabe procurar, não é o ensinamento da Igreja, mas o ensinamento de Cristo. Os laços que o ligam a Cristo se tornam essenciais para o crente. Que lhe Importa o elo externo que o liga a uma igreja externa, escravizada pelas opiniões dos homens?... Da mesma forma como a doutrina da Bíblia tinha impelido os contemporâneos de Lutero, a Jesus Cristo, o amor que sentiam por Jesus_ Cristo os impeliu para a Bíblia. Não foi, como se tem suposto em nossos dias, por nenhum princípio filosófico, consequência de dúvida ou necessidade de investigação, que volveram às Escrituras; foi porque ali acharam a Palavra d'Aquêle que amavam. "Prègaste-nos Cristo", disseram êles ao reformador, "agoraouçâmo-lo pessoalmente". E qual uma carta enviada do céu agarraram suas páginas abertas diante dêles.

(O Gesech. d. Deutsch. Bibel. Uebersetz).

Mas se a Bíblia fôra gratamente recebida por quantos amavam a Cristo, ela foi desdenhosamente repudiada por quantos preferiam as tradições e as ordenanças humanas. Violenta perseguição foi, pois, desencadeada contra essa obra do reformador. Roma tremeu com a noticia da publicação de Lutero. A pena que

transcrevera os oráculos sagrados era verdadeiramente a mesma vista por Frederico no seu sonho, e que, alcançando as Sete Colinas, abalara a tiara do papado.

(7) Um uivo de cólera partiu do monge em sua cela, do príncipe no seu trono. Os padres ignorantes tre-miam em pensar que doravante qualquer cidadão, mais que isso, qualquer campônio, poderia discutir com êles sôbre os preceitos do Senhor. O Rei da Inglaterra denunciou a obra ao Eleitor Frederico e ao Duque Jorge da Saxônia. Já em Novembro, porém o duque ordenara seus súditos a deporem na mão dos magistrados to-das os exemplares do Novo Testamento de Lutero. Idên-ticos decretos foram publicados na Bavária, Bradenburg e Áustria, bem como em todos os estados devotados a Roma. Em alguns lugares ergueram sacrílegas foguei-ras nas praças públicas com aquêles livros sagrados.

(8) Assim no século dezesseis 'Roma renovara os esforços do paganismo, na tentativa de destruir a religião de Jesus Cristo, precisamente no momento quando lhe fugia das mãos o domínio dos padres e seus ídolos. Mas quem poderá obstar o passo triunfante do' Evangelho? "Mesmo depois de minha proibição", escreveu o

Duque Jorge, milhares de exemplares foram vendidos e lidos nos meus estados.

A Deus aprouve empregar, na circulação da sua Palavra, as mesmas mão empenhadas em sufocá-la. Vendo os teólogos romanistas sua incapacidade de proibir a obra do reformador, êles também publicaram uma tradução do Novo Testamento. Mas era a própria versão de Lutero, alterada aqui e ali pelos editôres. Não havia obstáculo a que fôsse lida. Roma ainda não sabia que, onde quer que fôsse estabelecida a Palavra de Deus, ali seu poder estaria abalado. Joaquim de Bradenburg permitiu que todos os seus súditos lessem qualquer tradução da Bíblia, em latim ou alemão, con-tanto que não fôse procedente de Wittemberg. O povo da Alemanha, e notadamente o de Bradenburg, fêz as-sim grande progresso no conhecimento da verdade.

A publicação do Novo Testamento em língua vul-gar constitui importante época na Reforma. Se o ca-samento de Feldkirchen foi o primeiro passo que le-vou a Reforma a passar da doutrina para a vida social; se a abolição dos votos monásticos foi o segundo e se a restauração da Ceia do Senhor foi o terceiro, talvez o mais importante de todos foi a publicação do Novo Testamento. Operou uma completa transforma-ção na sociedade: não sômente no presbitério do padre, na cela do monge e no santuário do Senhor, mas também na mansão dos potentados, no lar dos citadinos e na choupana dos lavradores. Quando a Bíblia co-meçou a ser lida pela Cristandade, a própria Cristan-dade se transformou. Surgiram então novos hábitos, novos costumes, novas conversações, nova vida. Com a publicação do Novo Testamento a Reforma deixou a Escola e a Igreja, e foi assentar-se na lareira do povo.

Foi imenso o efeito produzido. O Cristianismo da Igreja primitiva, que a publicação das Sagradas Escri-turas acabava de exumar da poeira do esquecimento secular, ali estava exposto aos olhares da nação; e essa visão era, tão ~ente, quanto bastava para justificar os ataques desfechados contra Roma- Os homens mais simples e rústicos, desde que soubessem ler, as mulheres, os artífices (nosso informante é contemporâneo e violento adversário .da Reforma), todos estudavam àvidamente o Novo Testamento. (9) Levavam-no consigo; logo o sabiam de cor, e as páginas dêsse livro proclamavam alto o perfeito acôrdo entre a Reforma de Lutero e a Revelação Divina.

Até então a doutrina da Bíblia e da Reforma não tinha saído à luz senão em fragmentos. Alguns pontos tinham sido apresentados fragmentàriamente; alguns erros atacados do mesmo modo. Na amplidão do campo jaziam em confusão os escombros e as ruínas do velho edifício em mistura com os materiais da construção do novo; êsse novo edifício, porém estava faltando. A publicação do Novo Testamento supriu indubitàvelmente essa necessidade. Ao apresentar aquêle livro, a Reforma pôde dizer: Eis aqui o meu sistema! Visto, porém, como todo homem tem a liberdade de asseverar que seu sistema é o sistema da Bíblia, a Reforma se viu na obrigação de organizar o que havia colhido nas Escrituras. E isso Melanchton agora o fêz em nome dela.

Sempre andando com passo regular, mas confiante, no desenvolvimento da sua teologia, Melanchton tinha, de tempos em tempos, publicado os resultados das suas pesquisas. Antes disso, em 1520, tinha declarado que em vários dos sete sacramentos não tinha visto nada além de uma imitação das cerimônias judaicas, e, na infalibilidade do papa, nada mais que uma orgulhosa presunção, oposta tanto às Sagradas Escrituras quanto ao bom senso. "Para contender com tais doutrinas", dissera êle, "precisaremos mais do que um Hércules". (10) Dêsse modo Melanchton tinha chegado ao mesmo ponto que Lutero, se bem que por uma via mais calma e mais científica. Tinha chegado o tempo em que, a seu turno, devia confessar sua fé.

Durante o cativeiro de Lutero em 1521, a famosa obra de Melanchton, "Loci Cominunes", linha apresen-tado à Europa cristã um corpo de doutrina teológica de sólida base e admiráveis proporções. Diante dos olhos admirados da nova geração tinha surgido uma unidade simples e majestosa. A tradução do Testamento justifi-cou a Reforma perante o povo; os "Loci Communes" de Melanchton justificaram-na perante os letratos.

Nos seus quinze séculos d.e existência a Igreja nunca vira obra de tal vulto. Abandonando os argumen-tos comuns da teologia escolástica, o amigo de Lutero finalmente deu ao mundo um sistema teológico exclu-sivamente tirado das Escrituras. Contrastando singu-larmente com as sutilezas e pedantismos dos sistemas escolásticos, sentia-se ali um sôpro de vida, uma vita-lidade de

compreensão e uma fôrça de convicção ao lado de uma simplicidade d.e exposição. Tanto os es-píritos mais filosóficos, como os teólogos mais severos foram tomados de igual admiração pela obra.

Erasmo qualificou essa obra como um maravilhoso exército postado, em aparato bélico, contra os ba-talhões tiranos dos falsos doutores (11) e, conquanto confessando dissentir do autor em vários pontos, acrescentou que, embora já o amasse, nunca o amou tanto como depois de ler essa obra. "Tão verdade é", disse Calvino, quando mais tarde a apresentou à França, "que a maior simplicidade é a maior virtude no tratamento •da doutrina cristã". (12)

Ninguém porém sentiu maior alegria que Lutero. Durante tôda a sua vida essa obra foi alvo de sua ad-miração. Fundindo-se numa encantadora melodia es-tavam ali tôdas as notas avulsas que seus dedos, tan-gidos pela profunda emoção de sua alma, tinham arran-cado à harpa dos profetas e dos apóstolos. As pedras esparsas que tão laboriosamente apanhara na pedreira das Escrituras soldavam-se ali num portentoso edifício. Nunca se cansava, por conseguinte, de recomendar a obra a quantos jovens chegassem a Wittemberg em busca do saber:. "Se quiserdes ser teólogos", dizia êle, "lede Melanchton". (13)

Segundo Melanchton a base sôbre que devia erguer-se o edifício da teologia cristã é a profunda convicção do estado lamentável a que se reduz o homem pelo pecado. Êsse mal universal é o fato primário, a idéia mestra em que se alicerça a ciência, o característico que coloca a teologia em contradistinção às ciências cujo único instrumento é a razão.

O teólogo cristão, mergulhando no coração do ho-mem, explica-lhe as leis e as atrações misteriosas, tal como posteriormente outro filósofo explicou as leis e as atrações dos corpos. "O pecado original", diz êle, "é uma tendência inata em nós, — certo impulso que nos é agradável, — certa fôrça que nos conduz ao pe-cado e foi transmitida por Adão à sua posteridade. Assim como no fogo há uma energia latente, impelin-do-o a subir sempre; assim como no imã há uma pro-priedade natural que leva o ferro a ser atraído, assim também há no homem uma fôrça primitiva que o in-clina para o mal. Concordo em que achamos tempe-rança, firmeza e castidade em Sócrates, Xenócrates e Zenão; essas sombras de virtude foram encontradas em corações impuros e originadas no amor-próprio. Eis por que as devemos considerar, não como verdadeiras virtudes, porém como vícios". (14)

Esta linguagem poderá parecer áspera; todavia não o será se bem compreendermos a significação que Me-lanchton lhe deu. Ninguém mais ansioso que êle de reconhecer nos pagãos virtudes que os recomendassem à estima dos homens; mas assinalou esta grande ver-dade de que a lei soberana dada por Deus a tôdas as suas criaturas é amá-lo acima de tôdas as coisas. Ora, se, fazendo o homem o que lhe ordena Deus, não o faz por amor a Deus, mas por amor a si próprio, poderá Deus

aceitá-lo pela substituição que fêz de si pela sua infinita Majestade? e poderá não haver pecado numa ação que constitui flagrante rebeldia contra a Divin-dade suprema?

O teólogo de Wittemberg prossegue mostrando co-mo o homem se reabilita dessa desgraça. "O apóstolo", diz êle, "convida-te a contemplares o Filho de Deus, sentado à direita do Pai, mediando e intercedendo por nós; (15) e te chama para te sentires seguro de que teus pecados estão perdoados, e que és considerado reto e aceito pelo Pai, por causa dêsse Filho que por nós sofreu na cruz".

A primeira edição dos "Loci Communes" é espe-cialmente notável pela maneira como o teólogo da Ale-manha disserta sôbre o livre arbítrio. Por ser melhor teólogo que Lutero, talvez visse mais claramente que essa doutrina não podia separar-se daquela que forma a própria essência da Reforma.

Sómente da fé procede a justificação do homem perante Deus. Êste é o primeiro ponto. Sómente pela graça de Deus, tal fé entra no coração do homem. Eis o segundo. Melan-chton percebeu claramente que, se admitisse no ho-mem uma capacidade inata de crer, estaria destruindo no segundo ponto a grande doutrina da graça que es-tatuíra no primeiro. Seu discernimento e compreensão das Sagradas Escrituras eram bastante vastos para não incidir em êrro num assunto tão importante. Todavia êle foi longe demais. Ao invés de se conter dentro dos limites .dia questão religiosa, penetrou no terreno da metafísica. Estabeleceu um fatalismo que poderia dar idéia de Deus como o autor do mal, — doutrina que não tinha apóio nas Escrituras. "Visto que tudo que acontece", disse êle, "acontece necessariamente, conforme à predestinação divina, não existe isso a que se chama liberdade de nossa vontade". (16)

O objetivo, entretanto, que Melanchton tinha par-ticularmente em vista, era apresentar a teologia como um sistema de piedade. Os escolásticos tinham de tal forma esgotado a doutrina, que aí não deixaram traço de vitalidade. A tarefa da Reforma era, pois, reani-mar aquela doutrina sem vida. Nas edições ulteriores Melanohton sentiu a Inecessidade de expor com maior clareza essas doutrinas. (17)

Mas não foi êsse precisamente o caso em 1521. "Conhecer a Cristo," disse êle, "é conhecer suas bên-çãos. (18) Em sua epístola aos romanos, e desejando apresentar um sumário das doutrinas cristãs, Paulo não filosofa sôbre o mistério da Trindade, sôbre o modo de incarnação, sôbre a criação ativa ou passiva. De que faia, então, êle? — Da lei, — do pecado, — da graça. Disto depende o nosso conhecimento de Cristo".

A publicação desta dogmática foi de inestimável valor à causa da verdade. Refutaram-se calúnias, dis-siparam-se preconceitos. Nas igrejas, nos palácios e nas universidades o gênio de Melanchton encontrou admiradores que lhe amavam as qualidades de caráter. Mesmo aquêles que não conheciam o autor foram atraídos às

doutrinas evangélicas por seu livro. A aspereza e violência ocasional da linguagem de Lutero tinham não raro repelido a muitos. Mas aqui estava quem, com grande elegância de estilo, delicado sabor, admirável perspicácia e perfeita ordem explicava as tremendas verdades cuja explosão súbita tinha abalado o mundo. A obra era procurada, lida sôfregamente e estudada com afã. Delicadeza e moderação como aquelas só podiam cativar os corações. Nobreza e pujança como aquelas, impunham o respeito de todos, e as classes superiores da sociedade, até ali indecisas, aderiram à sabedoria que se manifestava em tão soberba linguagem.

Por outro lado, os adversários da verdade, a quem as terríveis invectivas de Lutero ainda não tinham reduzido à humildade, ficaram por algum tempo calados, desconcertados com o aparecimento do tratado de Me-lanchton. Viram que havia outro homem tão digno de seu ódio, quanto o próprio Lutero. "Ai!" exclamaram, "pobre Alemanha! a que extremos não serás levada por êste novo acontecimento". (19)

Entre os anos de 1521 e 1595 os "Loci Communes" tiveram sessenta e sete edições, sem contar as traduções. Depois da Bíblia, foi êsse possivelmente o livro que mais contribuiu para o estabelecimento da doutrina evangélica.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) L. Ep. II. p. 176.

(2) Vide vol. II. p. 178.

(3) L. Ep. II. p. 236.

(4) L. Ep. II. p. 236.

(5) Um florin e meio, cêrca de três francos.

(9) Cochloeus. p. 50.

(10) Corp. Ref. 1. p. 137.

(11) Er. Ep. p. 949.

(12) La Somme de Theologie, Ph. Melanchton, Genève,, 1551.

(13) "Librum invictum (disse êle em outra ocasião) non solum immortalitate, sed et canone ecclesiastico dignum". (De Servo Arbitrio).

(14) "Loci Communes Theologici". Básiléiá, 1521, p. 35. Esta edição é muito rara. Para subseqüentes revisões consulte-se a de Erlangen, 1828, baseada na de Basiléia 1561.

(15) Ibid.

(16) Loc. Com. Theol. Basiléia, 1521, p. 35.

(17) Vide a edição de 1561, reimpressa em 1829, p. 14-44, os vários capítulos.

(18) Hoc est Christum cognoscere, beneficia ejus cognos-cere. Ibid.

(19) Cochloeus.

CAPÍTULO x

Opesição — Henrique VIII — Wolsey — A Rainha — Fisher Sir Thomas Morus — Livros de Lutero queimados — Ataque de Henrique contra Lutero — Apresentado ao Papa — O Efeito sôbre Lutero — Energia e Violência — Resposta de Lutero — Réplica pelo Bispo de Rochester — Réplica de Sir Thomas Morus — A Ação de Henrique.

Enquanto o "gramático" Melanchton com os seus escritos pacíficos contribuía poderosamente para a de-fesa dos princípios pregados por Lutero, alguns homens de autoridade, inimigos do 'reformador, voltavam-se violentamente contra êle. Tinha escapado do Wartburg e reaparecido no cenário do mundo, e a c'ência disto fêz renascer a ira dos seus antigos adversários.

Havia três meses e meio que Lutero se achava em Wittemberg quando, ampliado por mil línguas, chegou-lhe o boato de que um dos maiores reis da Cristandade se tinha levantado contra êle. Henrique VIII, o chefe da casa dos Tudors, príncipe descendente das famílias de York e Lancaster, em cuja pessoa ao cabo de tanto derramamento de sangue as duas rosas, Branca e Ver-melha, estavam finalmente unidas, o poderoso rei da Inglaterra, que pretendia restabelecer no continente, e especialmente em França, a influência da sua coroa, — acabava de escrever um livro contra o pobre monge de Wittemberg.

"Faz-se grande alarde sôbre um pequeno livro do Rei da Inglaterra", escreveu Lutero a Lange no dia 26 de junho de 1522. (1)

Henrique contava, então, trinta e um anos de ida-de; "era alto, robusto e bem proporcionado de corpo, e tinha um ar de autoridade e império". (2)

Sua fisio-nomia retratava a vivacidade da mente; impetuoso, supondo tudo ceder sob a veemência das suas paixões, sedento de glória, êle a princípio ocultava suas falhas naquela impetuosidade própria da juventude, não faltando bajuladores que as incentivassem. Acompanhado de seus cortesãos visitava frequentemente a casa do seu capelão, Thomas Wolsey, filho de um açougueiro de Ipswich. Dono de grande habilidade, possuído de arrogante ambição e ilimitada audácia, êsse homem, protegido do Bispo de Winchester, chanceler do reino, tinha ràpidamente galgado na esima do seu soberano, a quem atraía em sua residência para prazeres e libações que o jovem príncipe não se aventuraria a promover no palácio real.

Isto foi registrado por Polidoro Virgílio, naquela época sub-coletor do papa na Inglaterra. (3) Nessas reuniões dissolutas o capelão suplantava em licenciosidade todos os cortesãos que acompanhavam Henrique VIII. Esquecido do decôro próprio de um ministro da Igreja, cantava, dançava, gargalhava, fazia palhaçadas e entregava-se a conver-sas obscenas. (4) Por êsses meios conseguiu o primei-ro lugar

no conselho do rei, e, governando sôzinho, o reino, todos os príncipes da Cristandade foram força-dos a comprar o seu favor.

Henrique vivia em bailes, banquetes e torneios, des-baratando inconsideradamente os tesouros acumulados lentamente pela avareza do pai. Magníficos torneios se sucediam um a outro sem cessar. Nesses desportos, distinguindo-se por sua beleza máscula sôbre os demais combatentes, o rei desempenhava o papel principal. (5) Se por um momento a peleja parecesse duvidosa, então, ou pela fôrça e aprumo do jovem monarca ou pela política artificiosa dos oponentes, cabia-lhe a vitória sob os gritos e aplausos da assistência. Incensada a vaidade do jovem príncipe com aquêles triunfos fáceis, êle imaginava não haver no mundo coisa alguma a que não pudesse aspirar. Frequentemente a rainha era vista entre os espectadores. Fisionomia séria e expressão melancólica, seu ar distraído e abatido fazia um vivo contraste com o brilho e os ruídos daquelas fes-tividades. Logo após sua ascensão ao trono, e por mo-tivos políticos, Henrique VIII tinha esposado Catarina de Aragão, cinco anos mais velha que êle. Era a viúva do seu irmão Artur e tia de Carlos V.

Enquanto o marido corria atrás .dos prazeres, a virtuosa Catarina, cuja piedade era verdadeiramente espanhola, costuma-va levantar-se altas horas da noite para tomar parte silenciosa nas preces dos monges, (6) pondo-se de joe-lhos no chão nu, sem almofada ou tapête. Às cinco horas da manhã, depois de ter descansado um pouco, levantava-se de novo, vestia o hábito franciscano, pois tinha sido admitida na ordem terceira de São Fran-cisco, punha sôbre êste sua indumentária real (7) e saia para assistir na igreja o ofício das seis horas.

Duas criaturas vivendo em mundo tão diferente não poderiam por muito tempo continuar juntas. Na côrte de Henrique VIII a piedade romana contava com outros representantes além de Catarina. João Fisher, o quase septuagenário bispo de Rochester, notável pelo seu saber como por sua austeridade de maneiras, era objeto de geral veneração. Tinha sido o mais velho conselheiro de Henrique VII, e a Duquesa de Richmond, avó de Henrique VIII, chamando-o ao lado de sua cama encomendou aos seus cuidados a juventude e inexperiência do seu neto. E no meio de sua vida irregular o rei muito tempo continuou reverenciando o velho bispo como a um pai.

Outro homem, muito mais moço do que Fisher, lei-go e advogado, já tinha anteriormente chamado a aten-ção geral pelo seu talento e caráter nobre. Chamava-se Tomás, Morus, filho de um dos juizes da casa real. Era pobre, austero e diligente. Aos vinte anos de idade tentara dominar suas paixões, vestindo uma camisa de crina e ciliciando-se. Certa ocasião, chamado por Hen-rique VIII, quando ouvia missa, respondeu dizendo que o serviço de Deus vinha primeiro que o serviço do rei. Wosley apresentou-o a Henrique, que o incumbiu de várias embaixadas, mostrando

muita bondade para com êle. Muitas vêzes o mandava chamar para conversar sôbre astronomia, sôbre Wosley ou sôbre a divindade.

Na verdade o rei, pessoalmente, não era estranho às doutrinas romanas. Pareceria que, tivesse Artur vi-vido, Henrique se destinava à sé arquiepiscopal de Cantuária. Thomas Aquino, (8) São Boaventura, torneios, Elizabeth Blunt e outras amantes, — Tudo se misturava na mente e na vida daquele príncipe, que tinha em sua capela missas cantadas com músicas de sua própria composição.

Logo que Henrique VIII ouviu falar de Lutero, to-mou-se de indignação, e nem bem se conheceu na In-glaterra o decreto da Dieta de Worms, ordenou êle que fôsse posta em execução contra as obras do reformador a bula pontifical. (9) No dia 12 de Maio de 1521, Tomás Wolsey que ao cargo de chanceler da Inglaterra acumulava o de cardeal e legado de Roma, foi em solene procissão à catedral de São Paulo. Com a vaida de culminando no mais alto grau, êsse homem se julgava igual aos reis. Sentava-se numa cadeira de ouro, dormia numa cama de ouro e tinha as refeições servidas sôbre uma toalha de ouro .(10) Naquela ocasião ostentava soberba magnificência. Circundando o altivo prelado estava tôda a sua criadagem que constava de 800 pessoas, entre as quais barões, cavaleiros e filhos das mais distintas famílias que almejavam, servindo-o, obter cargos públicos. Não apenas no seu vestuário (era o primeiro eclesiástico que ousava -vestir-se tão suntuosamente) (11) cintilavam sécia e ouro, mas também na gualdrapa e arreios dos cavalos. À frente dêle ia um padre alto carregando uma coluna de prata terminada em cruz; atrás dêle outro eclesiástico de igual estatura levava o báculo arquiepiscopal de York; ao lado dêle um nobre segurava o chapéu de cardeal. (12)

Lordes, prelados e embaixadores do papa e do Imperador acompanhavam-no, seguidos por longa fila de mulas carregando malas cobertas com as mais ricas e brilhantes tapeçarias. Era aquela procissão magnifica que levava para a pira ardente os escritos do pobre monge de Wittemberg. Chegados à catedral o insolente padre colocou sôbre o altar o seu chapéu de cardeal. O virtuoso Bispo de Rochester colocando-se ao pé da cruz pôs-se, de voz agitada, a prègar enfàticamente contra a heresia. Feito isso os livros ímpios do heresiarca foram trazidos e devotamente incinerados na presença de uma imensa multidão. Tal foi a primeira menção que a Inglaterra ouviu a respeito da Reforma.

Henrique não parou aí. Êsse príncipe, cuja mão estava sempre erguida, ou contra seus adversários, suas mulheres ou seus favoritos, escreveu ao eleitor-palatino: Foi o demônio que, por intermédio de Lutero, inflamou esta imensa conflagração. Se Lutero não se converter, que seja queimado junto com os seus escritos!

(13) Isso não foi bastante. Convencido de que o pro-gresso da heresia tinha por causa a extrema ignorância dos príncipes alemães, Henrique pensou que era

chegado o momento de mostrar o seu saber. As vitórias de suas armas de guerra, não lhe permitiam 'duvidar das que estavam reservadas para a sua pena. Mas, outra paixão, a vaidade, que é sempre tanto maior quanto menor o cérebro, instigava o rei. Sentia-se humilhado por não ter nenhum titulo de "Católico" ou "Muito Cristão", como o tinham os reis de Espanha e de França, embora tivesse pedido desde muito semelhante distinção à côrte romana. Que poderia haver de melhor para consegui-lo do que um ataque contra a here sia? Henrique, despindo, por conseguinte, a púrpura real, desceu do trono para a arena das discussões teológicas. Consultou a Tomás ,d'Aquino, Pedro Lombar-do, Alexandre Hales e Boaventura, e o mundo viu a publicação da Defesa dos Sete Sacramentos, contra Martinho Lutero, pelo mais invencível rei da Inglaterra e França, Lorde da Irlanda, Henrique, o oitavo dêsse nome.

Colocar-me-ei diante .da Igreja para salvá-la", disse, em seu tratado, o Rei da Inglaterra: "receberei no peito as flechas envenenadas dos seus assaltantes. (14) O atual estado de coisas impõe-me isso. Todos os servos de Cristo, seja qual fôr a idade, sexo ou posição, deverão levantar-se contra o inimigo comum da Cristandade. (15)

"Armemo-nos de uma dupla couraça: a couraça celeste, para vencer pelas armas da verdade aquêle que combate com as armas ,do êrro; mas também a couraça terrena, para, caso êle se obstine em sua malícia, a mão do carrasco o constranja a silenciar-se e, ao menos uma vez, seja êle útil ao mundo pelo terrível exemplo de sua morte". (16)

Henrique VIII não era capaz de disfarçar o des-prêzo que sentia pelo seu fraco adversário. "Aquêle homem", disse o teólogo de coroa, "parece achar-se nas dores da parturição; depois de um labor sem precedentes não produz senão vento. (17) Tire-se a roupagem ousada à insolente parolagem com que reveste seus absurdos, como a um macaco metido em púrpura, e o que resta?... um sofisma ôco, infeliz".

O rei defende sucessivamente a missa, a penitên-cia, a confirmação, o matrimônio, a ordenação e a ex-trema unção; não poupa linguagem abusiva contra o seu oponente, chamando-o ora um lôbo do inferno, ora uma víbora peçonhenta, um membro de satanás. A própria sinceridade de Lutero foi alvo de ataque, Henrique VIII esmaga o monge mendicante com sua cólera real "e escreve", diz um historiador, "como se fôra com o cetro". (18)

Entretanto forçoso é confessar que não estava mal sua obra, considerando-se a pessoa e a idade do autor. O estilo não se mostra inteiramente desprovido de pujança, porém o público de então não cuidava de lhe fazer justiça. O tratado teológico do poderoso Rei da Inglaterra foi recebido com uma torrente de adulação. "E' a obra mais sábia que o sol jamais viu", exclamavam uns. (19) "Nós", clamavam outros, só a podemos comparar às obras de

Agostinho. Êle é um Constantino, um Carlos Magno! "Êle é mais que isso", diziam ainda outros; "êle é um segundo Salomão?"

Tais lisonjas logo transpuseram as fronteiras da Inglaterra. Henrique mandou João Clarke, deão de Windsor e seu embaixador em Roma, apresentar o li-vro ao sumo pontífice. O emissário foi recebido por Leão X em pleno consistório, onde depositou a obra real com as seguintes palavras: "O rei meu soberano assegura-lhe que, tendo refutado com a pena os êrros de Lutero, está pronto a rechassar com a espada os seus adeptos". Comovido com essa promessa Leão res- pondeu que o livro do rei não poderia ter sido escrito sem o auxílio do Espírito Santo, e conferiu a Henrique o titulo de Defensor da Fé, titulo que ainda usam os soberanos da Inglaterra.

O acolhimento dado ao livro em Roma contribuiu grandemente para aumentar o número de seus leitores. Em poucos meses muitos milhares de exemplares saíram de diversas impressoras. (20) "Todo o mundo cristão", diz Cochloeus, "encheu-se de admiração e júbilo". (21)

Tão exagerados panegíricos vieram incrementar ainda mais a já insuportável vaidade dêsse chefe dos Tudors. Êle próprio parecia não duvidar de ter sido inspirado pelo Espírito Santo. (22) Dai por diante não tolerava mais contradição alguma. O seu papado já não estava mais em Roma, e sim em Greenwich; a in-falibilidade repousava nos seus ombros. Êste fato, mais tarde, contribuiu grandemente para a Reforma na In-glaterra.

Lutero leu o livro de Henrique com um sorriso misto de desdém, impaciência e indginação. A falsi-dade e o abuso ali contidos, especialmente o ar .de desprêzo e compaixão assumido pelo rei, irritaram no mais alto grau o doutor de Wittemberg. Sua indignação crescia ainda mais em pensar que o papa tinha coroado aquela obra e que os inimigos do Evangelho triun-favam por tôda parte sôbre a Reforma, com o refor-mador já derrotado e vencido. Ademais, que razão tinha êle para contemporizar? Não estava êle lutando pela causa de um Rei maior do que todos os reis da terra? A brandura do Evangelho lhe pareceu impro-dutiva.

Ólho por ôlho, dente por dente. Ultrapassou todos os limites. Perseguido, insultado, encurralado e ferido, o leão furioso voltou-se num despertar altivo para esmagar o inimigo. Debalde o Eleitor, Spalatin, Melanchton e Bugenhagen tentaram apaziguá-lo. Qui-seram impedir que êle replicasse, porém nada o pode-ria deter. "Não hei de ser delicado com o rei da In-glaterra", disse êle. "Sei que será inútil humilhar-me, ceder, implorar, usar meios pacíficos. Por fim haverei de mostrar-me mais terrível para com essas bêstas fu-riosas que todos os 'dias me atormentam com seus chi-fres. Contra elas hei de voltar os meus. Provocarei Satanás até que êle tombe sem vida e exausto .(23)

Se êste herege não se retratar disse Henrique VIII o novo Tomás, Lutero terá de ser queimado vivo! Essas são as armas que agora usam contra mim: a fúria de estúpidos suínos e asnos da laia de Tomás d'Aquino; e depois o fogo. (24) Pois bem. Que seja! Que avancem êsses porcos; se se atreverem, e me queimem! Aqui estou eu à sua espera. Depois da minha morte, ainda que minhas cinzas fôssem lançadas em mil mares, elas se ergueriam para perseguir e devorar essa abominável corja. Vivo, serei o inimigo do papado; morto, serei a sua 'destruição. Ide, pois, suínos de São Tomás, fazer o que vos parecer bem feito. Sempre havereis de encontrar Lutero como um urso na estrada, como um leão no caminho. Saltará sôbre vós onde quer que fordes, e não vos deixará nunca em paz, enquanto não tiver quebrado as vossas cabeças de ferro e reduzido a pó vossas frontes de bronze".

Lutero começa censurando Henrique VIII por ter apoiado suas doutrinas sômente nos decretos e nas opiniões dos homens. "Quanto a mim", diz êle, "nunca cesso de bradar: Evangelho! Evangelho! Cristo! Cristo! — E meus adversários continuam respondendo: Costumes! Costumes! Ordenanças! Ordenancas! Pais da Igreja! Pais da Igreja! — São Paulo disse "Para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus. (I. Cor. ii. 5). E o apóstolo com esta inspiração vinda do céu derrota e dispersa todos os duendes dêste Henrique como o vento dispersa a poei-ra. Aterrorizados e confundidos, êsses Tomistas, Pa-pistas e Henriques caem prostrados diante do ribombo destas palavras. (25)

A seguir refuta detalhadamente o livro do rei, não nos devendo surpreender não só a perspicácia, o esp-rito, o conhecimento das Sagradas Escrituras e da his-tória da Igreja com que derruba um por um os seus ar-gumentos, mas também a convicção, o desdém e, por vêzes, a violência com que o faz.

Chegado ao fim de sua refutação Lutero mais urna vez se mostra indignado de seu oponente só ter bus-cado nos Pais da Igreja os seus argumentos, formando isso a base da controvérsia. "A tôdas as palavras dos Pais da Igreja e dos homens, dos anjos e dos .demônios", disse êle, "eu oponho, não costumes, não a multidão de homens, mas a Palavra da Eterna Majestade, o Evangelho, que até mesmo os meus próprios adversá-rios são forçados a reconhecer. A isto eu me aferro, nisto eu me firmo, disto eu me vanglorio e com isto eu exulto e triunfo sôbre todos os papistas, Thomistas, Henriques, sofistas e todos os porcos do inferno. (26) O Rei do céu está comigo; porisso eu nada temo, ainda que contra mim se levantem mil Agostinhos, mil Ciprianos e mil dessas igrejas que Henrique defende. E', uma insignificância eu desprezar e envilecer um rei da terra, quando êle próprio não receia blasfemar com a pena o Rei do céu, e profanar com as mais desavergonhadas falsidades o Seu santo nome". (27)

"Papistas!" exclamou êle em conclusão. "Então nunca haveis .de cessar vosso ocioso ataque? Fazei como quiserdes. Não obstante, diante do Evangelho que eu

prègo terão de curvar-se os papas, os bispos, padres, monges, príncipes, demônios, a morte, o pecado e tudo que não é Cristo ou não está em Cristo". (28)

Assim falou o pobre monge. Sua violência certa-mente não terá desculpa, se nos pusermos ao lado da regra a que êle próprio apelava, — a Palavra .de Deus. Também não se poderia justificá-la, alegando a rudeza da época, pois Melanchton sabia em seus escritos manter o decôro; nem tão pouco a energia do seu ca-ráter, pois que se essa energia pudesse influir na sua linguagem, a paixão poderia fazê-lo ainda mais. Melhor será, por conseguinte, que a condenemos.

Todavia é justo observar que no século dezesseis essa violência não causaria a estranheza que notaríamos em nossos dias. Os letrados de então constituíam-se em estado, tanto quanto os príncipes. Fazendo-se escritor, Henrique atacara Lutero, e Lutero respondera de conformidade com uma lei estabelecida na república das letras, e cabe-nos julgar .da verdade do que foi dito e não das qualidades de quem o disse. Acrescentaremos também que, guano êsse mesmo rei se voltou contra o papa, a grosseria alvejada contra êle pelos escritores romanos e pelo próprio papa, ultrapassou de muito quanto Lu-tero jamais dissera.

Além disso, se Lutero chamou .de asno ao Dr. Eck e de suíno a Henrique VIII, êle indignadamente repeliu a intervenção do braço secular, enquanto Eck escrevia uma dissertação para provar que os hereges deviam ser queimados e Henrique armava patíbulos a fim de conformar-se com os postulados do chanceler de Ingolstadt.

Grande foi a emoção na corte do rei. Surrey, Wol-sey e a turba de cortesãos suspenderam as festividades e representações de Greenwich, a fim de dar largas a sua indignação, usando de injúrias e sarcasmos contra Lutero. O venerável Bispo de Rochester, que se vinha deliciando de ver o jovem príncipe, confiado primitivamente aos seus cuidados, quebrando lanças em defesa da Igreja, fôra profundamente atingido pelo ataque do monge. Me replicou imediatamente; suas palavras caracterizavam distintamente a época e a Igreja. "Apanhemos as rapôsas, as pequeninas rapõsas, que nos danificam a vinha", disse Cristo no Cântico dos Cânticos. Isto nos ensina (disse Fisher) que precisamos apanhar os hereges antes de se tornarem grandes. Ora, Lutero cresceu já. E' uma grande rapôsa, tão velha, tão astuia e tão esquiva que será difícil de apanhar. Que digo eu?... uma rapôsa? O que êle é, é um cão danado, um lôbo voraz, um urso feroz, ou todos êsses animais num só; pois o monstro contém em si muitas feras. (29)

Também Tomás Morus _desceu à arena para con-tender com o monge de Wittemberg. Se bem que leigo, seu zêlo contra a Reforma chegava ao fanatismo, quando não o impelisse ao derramamento de sangue. Quando nobres de idade jovem empreendem a defesa do papado, excedem na violência até mesmo aos próprios eclesiásticos. "Reverendo, Lutero, frade, padre, beberrão, desertor da ordem de Santo Agostinho, disforme bacanal de ambos os direitos, indouto doutor de teologia".

(30) Essa a linguagem lançada contra o reformador por um dos homens mais ilustres do seu tempo. Em seguida passa a mostrar de que maneira Lutero tinha composto o seu livro contra Henrique VIII: Chamou todos os seus companheiros e solicitou que fôsse cada qual por um lado juntar tôda sorte de abusos e vilezas. Um foi frequentar as carruagens e barcos públicos; outro, os banhos e casas de tavolagem; um terceiro, as tabernas e barbearias; um quarto, os moinhos e os bordéis. Assentaram em seu livrinho de notas tudo quanto ouviram de insolente, imundo e infame; quando voltaram trazendo aquelas abominações e impurezas, despejaram tudo aquilo nesse canil imundo que se chama cabeça de Lutero. Se êle se retratar de suas falsidades e calúnias", continua Morus; "se puser de lado sua loucura e doidice e se engulir seu próprio vômito (31) ... terá quem discuta sèriamente com êle. Mas se preferir continuar como começou, galhofando, irritando, ludibriando, caluniando, vomitando estêrco e podridões (32) que outros façam o que quiserem; quanto a mim, deixaria antes o fradezinho entregue à sua pró- peia fúria e imundície. (33) Antes de Morus tivesse refreada também a sua própria fúria e imundície. Lutero jamais degradou seu estilo a um grau tão rasteiro. Êle não respondeu.

Com êsse escrito intensificou-se ainda mais a afeição de. Henrique por Morus, a quem êle ia amiúde visitar em sua modesta residência de Chelsea. Depois do jantar, apoiando-se ao ombro do seu favorito, o rei ia passear no jardim, enquanto a Senhora Morus e os filhos, escondidos atrás de uma janela, não podiam desviar dêles seu olhar admirado. Depois de um dêsses passeios, Morus, que bem conhecia o seu rei, dizia à espôsa: "Se minha cabeça lhe valesse um único castelo em França, êle não pestanejaria em cortá-la".

Assim defendido pelo Bispo .de Rochester e por seu futuro chanceler, o rei não tinha necessidade de reto-mar a pena. Atordoado de se ver tratado perante a Europa como a um escritor comum, Henrique VIII abandonou a posição perigosa que tinha assumido e, jogando fora a pena de teólogo, recorreu aos meios mais eficazes da diplomacia.

Da côrte de Greenwich partiu um embaixador, le-vando uma carta do rei ao Eleitor e aos duques da Saxônia. Lutero, a verdadeira serpente caída do céu", escreveu êle, "verte sôbre a terra os seus rios de peçonha. Excita revoltas na Igreja de Jesus Cristo, abolindo leis, insultando os poderes vigentes, inflamando leigos contra padres, leigos e padres contra o papa, súditos contra seus soberanos, e nada .deseja senão ver os cristãos lutando e destruindo-se mutuamente, e os inimigos de nossa fé açulando a carnificina com um medonho sorriso nos lábios. (34)

Que doutrina é esta a que êle chama evangélica, senão a de Wiclef? Ora, mui honoráveis tios, eu sei o que vossos antepassados fizeram para destruí-la. Na Boêmia, deram-lhe caça como a uma fera selvagem, e levando-a a um fôsso, nêle a

fecharam seguramente. Não permitireis que por vossa negligência ela se escape, a fim de que, passando para a Saxônia e dominando a Alemanha inteira, não venham suas narinas chamejantes espalhar o fogo do inferno, levando ao longe o incêndio que vossa nação quis tantas vêzes extinguir no seu sangue. (35)

"Por esta razão, mui dignos príncipes, sinto-me constrangido a exortar-vos, e mesmo pedir-vos, em nome de tudo o que há de mais sagrado, a imediata extinção da seita de Lutero: não leveis ninguém à morte, se fôr possível; todavia, se o obstinado herege continuar, então derramai sangue sem hesitar, para que essa abominável heresia desapareça de sob o céu". (36)

O Eleitor e seu irmão encaminhavam a carta do réi ao próximo conselho. E dêste modo, Henrique VIII estêve longe de conseguir o seu objetivo. "Um nome tão grande, na promiscuidade da disputa, "disse Paulo Sarpi; "só serviu para torná-la mais curiosa e predispor a opinião geral para com Lutero, como usualmente acontece nos torneios e combates, quando os espectadores se inclinam para o lado do mais fraco e se comprazem, exagerando-lhe o mérito das ações". (37)

NOTAS DE RODAPÉ

(1) "Jactant libellum. regis Angliae; sed leum illum suspicor sub pene tectum". — (Alusão a Lee, capelão de Henrique VIII e um jôgo de palavras com /ao, (leão) L. Ep. II. p. 213.

(2) Cornar, Eccl. Hist. of Gr. Brit. fol. II. p. 1.

(3) Polyd. Virgillius, Angl. Hist.., Basiléia, 1570, in fol. p. 633. — Polidoro parece ter sofrido com orgulho de Wolsey, donde sua tendência em exagerar as falhas do ministro.

(4) Ibid.

(5) Sanderus (De Schismate Anglicano, p. 4). Esta obra de Sanders, núncio papal na Irlanda, deve ser lida muito cau-telosamente por estar cheia de asserções falsas e caluniosas, como o fêz observar o Cardeal Quirini, e também o católico-romano Doutor Lingard. Vide dêste autor a História da Inglaterra. vol. VI., p. 173.

(6) Sanderus (De Schismate Anglicano p. 5).

(7) Ibid.

(8) Pol. Virg. p. 634.

(9) Pol. Virg. p. 664.

(10) Ibid.

(11) Ibid. p. 633.

(12) Ibid. p. 645.

(13) Nachlese, de Knapps, II. p. 458.

(14) "Meque adversus venenata jacula hostis eam oppug-nantis objicerem". (Assertio septem sacramentorum adv. M. Lutherum, in prologo.

(15) Ibid.

(16) Ibid.

(17) Ibid.

(18) Collyer, Hist. Eccl. Of Great Britain. p. 17.

(19) Burnet, Hist. da Reforma na Inglaterra. I. p. 30.

(20) Cochloeus, p. 44.

(21) Ibid.

(22) "Éle foi levado a imaginar que o livro tinha sido escrito com certo grau de inspiração". Burnet, Prefácio.

(23) L. Ep. II. p. 236.

(24) Contra Henricum Regem, Opp. Lat. II. p. 331. Esta linguagem nos lembra o Agitador Irlandês. Há, porém, mais fôrça e nobreza no orador do século XVI do que no do XIX. Vide Rem.te Britannique de Novembro de 1835. Le Règne cÉO'Connel. "Os suínos ensaboados da sociedade". etc., p. 30.

(25) Op. Lat. p. 336.

(26) Op. Lat. II. p. 342.

(27) Ibid. 344, verso.

(28) L. Op. Leips. XVIII. p. 209.

(29) Cochloeus, p. 60.

(30) Ibid. p. 61.

(31) Ibid. p. 62.

(32) Ibid. p. 63.

(33) Cochloeus, p. 63. Cochloeus triunfa ao citar estas. passagens, escolhendo aquilo que, ao seu sabor, constitui as mais belas partes da resposta de Morus. M. Nisard, ao contrário, no seu artigo sôbre Morus, a quem defende com calor e erudição, confessa que nesse escrito "as impurezas ditadas pela ira católicas são tamanhas, que falham tôdas as tentativas de tradução". Revue des Deux Mondes, V. p. 592.

(34) L. Op. XVIII. p. 212.

(35) Ibid.. p. 213.

(36) L. Op. XVIII. p. 213.

(37) Hist. Cons. de Trent. pp: 15-16.

CAPÍTULO XI

Movimento geral — Os Monges — Como a Re-forma foi conduzida — Crente indouto — Os Antigos e os novos Doutores — Imprensa e Literatura — Venda de livros.

Um grande movimento se estava verificando. A Reforma, que, depois da Dieta de Worms, se supunha encerrada com seu primeiro mestre no estreito aposento. de um forte castelo, estava irrompendo em tôdas as partes do império e, por assim dizer, em tôda a Gris- tandade. As duas classes até aí em mistura começavam a separar-se, e os partidários de um monge cujo único escudo era a própria língua, puseram-se irapà-vidamente diante dos servos de Carlos V e de Leão X.

Pouco tempo havia decorrido que Lutero deixara o Wartburg; o papa excomungara todos -os seus adeptos, a dieta imperial acabara .de condenar a doutrina, os príncipes esforçavam-se por extermina-la na maioria dos estados alemães, os ministros de Roma depre-ciavam-na aos olhos do povo por suas invectivas vio-lentas, e os outros estados da Cristandade exigiam da Alemanha o sacrifício de um homem cujos assaltos temiam mesmo à distância.

A nova seita, embora, pe-quena em número e entre cujos membros não havia organização, nem comunhão, nada, enfim, que centra-lizasse seu poder comum, começava já a assustar a vasta, antiga e poderosa soberania de Roma pela energia da sua fé e pela rapidez das suas conquistas. Por todo lado, como nos primeiros dias quentes da primavera, as sementes brotavam da terra espontâneamente e sem nenhum esfôrço. Todos os dias testemunhavam um novo progresso. Eram indivíduos, aldeias, vilas e cidades que se vinham agregar a esta nova confissão ao nome de Jesus Cristo. Houve impiedosa oposição, terríveis perseguições, mas permaneceu invencível o •mis-terioso poder que impelia avante todo aquêle povo. E por tôda parte prevaleceram os perseguidos sôbre •os perseguidores apressando o passo, caminhando' para o exílio, para a prisão, para a fogueira.

As ordens monásticas que Roma tinha estendido sôbre a Cristandade, qual rêde destinada a captar e aprisionar almas, foram -as primeiras a romper seus grilhões e ràpidamente espalhar a nova doutrina atra-vés da Igreja. Os Agostinianos da Saxônia tinham acompanhado a Lutero e experimentado aquela sensação intima da Palavra Sagrada que, pondo-os na, posse de Deus, destronou Roma e suas altaneiras presupçõ,es. Mas em outros conventos da ordem também havia refulgido a luz evangélica. Eram, por vêzes, homens idosos que, como Staupitz, tinham conservado as sãs doutrinas da verdade no seio da Cristandade iludida,, e ago imploravam a Deus que deixasse partirem em paz, pois seus olhos haviam vislumbrado a salvação. Outras vêzes, eram jovens que tinham recebido os ensinamentos de Lutero com a sofreguidão própria da idade. Os conventos

agostinianos de Nuremberg, Osnabruck, Dillingen, Ratisbona, Strasburg e Antuérpia, juntamente com os de Hesse e Wurtemberg, volveram-se para Jesus Cristo e, por sua coragem, excitaram a ira de Roma.

O movimento, porém, não estava circunscrito apenas aos Agostinianos. Homens de espirito elevada os imitaram nos mosteiros de outras ordens, e, não obstante o clamor dos monges relutantes em abandonar suas observâncias carnais, não obstante a ira, o repúdio, as sentenças, a disciplina, as prisões do claustro, êles destemidamente ergueram a voz em favor daquela santa e preciosa verdade que finalmente tinham encontrado ao cabo de tantas investigações penosas, tanto desespêro e dúvida e tanta luta intima. Os monges mais espirituais, piedosos e cultos na maioria dos claustros declararam-se pela Reforma. No convento franciscano de Ulm, Eberlin e Kettenbach combateram os trabalhos servis do monaquismo e as observâncias supersticiosas da Igreja, usando uma eloquência capaz de emocionar tôda a nação; e reclamaram a imediata abolição dos mosteiros e casas de má fama. Outro Franciscano, Estêvão Kempe, prègou o Evangelho em Hamburgo, e sàzinho ergueu firme barreira contra o ódio, a inveja; as ameaças, os ardis e ataques dos padres, que se irritaram de ver a multidão abandonar os seus altares para irem entusiàsticamente ouvir-lhe os sermões. (1)

Freqüentemente foram os superiores dos conventos os primeiros a ser conduzidos ao caminho da reforma. Em Halberstadt, Neuenwerk, Halle e Sagan os priores derain aos seus monges o exemplo, ou pelo menos declararam que se algum monge sentisse a consciência pesada com o fardo dos votos monásticos, longe de o deter no convento, êles prefeririam carregá-lo nos ombros e atirá-lo porta fora. (2)

Efetivamente por tôda. a Alemanha só se via mon-ge largando hábito e capelo no portão dos mosteiros. Alguns saíam expulsos pela violência dos irmãos ou dos abades; outros, de caráter brando e pacífico, não pu-deram por mais tempo suportar as contínuas disputas, abuso, clamor e ódio que os perseguia até mesmo no sono; a maioria estava convencida de que a vida mo-nástica era contrária à -vontade de Deus e à vida cris-tã. Uns chegaram a essa convicção paulatinamente, outros, subitamente, pela leitura de uma passagem na Bíblia. A indolência, rudeza, ignorância e degradação que constituíam a própria essência das ordens mendicantes, inspiraram indescritível repugnância nos homens .de espírito elevado, que não mais podiam tolerar a convivência vulgar dos seus companheiros. Certo dia parou na porta de um ferreiro de Nuremberg um Franciscano com sua caixa, pedindo esmolas. "Por que", perguntou-lhe o ferreiro, "não ganhas teu pão com o trabalho das mãos?" Ouvindo isso o robusto monge atira para longe o cajado e, agarrando o malho, põe-se a malhar vigorosamente na bigorna. O inútil mendicante tornou-se • um honesto operário. Sua caixa de esmolas e cajado foram mandados de volta ao mosteiro. (3)

Os monges não foram os únicos que se alistaram sob o estandarte .do Evangelho; padres, em muito maior número começaram a pregar as novas doutrinas. Mas a propagação dessas novas doutrinas não necessitava de pregadores, frequentemente o Evangelho atuava na mente dos homens, despertando-os de seu profundo sono, sem que ninguém tivesse dito nada.

Os escritos de Lutero eram lidos nas grandes e nas pequenas cidades, e mesmo nas aldeias; frequentemente à noite o mestre-escola os lia ao pé do fogo para numeroso auditório. Alguns dentre os ouvintes ficavam impressionados com a leitura; tomavam das Escrituras .a fim de esclarecer suas dúvidas e ficavam admirados do surpreendente contraste entre o Cristianismo da Bíblia e o seu próprio. Depois de vacilar entre Roma e as Escrituras, logo se refugiavam naquela Pa- lavra viva que irradiava tão nova e doce luz em seus corações.

Enquanto se achavam nesse estado mental, provàvelmente ali chegaria algum pregador evangélico, monge ou padre. Falando com eloqüência e convic-ção (4), anunciava que Cristo havia feito cabal repa-ração pelos pecados do seu povo, e demonstrava pelas Sagradas Escrituras a vaidade das obras e das penitências humanas. Terrível oposição então se verificava; o clero, e algumas vêzes os magistrados, empreendiam todos os esforços para prender as almas que estavam na iminência de se perderem. Havia, entretanto, na nova pregação uma grande harmonia com as Escrituras e uma fôrça oculta que ganhava todos os corações, fazendo render-se mesmo os mais rebeldes. Sob pena de perder os bens, ou a vida, se necessário fôsse, formavam fileira ao lado do Evangelho, abandonando os oradores estéreis e fanáticos do papado. (5) Algumas vêzes, o povo irritado de ter sido tanto tempo mal guiado, obrigava os padres a retirar-se; mais frequentemente, porém, deixados sôzinhos e sem dízimos, partiam voluntàriamente, tristes, à procura de ganha-pão noutra parte. (6) E enquanto os sustentáculos da antiga hierarquia abandonavam as localidades cheios de pesar, e não raro despedindo-se do antigo rebanho com palavras de anátema, o povo, a quem a verdade e a liberdade faziam exultar de alegria, acercava os novos pregadores com aclamações e, sedentos da Palavra de Deus, carregava-os como que em triunfo para dentro da igreja e para o púlpito. (7)

Uma mensagem poderosa, procedente de Deus re-genera, então à sociedade. O povo, ou seus líderes, frequentemente convidava algum homem famoso por sua fé para vir iluminá-lo; e êste homem, por amor do Evangelho, imediatamente abandonava seus interêsses e família, seus amigos e pais. (8) A perseguição, muitas vêzes, compelia os partidários da Reforma a deixa- rem suas casas. Dirigiam-se, então, a alguma locali-dade onde o novo movimento ainda não era conhecido, e ali achando uma casa que lhes dava abrigo, punham-se a falar do Evangelho, lendo um capitulo para ouvidos atentos e, talvez, pela intercessão dos novos amigos, obtinham licença de pregar uma vez, pùblicamente na igreja... Violento fogo, então, lavrava na

cidade, não havendo nada eficaz para extingui-lo. (9) Se não conseguiam pregar na igreja, procuravam outro lugar. Todo lugar se convertia em templo. Em Husum, no Holstein, Herman Tast, que regressava de Wittemberg e contra quem o clero da paróquia tinha fechado as portas da igreja, foi pregar no cemitério a uma enorme multidão, à sombra de duas grandes árvores, não longe do local onde, sete séculos antes, Anschar havia proclamado o Evangelho aos pagãos. Em Arnstadt, Gaspar Güttel, monge agostiniano, pregou na praça do mercado. Em Dantzig, o Evangelho foi anunciado numa pequena colina, fora .da cidade. Em Gosselar, um estudante de Wittemberg ensinou as novas doutrinas num pomar de limeiras, donde a denominação Irmãos Limeirenses dada aos cristãos evangélicos.

Enquanto os padres davam mostras de sua sórdida inveja aos olhos do povo, os novos pregadores diziam: De graça recebemos; de graça damos (10) Funda impressão causara na mente dos homens a idéia muitas vêzes anunciada do púlpito pelos novos pregadores, •de que Roma primitivamente enviara para os alemões uma corrupção do Evangelho e só agora estavam pela primeira vez, ouvindo a Palavra .de Cristo em sua original e celestial beleza. (11) E o nobre pensamento da igualdade de todos os homens, da universal fraternidade em Jesus Cristo, apoderou-se daquelas almas que durante tanto tempo gemeram sob o jugo do feudalismo e do papado da Idade Média (12).

Muitas vêzes, cristãos indoutos, Novo Testamento em punho, empreendiam a tarefa de justificar a dou- trina da Reforma. Os católicos que permaneciam fiéis a Roma afastavam-se alarmados, pois semente os padres e os monges estudavam a literatura sagrada. Êstes, então, se viam na contingência de assomar ao púlpito. A conferência começava, mas logo, assoberbados com as declarações das Sagradas Escrituras citadas por aquêles leigos, os padres e monges já não sabiam o que responder (13) ... "Infelizmente", diz Cochloeus, "Lutero tinha persuadido seus seguidores a não darem fé a nenhum outro oráculo além das Escrituras Sagradas". Brados se erguiam na assembléia contra a escandalosa ignorância daquêles velhos teólogos, até ali reputados como grandes escolásticos pelo seu próprio partido.

Os homens mais humildes, e também as mulheres, com o auxílio da Palavra de Deus dominavam os corações dos homens. Obra extraordinária é o resultado de tempos extraordinários. Em Ingolstadt, sob os olhos do Dr. Eck, um jovem tecelão lia as obras de Lutero diante da multidão. Nessa mesma cidade, tendo a universidade resolvido forçar um .discípulo de Melanchton a retratar-se do que dissera, uma mulher, chamada Ar-gula de Staufen, tomou a si a defesa do estudante, desafiando os doutores para uma discussão pública. As mulheres e crianças, artífices e soldados, sabiam melhor a Bíblia do que os doutores nas escolas e do que os padres nos altares.

A Cristandade estava dividida em dois grupos hostis. O aspecto de ambos mostrava contraste marcante. Em oposição aos velhos campeões da hierarquia que tinham negligenciado o estudo das línguas e o cultivo da literatura (como no-lo informou um dêles), estavam -os jovens de mentalidade generosa, devotando-se ao estudo, investigando as Escrituras e familiarizando-se com as obras-primas da antigüidade. (15) Possuidores de mente ativa, alma de escol e coração intrépido, aquêles jovens logo adquiriram tal soma .de saber que durante longo tempo ninguém pôde competir com êles.

Não foi sómente a vitalidade da sua fé que os tornou superiores aos seus contemporâneos, mas também a elegância de estilo, o perfume de antigüidade, a filo-sofia sadia e o conhecimento do mundo, coisas completamente estranhas aos teólogos "veteris farinak" corno o próprio Cochloeus os denominou. Por conseguinte, quando êsses jovens defensores •da Reforma se deparavam com os doutores romanistas em qualquer assembléia, atacavam-nos com tal facilidade e segurança que os ignorantes hesitavam, ficavam embaraçados e caíam num desprêzo bem merecido aos olhos de todos.

O velho edifício desmoronava-se sob o pêso da superstição e da ignorância, enquanto o novo levantava-se sôbre os alicerces cia fé e do saber. Novos elementos penetravam fundamente na vida do povo. O torpor e o embotamento davam, em tôda parte, lugar a um espí-rito de investigação e a uma sêde de instrução. Uma fé viva, iluminada e ativa substituiu a devoção supersticiosa, as meditações ascéticas. As obras de piedade sucederam-se às observâncias beatas e penitências. O púlpito sobrepujava o rito do altar e finalmente a antiga e soberana autoridade da Palavra de Deus fôra restituída à Igreja.

A imprensa, a poderosa máquina inventada no sé-culo quinze, veio em apôio de todos aquêles esforços, e seus terríveis projetis bombardeavam sem cessar as muralhas inimigas.

Foi imenso o impulso que a Reforma imprimiu na literatura popular da Alemanha. Enquanto que no ano de 1513 tinham aparecido apenas trinta e cinco publicações, e trinta e sete, em 1517, o número de livros aumentou com surpreendente rapidez depois do aparecimento das teses de Lutero. Foram publicadas em 1518 setenta e uma obras diferentes; em 1519, cento e onze; em 1520, duzentas e oito; em 1521, duzentas e onze; em 1522, trezentas e quarenta e sete; e em 1523, quatrocentas e noventa e oito... E onde foram tôdas elas publicadas? Na maior parte, em Wittemberg. E quem foram os seus autores? Geralmente Lutero e seus amigos. Em 1522 foram publicados cento e trinta escritos do reformador, e no ano seguinte, cento e oitenta e três. No mesmo ano apareceram ~ente vinte publicações católico-romanos (16). Dêste modo a literatura alemã viu a luz a meio de lutas, ao mesmo tempo que a sua religião. E apareceu já douta, profunda, plena de

audácia e de atividade, como ela foi vista masi tarde. Pela primeira vez o espírito nacional apareceu sem mescla, e no momento preciso do seu nascimento recebeu o seu batismo de fogo do entusiasmo cristão.

Aquilo que Lutero e seus amigos compuseram, outros deram circulação. Monges convencidos da ilegalidade das obrigações monásticas e desejosos de trocar uma longa vida de ociosidade por outra de atividade útil, mas demasiado ignorantes para proclamarem a Palavra de Deus, viajavam pelas províncias, visitando po-voados e cabanas onde pudessem vender livros de Lutero e de seus amigos. A Alemanha logo enxameava (17) com êsses audaciosos mascates-livreiros. Os impressores e vendedores de livros acolhiam àvidamente todo e qualquer escrito em defesa da Reforma, recusando porém os livros .do partido contrário, geralmente cheios de ignorância e barbarismo. Quem quer que se aventurasse, nas feiras de Frankfort ou alhures, a vender um livro em favor do papado, os comerciantes, compradores e homens de letras cumulavam-no de ridículo e sarcasmo. (18)

Em vão o Imperador e os príncipes publicaram editos severos contra os escritos do reformador. Tão depressa se tivesse notícia de uma visita inquisitorial, os livreiros, secretamente informados de antemão, ocultavam os livros destinados à proscrição; e a multidão, sequiosa como sempre pelas coisas proibidas, imediatamente os comprava e lia com maior avidez. Não era só na Alemanha que se verificavam cenas semelhantes. As obras de Lutero tinham sido traduzidas em francês, espanhol, inglês e italiano, e circulavam nessas nações.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Seckendorff, p. 559. ,

(2) Seckendorff, p. 811.

(3) Ranke, Deutsche Geschichte, II. p. 70.

(4) Cochloeus p. 52.

(5) Cochloeus p. 52.

(6) Ibid. p. 53.

(7) Ibid.

(8) Ibid.

(9) Ibid. 54.

(10) Coehloeus p. 53.

(11) Ibid.

(12) Ibid.

(13) Ibid.

(14) Ibid.

(15) Cochloeus p. 54.

(16) Ranke Deutsche Gesch. II. p. 79.

(17) Cochloeus p. 54.

(18) Ibid.

CAPÍTULO XII

Lutero em Zwickau — O Castelo de Freyberg — Worms — Frankfort — Movimento universal —Wittemberg, o Centro da Reforma — Os Sentimentos de Lutero.

Se os instrumentos mais insignificantes produziam tão tremendos choques em Roma, que dizer quando se fazia ouvir a voz do monge de Wittemberg? Logo em seguida ao .desmascaramento dos novos profetas, Lutero, em trajes de leigo, atravessou de carro os territórios do Duque Jorge. Seu hábito estava escondido e o reformador parecia ser um simples camponês. Se fôsse reconhecido e caísse nas mãos exasperadas do duque, sua sorte talvez estivesse selada. Ia pregar em Zwickau, a terra natal dos pretensos profetas. Logo que se soube disso em Schneeberg, Annaberg e lugares circunvi-zinhos, a multidão se acercou dêle. Quatorze mil pessoas afluíram para a cidade, e como não houvesse igreja capaz de conter tal número, Lutero foi à sacada do paço municipal e dali pregou diante .de uma audiência de vinte e cinco mil almas apinhadas na praça do mercado, muitos dos quais subiam em montes de pedra britada que havia na proximidade do edifício (1)

O servo de Deus dissertava com ardor sôbre a eleição da graça, quando, súbito, partiram gritos do seio da multidão. Uma velha com rosto transfigurado, postada sôbre um monte de pedra, estendera os braços emaciados, parecendo querer com as mãos descarnadas impedir a multidão prestes a cair prostrada aos pés de Jesus. Seus gritos selvagens interromperam o pregador. "Foi o demônio", disse Seckendorff, "que assumiu a forma de uma velha para provocar distúrbio"- (2) Porém foi tudo em vão: as palavras do reformador silenciaram o espírito maléfico e o entusiasmo se apoderou daqueles milhares de ouvintes, que se entreolharam cheios de admiração, trocavam apertos ,de mão, de sorte que os monges, logo confundidos e incapazes de evitar a tempestade, resolveram sair de Zwickau.

No castelo de Freyberg residia Henrique, irmão do Duque Jorge. Sua espôsa, princesa de Mecklenburg, tinha-lhe dado, no ano precedente, um filho que recebera o nome de Maurício. O Duque Henrique combinava a rudeza e maneiras abrutas de um soldado, com seu gôsto pela boa mesa e pelos prazeres. Em outros aspectos, era piedoso, consoante a moda da época; tinha visitado a Terra Santa e peregrinado a São Tiago de Compostela. Frequentemente dizia: "Em Compostela coloquei cem florins de ouro no altar do santo e lhe disse: Oh, São Tiago, para agradar-te eu aqui vim; faço-te presente dêste dinheiro, mas não poderei evitar que êsses patifes (os padres) to tirem. Por conseguinte toma sentido!" (3)

Um Franciscano e um Dominicano, ambos discípulos de Lutero, pregaram durante algum tempo o Evangelho em Freyberg. A duquesa, cuja devoção lhe havia

inspirado horror pela heresia, escutava os sermões, admirada de achar naquela suave mensagem do Salvador o objeto que lhe tinham ensinado a temer. Gradualmente seus olhos se abriram, e ela encontrou a paz em Cristo Jesus. Logo que o Duque Jorge soube que, em Freyberg, se pregava o Evangelho, instou com seu irmão para que se opusesse àquelas inovações. O chanceler Strehlin e os cônegos o acompanharam no seu fanatismo. Violenta explosão ocorreu na côrte de Freyberg. O Duque Henry repreendeu e censurou a espôsa, e mais de uma vez a piedosa senhora regou com lágrimas o berço do filho. Pouco a pouco, entretanto, suas orações e sua brandura venceram o coração do marido, suavizando a rudeza daquele homem. A harmonia retornou aos cônjuges, que puderam, então, orar juntos, ao lado do infante adormecido. Grandes destinos pairavam sôbre aquela criança, e daquele berro sôbre o qual uma mãe cristã tinha tantas vêzes vertido seus pesares, Deus iria tirar, um dia, o libertador da Reforma.

A intrepidez de Lutero tinha excitado a população de Worms. O decreto imperial aterrorizava os magistrados; tôdas as igrejas estavam fechadas, mas, numa praça pública apinhada de povo, sôbre um púlpito improvisado, um pregador proclamava com acentos persuasivos o Evangelho. Quando as autoridades se mostravam dispostas a intervir, os ouvintes se dispersavam num instante, carregando sorrateiramente com êles o rústico púlpito para, logo depois de amainada a atmosfera, de novo o erguerem num local mais abrigado, onde todos voltavam a comprimir-se para ouvir a Palavra de Cristo. Aquêle púlpito ambulante era levado todos os dias para um local diferente, servindo para encorajar o povo, ainda emocionado com o grande drama recentemente desenrolado na sua cidade. (4)

Em Frankfort-sôbre-o-Maine, uma das principais ci-dades livres do Império, tudo estava em tumulto. Um corajoso evangelista, Ibach, pregava a salvação em Jesus Cristo. Irritado com aquêle audacioso colega o clero, em cujo meio se achava Cochloeus, tão notório pelos seus escritos e pela sua oposição, denunciou-o ao Arce-bispo de Mogúncia. O conselho se propôs a defendê-lo, embora timidamente, mas sem resultado, pois que o clero demitiu o ministro evangélico, forçando-o a deixar a cidade. Roma triunfava; tudo parecia perdido, os po-bres crentes imaginavam-se para sempre privados da Palavra; mas no momento preciso, quando os citadinos pareciam dispostos a render-se aos padres tiranos, muitos nobres se declararam pelo Evangelho. Max de Moinheim, Harm.uth de Cronberg, Jorge de Stockeim e Emeric de Reiffenstein, cujos estados eram próximos a Frankfort, escreveram ao conselho: "Somos constrangidos a nos erguer contra os lôbos espirituais". E dirigindo-se ao clero, disseram: "Abraçai a doutrina evangélica, chamai novamente Ibach, ou então recusaremos a pagar-vos os dízimos!"

O povo que ouvia alegremente a Reforma, encorajado pela linguagem dos nobres, começara a movimentar-se. Assim, certo dia, justamente quando Pedro Mayer, o perseguidor de Ibach e mais acirrado inimigo da Reforma, ia pregar contra os

hereges, ouviu-se um grande alarido. Alarmado diante daquilo Mayer saiu precipitadamente da igreja. Êsse movimento levou o conselho a uma decisão. Todos os pregadores foram, por proclamação, convidados a escolher entre pregar a pura Palavra de Cristo ou sair da cidade.

A luz partida de Wittemberg, corno que partindo' do coração da nação, irradiava seus raios através de todo o Império. No oeste„ — Berg, Cleves, Lippstadt, Munster, Wesel, Miltenberg, Mogúncia, Deux Ponts e Strasburg ouviam o Evangelho; no sul, Hoff, Schlestadt, Bamberg, Esslingen, Halle na Suábia, Heilbrunn, Augsburg, Ulm e muitos outros lugares a recebiam com júbilo. No este, — Pomerânia, Prússia e o ducado de Liegnitz abriram-lhe as portas. No norte, Brunswick, Halberstadt, Gosslar, Zell, Friesland, Bremen, Hamburg, Holstein e mesmo a Dinamarca com outros países vizinhos comoviam-se aos sons dessa nova doutrina.

O Eleitor Frederico tinha declarado que permitiria aos bispos pregar livremente nos seus estados, mas que não lhes entregaria ninguém. Conseguintemente logo buscaram refúgio na Saxônia todos os pregadores evangélicos que se viam perseguidos em outros países. Ibach de Frankfort, Eberlin de Ulm, Kauxdorf de Magdeburg, Valentine Mustéus, a quem os cônegos le Halberstadt haviam mutilado horrivelmente (5), e outros ministros fiéis provenientes de tôdas as partes da Alemanha, fugiram para Wittemberg, como o único abrigo onde estariam seguros. Ali conversavam com os reformadores, aos pés de quem se robusteceram na fé, comunicando-lhes as suas experiêncais e os conhecimentos que tinham adquirido. Assim é que pelas nuvens as águas dos rios voltam da vasta expansão dos mares a nutrir as geleiras de onde primitivamente desceram às planícies.

A obra que estava evoluindo em Wittemberg, for-mada de elementos tão diversos, foi-se tornando mais e mais a obra da nação, da Europa e da Cristandade. Essa escola fundada por Frederico e desenvolvida por Lutero, era o centro de uma imensa revolução que regenerou a Igreja, imprimindo-lhe uma unidade viva e real, muito superior à aparente unidade de Roma.

A Bíblia reinava em Wittemberg, e os seus oráculos se faziam ouvir por todos os lados. Essa escola, a mais recente de tôdas, tinha assumido na Cristandade a categoria e a influência até então exclusiva da antiga uni-versidade de Paris. As multidões que para ali acorriam de tôdas as partes da Europa davam ciência das necessidades da Igreja e das nações; e quando deixavam aquelas muralhas, agora sagradas para todos, levavam de volta consigo, para a Igreja e para os povos, a Palavra da Graça destinada a curar e salvar as nações.

Testemunhando êsse êxito Lutero sentiu crescer em si a confiança. Contemplando aquêle frágil empreendimento, começado a meio de tantas lutas e temores e agora alterando a face do mundo cristão, êle quedava admirado diante do resultado. Nada semelhante a isso tinha êle previsto quando pela primeira vez se

ergueu contra Tetzel. Prostrado perante Deus, que adorava, confessava ser dÉle a obra, exultando na certeza de uma vitória que não lhe podia ser tirada. Nossos inimigos nos ameaçam com a morte", disse êle a Harmuth de Cronberg; "se tivessem tanto de sabedoria quanto têm de insensatez, êles ao contrário nos ameaçariam com a vida. Que absurdo e insulto, pretender ameaçar de morte a Cristo e aos cristãos, quando êstes são êles próprios, os senhores e conquistadores da morte! ... (6)

Seria como se eu quisesse amedrontar um homem selando-lhe o cavalo e depois ajudando-o a montar. Não saberão êles que Cristo ressurgiu dos mortos? Aos olhos dêles Êle ainda jaz sob a lage do sepulcro, mais qt.r. isso — no inferno., Nós, porém, sabemos que Êle vive" Sentia-se desgostoso de lhe atribuírem a autoria de urna obra em cujos mínimos detalhes êle percebia a mão de Deus. "Muitos crêem por minha causa", disse êle, "mas ~ente crêem de verdade aquêles que continuariam crendo ainda que ouvissem dizer (Deus não permita tal) que eu tinha negado a Jesus Cristo. Os verdadeiros dis-cípulos acreditam não em Lutero, mas em Jesus Cristo.

Quanto a mim, pouco me preocupo com Lutero. (7) Que importa, seja êle um santo ou um patife? Não é êle que eu prego, mas Cristo. Se o demônio o puder levar, que o leve! Mas, permaneça Cristo conosco, que também seremos salvos.

Na realidade, debalde tentariam os homens explicar êsse grande movimento por meras circunstâncias humanas. Os homens de letras, é certo, aguçaram sua perspicácia e despediram afiadas flechas contra o papa e contra os frades; o brado de liberdade que tantas 'vêzes a Alemanha erguera contra a. tirania dos italianos, novamente ecoou nos castelos e províncias; o povo se rejubilava com o canto do "rouxinol de Wittemberg", o arauto da primavera que despontava por tôda parte. (8)

Mas não era um simples movimento exterior, semelhante àquêle que ia em curso, inspirado na ânsia ,de liberdade terrena. Os que afirmam que a Reforma se verificou pelo subôrno de príncipes cobiçosos das riquezas dos mosteiros, pelo desejo de padres casarem-se — e pelo subôrno do povo com a promessa da liberdade, incidem em curioso êrro no que concerne à natureza da mesma. Sem dúvida a aplicação útil dada aos fundos que até então serviam para a indolência dos monges, ou o casamento e a liberdade, dádivas que procedem direta-mente de Deus, teriam favorecido o desenvolvimento da Reforma. Mas a fonte principal não estava ali. Pro-cessava-se nos recessos do coração humano uma revolução interior. Os cristãos estavam aprendendo novamente a amar, a perdoar, a orar, a sofrer e, mesmo, a morrer por uma verdade que não oferecia repouso se-não no céu. A Igreja passava por uma fase de trans-formação.

A Cristandade estava quebrando os grilhões em que ficou por tanto tempo aprisionada e voltava-se com vigor e vida para um mundo esquecido de antigo poder. A mão que criara o mundo estava novamente voltada para êle; e o Evangelho,

reaparecendo no meio das nações, imprimiu-lhe novo impulso a despeito dos esforços violentos e repetidos de padres e de reis. Como o oceano que sobe majestoso e calmo a longo de suas praias, quando a mão de Deus repousa sôbre a sua superfície, assim também não há poder humano capaz de resistir ao seu progresso.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Seck. p. 539.

(2) Ibid.

(3) Ibid. p. 430.

(4) Seck. p. 436.

(5) Hamelmann, Historia refleti Evangelii, p. 880.

(6) L. Ep. II. p. 164.

(7) Ibid. 168.

(8) Wittemberger Nachtigall, um poema de Hans Sachs, 1523.

LIVRO X. AGITAÇÕES, REVESES E PROGRESSO. 1522 a 1526.

CAPÍTULO I

Elemento Político — Falta de Entusiasmo em Roma — Cêrco de PampIona — Coragem de Inácio — Transição — Lutero e Loiola — Visões — Dois Princípios.

A Reforma que a principio existiu no coração de alguns homens piedosos, tinha agora entrado no culto e na vida da Igreja, e era natural que, dando mais um passo, penetrasse também nas relações civis e na vida nas nações. Seu progresso foi sempre de dentro para fora. Estamos no momento de ver essa grande revolu-ção tomar posse da vida política do mundo.

Nos últimos oito séculos a Europa era um vasto estado sacerdotal. Imperadores e reis viviam sob o patrocínio de papas. Se alguém oferecesse resistência enérgica, particularmente na Alemanha e em França, às suas audaciosas pretensões sempre prevalecera Roma. Os príncipes, dóceis agentes de seus temerosos decretos, lutaram a fim de conseguir o domínio romano sôbre os fiéis, e deramaram profusamente, em favor do papado, o sangue do seu povo.

Nesse vasto estado eclesiástico, do qual o papa era o chefe, não havia injúria que não afetasse as relações políticas. Dois grandes ideais agitavam, então, a Alemanha. De um lado, o desejo do revivescimento da fé, de outro, o anseio de um govêrno nacional, em que os estados alemães pudessem ser representados, contrabalançan-do assim o poder dos imperadores (1).

O Eleitor Frederico havia insistido neste último ponto, na eleição do sucessor de Maximiliano, e o jovem Carlos tinha cedido. Em consequência disso, fôra orga-nizado um govêrno nacional que consistia do governador imperial e de representantes dos eleitores e das circunscrições administrativas do país.

Dêste modo Lutero reformara a Igreja, enquanto que Frederico da Saxônia reformara o Estado.

Entretanto, se bem que simultâneamente com a re-forma religiosa fôssem introduzidas importantes modi-. ficações políticas pelos lideres da nação, era para se temer que o povo também se pusesse em atividade e, com seus excessos, comprometesse as reformas, tanto na política como na religião.

Essa intromissão violenta e fanática do povo e de certos agitadores, que parece inevitável, quando a sociedade se acha abalada, e numa fase -de transição, não deixou de se manifestar na Alemanha, no período que estamos descrevendo.

Outras circunstâncias houve, que também contribuíram para que surgissem tais desordens.

O Imperador e o papa estavam mancomunados contra a Reforma, que parecia na iminência de tombar sob os golpes de dois tão poderosos inimigos. Política, ambição e interêsse compeliam Carlos V e Leão X a tentar a sua destruição. Porém são dois pobres campeões para -contender contra a verdade- A devoção a uma causa considerada como sagrada só poderá ser vencida por outro igual devotaraento. Os habitantes de Roma, cedendo aos impulsos de um Leão X, entusiasmavam-se por um soneto ou por uma melodia, mas eram inteiramente apáticos à religião de Jesus Cristo. Ao invés de purificar e retemperar o coração no Cristianismo dos apóstolos, era de alianças, guerras, conquistas e tratados, que lhes valiam novas províncias, que se ocupavam constantemente. Assim, com frio menosprezo, deixaram que a Reforma despertasse por tôda parte o entusiasmo religioso e marchasse triunfante rumo a conquistas mais nobres. O inimigo que, na basílica de Worms, tinha sido votado à destruição, reaparecia agora cheio de confiança e vigor; a luta seria dura e o sangue deveria correr.

Contudo parecia que estavam desaparecendo, nesse tempo, muitos dos perigos mais iminentes que ameaçavam a Reforma. E' verdade que pouco antes da publicação do edito de Worms, num dia cru que se achava com. seu confessor ao pé de uma janela do palácio, o jovem Carlos levara a mão ao coração dizendo: "Juro enforcar nesta janela o primeiro homem que se declarar Luterano depois da publicação do meu edito". (2) Porém não durou muito; seu zêlo arrefecera consideràvelmente. Tinha sido recebido friamente o seu projeto para fazer reviver a antiga glória do santo Império, isto é, para intensificar o seu próprio poder. (3) Descontente com a Alemanha, êle deixou as margens do Rheno e foi para os Países-Baixos, onde se valeu de sua residência ali para permitir aos monges as satisfações que se achara impossibilitado de dar-lhes no seu Império. Em Gand as obras .de Lutero foram queimadas pelo carrasco com tôda a solenidade. Mais de cinqüenta mil espectadores estiveram presentes a êsse auto-de-fé, a que o próprio Imperador assistiu com um sorriso de aprovação. (4) Dai êle seguiu para a Espanha onde guerras e dissenções internas o forçaram, pelo menos por algum tempo, a deixar a Alemanha em paz. Desde que lhe recusaram no Império o poder ao qual pretendeu, outros que caçassem, se quisessem, o herege de Wittemberg. Problemas mais graves lhe reclamavam a atenção.

Com efeito, Francisco L impaciente para medir fôrças com o seu rival, tinha lançado o desafio. Sob o pretexto de restabelecer os filhos de João d'AJbret, rei •de Navarra, no seu patrimônio, começara uma luta san-grenta destinada a durar tôda a sua vida, quando mandou para aquêle reino, sob o comando de Lesparre, um exército, cujas rápidas conquistas só fizeram alto diante da fortaleza de Pamplona.

Naquelas fortes muralhas deveria inflamar-se um entusiasmo destinado mais tarde a opôr-se ao entusiasmo do reformador, e a insuflar no papado um novo

espírito de energia, devotamento e contrôle. Pamplona estava por assim dizer fadada a ser o berço do rival do monge de Wittemberg.

Sómente na Espanha sobrevivia o espirito da cavalaria que durante tanto tempo tinha animado o mundo cristão. As guerras contra os Mouros, apenas termina-das na Península, porém irrompendo continuamente na África, com as expedições distantes e cheias de aventura de além-mar, imprimiram nos jovens de Castela êsse entusiasmo ingênuo, de que o Amadis é o modêlo ideal.

Entre os defensores de Pamplona havia um jovem cavaleiro, Inigo Lopez de Recaída, o mais moço duma família de treze filhos. Recaída, mais conhecido como Inácio de Loiola, tinha sido educado na côrte de Fernando, o Católico. Era gracioso de corpo, (5) perito no manejo da espada e da lança, e ambicioso de conquistar a fama da cavalaria. Paramentar-se de armas luzidias e montar um nobre ginete (6) expôr-se aos brilhantes perigos dos torneios, meter-se em emprêsas arriscadas, compartilhar das lutas envenenadas dos partidos (7) e dedicar tanta afeição para São Pedro como para a sua amada — eis a vida dêsse jovem cavaleiro.

Tendo partido para a Espanha em busca de refôr-ço, o governador de Navarra tinha confiado a Inigo e a alguns nobres a defesa de Pamplona. Êstes, percebendo a superioridade das tropas francesas, resolveram retirar-se. Inigo conjurou-os a fazer frente contra Lesparre; vendo, porém a resolução em que se achavam de cumprir o que disseram, olhou-os com indignação. acusando-os de cobardia e perfídia. Em seguida lançou-se sózinho para dentro da cidadela, decidido a mantê-la mesmo a custo a própria vida. (8)

Os franceses que foram recebidos entusiàsticamente em Pamplona intimaram o comandante da fortaleza a render-se: "Soframos tudo", disse Inigo impeuosa-mente aos seus companheiros, "menos a rendição" (9). Diante disso os franceses se puseram a bombardear as muralhas com suas poderosas máquinas e logo tentaram o assalto. A coragem e as exortações de Inigo incenderam o ânimo dos espanhóis, que rechassaram os assaltantes com flechas, espadas e machados. Inigo combateu à frente dêles; de pé na muralha, olhos faiscando de cólera, o jovem cavaleiro brandia a espada, sob a qual ia tombando o inimigo. Súbitamente uma bala de canhão bateu contra a muralha, bem próximo de onde êle estava, e uma lasca de pedra lhe feriu gravemente a perna direita, enquanto que o projetil, ricocheteando com a violência do impacto, quebrou-lhe a perna esquerda. Inigo caiu sem sentidos (10). A guarnição rendeu-se imediatamente. Os franceses, porém admirando a coragem do jovem adversário, o levaram numa liteira ao castelo de Loiola, residência de seus pais. Naquela mansão senhorial, da qual mais tarde tirou seu nome, Inigo tinha nascido, oito anos depois de Lutero, numa das mais ilustres famílias daquele país.

Dolorosa operação teve que suportar. Inigo, po-rém, cerrando os punhos, sofrendo a mais acerba dor, não deixou escapar um único gemido (11).

Condenado a uma fastidiosa inatividade, êle pre-cisou dar emprêgo à sua imaginação ativa. Na ausência de romances de cavalaria, que até então tinham sido o seu pão intelectual, êle tomou a vida de Jesus Cristo, e as lendas ou Florilégios dos Santos. Dadas as suas circunstâncias de isolamento e enfermidade, aquêle gênero de leitura produziu em sua mente urna extraordinária impressão. A vida ruidosa de torneios e batalhas, que até ali tinha ocupado com exclusividade o seu pensamento, parecia ir-se recuando, desaparecendo e sumindo de sua vista, enquanto que ao mesmo tempo uma visão de outra carreira mais gloriosa parecia vir-se abrindo aos seus olhos admirados.

As ações humildes dos santos e seus sofrimentos heróicos pareceram-lhe muito mais dignos de aplauso do que todos os altos fei-tos de armas e cavalaria. Estirado sôbre a cama, prêsa da febre, êle se entregou aos pensamentos mais contraditórios. O mundo que estava abandonando e o mun'do de santas mortificações que se abria diante dêle, um com os seus prazeres e outro com a sua austeridade, mais desesperados conflitos. Que dizer se eu fôsse agir como São Francisco ou São Domingos?, dizia êle. (12)

Então surgia diante dêle a imagem da jovem a quem tinha empenhado seu coração: "Ela não é condêssa", exclamava com vaidade ingênua, "nem duquesa; mas sua posição é muito mais elevada do que a de qualquer das duas". (13) Pensamentos como êsse o enchiam de aflição e enfado, enquanto que a idéia de imitar os santos lhe inspirava paz e alegria.

A partir dêsse período sua escolha estava feita. Logo que sua saúde ficou restabelecida, determinou dizer adeus ao mundo. Depois de ter, como Lutero, participado de um festim com seus antigos camaradas d'armas, partiu sozinho, em grande sigilo, (14) com destino às celas solitárias que os eremitas de São Benedito tinham talhado na rocha do Monte Serrat. Impulsionado, não por alguma sensação de pecado ou porque sentisse necessidade da Divina graça, mas por um desejo de tornar-se um "cavaleiro da Virgem" e conseguir renome com mortificações e obras piedosas, consoante o exemplo de todo o exército de santos, êle confessou três dias seguidos, deu a um mendigo seu rico vestuário, e vestiu um rústico hábito, cingindo a cintura com uma corda. (15)

Lembrando-se, então, das célebres -vigílias armadas de Amadis de Gaulo, ergueu a espada diante de uma imagem de Maria, passou a noite vigiando em seu novo e estranho hábito, e, ora de joelhos, ora de pé, mas sempre orando com um cajado de peregrino na mão, repetiu tôdas as práticas devotas observadas antes dêle pelo ilustre Amadis. "E foi assim que", diz o seu biógrafo, o Jesuíta Maffei, enquanto Satanás armava Lutero contra tôdas as leis humanas e divinas, enquanto aquêle infame heresiarca aparecia diante de Worms, declarando impiamente guerra à sé apostólica, Cristo, a um apêlo da sua celestial providência, despertava este novo

campeão, tomando-o, não só a êle como. também aos que lhe deviam seguir as pegadas, para o serviço do pontífice romano, na oposição à licenciosidade e fúria da depravação herética. (16)

Conquanto ainda trôpego de urna das pernas, Loiola arrastou-se por caminhos tortuosos e solitários a Man-resa, onde entrou para um convento Dominicano a fim de nesse lugar escondido, dedicar-se às mais severas mortificações. Como Lutero, êle 'diàriamente, pedira seu pão de porta em porta. (17) Passava sete horas de joelhos e açoitava-se três vêzes por dia; à noite le-vantava-se para orar; deixou crescer cabelo e unhas, e no rosto pálido daquele monge de Manresa teria sido impossível reconhecer-se o jovem e brilhante cavaleiro de Pamplona.

Entretanto a hora chegara quando as idéias reli-giosas, que até então não tinham passado de mero di-vertimento cavaleiresco a Inigo, deveriam desenvolver-se nêle e dar-lhe a sensação de um poder que lhe era ainda estranho. Súbitamente, sem nada que o prevenisse, desapareceu-lhe a alegria que sentia. (18). Debalde recorria à prece e ao canto de hinos; não podia encontrar sossêgo. (19) Sua imaginação tinha cessado de evocar agradáveis ilusões; ficara sõzinho com a sua consciência. Um estado mental tão novo para êle, era-lhe incompreensível, e timidamente se perguntava se, depois de todos os sacrifícios que fizera, Deus ainda estaria zangado com êle- Noite e dia negros terrores lhe convulsionavam a alma; vertia lágrimas amargas e, em altos brados, clamava pela paz de espírito que havia perdido... mas tudo em vão. (20) Recomeçou, então, a longa confissão que tinha feito em Monte Serrai. "Tal-vez", pensou êle, "eu tenha esquecido qualquer coisa". Porém essa confissão só serviu para lhe incrementar a angústia, pois que o fazia lembrar de todos os seus êrros. Vagueava por ali sombrio e acabrunhado, a consciência lhe dizia continuamente nada ter feito senão somar pecado a pecado; e o desventurado homem, vitima de assoberbantes terrores, enchia o claustro com os seus gemidos.

Foi quando pensamentos estranhos entraram no seu coração. Não achando consolação na confissão nem as várias ordenanças da Igreja (21), começou, como Lutero, a duvidar da sua eficácia. Ao invés, porém, de abandonar as obras dos homens e procurar a auto-suficiente obra de Cristo, êle se perguntou se não deveria volver aos prazeres do mundo. A alma saltou-lhe exuberante à idéia das delicias do mundo a que êle tinha renunciado, (22) mas, incontinenti, recuou assustada.

Haveria, nesse estágio, alguma diferença entre o monge de Manresa e o monge de Erfurt? Sem dúvida, — em pontos secundários. O estado de alma, contudo, em ambos era idêntico. Ambos sentiam profundamente a multidão dos seus pecados. Ambos buscavam sua reconciliação com Deus, e ansiavam por ter no coração essa certeza. Se aparecesse um Staupitz no convento de Manresa com uma Bíblia possivelmente Inigo se teria tornado o Lutero da Península. Êsses dois grandes homens do século dezesseis, fundadores de duas fôrças espirituais que durante três

séculos vêm travando mútuo combate, naquele momento eram dois irmãos: se se tivessem encontrado, Lutero e Loiola ter-se-iam abraçado e teriam misturado suas lágrimas e suas preces.

Mas a partir dêsse ponto os dois monges estavam destinados a tomar rumo completamente diferente.

Em. vez de sentir que o remorso lhe fôra mandado para conduzi-lo ao pé da cruz, Inigo convenceu-se de que aquela censura íntima provinha, não de Deus, mas do demônio; por isso decidiu não mais pensar nos seus pecados. Apagá-los da memória e sepultá-los no esquecimento eterno, (23) seria a melhor coisa a fazer. Lutero se voltara para Cristo; Loiola buscara, em si mesmo, a solução dos seus conflitos.

Não tardaram visões que viessem consolidar Inigo na convicção a que tinha chegado. Suas próprias reso-luções se tornaram substitutos à graça do Senhor; suas próprias lucubrações tomaram o lugar da Palavra de Deus. Julgava ser voz do demônio a voz de Deus que ouvira na sua consciência, e, consequentemente, o restante de sua história o retrata como .dado às inspirações do espírito das trevas.

Certo dia Loiola se encontrou com uma velha, tal como Lutero, em sua hora de prova, fôra visitado p'r um ancião. Porém a velhota de Espanha, em lugar de proclamar a remissão dos pecados ao penitente de Manresa, predisse-lhe aparições de Jesus. Ésse era o Cristianismo a que Loiola, como os profetas de Zwickau re-corria. Inigo não procurava nas Sagradas Escri-turas a verdade, mas imaginava, em lugar disso, a co-municação direta com o mundo dos espíritos. Breve passou a viver inteiramente em êxtases e contemplação.

Certo dia, a caminho da igreja de São Paulo, fora da cidade, sentou-se à margem do Llobregat, mergulhado em meditações. Seus olhos se fixaram nas águas do rio que funda e silenciosamente rolavam adiante dêle. Estava mergulhado em pensamento quando, súbito, caiu em êxtase; viu com os olhos físicos aquilo que só com dificuldade, depois de muita leitura, vigília e estudo, pode o homem entender. (24) Êle se pôs de pé e, ficando ereto à margem do rio, pareceu-lhe transformar-se em outro homem Ajoelhou-se, então, ao pé de uma cruz que se encontrava ali perto, pronto a sacrificar a vida ao serviço da causa, cujos mistérios lhe acabavam de ser revelados.

A partir de então suas visões se tornaram mais e mais frequentes. Sentando-se um dia nos degraus da igreja de São Domingos, em: Manresa, entoava um hino à Santíssima Virgem, quando, súbito, sua alma entrou em êxtase; quedou-se imóvel, absorto na contemplação, pois o mistério da Santíssima Trindade revelou-se à sua vista sob magnificentes símbolos. (25) Verteu lágrimas, encheu a igreja de soluços e o dia todo não fêz outra coisa senão falar dessa inefável visão.

Essas numerosas aparições tinham-Ihe afastado tôdas as dúvidas; êle acreditava, não como Lutero, porque as coisas da fé estivessem escritas na Palavra de Deus, mas por causa das visões que tinha tido. "Mesmo que não houvesse Bíblia", dizem os seus apologistas, "mesmo que tais mistérios nunca tivessem sido revelados nas Escrituras, (26) êle teria acreditado nêles, porque Deus lhe havia aparecido". (27) Lutero, ao receber o grau de doutor, tinha prestado juramento às Sagradas Escrituras (28) e a única infalível autoridade da Palavra d,e Deus tinha-se tornado o princípio fundamental da Reforma. Loiola, por êsse tempo, apegou-se a sonhos e visões; e aparições quiméricas se tornaram o princípio da sua vida e da sua fé.

A estada de Lutero no convento de Erfurt e a de Loiola no de Manresa explicam-nos, uma, a Reforma, outra, o moderno Papado. O monge que devia reani-mar o exaurido vigor de Roma, partiu para Jerusalém, depois •de deixar o claustro. Não o acompanharemos nesta peregrinação, porquanto ainda o havemos de encontrar no curso desta história.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Dêste modo Lutero reformara a Igreja, enquanto que Frederico da Saxônia reformara o Estado.

(2) Pallavicini L p. 130.

(3) MS na biblioteca corsini, publicado por Ranke.`

(4) Pallav. 1. p. 130.

(5) Maffei — "Vita Loyolae", 1586, p. 3.

(6) Ibid.

(7) Ibid.

(8) Ibid.

(9) Ibid.

(10) Ibid. p. 7.

(11) Maffei — "Vita Loyolae", 1586, p. 8.

(12) Acta Sanct. VII. p. 634.

(13) Ibid.

(14) Maffei, p. 16.

(15) Ibid. p. 20.

(16) Maffei, p. 21.

(17) Ibid. p. 23.

(18) Ibid. p. 27.

(19) Ibid.

(20) Ibid. p. 28.

(21) Maffei, p. 29.

(22) Ibid. p. 30.

(23) Ibid. p. 31.

(24) Maffei. p. 32.

(25) "Em figuras de três teclas".

(26) Acta Sanct.

(27) Maffei. p. 34.

(28) Vol. L p. 72.

CAPÍTULO II

Vitória do Papa — Morte de Leão X — O Oratório do Divino Amor — Adriano VI — Plano da Reforma — Oposição.

Enquanto êsses acontecimentos se verificavam na Espanha, Roma parecia estar assumindo um caráter mais sério. O grande patrono da música, da caça e das festas tinha desaparecida do trono pontifical e fôra substituído por um monge piedoso e grave.

Leão X havia ficado muito jubiloso quando ouvira falar do edito de Worms e da prisão de Lutero, e imediatamente, para celebrar a sua vitória, mandou queimar a efígie e os escritos do reformador. (1)

Era a segunda ou terceira vez que Roma se dava a êsse inocente divertimento. Desejando ao mesmo tempo testemunhar sua gratidão a Carlos V, Leão X uniu seu exército ao do imperador. Os franceses fo-ram compelidos a evacuar Parma, Piacenza e Milão. Nesta última cidade entrou, então, Júlio de Medici, primo do papa. E o papa assim se aproximava do apogeu de seu poder terreno.

Êstes fatos ocorreram no comêço do inverno de 1521. Leão X tinha o costume de ir passar o outono no campo. Nessas ocasiões deixava. Roma sem sobrepeliz e, o que se considerava ainda mais escandaloso, usando botas. (2)

Em Viterbo êle se divertia caçando falcão; em Corneti caçando veados; o lago de Bolsena lhe permitia o prazer da pesca; dali passava para a sua vila favorita de Malliana onde ficava o tempo todo no meio de festividades. Cercavam o pontífice músicos, improvisadores e artistas, cujos talentos animavam aquela deliciosa residência. Ali estava êle quando recebeu notícia da captura de Milão.

Grande comoção imediatamente se manifestou na vila. Os cortesãos e oficiais não podiam conter sua exultação, os suíços davam salvas de carabina, e Leão, não cabendo em si de alegria, passeou a noite tôda pelo quarto, de vez em quando olhando pela janela para ver o regozijo dos soldados e do povo. Regressou a Roma fatigado, mas ébrio de bom sucesso. Apenas chegado ao Vaticano sentiu-se tomado de um mal súbito: "Orai por mim", disse êle aos seus ajudantes. Sem ter tido sequer tempo de re-ceber o santo sacramento expirou na flor da idade, aos quarenta e cinco anos, na hora da vitória e no ruído 'do contentamento.

A multidão seguiu o pontífice à sepultura, cumu-lando-o de abusos. Não podiam perdoar-lhe o ter morrido sem sacramento e não ter pago suas dívidas, resultantes da sua enorme despesa. "Ganhaste teu pontificado como uma rapôsa", disseram os romanos; "mantiveste-o como um leão e o deixaste como um cão".

Tal foi a oração fúnebre com que Roma honrou o papa que excomungou a Reforma, e cujo nome serve para designar uma das grandes épocas da história.

Entrementes já se ia manifestando em Roma pró-priamente dita uma fraca reação contra o espírito de Leão e de Roma. Alguns homens piedosos tinham estabelecido um oratório para a sua edificação comum, (3) perto do local onde, conforme a tradição, costumavam reunir-se os primitivos cristãos. O líder, nessas reuniões era Contarini, que tinha ouvido Lutero em Worms. Dêsse modo uma espécie de Reforma começava a processar-se em Roma quase ao mesmo tempo que em Wittemberg. Com muita verdade foi dito que, onde quer que existam as sementes da piedade, aí também se acham os germes da reforma. Porém essas boas intenções seriam logo frustradas.

Em outros tempos, teriam escolhido a um Gregó-rio VII ou Inocêncio III, para sucessor de Leão X, se pudessem encontrar homens como êsses. Agora, po-rém, o interêsse do Império estava acima do interêsse da Igreja, e Carlos V queria um papa devotado ao seu serviço. Vendo que no momento não tinha probabili-dade de obter a tiara, o Cardeal de. Mediei, mais tarde Clemente VII, exclamara: "Eleja-se o Cardeal de Tortosa, homem de idade, considerado por todos como um santo". Êste prelado, que era natural de Utrecht e oriundo das classes médias, foi então escolhido e reinou sob o titulo de Adriano VI. Tinha sido professor em Lovaina e, mais tarde, tutor de Carlos V, através de cuja influência foi investido da púrpura romana em 1517.

O Cardeal de Vio apoiou sua nomeação. "Adria-no", dissera êle, "teve grande participação na condenação de Lutero junto dos doutores de Lovaina". (4) Cansados e colhidos de surprêsa, ou cardeais elegeram o estrangeiro. Tão depressa, porém, recobraram a razão (diz um cronista), quase morreram de rnêdo. A principio alimentaram a esperança de que o austero neerlandês, não aceitasse a fiara, porém êsse consólo não teve longa duração. Pasquino representou o pontífice eleito como um mestre-escola, e os cardeais como meninos debaixo da palmatória. Tão exasperado ficou o povo de Roma que os componentes do conclave se julgaram felizes em escapar de ser lançados ao rio. (5) Na Holanda, ao contrário, o povo exteriorizou de várias maneiras a sua satisfação de haver dado um papa à Igreja. "Utrecht plantou; Lovaina regou e o Imperador deu o crescimento", esta a inscrição que se lia nos pendentes à frente das casas. E um brincalhão qual-quer escreveu por baixo: "E Deus nada teve a ver com isso".

A despeito da insatisfação, a princípio mostrada pelo povo de Roma, Adriano VI se dirigiu para aquela cidade no mês de Agósto de 1522 e foi bem recebido. Dizia-se que êle em sua dádiva tinha mais de cinco mil benefícios, e cada homem calculava ter o seu quinhão. Durante muitos anos o trono papal não era preenchido por semelhante pontífice. Justo, ativo, douto, piedoso, sincero e de moral irrepreensível,

não se deixava cegar nem por favores nem por paixão. Adotava o meio têrmo traçado por Erasmo, e num livro reimpresso em Roma durante o seu pontificado, êle disse: "E' certo que o papa pode errar em matéria de fé, defendendo heresias com suas opiniões ou decretos". (6) Eis uma afirmação realmente notável na bóca de um papa, e se os ultramontanistas alegarem que Adriano estava errado nesse ponto, êles automaticamente afirmarão aquilo que negam, isto é, a falibilidade dos papas.

Adriano chegou ao Vaticano acompanhado de sua velha caseira, a quem incumbiu de continuar provendo frugalmente às suas necessidades moderadas naquele palácio magnificente que Leão X havia enchido de luxo e dissipação. Não tinha com o seu antecessor um único gôsto em comum. Ao lhe mostrarem o magnífico grupo de Laocoonte descoberto havia poucos anos e adquirido por fabuloso preço por Júlio II, êle friamente se afastou, murmurando: "São os ídolos dos pagãos!" "Preferia", disse êle, servir a Deus como deão em

Lovaina a ser papa em Roma. Alarmado diante dos perigos com que a Reforma ameaçava a religião da Idade Média e não, corno os italianos, diante dos perigos a que Roma e sua hierarquia estavam expostas, êle desejava sèriamente combatê-la e impedi-la. Julgou que o melhor meio .de conseguir isso seria uma reforma da Igreja, levada a efeito pela própria Igreja. "A Igreja necessita de uma reforma", disse êle; "porém precisamos dar passo por passo". "O papa quer dizer", comenta Lutero, "que alguns séculos deverão mediar entre um passo e outro". Na realidade havia anos que a Igreja vinha caminhando para uma reforma. Mas já não comportava nenhuma protelação; era necessário agir.

Fiel ao seu programa, Adriano baniu da cidade todos os perjuros, profanos e usurários; tarefa muito difícil, uma vez que formavam considerável parte da população.

A principio os romanos pensaram em ridicularizá-lo, mas logo passaram a odiá-lo. O domínio sacerdotal, os imensos lucros trazidos por êle, o poderio de Roma, os desportos, as festas e o luxo que a enchiam, tudo isso estaria irremediàvelmente perdido com a volta das maneiras apostólicas.

Forte oposição se manifestou particularmente no restabelecimento da disciplina. "Para o bom êxito disto", disse o cardeal alto-penitenciário, precisamos antes de tudo fazer reviver o zêlo dos Cristãos. O remédio é mais do que o doente pode, suportar, e lhe causará a morte. Cuidado para que, desejando preservar, a Alemanha, não venhas a perdar a Itália. (7) Efeti-vamente Adriano logo teve maior razão em temer mais o Romanismo que o próprio Luteranismo.

Fizeram-se esforços no sentido de reconduzi-lo caminho do qual estava desejando afastar-se. O ve-lho e astucioso Cardeal Soderini de Volterra, amigo íntimo de Alexandre VI, Júlio II e de Leão X, (8) amiúde fazia comentários bem apropriados

afim de preparar o digno Adriano ao papel que, tão estranho para êle, era chamado a representar. "Os hereges", comentou certo dia Soderini, "têm, em tódas as idades, falado das maneiras corruptas da côrte de Roma, e, no entanto, os papas jamais as modificaram". Em outra ocasião disse: "As heresias nunca foram derrubadas por meio de reformas, mas por meio de cruzados". "Ai", respondera o pontífice com um profundo suspiro. "Corno é infeliz a sina de um papa, desde que não tem sequer liberdade de fazer o que é direito!" (9)

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Pallav. I. p. 128.

(2) Paris de Grassis, seu mestre de cerimônias, tinha em seu diário o seguinte assentamento: "Quinta-feira, 10 de Janeiro. Depois do almôço o papa foi a Toscanello e vizinhanças. Foi sem estola, e, pior que isso, sem rochete, mas pior ainda, usando botas". Diário inédito.

(3) Caracciolo, Vita Paolo IV. MS. de Ranke

(4) Pallav. p. 136.

(5) Sleidan, Hist. de la Ref. L, p. 124.

(6) Cornm. in lib. IV. Sententiarum Quest. de Saer.- Confirrn. Rernae, 1522, folio.

(7) Sarpi, Hist. Cone. de Trento, p. 20.

(8) Nardi, Hist. Fior, liv VII.

(9) Sarpi, Hist. Concílio de Trento, p. 21.

CAPÍTULO III

Dieta de Nuremberg — Invasão de Solimão — O Núncio clama pela Morte de Lutero — Os pre-gadores de Nuremberg — Promessa de Reforma —Alarme do Núncio — Queixas da Nação — Decre-to da Dieta — Fulminante Carta do Papa — Conselho de Lutero.

No dia 23 de Março de 1522, antes que Adriano che-gasse a Roma, reunira-se a Dieta em Nurèmberg• An-teriormente a essa data os Bispos de Mersburg e de Misnia tinham pedido ao Eleitor da Saxônia licença para visitação aos conventos e igrejas dos seus estados. Pensando que a verdade seria suficientemente robusta para resistir ao êrro, Frederico havia dado resposta favorável ao pedido, e a visitação foi realizada. Os Bispos e seus doutores pregaram violentamente contra a Reforma, exortando, ameaçando e rogando. Seus argu- mentos, porém, foram inúteis. Desejando recorrer a armas de maior eficácia solicitaram da autoridade se-cular a execução dos seus decretos. Os ministros do Eleitor responderam que aquilo era assunto a ser exa-minado de acôrdo com a Bíblia, e que, na sua idade avançada, o Eleitor não podia encetar o estudo da teologia. asses esforços dos bispos não lograram levar de volta uma única alma, ao rebanho de Roma, e Lutero, passando logo depois por, aquêles distritos, pregou seus sermões com o seu costumeiro vigor e anulou as pequenas impressões, que haviam deixado aqui e ali.

Poder-se-ia temer que o Arquiduque Ferdinando, irmão do Imperador, fizesse o que Frederico recusara fazer. asse jovem príncipe que presidia parte das ses-sões da Dieta e que pouco a pouco adquiria maior firmeza, poderia no seu zêlo sacar rispidamente da espada que seu irmão, mais prudente e mais político, sàbiamente deixara na bainha. ale já tinha, com efeito, iniciado cruel perseguição contra os partidários da Reforma nos seus estados hereditários da Áustria.

Porém Deus na libertação do revivescente Cristianismo várias vêzes se serviu da, mesma mão utilizada por ale na destruição do Cristianismo corrompido. O crescente apareceu nas terrorizadas províncias da Hungria. No dia 9 de Agôsto, ao cabo de um cêrco de seis semanas, o baluarte do reino e do Império, Belgrado, caía aos golpes de Solimã.o• Os seguidores de Maomé, depois de evacuar a Espanha pareciam inclinados a entrar na Europa pelo Oriente. A Dieta de Nuremberg esqueceu-se •do monge de Worms para só pensar no Sultão de Cons-tantinopla. Carlos V tinha, porém, em mente êsses dois adversários, e no dia 31 de Outubro, de Valladoli; escreveu ao papa : Precisamos obstar o passo aos turcos e punir com a espada os participantes das venenosas doutrinas de Lutero (1)

A tempestade que parecera ter-se afastado da Reforma, tomando rumo de leste, logo voltou a se conden-sar sôbre a cabeça do reformador. Seu regresso a Wit-temberg e o zêlo que ali demonstrou fizeram recrudescer a animosidade. - "Agora

que sabemos onde apanhá-lo", disse o Duque Jorge, "executemos o decreto de Worms!" Afirmava-se mesmo na Alemanha que Carlos V e Adriano iriam encontrar-se em Nuremberg para concertar planos. (2) "Satan está sentindo o ferimento que lhe infligiram", 'disse Lutero, "e por isso é que está tão furioso. Mas Cristo já estendeu a mão e logo o calcará com os pés, a despeito das portas do inferno". (3)

Em Dezembro de 1522, a Dienta novamente se reuniu em Nuremberg. Tudo parecia indicar que, se Solimão tinha sido o grande inimigo a lhes ocupar a atenção na primavera, Lutero seria o adversário do inverno. Considerando sua origem germânica, Adriano VI afagava a lisonjeira esperança de encontrar em seu país uma recepção mais favorável do que a que pudesse esperar qualquer papa de origem italiana. (4) Assim encarregou Chieregati, a quem conhecera na Espanha, de partir para Nuremberg.

Logo depois de aberta a Dieta, vários príncipes usa- ram enfàficamente da palavra contra Lutero. O Car- deal-arcebispo de Salzburg, que gozava da inteira con- fiança do Imperador, quis que medidas decisivas e pron- tas fôssem tomadas antes da chegada do Eleitor da Sa- xônia. O Eleitor Joaquim de Brandenburg, sempre in-: flexível nas suas ações, e o Chanceler de Treves, insis- tiram, em conjunto, na execução do edito de Worms. Os outros príncipes estavam na sua maioria indecisos e divididos. O estado de confusão em que se achava a Igreja, enchia de angústia os seus servos mais fiéis. Em plena sessão da Dieta o Bispo de Strasburg exclamara: "Eu daria um dos meus dedos para não ser padre". (5) Chieregati e o Cardeal de Salzburg clamavam pela morte de Lutero. "Precisamos", disse Chieregati, em nome do papa, segurando a carta pontifical, amputar do corpo êste membro gangrenado. (6) Vossos pais le.- varam João Huss e Jerônimo de. Praga à morte em Constança; mas êles ressuscitam em Lutero. Segui o glorioso exemplo dos vossos antepassados e, com a ajuda de Deus e de São Pedro, ganhai a vitória contra o dragão infernal.

Ouvindo a mensagem do piedoso e moderado Adriano, muitos dos príncipes tomaram-se de pânico. Muitos começavam a compreender Lutero mais claramente, e esperavam melhor coisa do papa. Dessa forma, pois, Roma sob Adriano não reconhecia suas faltas; ainda despedia raios, e as províncias alemãs estavam na iminência de serem arrasadas e inundadas de sangue. Enquanto os príncipes permaneciam em silêncio os prelados e membros da Dieta, fiéis aos interêsses de Roma, se tumultuavam. "Que seja levado à morte!" (7) exclamaram, concordando com o enviado da Saxônia, que estava presente na reunião.

Linguagem muito diferente se ouvia nas igrejas de Nurernberg. O povo se apinhava na capela anexa ao hospital e nas igrejas dos Agostinianos, de São Sebaldus e São Lourenço, para ouvir a pregação do Evangelho. André Oriender

pregava vigorosamente neste último templo. Vários príncipes estavam ali frequentemente, especialmente Alberto, margrave de

Brandenbtirg, que, na qualidade de grão-mestre da Ordem Teutônica, seguia-se em dignidade imediatamente aos arcebispos. Havia monges que, tendo abandonado o convento, aplicavam-se à aprendizagem de um ofício com que ganhar a subsistência.

Chieregati não podia tolerar semelhante audácia e insistia em que os padres e monges rebeldes fôssem ati-rados ao cárcere. Não obstante a resoluta oposição do Margrave Casimir e dos enviados do Eleitor da Saxônia, a Dieta resolveu prender os monges, consentindo, porém, na prévia comunicação da queixa do núncio a Osiander e seus colegas. Uma comissão, da qual era presidente o fanático Cardeal de Salzburg, fora encarregada da execução dessa medida. O perigo ameaça-va, a luta estava prestes a começar, e fôra provocada pelo conselho da nação.

O povo, todavia, foi-lhes na dianteira. Enquanto a Dieta deliberava sôbre o que havia de ser feito àquêles ministros, o conselho da cidade de Nuremberg considerava os passos que teriam de dar relativamente à decisão da Dieta. Ficou resolvido que, sem ir além da sua jurisdição, se houvesse tentativa de lançar mão dos pregadores da cidade, seriam êles postos em liberdade à fôrça. Tal resolução era bastante significativa. A Dieta surpreendida respondeu ao núncio que, sem prévia condenação por heresia, não era legal a prisão dos pregadores da cidade livre de Nuremberg.

Chieregati ficou vivamente impressionado com êsse novo insulto à onipotência do papado. "Pois bem", disse êle altivamente a Ferdinando, "não faças nada, mas deixa-me agir. Mandarei prender a êsses pregadores em nome do papa". (8) Logo que o Cardeal--arcebispo Alberto de Mogúncia e o Margrave Casimir foram informados dêsse plano extravagante, apressaram-se a ir ao legado, rogando que renunciasse às suas intenções. O núncio manteve-se irredutível, afirmando ser de primeira importância, no seio da Cristandade, a obediência ao papa. Os dois príncipes se afastaram do legado, dizendo: "Se insistires no intento, desejamos que nos dês aviso, pois deixaremos a cidade, antes que te aventures a lançar mão sôbre os pregadores". (9) O legado abandonou o seu projeto.

Desesperado de não conseguir êxito, valendo-se da autoridade, resolveu êle recorrer a outros expedientes, e, nesse objetivo, deu a saber à Dieta as intenções e mandatos do pontífice, que até então êle tinha guardado sob o silêncio.

Porém o digno Adriano, estranho às maneiras do mundo, pela sua própria franqueza feriu a causa que êle tão sinceramente desejava servir. "Estamos per-feitamente cientes", disse êle nas resoluções confiadas ao seu legado, de que por muitos anos certos abusos e abominações têm penetrado na cidade santa. (10) O

contágio espalhou-se do chefe aos membros, descendo dos papas aos eclesiásticos. E' nosso desejo reformar esta côrte romana, .de onde procedem tantos males; o mundo inteiro está ansioso por ela e, para fazer isto, foi que nos submetemos a subir à cátedra papal.

Os partidários de Roma coraram de vergonha ou-vindo aquela extraordinária linguagem. Acharam com Pallavicini, que essas confissões eram por demais sin-ceras. (11) Os amigos da Reforma, ao contrário, deli-ciaram-se de ouvir Roma proclamando sua própria cor-rupção. Já não duvidavam mais de que Lutero tinha razão, pois que o próprio papa o dissera.

A resposta da Dieta veio mostrar quanto tinha de-caído no Império a autoridade do sumo pontífice. O espírito de Lutero parecia ter penetrado no coração dos representantes da nação. O momento era propício : os ouvidos de Adriano pareciam abertos; o Imperador estava ausente; a Dieta deliberou enfeixar tudo quanto, anos e anos, a Alemanha tinha sofrido de Roma, e mandá-lo ao papa.

O legado ficou amedrontado com aquela delibera-ção. Alternou ameaças rogos. Insinuou que, *sob pretexto puramente religioso, o reformador ocultava grandes perigos políticos; afirmou(como Adriano, que aquêles filhos da iniqüidade não tinham outro escopo além de destruir tôda obediência e levar todo homem a fazer como bem entendesse. "Êsses homens", perguntou êle, "obedecerão às vossas leis? Não desprezam êles os santos cânones dos Pais da Igreja e ainda os rasgam em pedaços e os queimam na sua fúria diabólica? Pouparão a vossa vida êsses que não temem de insultar, ferir, matar o ungido do Senhor? é a vossa pessoa que se acha ameaçada por esta medonha calamidade, os vossos bens, vossas casas, vossa espôsa e vossos filhos, vossos domínios, vossos estados, vossos templos e tudo que adorais". (12)

Tôdas essas declamações não surtiram nenhum efeito. A Dieta, conquanto louvando as promessas do papa, pediu, com urgência, que se formasse um conselho cristão e livre em Strasburg, Mogúncia, Colonia, ou Metz, com a presença de leigos. Leigos num conselho! Leigos de concêrto com padres regulamentando os assuntos da Igreja! E' mais do que nos é dado agora ver em muitos estados protestantes. Foi além, a Dieta, dizendo que todo homem devia ter liberdade de falar livremente pela glória de Deus, salvação das almas e' o bem da comunidade cristã. (13) Em seguida passou a ca-talogar suas queixas, que montaram ao número de oi-tenta. Os abusos e as fraudes dos papas e da côrte romana extorquiam dinheiro da Alemanha; os escân-dalos e profanação do clero, as desordens e simonia dos tribunais eclesiásticos, a pressão do poder secular na escravização das consciências, tudo isso foi declarado franca e enèrgicamente. Os estados deram a entender ao papa que a origem de— tôda aquela corrupção estava nas tradições dos homens, e concluíram dizendo : "Se estas queixas não forem atendidas, num prazo determinado, haveremos de procurar

outros meios de nos livrar de tanta opressão e sofrimento". (14) Prevendo a formidável reação que a Dieta apresentaria, Chieregati saiu apressadamente de Nuremberg, para evitar ser o portador daquela tão triste quão insolente mensagem.

E no entanto, não seria de temer que a Dieta buscasse no sacrifício de Lutero uma reparação da audácia com que ela procedera? A princípio o povo pensou que sim, porém sôbre aquela assembléia havia bai-xado um espírito de justiça e verdade. Requereu, como Lutero tinha feito, a convocação de um conselho livre no Império, e ajuntou que nesse ínterim ~ente o Evangelho puro seria pregado, nada devendo ser im-presso sem a aprovação de certo número de homens piedosos e doutos. (15) Estas resoluções nos fornecemo meio de avaliarmos o imenso progresso feito pela Reforma, depois da Dieta de Worms. Contra essa censura, porém, por mais moderada que fôsse, houve um solene protesto da parte do cavaleiro de Feilitsch, enviado •da Saxônia. Êsse decreto foi considerado como o primeiro triunfo da Reforma, a ser seguido de outras vitórias mais decisivas. Os próprios suíços, no meio de suas montanhas, vibraram de satisfação. "O pontífice romano foi vencido na Alemanha", disse Zwinglio, "Nada mais temos a fazer que lhe tirar as armas. E' essa a batalha que agora temos de travar, e vai ser furiosa. Porém Cristo é árbitro do conflito". (16) Lutero declarou públicamente que Deus mesmo inspirara os príncipes na promulgação daquele edito. (17)

Foi imensa a indignação dos ministros papais no Vaticano. Como! Não bastava já terem um papa que desapontava tôdas as expectativas dos romanos e em cujo palácio não havia nem canto nem festa, para agora, mais ,do que isso, os príncipes seculares terem licença de usar de uma linguagem detestável a Roma, e recusar a condenar à morte o herege de Witternberg!

O próprio Adriano se encheu de indignação com as ocorrências na Alemanha, e foi sôbre a cabeça do Eleitor da Saxônia que êle descarregou sua ira. Nun-ca os pontífices romanos proferiram um grito de alarme mais enérgico, mais sincero e, talvez, mais comoven-te.

"Esperamos muito — talvez muito demais", disse o piedoso Adriano na mensagem que escreveu ao Eleitor. Estávamos ansiosos para ver se Deus visitaria a tua alma e se, afinal, tu não escaparias das ciladas de Satanás. Porém onde pensávamos colhêr uvas, nada achamos a não ser uvas amargas. O Espírito assoprou em vão; tua maldade não se fundiu. Abre, então os olhos para aquilatares a grandeza da tua que-dal...

Se fôr rompida a unidade da Igreja; se os sim ples forem desviados da • fé que beberam com o leite materno; se as igrejas ficarem ,desertas; se o povo ficar sem padres; se os padres não receberem a honra que lhes é devida; se os cristãos ficarem sem Cristo; ,a quem será atribuído isso, senão a ti?... (18) Se a faz cristã desaparecer da face da terra; se o mundo ficar cheio de discórdia, rebelião, roubo, assassínio e

conflagração; se de norte a sul fôr ouvido o grito de guerra; se tornar-se iminente um conflito universal, és tu — sômente tu, o autor dessas coisas!

Não vês êsse homem sacrílego (Lutero), quebrando com mãos daninhas e calcando sob pés impuros as imagens dos santos e até mesmo a santa cruz de Cristo?... Não o contemplas tu, na sua cólera ímpia, instigando leigos a manchar as mãos no sangue dos padres e a desmoronar as igrejas de Nosso Senhor?

"E que importa que sejam indignos os padres que êle assalta? O Senhor não disse: "Tudo quanto vos mandarem observar, isso observai e praticai; porém não os imiteis no que fazem; mostrando dêsse modo a honra a êles devida, muito embora a vida que levem seja censurável? (19)

Apóstata rebelde! Êle não se acanha de macular os vasos consagrados a Deus; êle arranca dos santuá-rios as santas virgens dedicadas a Cristo e as dá de presente ao demônio; tira os padres de Deus e os leva às meretrizes... Medonha profanação! Os próprios pagãos teriam condenado com horror nos sacerdotes dos seus ídolos!

Que castigo, que tormentos pensas tu que julga-mos mereceres?... Tem pena de ti mesmo; tem pena dos teus inditosos saxônios; pois se todos vós não re-tornardes ao rebanho, Deus descerá sôbre vós o braço da sua vingança.

Em nome do Deus Todo-poderoso e de Nosso Se-nhor Jesus Cristo, de quem sou representante nesta terra, declaro que serás punido neste mundo e lançado ao fogo eterno que está por vir. Arrepende-te e conver- te-te!... As duas espadas estão suspensas sôbre a tua cabeça, a espada do Império e a espada da Igreja.

O piedoso Frederico estremeceu ao ler esta ameaçadora mensagem. Pouco antes êle havia escrito ao Imperador, 'dizendo que sua idade avançada e enfermidade incapacitavam-no de tomar a menor parte naqueles assuntos, e, em resposta, tinha recebido a carta mais insolente jamais enviada a um príncipe soberano. Embora curvado pela idade, lançou um olhar para a espada que tinha cingido, no santo sepulcro, nos dias de sua pujança viril. Começou a pensar que a teria de desembainhar na defesa da consciência dos seus súditos e que, já no limiar da sepultura, não desceria ela em paz. Imediatamente escreveu a Wittemberg, procurando ouvir a opinião dos próceres da Reforma.

Lá também havia incidentes e perseguições. "Que hei de dizer?", exclamou o brando Melanchton, "para que lado me hei de voltar? O ódio nos avassala, e o mundo se transporta em fúria contra nós". (20) Lu-tero, Linck, Melanchton, Bugenhagen e Amsdorff reuniram-se em consulta sôbre a resposta a ser dada ao Eleitor. A resposta d.e todos visava quase inteiramente ao mesmo objetivo. Foi assaz notável o conselho que lhe deram.

"Príncipe algum", disseram êles, "pode empreen-der uma guerra sem o consentimento do povo, de cujas mãos êle recebeu sua autoridade. (21) Ora, o povo não tem nenhum desejo de lutar pelo Evanbelho, porque não crê nêle. Que os príncipes, por conseguinte, se abstenham de pegar em armas: são governadores das nações, isto é, de Xescrentes". Era assim que o impetuoso Lutero aconselhava o discreto Frederico a embainhar de novo a espada. Não poderia Lutero ter dado melhor resposta à censura do papa sôbre excitar êle os leigos a molharem as mãos no sangue do clero. Poucos caracteres foram mais incompreendidos do que o dêle. Êsse conselho estava com data de 8 de Fevereiro. Frederico conteve-se.

A cólera papal produziu logo seu fruto. Os prín-cipes que haviam apresentado suas queixas contra Ro-ma, alarmados com sua própria audácia, estavam agora ansiosos de fazer reparação, por meio de submissão. Ademais, muitos viam a vitória do lado do pontífice romano, que parecia ser o mais forte. "Em nossos dias", disse Lutero, "os príncipes se contentam em dizer que três vêzes três são nove; ou, então, que duas vêzes sete são quatorze. O cálculo está certo, o negócio será bem sucedido. E' quando Deus Nosso Senhor se levanta e diz: Quantas contais em mim?... Um algarismo zero, talvez. Ele, então, lhes atrapalha os cálculos, e acaba demonstrando o erro". (22)

NOTAS DE RODAPÉ

(1) L. Op. XVII. p. 321.

(2) L. Ep. II. p. 214.

(3) Ibid. 215.

(4) L. Op. Lat. II. p. 352.

(5) Seck. p. 568.

(6) Pallavicini, I. p. 158.

(7) L. Op. XVIII. p. 367.

(8) Corp. Ref. I. p. 606.

(9) Ibid.

(10) Pallav. I. 160. Vide também Sarpi, p. 25; L. Op. XVIII. p. 329 etc.

(11) Ibid. 162.

(12) L. Op. Lat. II. p. 536.

(13) Goldast, Constit. Imper. I. p. 452.

(14) L. Op. XVIII. g. 354. .

(15) Pall. I. p. 166; Sleidan, I. p. 135.

(16) Zw. Ep. p. 313. - 11 Out. 1523.

(17) L. Op. p. XVIII, p. 476.

(18) L Op. XVIII. p. 371.

(19) Ibid. 379.

(20) Corp. Ref. I. p. 627.

(21) Ibid. g. 601.

(22) L. Op. XXII. p. 1831.

CAPÍTULO IV

Perseguição — Esforços de Duque Jorge — O Convento de Antuérpia — Miltenberg — Os Três Monges de Antuérpia — O Patíbulo — Os Mártires de Bruxelas.

A torrente de fogo expelida pelo humilde e bran-do Adriano produziu uma conflagração, e sua emoção causou na Cristandade inteira uma agitação imensa. As perseguições que durante algum tempo tinham es-tado quiescentes, irromperam de novo. Lutero tremia pela Alemanha e empenhava-se em evitar a tempes-tade. "Se os príncipes se opuserem à verdade", disse êle, "o resultado será uma confusão que destruirá os príncipes e os magistrados, os padres e o povo. Re-ceio ver em breve tôda a Alemanha inundada de san-gue. (1) Ergamo-nos como uma muralha, a fim de preservar o nosso povo contra a cólera de Deus. As nações não são agora o que foram até aqui. (2) A espada da guerra civil impende sôbre a cabeça dos reis. Estão decididos a destruir Lutero, porém Lutero está decidido a salvá-los. Cristo vive e reina; eu viverei e reinarei com êle". (3)

Nenhum efeito produziram tais palavras; Roma precipitava-se; erguiam-se patíbulos; o sangue jorrava. A Reforma, como Jesus Cristo, não veio trazer paz, mas espada. A perseguição era necessária aos desígnios de Deus. Tal como certas substâncias que se endurecem no fogo, no fito de as proteger contra a influência da atmosfera, assim a prova de fogo se destinava a proteger a verdade evangélica contra a influência do mundo. Porém o fogo operou mais do que isso: tal como nos primitivos tempos do Cristianismo, serviu para acender no coração dos homens o entusiasmo universal por uma causa tão furiosamente perseguida; Quando o homem começa a conhecer a 'verdade, existe nêle uma santa indignação contra a injustiça e a violência. Um instinto vindo do céu impele-o para o lado dos oprimidos, ao mesmo tempo que a fé dos mártires o exalta, vence e conduz *àquela doutrina salvadora que transmite tal coragem e tranquilidade.

Duque Jorge tomou a chefia da perseguição. Mas era pouco levá-la ~ente nos limites dos seus estados; êle desejava, acima de tudo, vê-la devastando a Saxônia, o foco da heresia, e para tanto, não media esforços no sentido de ativar o Eleitor Frederico e o Duque João. "Certos mercadores da Saxônia", escreveu-lhe êle de Nuremberg, relatam coisas estranhas a respeito daquele pais, contrárias à honra de Deus e dos santos. O sacramento da Ceia do Senhor é ali recebido na mão !... O pão e o vinho são consagrados na linguagem do povo; o sangue de Cristo é colocado em vasos comuns; e, para insultar o padre, um homem em Eulenburg entrou na igreja montado num burro!... Por conseguinte, qual será a consequência? As minas com que Deus enriqueceu a Saxônia tornaram-se menos produtivas depois dos sermões inovadores de Lu-taro. Quisera Deus que aquêles que se ufanam de ter soerguido o Evangelho na Saxônia, antes o tivessem levado para Constantinopla. A fala de

Lutero é doce e agradável, porém tem uma cauda venenosa que pica como a de um escorpião. Agora preparemo-nos para o conflito! Lancemos na prisão êsses monges apóstatas e padres ímpios, e isso sem demora, pois nosso cabelo e nossa barba, mostrando-nos que pouco tempo nos resta para a ação. (4)

Assim escreveu o Duque Jorge ao Eleitor. Êste respondeu com firmeza, mas com brandura, dizendo que quem quer que cometesse crime nos seus domínios, receberia o competente castigo. Todavia as questões de consciência devem ser deixadas para Deus. (5)

Impossibilitado de convencer a Frederico, Jorge apressou-se em perseguir os seguidores da obra que detestava. Encarcerou os padres e os monges que seguiam Lutero; fez voltar para os seus domínios os estudantes súditos dos seus estados, removeu-os das uni-versidades onde a Reforma exercia influência; e ordenou a entrega de todos os exemplares do Novo Testamento na língua vulgar aos magistrados. As mesmas medidas foram executadas na Áustria, em Wurtemberg e no ducado de Brunswick.

Nos Países-Baixos, porém, sob a autoridade imediata de Carlos V, a perseguição irrompeu com maior fe-rocidade. O convento Agostiniano de Antuérpia estava cheio de monges que tinham acolhido as verdades do Evangelho. Muitos frades tinham passado algum tempo em Wittemberg, e desde 1519 a salvação pela graça era pregada enèrgicamente em sua igreja. O prior Tiago Probst, homem de temperamento ardente, e Melchior Mirisch, notável, ao contrário, por sua habilidade e prudência, foram aprisionados e levados para Bruxelas, em fins do ano de. 1521. Foram levados perante Aleander, Galpio e vários outros prelados. Tomados de surprêsa, confusos e alarmados, um dêles Probst, retratou-se. Outro, Melchior Mirisch, encontrou meios de apaziguar seus juízes, escapando tanto da retratação como da condenação.

Essas perseguições não alarmaram os monges re-manescentes no convento de Antuérpia. Continuaram a pregar vigorosamente o Evangelho. O povo se aglomerava para ouvi-los e a igreja era pequena demais, tal como em Wittemberg. Em Outubro de 1522, desabou a tempestade que se acumulara sôbre êles; o convento foi fechado, e os monges atirados ao cárcere e conde-nados à morte. (6) Alguns dêles conseguiram escapar. Algumas mulheres, esquecendo a timidez do seu sexo, arrancaram a um Henrique Zuphten, das mãos do car-rasco. (7) Três jovens monges, Henrique Voes, João Esch e Lambert Thorn, escaparam por algum tempo à procura dos inquisidores. Todos os vasos sagrados do convento foram vendidos; as portas foram embar-ricadas; o santo sacramento foi retirado dali, como de algum lugar poluído; Margarida, governadora dos Países-baixos, recebeu-o solenemente na igreja da Santíssima Virgem. (8) Deram ordens para que naquele mosteiro herege

não ficasse pedra sôbre pedra; e foram metidos na prisão muitos cidadãos e mulheres que alegremente ouviam o Evangelho. (9)

Lutero encheu-se de tristeza ao tomar conhecimento dêsses fatos. "A causa que defendemos", disse êle, "já não é mais um simples jôgo; ela pede sangue; pede a nossa vida". (10)

Mirisch e Probst deveriam encontrar destino dife-rente. O prudente Mirisch logo se tornou o dócil ins-trumento de Roma e agente dos decretos imperiais contra os partidários da Reforma. (11) Probst, ao con-trário, tendo escapado da mão dos inquisidores, verteu lágrimas de arrependimento pelo seu recuo; voltou atrás de sua retratação e ousadamente se pôs a pregar em Bruges, na Flandres, as doutrinas que tinha abjurado. Novamente detido e pôsto na prisão em Bruxelas, sua morte parecia inevitvel• (12) Compadecido dêle um Franciscano o ajudou a fugir. "Salvo por um milagre", no dizer de Lutero, Probst alcançou Wittem-berg, onde os amigos da Reforma se rejubilaram por sua dupla fuga. (13)

Por todos os lados os padres romanos estavam de-baixo de armas. A cidade de Miltenberg sôbre o Maine. pertencente ao Arcebispo Eleitor de Mogúncia, era uma das cidades alemãs que tinham recebido a Palavra de Deus com grande fervor. A população tinha em muita estima o seu pastor, João Draco, um dos homens mais esclarecidos do seu tempo. Ele foi forçado a deixar a cidade. Temendo, porém, a vingança do povo os eclesiásticos romanos também a deixaram ao mesmo tempo. Para reconfortar os corações só ficara ali um diácono evangélico. Ao mesmo tempo as tropas de Mogúncia marcharam para dentro da cidade, espalhan-do-se pelas ruas, proferindo blasfêmias, brandindo a espada e entregando-se a cenas de depravações. (14)

Alguns cristãos evangélicos tombaram sob seus gol-pes; (15) outros foram agarrados e lançados em mas-morras; os ritos romanos foram restabelecidos; foi proibida a leitura da Bíblia; e os habitantes ficaram proibidos de, mesmo na mais íntima reunião, falar do Evangelho. Quando as tropas entraram na cidade o diácono se refugiara na casa de uma pobre viúva. De-nunciado ao comandante, êste mandou um soldado ir prendê-lo. Ouvindo os passos rápidos do soldado que vinha buscá-lo, o humilde diácono esperou tranquilo, .e logo que a porta se abriu com brutalidade, êle avançou brandamente, dando-lhe um cordial abraço, ao mesmo tempo que dizia: "Bemvindo seja, meu irmão. Aqui estou; enfie sua espada no meu peito". (16) Surpreen- dido, o feroz soldado deixou cair a espada que levava na mão e protegeu o piedoso evangelista contra todo mal futuro.

Entrementes os inquisidores dos Países-Baixos, se-dentos de sangue, percorriam a região por tôda parte em busca dos jovens Agostinianos fugidos da perseguição de Antuérpia. Finalmente Esch, Voes e Lambert foram descobertos, acorrentados e

conduzidos a Bruxelas. Egmondanus, Hochstratten e vários outros in-quisidores chamaram-nos à sua presença:

"Retratais vossa asserção de que o padre não tem poder de absolver os pecados, e que isso só a Deus compete?" per-guntou Hochstratten, continuando em seguida a enumerar outras doutrinas evangélicas que deviam abjurar. "Não! não retrataremos nada". exclamaram decididamente Esch e Voes; "não negaremos a Palavra de Deus; preferimos morrer pela fé".

O Inquisidor — "Confessai que fôstes desviados por Lutero".

Os Jovens Agostinianos — "Tal como os apóstolos foram desviados por Jesus Cristo".

O Inquisidor Declaramo-vos hereges, dignos de ser queimados vivos, entregamo-vos ao braço secular.

Lambert guardava silêncio; a perspectiva da morte o aterrava; aflição e dúvida lhe torturavam a alma. "Peço quatro dias de prazo", disse êle com a voz embargada. Foi reconduzido à prisão. Logo que terminou êsse prazo, Esch e Voes foram solenemente despidos do seu caráter sacerdotal, e entregues ao conselho do governador dos Países-Baixos. O conselho remeteu-os amarrados ao carrasco. Hochstratten e três outros inquisidores acompanharam-nos até a pira. (17)

Chegados perto do patíbulo os jovens mártires o contemplaram calmamente. Sua firmeza, devoção e mocidade arrancaram lágrimas aos próprios inquisidores. Uma vez amarrados, os confessores se aproximaram &les: "Ainda uma vez perguntamos se recebereis a fé cristã".

Os Mártires — "Acreditamos na Igreja Cristã, não na vossa Igreja".

Meia hora se passou. Os inquisidores, hesitavam e esperavam que a perspectiva de uma morte tão terrível intimidasse aquêles jovens. Mas êles eram os únicos tranqüilos no meio da massa turbulenta .que enchia a a praça. Cantavam hinos, parando de qugido em vez para declarar altivamente: "Morreremos pelo nome de Jesus Cristo".

"Convertei-vos — convertei-vos". exclamaram os inquisidores, "ou morrereis com nome do demônio". — "Não", replicaram os mártires, "morreremos como Cristãos e pela verdade do Evangelhd".

A pira foi acendida. Enquanto as labaredas su-biam vagarosamente, enchia-lheS o coraçáó 'nina: paz celestial. Um dêles chegou a dizer "Pareço 'estar deitado num leito de rosas. (18) Havia Chegado a hora solene; a morte aproximava-se; os dois mártires bradaram em alta voz: "O Domine Jesu! Fui David! miserere nostriI". "Oh Senhor Jesus, Filho de Davi, tende misericórdia de nós! Em seguida .puseram-se a

repetir solenemente o Credo dos Apóstolos. (19) Por fim as chamas os alcançaram, queimando-as cordas que os atavam à estaca. Um dêles, aproveitando-se dêsse desempedimento caiu de joelhos no meio do fogo, (20) adorando dessa forma ao seu Senhor, e - de mãos postas exclamou: "Senhor Jesus Filho de Davi, tende misericórdia de nós!" Já as chamas lhes cercavam o corpo. Cantaram o Te Deum laudamus. Logo a voz lhes sumiu e nada restava senão suas cinzas.

A execução tinha durado quatro horas. Foi no dia 1.° de Julho de 1523 que os primeiros mártires da Reforma davam assim a vida pelo Evangelho.

Todos os homens bons se arrepiaram quando ouviram contar aquilo. O futuro os enchia das mais agudas apreensões. "As execuções começaram", disse Erasmo. (21) — "Finalmente", exclamou Lutero, Cris-to está colhendo algum fruto da nossa pregação, e criando novos mártires.

Porém a alegria de Lutero diante da constância daqueles dois jovens cristãos perturbava-se com o pen-samento de Lambert. Era o mais culto dos três; tinha substituído Probst no pôsto de pregador de Antuérpia. Agitado na prisão- e alarmado com a perspectiva da morte, sentia ainda mais o terror de sua consciência, que o acusava de cobardia e o impelia a confessar o Evangelho. Logo, porém, se libertou dos seus temores, e, depois de impàvidamente proclamar a verdade, morreu como os seus irmãos. (22)

Uma rica seara nasceu regada com o sangue dêsses mártires. Bruxelas volveu para o Evangelho, (23) "Por tôda parte onde Aleander ergueu uma pira, disse Erasmo, êle parece ter semeado hereges". (24)

"Vossas algemas são minhas", disse Lutero; "vossos cárceres são meus !... (25) Estamos todos convosco e o Senhor à nossa vanguarda!" Lutero, então, comemorou a morte dêsses três jovens monges num belo hino, cuja lirielodia logo se ouvia por tôda Alemanha, os Países-Baixos, na cidade e no campo, acendendo em tôdas as direções o entusiasmo pela fé daqueles mártires.

Não! não! suas cinzas não perecerão! Mas, levadas a tôdas as terras, Onde quer que caiam de suas partículas santificadas Novos soldados surgirão. Embora Satan por seu poder matar possa, Bem como fazer calar sua voz possante, Triunfam sôbre. êle e sôbre a morte E ainda em Cristo rejubilam. (26)

NOTAS DE RODAPÉ

(1) L. Ep. II. p. 156.

(2) Ibid. 157.

(3) Ibid. 158.

(4) Seckend. p. 482.

(5) Ibid. p. 485.

(6) Seck, p. 548.

(7) L. Ep. II. p. 265.

(8) Ibid.

(9) Ibid.

(10) Ibid. p. 181.

(11) Ibid. p. 207.

(12) Ibid. p. 214.

(13) L. Ep. II. p. 182. Esta carta, posta com a data de 14 de Abril na coleção de M. de Wette, deve ser posterior a Junho; pois que no dia 26 de Junho Lutero escreveu que Probst fóra detido pela segunda vez e ia ser queimado. Não podemos admitir que Probst tivesse visitado Wittemberg no intervalo de suas duas prisões, porquanto Lutero, de um cristão que salvara a vida por meio de retratação, não teria tido "salvo por milagre de Deus". Talvez, em lugar da data in die S. Tiburtii, devêssemos ler in die S. Turiafi, fixando o dia 13 de Julho, na minha opinião uma data muito mais provável.

(14) L. Ep. II. p. 482.

(15) Seck. p. 604.

(16) Scultet. Ann. I. p. 173.

(17) L. Ep. II. g. 361.

(18) Brandt, Hist. der Reformatie, p. 79.

(19) L. Ep. L p. 1278.

(20) L. Op. XVIII. p. 481.

(21) Ep. L p. 1429.

(22) L. Ep. II. p. 361.

(23) Erasmo p. 952; Ibid., p. 1676; Ibid., 1430.

(24) Ibid.

(25) L. Ep. II. p. 464.

(26) Lut. Op., XVIII, g. 484. (Tradução livre dos versos. — O Trad.)-

CAPÍTULO v

O Novo Papa, Clemente VII — O Legado Cam-peggio — Dieta de Nuremberg — Exigência do Legado — Resposta da Dieta — Projeto de um Conselho Secular — Alarma e Esforços do Papa — Bavária — Liga de Ratisbona — Desonestidade de Campeggio — Severidade e Reformas — Cisma político — Oposição — Intrigas de Roma — Decreto de Burgos — Separação.

Adriano sem dúvida teria persistido naquelas me-didas violentas; a inutilidade dos seus esforços para deter a Reforma, sua ortodoxia, zê1o, austeridade e mesmo sua escrupulosidade, teriam feito dêle um per-seguidor cruel. Porém isso a Providência não o per-mitiu. Faleceu no dia 14 de Setembro de 1523 e os romanos, regozijando-se por se verem livres daquele es-trangeiro severo, levaram à porta do seu médico uma co-roa de flores com a seguinte inscrição: "Ao salvador.cla pátria".

A Adriano VI sucedeu, com o nome de Clemente VII, o primo de Leão X, Júlio de Mediei. A partir do dia de sua eleição não fêz mais questão de reformas religiosas. Igual a muitos dos seus antecessores o novo papa só cuidou de manter os privilégios do papado e empregar êsses recursos para o seu engrandecimen-to pessoal.

Ansioso de .consertar ,os disparates de ?Adriana Clemente mandou a Nuremberg um legado do seu tipo, um dos mais habilidosos prelados da côrte, homem de grande tirocínio em coisas públicas e conhecido de quase todos os príncipes da Alemanha. Era êle o Cardeal Campeggio. Depois de magnificentes recepções, a ca-minho pelas cidades italianas, logo notou a mudança verificada no Império. Ao entrar em Augsburg quis, na forma do costume, lançar sua bênção ao povo, mas êste irrompeu em gargalhadas. Foi quanto bastou; entrou em Nuremberg secretamente, sem passar pela igreja de São Sebaldus, onde o clero o aguardava. Padre nenhum, com ornamentos sacerdotais, saíra ao seu encontro; cruz nenhuma fôra conduzida solenemente diante dêle. (1) Dir-se-ia um indivíduo qualquer atravessando as ruas da cidade. Tudo anunciava que chegara o fim do reinado do papa.

A Dieta de Nuremberg reabriu suas sessões no mês de Janeiro de 1524. Uma tempestade ameaçava o go-vêrno nacional que o país devia à firmeza de Frederico. A liga, suábia, as cidades mais ricas do Império, e particularmente Carlos V, haviam jurado sua destruição, Frederico foi acusado de favorecer à nova heresia.

Era então, deliberado remodelar-se tôda a administração da Dieta, não se deixando um único dos seus antigos membros. Cumulado de desgôsto, Frederico deixou imediatamente Nuremberg.

Aproximavam-se as festividades da Páscoa, e Osian-der e os pregadores evangélicos redobraram de zêlo. Osiander em seus sermões declarava abertamente que o Anticristo havia entrado em Roma mesmo no •dia em que Constantino a

tinha deixado para ir fixar residência em Constantinopla. O benzimento das palmas deixou de ser feito, bem como inúmeras cerimônias dessa comemoração; quatro mil pessoas receberam o sacramento nas duas espécies, e a Rainha da Dinamarca, irmã do Imperador também o fêz, públicamente, no castelo. "Ah!" exclamou o Arquiduque Ferdinando, perdendo a calma, "quem me dera não fôsses minha irmã!" — "O mesmo ventre nos gerou", respondeu a rainha, "e tudo sacrificarei para te ser agradável, menos a Palavra de Deus". (2)

Campeggio estremeceu diante de semelhante au-dácia, porém afetando desprêzo pela risada da população e pelos sermões dos pregadores, firmou-se na autoridade do Imperador e do papa, lembrando à Dieta o edito de Worms e intimando-a a abater, pela fôrça, a Reforma. Contra tal linguagem muitos dos príncipes e deputados se indignaram. "Que fim levou o relatório de queixas que a nação alemã apresentou ao papa?", perguntaram a Campeggio. Seguindo as instruções recebidas o legado assumiu um ar de candurae surprêsa, dizendo: "Chegaram a Roma três cópias dêsse relatório, porém não recebemos nenhuma comunicação oficial, (3) e nem o papa nem o colégio de cardeais poderia acreditar que semelhante papel tivesse emanado de suas senhorias. Supusemos terem partido de particulares que o publicaram inspirados no ódio pela corte de Roma, e em consequência disso não trago instruções sôbre o assunto".

A Dieta se indignou com essa resposta. Se assim o papa recebia as suas representações, êles também saberiam como ouvir àquêles que êle lhes enviava. "O povo", disseram muitos deputados, "anseia pela Palavra de Deus, e tomar-lha, como exige o edito de Worms, seria causar torrentes de sangue".

A Dieta imediatamente fêz preparativos para responder ao papa. Como não pudesse repelir o edito de Worms, urna cláusula foi acrescentada a êle, anulando-o. Disseram: "O povo deve conformar-se com êle na medida do possível". (4) Ora, muitos estados haviam declarado ser impossível a sua aplicação compulsória. Ao mesmo tempo, evocando a sombra importuna dos concílios de Constança, e de Basiléia, a Dieta pediu a convocação de um conselho geral da Cristandade a reunir-se na Alemanha.

Os amigos da Reforma não ficaram nisso. Que po-deriam esperar de um concílio que talvez nunca fôsse convocado e que, de qualquer maneira, seria composto de bispos de todas as nações? Iria a Alemanha submeter suas tendências anti-romanas a prelados de Fran-ça, Espanha, Itália e Inglaterra? O govêrno da nação já tinha sido abolido, e, a fim de proteger os interêsses do povo, fazia-se mister substitui-lo por uma assem-bléia nacional.

Debalde o enviado espanhol de Carlos V, Hannaart, e todos os partidários de Roma e do Imperador, tentaram opor-se a essa sugestão. A maioria da Dieta permaneceu inabalável. Ficou assente que uma Dieta, uma assembléia secular, se

reuniria em Spira, no mêsde Novembro, para regulamentar tôdas as questões religiosas. Os estados dariam imediatamente a seus teólogos instruções para organizarem uma lista dos pontos controvertidos afim de ser apresentada àquela augusta assembléia.

Ato contínuo se puseram a desempenhar a tarefa. Cada província formulou seu memorial, e jamais teve Roma ameaça de mais terrível explosão. Franconia, Brandenburg, Henneburg, Windsheim e Nuremberg declararam-se a favor do Evangelho e contra os sete sacramentos, contra o abuso das missas, a adoração dos santos e a supremacia papal. "Aí está uma moeda da boa têmpera", disse Lutero. Absolutamente nenhuma das questões que agitavam a mente popular deixaria c'e ser apresentada naquele concílio nacional. A maioria conseguiria adotar medidas gerais. A unidade, a independência e a reforma da Alemanha estariam salvas.

Ao tomar conhecimento disso o papa não pôde re-frear sua cólera. O que! ousarem formar um tribunal secular para decidir sôbre questões religiosas em direta-oposição à sua autoridade! (5) Levada a efeito aquela extraordinária resolução, a Alemanha estaria indubitávelmente salva, porém Roma estaria perdida. Convocou-se apressadamente um consistório e, pelo alarma dos senadores, poder-se-ia pensar que os alemães estariam marchando contra o Capitólio. "Precisamos tirar o chapéu eleitoral da cabeça de Frederico", disse Aleander• "O rei da Inglaterra e o de Espanha precisam ameaçar a cessação de todo intercâmbio comercial com as cidades livres", disse outro cardeal. E a congregação, por fim, resolveu que o único meio de segurança estaria em mover o céu e a terra para impedir a reunião de Spira.

O papa escreveu imediatamente ao Imperador: "Se sou o primeiro a fazer frente à tempestade, não é por-que seja o único que a tempestade ameaça, mas porque estou no leme. Os direitos do Império sofrem ainda maior invasão que a dignidade da Côrte de Roma".

Enquanto o papa mandava a Castela essa mensa-gem, êle se esforçava por encontrar aliados na Alemanha. Logo conquistou para si uma das casas mais poderosas do Império, a dos duques da Bavária. O edito de Worms não fôra ali cumprido mais estritamente do que em qualquer outra parte, e a doutrina evangélica tinha realizado grandes progressos. Mas por volta dos fins do ano de 1521, os príncipes daquele pais, ativados pelo Doutor Eck, chanceler na universidade de Ingolstadt, tinham-se aproximado mais de Roma, publicando um decreto que concitara todos os súditos a manter-se fiéis à religião dos seus avós. (6)

O papa fêz mil concessões, inclusive a doação aos duques da quinta parte da renda eclesiástica em seu pais.

Dêste modo, no tempo em que a Reforma não possuía nenhuma organização, já o catolicismo romano lançava mão de poderosas instituições que o esteassem.

Ajudados pelo papa os príncipes católicos se apossaram das rendas da Igreja muito antes que a Reforma se aventurasse a tocá-las. Que devemos pensar das críticas que a êsse respeito nos fizeram tantas vêzes os católicos romanos?

Clemente VII poderia contar como a Bavária para impedir a formidável assembléia de Spira. Não demorou muito, também foram sucessivamente ganhos o Arquiduque Ferdinando, o Bispo de Salzburg e outros príncipes.

Mas Canapeggio desejava ir mais longe. A Ale-manha precisava ser dividida em dois campos hostis; alemães opondo-se a alemães.

Algum tempo antes, durante sua residência em Stuttgard, o prelado tinha concertado com Ferdinando o plano de uma liga contra a Reforma. "Há tudo a temer", disse êle, "numa assembléia onde é ouvida a voz do povo. A Dieta de Spira pode destruir Roma e salvar Wittemberg. Escolhamos nossa fileira; entremos em entendimento para o dia da batalha". (7) Ratisbona foi escolhida como lugar para a reunião da liga romana.

Não obstante a rivalidade entre as casas da Bavária e Áustria, Campeggio conseguiu levar a essa cidade, em Junho de 1524, o duque da Bavária e o Arquiduque Ferdinando. A êles se foram juntar o Arcebispo de Salzburg e os Bispos de Trento e de Ratisbona. Presentes por deputação estiveram os Bispos de Spira, de Bamberg, Augsburg, Strasburg, Basiléia, Constança, Freisingen, Passau e de Brixen.

O legado abriu as sessões, descrevendo com lin-guagem impressiva, os perigos com que a Reforma ameaçava tanto os príncipes como o clero. "Extirpe-mos a heresia e salvemos a Igreja", disse êle.

A conferência durou quinze dias na câmara de Ra-tisbona. Um grande baile que durou até o romper do dia serviu para animar aquela primeira assembléia ca-tólica, formada pelo papado contra a Reforma que nascia. (8) Depois ,disso tomaram-se medidas para a destruição dos hereges.

Pensava o legado que, de acôrdo com o axioma no-tório do Concílio de Constança, ninguém era obrigado a manter a palavra com hereges. (9) Entrementes aplicou em pequena escala êsse grande princípio.

Durante as sessões da Dieta em Nuremberg, Campeggio levara um globo terrestre e um livro, tomados a um pobre vendedor de instrumentos astronômicos sem retribuição alguma, porque o homem era Luterano. E' o célebre Pirckheimer, um dos principais magistrados de Nuremberg, quem narra êsse incidente. (10)

Os príncipes comprometeram-se a executar os •dito de Worms e de Nuremberg, não permitindo alteração alguma na adoração pública. Não tolerariam em seus estados padre algum casado, chamariam todos os súditos que porventura estivessem

estudando em Wittemberg, e empregariam todos os meios em seu poder para extirpar a heresia. Concitaram os pregadores a que, na interpretação das passagens difíceis, contassem com os padres ,da Igreja latina, Ambrósio, Jerônimo,

Agostinho e Gregário. Não se aventurando, diante da Reforma, a apelar para a competência dos escolásti-cos, contentaram-se em lançar as primeiras bases da ortodoxia romana.

Por outro lado, como não pudessem fechar os olhos aos escândalos e à moral corrupta dos padres, (11) concordaram dom um projeto de -reforma, qual se esforçariam por incluir as queixas alemãs que menos atingissem a côrte de Roma. Proibiu-se aos padres negociarem, viverem nas tabernas, "frequentarem bailes" e discutirem matéria de fé, quando embriagados.

Tal foi o resultado da confederação de Ratisbona. (12) Mesmo ao tomar armas contra a Reforma, Ro-ma fazia alguma concessão; e nesses decretos vemos a primeira influência da Reforma do século dezesseis, produzindo uma renovação interna no catolicismo- O Evangelho não pode mostrar sua fôrça sem que os seus inimigos não se esforçam por imitá-lo de um modo ou de outro. Emser publicara uma tradução da Bíblia para opor-se à de Lutero; Eck, os seus Loci COM-mune,s para contrabalançar as de Melanchton (13). E agora Roma estava opondo à Reforma aquelas tentativas parciais de reforma a que se deve o romanismo moderno. Porém tôdas essas obras eram na realidade, expedientes subtis para escapar ao perigo iminente; galhos colhidos na árvore da Reforma, porém planta-dos em terreno que os deixou fenecer. Não havia e nunca haverá vitalidade em semelhantes tentativas.

Outro fato aqui nos ocorre. O partido romano formado em Ratisbona foi a primeira liga a romper a unidade da Alemanha. O sinal de batalha fôra dado no campo do papa. Ratisbona foi o berço daquela separação, daquela cisão política que ainda, a esta hora, muitos alemães deploram. Sancionando e generalizando a reforma da Igreja, a assembléia nacional de Spira teria garantido a unidade do Império. O conventiculo separatista de Ratisbona dividiu a nação para sempre em duas partes. (14)

Contudo não tiveram os planos de Campeggio o êxito inicial esperado. Poucos foram os príncipes que responderam ao seu apêlo, tendo nêle tomado parte os adversários mais ferrenhos de Lutero, o Duque Jorge da Saxônia, o Eleitor Joaquim de Brandenburg, os eleitores eclesiásticos, bem como as cidades imperiais. Sentia-se que o legado do papa formava na Alemanha um partido romano contra a própria nação. Em oposição às antipatias religiosas veio contrapor-se a simpatia popular, e o resultado foi que, dento em pouco, a reforma de Ratisbona ficou sendo objeto de risada para o povo. Mas o primeiro passo tinha sido dado; assim como o primeiro exemplo. Acreditava-se que não seria coisa difícil, eventualmente, robustecer-se e ampliar-se aquela liga romana. Os que ainda sentiam hesitação seriam

necessàriamente arrastados pela marcha dos acontecimentos. Ao legado Campeggio cabe a glória de ter cavado a mina destinada muito sèriamente a pôr em perigo as liberdades da Alemanha, a existência do Império e da Reforma. Dai por diante a causa de Lutero deixou de ser mera questão religiosa. A disputa com o monge de Wittemberg converteu-se num dos acontecimentos políticos da Europa. Lutero estava na iminência de ser eclipsado, deixando que Carlos V, o papa e os príncipes viessem a ser os principais protagonistas no grande drama do século dezesseis, que deveria desenrolar-se.

Não obstante, ainda haveria a assembléia de Spira, e esta poderia reparar o mal feito por Campeggio em Ratisbona. Roma envidou todos os esforços no sentido de impedir sua realização. "Como!", diziam os deputados .do papa não só a Carlos V, mas também a Henrique VIII e a outros príncipes da Cristandade, "Como! Pretendem êsses alemães insolentes decidir questões de fé numa assembléia nacional? Deverão os reis, a autoridade imperial, tôda a Cristandade e o mundo inteiro submeter-se aos seus decretos!"

O momento fôra bem escolhido para atuar sôbre o Imperador. A guerra entre êste príncipe e Francisco I lavrava no seu apogeu. Deixando a Itália e penetrando na França em Maio, Pescara e o Condestável de Bourbon lançaram cêrco a Marselha. O papa que via êsse ataque com maus olhos poderia fazer uma poderosa manobra na retaguarda do exército imperial. Carlos, que receava desagradá-lo, não hesitou, sacrificando imediatamente a independência do Império em favor de Roma e do êxito de sua luta contra a França.

No dia 15 de Julho, Carlos lançou de Burgos, em Castela, um edito em têrmos imperiosos e zangados, de-clarando que sómente o papa tinha direito de convocar um concílio, e o Imperador de o pedir; que a assembléia planejada em Spira não podia e nem devia ser tolerada; que era estranho que a Alemanha se propusesse uma tarefa que nenhuma nação do universo, ainda que sob orientação do papa, tinha o direito de fazer; e que não se devia perder tempo, mas, sim, executar o decreto de Worms na pessoa do novo Maomé.

Assim partiu da Espanha e da Itália o golpe que sustou na Alemanha o desenvolvimento do Evangelho. Carlós ainda não ficara satisfeito. Em 1519 tinha-se proposto fazer a união de sua irmã, a Arquiduquesa Catarina, e João Frederico, filho do Duque João, irmão do Eleitor e herdeiro da casa saxônica. Mas, não era esta mesma casa saxônica que asteava na Alemanha os princípios de independência religiosa e política odiados por Carlos? Resolveu romper completamente com êsse importuno e culpado representante das idéias nacionais e evangélicas, e deu sua irmã em casamento a João III, rei de Portugal. Frederico, que em 1519 mostrara indiferença diante das pretensões do Rei da Espanha, foi capaz, em 1524, de conter

a indignação sentida com o procedimento do Imperador; o Duque João altivamente anunciou que tal donduta lhe magoara fundamente os sentimentos.

E assim mais se destacavam dia a dia os dois campos hostis destinados a dilacerar o Império p©r tão longo tempo.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Cochl. p. 82.

(2) Seckend. p. 613.

(3) Sleidan. lib. IV.

(4) Cochloeus, p. 84.

(5) Pallav. L p. 182.

(6)

(7)

(8) Ranke, Deutsche Gesch. II. p. 159.

(9) Decret. Conc. Sess. gen. 19. Set. 23, 1415.

(10) Strobel, Verm. Beyträge zur Gesch. der Litt. Nürnberg, 1775, p. 98.

(11) Cochloeus, p. 91.

(12) Ibid.

(13) Enchiridion, seu Loci eommunes contra haereticos, 1525.

(14) Ranke, Deut. Gesch., II. p. 163.

CAPÍTULO VI

Perseguição — Gaspar Tauber — Num livreiro — Crueldades em Wurtemberg, Salzburg e na Bavária Pomerânia — Henrique de Zuphten.

O partido romano não estava satisfeito com isso. A aliança de Ratisbona não deveria ser mera formalidade; precisava ser selada com sangue. Descendo juntos o Danúbio, de Ratisbona a Viena, Ferdinando e Campeggio se ligaram durante a viagem pelas mais cruéis promessas. A perseguição imediatamente irrompeu nos estados austríacos.

Um cidadão de Viena, Gaspar Tauber, tinha feito circular os escritos de Lutero. Tinha ido mais longe ain-da. Escrevera contra a invocação dos santos, contra o purgatório e a •transubstanciação. (1) Atirado à prisão, foi conduzido à presença dos juizes, tanto teólogos como jurisconsultos, a fim de retratar-se dos seus êrros. Pensou-se que êle se havia retratado e fizeram-se em Viena todos os preparativos para dar à população um espetáculo solene. Na festa da natividade de Maria, ergueram-se dois púlpitos no cemitério de Santo Estevão, um para o mestre do côro, a quem caberia com seus cânticos exaltar o arrependimento do herege, e outro para o próprio Tauber. O formulário da retratação lhe fôra colocado nas mãos (2)

O povo e o côro esperavam em silêncio. Foi então quando, ou porque não tivesse feito nenhuma promessa ou porque no mo-mento de abjurar a fé, esta subitamente tivesse recobrado novo vigor, Tauber exclamou: "Não estou convencido e apelo para o Santo Império Romano!" O clero, os coristas e o povo tomaram-se de espanto e alarma. Entretanto Tauber continuou a declarar que preferiria a morte a negar o Evangelho. Foi, então, decapitado e o corpo foi incinerado; (3) mas sua coragem imprimira indelével impressão nos habitantes de Viena.

Em Budapest, na Hungria, um livreiro evangélico, chamado João, tinhá feito circular por todo o país tanto o Novo Testamento de Lutero, quanto os seus outros escritos. Foi amarrado por isso numa estaca, ao redor da qual empilharam 'todo o seu acêrvo de livros, formando uma tôrre a que atearam fogo. João mostrou inabalável coragem, exclamando do meio das chamas que exultava em morrer pela causa do Senhor. (4) "Sangue provoca mais sangue", exclamou Lutero ao saber dêsse martírio, "porém êsse sangue generoso que Roma gosta de derramar, no fim afogará o papa com os reis e seus reinos". (5)

O fanatismo tornou-se cada dia mais feroz. Os mi-nistros evangélicos foram expulsos de suas igrejas, os magistrados foram banidos e, por vêzes, aplicavam-se mais horríveis castigos. Em Wurtemberg, um inquisidor, chamado Reichler, mandou enforcar nas árvores os Luteranos e, principalmente, os pregadores. Achavam-se indivíduos desumanos que friamente pregavam os pastôres nos postes pela língua. Quando estas inditosas vitimas se debatiam para se libertarem,

tornavam-se horrivelmente mutiladas e para sempre privadas daquele dom com o qual por tanto tempo tinham proclamado o Evangelho. (6)

Semelhantes perseguições ocorreram nos outros es-tados da liga católica. Nas vizinhanças de Salzburg um ministro evangélico ia ser levado a um cárcere onde deveria terminar os seus dias. Enquanto os policiais que o custodiavam bebiam numa taberna da estrada, dois jovens camponeses, compadecidos dêle, iludiram a vigilância e libertaram o pastor. A cólera do arcebispo inflamou-se contra os dois pobres camponeses a quem mandou decapitar sem nenhuma forma de julgamento prévio. Levados secretamente para fora da cidade pela madrugada, e, chegados ao sítio onde deveriam morrer, o próprio carrasco hesitou, porquanto, disse êle, "não tinham sido julgados". — Faze o que te ordeno, àsperamente disse o emissário do arcebis-po, "e deixa ao príncipe a responsabilidade!" E in-continenti as cabeças dos dois jovens inocentes liber-tadores cairam sob a. espada. (7)

Nos estados .do Duque da Bavária as perseguições foram mais violentas. Ali os padres foram destituídos do seu, sacerdócio, os nobres expulsos dos seus castelos; por todo o país pululavam espiões e em cada coração morava a desconfiança e o alarma. Quando o magistrado Bernardo Fichtel se dirigia a Nuremberg a serviço do duque, encontrou-se na estrada com Francisco Burkhardt, professor em Ingolstadt e um dos amigos do Dr. Eck. Burkhardt acercou-se dêle e juntos fizeram a viagem. Finda a ceia o professor se pôs a falar sôbre religião, e Fichtel, que não era estranho ao seu companheiro de viagem, lembrou-lhe que o novo edito proibia tais conversações.

"Entre nós", respondeu Burkhardt, "nada há a temer". Diante disso Fichtel comentou dizendo: "Não acho que se possa jamais impor êsse edito", e prosseguiu expressando-se ambiguamente sôbre o purgatório e dizendo que era uma coisa horrível castigar-se com a morte as diferenças religiosas. A essas palavras Burkhardt não se pôde mais conter: "Que é mais justo", disse êle, "que cortar a cabeça a tôda essa canalha de Luteranos!"

Despediu-se amistosamente de Fichtel. Imediatamente, porém, o denunciou. Atirado à prisão, um infeliz que nunca pensou em se transformar em mártir e cujas convicções religiosas não eram lá muito profundas, Fichtel sóinente escapou da morte ao preço de uma vergonhosa retratação. Em parte alguma havia segurança, nem mesmo no peito de um amigo.

Entretanto outros encontraram a morte da qual Fichtel tinha escapado. Debalde se pregava o Evanbelho às escondidas; (8) os duques iam descobri-lo no seu segrêdo, no seu mistério, — sob os tetos domésticos, no êrmo dos campos.

"A cruz e a perseguição imperam na Bavária", disse Lutero; "essas feras selvagens estão se excedendo em loucura". (9)

Mesmo o norte -da Alemanha não se achava livre dessas crueldades. Morto Bogislaus, duque da Pomerânia, seu filho que fôra educado na côrte do Duque Jorge, começou a perseguir o Evangelho, forçando Suaven e Knipstro-w a fugirem.

Foi, porém, em Holstein que ocorreu um dos casos mais extraordinários de fanatismo.

Henrique de Zuphten que, como vimos, havia es-capado do convento de Antuérpia, pregava o Evangelho em Bremen, e Nicolau Boye, pastor de Mehldorf, mo Dittmarches, secundado por diversos homens piedosos naquele distrito, convidou-o a ir proclamar Jesus Cristo entre êles. Êle aceitou. Imediatamente entraram em consulta o prior dos Dominicanos e o vigário do oficial de Hamburgo. "Se êle pregar e o povo o ouvir", disseram, "tudo estará perdido 1" Depois de passar uma noite agitada o prior se levantou cedo e dirigiu-se aos terrenos incultos e áridos onde os quarenta e oito regentes do pais costumavam ter suas reuniões. "O monge de Bremen veio arruinar todos os Dittmarcheanos", disse-lhes êle. E aquêles quarenta e oito homens simples e ignorantes, persuadidos de que ficariam famosos, livrando o mundo daquele frade ímpio, decidiram levá-lo à morte sem mesmo o terem jamais visto ou ouvido.

Era num sábado e o prior desejava impedir que Henrique pregasse no dia seguinte. Bateu na porta do pastor Boye, nas caladas da noite, para entregar a carta dos quarenta e oito regentes. Se fôr da von- tade de Deus que eu morra entre os Dittmarcheanos, disse Henrique de Zuphten, o céu me estará tão per- to aqui como em qualquer outra parte: (10) pregarei. Subiu ao púlpito e pregou com grande energia. Comovidos e agitados com aquele eloqüência cristã, mal saíram do templo os ouvintes, quando o prior lhes entregou a carta dos quarenta e oito regentes, proi-bindo o monge de pregar. Êsses imediatamente des-pacharam seus representantes ao lugar das reuniões, e, ao cabo de longa discussão, e considerando sua grande ignorância, os Dittmarcheanos concordaram em esperar até a Páscoa.

Mas o prior irritado dirigiu-se a alguns dos regentes, inflamando-lhes novamente o zêlo. "Nós lhe escreveremos", disseram êles. — "Cuidai do que estais fazendo, "respondeu o prior, "se êle começar a falar não seremos capazes de fazer qualquer coisa com êle. Temos de agarrá-lo, no silêncio da noite, e queimá-lo antes de poder abrir a bôca."

Assentaram em tomar aquela medida. Ao crepúsculo do dia seguinte ao da festa da Conceição, o sino da Ave Maria tangeu. A êsse sinal todos os aldeães das vizinhanças se reuniram, num total de quinhentos, cujos chefes, encharcados de cerveja de Hamburgo, iam assim inspirados de grande coragem. Soavam as badaladas da meia-noite, quando chegaram a Mehldorf. Os camponeses levavam arma e os monges, archotes. Marchavam em desordem, proferindo gritos de furor. Entrando na aldeia caíram em profundo silêncio, re ceando que Henrique escapasse.

Súbitamente as portas do pastor foram arromba-das; os camponeses embriagados invadiram ruidosasamente a casa, batendo em tudo quanto encontravam: pratos, panelas, garrafas, roupas. Tudo foi atirado em confusão. Apoderaram-se de quanto objeto de ouro ou prata acharam, e caindo sôbre o pobre pastor espancaram-no, soltando brados de "matem-no! matem-no!" e em. seguida atiraram-no à lama. Mas era a Henrique que procuravam. Foram arrancá-lo da cama; amarraram-lhe as mãos às costas e o arrastaram sem roupa para fora numa noite de rigoroso inverno. "Por que vieste aqui?", perguntaram-lhe. E como Henrique respondeu com brandura exclamaram: "Abaixo com êle I Abaixo com êle! Se o ouvirmos ficaremos hereges também!" Tinham-no arrastado nu pelo gêlo e pela

neve. Os pés lhe sangravam; pediu que o pusessem a cavalo. "Vejam só!" responderam êles zombando, "achar cavalo para herege?... Anda!" — E continua-

ram empurrando-o pelas charnecas. Uma mulher que estava de pé à porta da sua cabana, vendo pasSar o servo de Deus, pôs-se a chorar. "Boa mulher", disse Henrique, "não chores por mim". O alcaide pronun-ciou a condenação. Então um dos loucos que o ha-viam arrastado até ali desfechou na cabeça do pre-gador de Jesus Cristo um golpe de espada, enquanto outro lhe aplicava uma pancada de maça. Em seguida trouxeram-lhe um pobre monge para a última confis-são de Henrique. "Irmão", perguntou Henrique, "já vos fiz mal algum dia?" — "Nenhum", respondeu o monge. — "Nesse caso nada tenho a vos confessar e nada me tendes a perdoar". O monge afastou-se confundido. Várias tentativas foram feitas para acender a fogueira.

Os toros não pegavam fogo. Durante duas horas assim ficou o mártir diante da fúria camponesa. Calmo e de olhos erguidos para o céu- Enquanto o amarravam para o atirar às chamas, êle começou sua confissão de fé. "Queime primeiro", disse um camponês, dando-lhe um sôco na bôca, "depois falei" Quiseram jogá-lo sôbre a pira, porém êle caiu de um lado. Agarrando -a maça, João Holme deu-lhe com ela no peito, matando-o. Morto, foi posto em cima da fogueira. "Essa é a verdadeira história dos sofrimentos do santo mártir, Henrique de Zuphten". (11)

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Cochloeus, p. 92, verso.

(2) Ibid.

(3) Lutero a Hausmann, II. p. 563.

(4) Lutero a Hausm.ann, II. p. 563.

(5) Ibid.

(6) Ranke, Deutsche Gesch. II. p. 174.

(7) Zauner, Salzburger Cronick, IV. p. 381.

(8) L. Ep. II. p. 559.

(9) Ibid.

(10) L. Op. XIX. p. 330.

(11) L. Op. L. XIX. p. 333.

CAPÍTULO VII

Separação — A Ceia do Senhor — Dois Extremos — Descoberta de Hoen — Wessel sôbre a Ceia do Se-nhor — Carlstadt Lutero — Misticismo dos Ana-batistas — Carlstadt em Orlamund — Missão de Lu-tero — Entrevista em Table — Conferência de Or-lamund — Carlstadt banido.

Enquanto por tôda parte o partido romano sacava da espada contra a Reforma, esta passava• por novos deseWolvimentos. Não Iserá sem Zurich ou Geneva, mas em Wittemberg, foco do revivescimento Luterano, que deveremos procurar o comêço da Igreja reformada, de que Calvino se tornou o principal doutor.

Essas duas grandes famílias haviam dormido no mesmo berço. Assim. a maturidade de ambas deveria coroar-se pela união. Uma vez, porém, agitada a questão da Ceia do Senhor, Lutero violentamente repeliu o elemento reformado, ligando-se então, êle e a sua Igreja, a um Luteranismo exclusivo. O aborrecimento que sentia diante dessa doutrina rival levava-o a perder muito de sua natural disposição para a generosidade, despertando nêle desconfiança, hábito descontente e irritado que, até aí, lhe tinham sido estranhos.

A controvérsia começou entre os dois velhos amigos; os dois campeões que em Leipzig tinham lutado lado a lado contra Roma. Surgiu entre Carlstadt e Lutero. Em cada um a afeição por doutrinas contrárias teve por causa um processo mental digno de nossa apreciação. Há, com efeito, dois extremos em matéria de religião; um, materializando tudo, outro, a tudo espiritualizando. O primeiro dêsses dois extremos é o de- Roma;• o segundo, o dos Místicos. A religião, da mesma forma como o homem, compõe-se de corpo e alma, e andam igualmente errados quer em pontos de vista religiosos quer em sistemas filosóficos, tanto os ma-terialistas quanto os puros idealistas.

Essa a grand' questão dissimulada na discussão em tôrno {la Ceia do Senhor. Onde com um olhar superficial nada vemos mais que uma banal discussão acêrca de vocábulos, um olhar mais penetrante nos revela uma •das mais importantes controvérsias capazes de ocupar a mente humana.

Aqui os reformadores se separam em dois partidos, cada qual levando consigo certa porção da verdade. Ao espiritualismo exagerado opõe-se Lutero com os seus seguidores. enquanto que Carlstadt e os reformados atacam um materialismo odioso. Cada qual aponta o êrro que, no seu modo de ver, é o mais fatal, e nesse ataque cada qual possivelmente vai além dos limites da verdade. Isto entretanto não tem consequências. Cada um dêles é verdadeiro na sua tendência natural e, conquanto pertencendo a hostes divergentes, êstes dois mestres ilustres se plantam ambos debaixo de uma bandeira comum, — a bandeira . de Jesus .Cristo que, só êle, é a Verdade em sua extensão infinita.

Carlstadt achava que nada podia ser mais preju-dicial à verdadeira piedade que a confiança inspirada em cerimônias materiais ou sugerida pela influência mágica dos sacramentos •A participação -exterior na Ceia do Senhor era, de acôrdo com .Roma, suficiente para a salvação, e êste principio tinha materializado a religião. Carlstadt não via meio melhor de restaurar a espiritualidade do que negar tôda presença do corpo de Cristo. Ensinava que êsse festim sagrado era para os crentes um mero penhor de sua redenção.

Teria Carlstadt chegado sôzinho á tais onclusões? Não. Tudo na Igreja se entrelaça, e agora surge cla-ramente estabelecida a filiação' histórica da doutrina reformada, tanto tempo despercebida. Inegàveimente não poderemos deixar de ver nessa doutrina os sentimentos de vários dos Patriarcas, mas se na longa cadeia dos séculos formos procurar o elo que mais' imediatamente liga Carlstadt e os reformadores suíços, iremos encontrá-lo na pessoa de João Wessel, o mais ilustre doutor do século quinze. (1)

Um causídico holandês, 'Cornélio Hoen (honius), amigo de Erasmo e que pOr seu amor ao Evangelho tinha sido preso em 1523, achou entre os papéis de Tiago Hoek, deão de Naeldwik e grande amigo de Wessel, vários tratados dêste ilustre doutor, que abordavam a Ceia do Senhor. (2) Convencido da verdade do sentido espiritual atribuído por Wessel a êsse sacramento, Hoen achou-se no dever de comunicar aos reformadores aquêles documentos da pena do seu com-patriota. Ele conseguintemente os remeteu a dois dos seus amigos, João Rhodius, presidente da fraternidade da Vida-Comum em Utrecht, e Jorge Sagarus ou Saganus, acompanhados de uma carta explicativa, pedindo que depusessem tudo diante de Lutero.

Pelos fins do ano de 1520 chegaram a Wittemberg os dois holandeses que, parece, foram ali recebidos favoràvelmente por Carlstadt. Lutero, consoante seu costume, convidara êsses dois amigos estrangeiros a en-contrar-se num jantar com alguns de seus colegas. A conversa naturalmente se voltou para o tesouro que os holandeses levavam consigo, particularmente para os escritos de Wessel sôbre a Ceia do Senhor.

Rhodius convidou Lutero a receber a doutrina tão claramente exposta pelo grande doutor do século quinze, e Carlstadt pediu ao amigo que reconhecesse a sig-nificação espiritual da Eucaristia, e mesmo escrevesse contra o comer carnal do corpo de Cristo. Lutero me-neou a cabeça, recusando. Diante disso Carlstadt ex-clamou: "Bem, se o não fizeres, fá-lo-ei eu, embora menos qualificado do que tu". Tal o início da separação verificada mais tarde entre os dois colegas. (3) Repelidos na Saxônia, os dois holandeses resolveram volver os passos: em direção à Suíça, onde os havemos de encontrar novamente.

Dai por diante Lutero tomou direção diametral-mente oposta. A princípio parecia que êle defendia opinião semelhante à .que acabamos de citar. Em seu tratado sôbre

a missa, publicado em 1520, êle disse: "Poderei participar diàriamente dos sacramentos, bas-tando ter eu em mente as palavras e promessas de Cristo, e nelas nutrir e robustecer minha fé". Nunca •Carlstadt, Zwinglio ou Calvino usou .de linguagem mais forte que esta. Pareceria mesmo que lhe ocorrera fre-quentemente nesse período a idéia de que a mais po-derosa arma para dar uma reviravolta no sistema papal era aquela explicação simbólica da Ceia do Senhor. Em 1525 Lutero disse que, cinco anos antes, tinha sido sèriamente tentado por essa doutrina, (4) e grandíssimo favor lhe faria o homem que lhe provasse haver na eucaristia exclusivamente pão e vinho.

Novas circunstâncias porém o levaram, não raro com certa violência, a afastar-se em oposição precisa-mente às idéias de que andara tão próximo. Encontra-se no fanatismo dos Anabatistas a explicação para a nova direção tornada por Lutero.]Esses entusiastas não se tinham contentado de subestimar aquilo a que chamavam a Palavra exterior, isto é, a Bíblia, e de ter pretensão a revelações especiais, diretas do Espírito Santo. Foram ao ponto de menosprezar o sacramento da Ceia do Senhor, como sendo uma exteriorização qualquer, enquanto que a verdadeira comunhão estava na comunhão intima.

A partir de então, em Ieda tentativa feita para explicar de maneira simbólica a Ceia do Senhor, Lutero -via o perigo de enfraquecer a autoridade das Sagradas Escrituras, de substituir o significado real por alegorias arbitrárias, de tudo espiritualizar na religião, de fazer esta consistir, não de dádivas de Deus, mas de impressões de homens, e, finalmente, o pe-rigo de assim substituir o verdadeiro Cristianismo por um misticismo, uma teosofia, um fanatismo que lhe cavariam fatalmente o túmulo. Havemos de reconhecer que, não fôra a violenta oposição de Lutero, a tendência mística, entusiástica e subjetiva teria talvez feito rápidos progressos, fazendo recuar a maré de bênçãos que a Reforma deveria espalhar sabre o mundo.

Impacientado de não poder explicar livremente sua doutrina em Wittemberg, e tangido por sua consciência a dar combate a um sistema "que na sua opinião rebaixava a morte de Cristo e lhe destruía o valor", Carlstadt resolveu "dar testemunho público por amor à pobre Cristandade tão cruelmente enganada". Deixou Wittemberg no comêço de 1524, sem informar de seu intento, à universidade, ou ao capítulo, e partiu para a pequena cidade de Orlamund, onde, tinha uma Igreja sob sua responsabilidade. Demitiu o encarregado e fez-se nomear pastor em lugar dêle, e a despeito do capítulo, da universidade e do Eleitor, estabeleceu-se no seu novo pôsto.

Logo começou a propagar a sua doutrina. "E' impossível", disse êle, "achar na presença verdadeira urna vantagem qualquer que não proceda da fé. É, porta o-to, inútil". Para explicar as palavras de Cristo na ins-tituição da Ceia do Senhor

empregou uma interpretação não aceita pelas Igrejas reformadas. Na discussão de Leipzig, explicando as palavras És Pedro e sôbre esta pedra edificarei minha Igreja, Lutero tinha separado as duas proposições, aplicando a última à pessoa do nosso Salvador. "Do mesmo modo", disse Carlstadt, "as palavras, tomar, comer, referem-se ao pão; mas as palavras, isto é meu corpo, referem-se a Jesus Cristo que apontou para si próprio, dando a entender, pelo símbolo de partir o pão, que seu corpo logo seria quebrado".

Carlstadt não parou aí. Mal se havia emancipado da custódia de Lutero, sentiu recrudescer-lhe o Mo contra as imagens. Era fácil, com seus discursos imprudentes e linguagem entusiástica, inflamar o cérebro dos homens naqueles dias agitados. O povo acreditando ouvir a um segundo Elias, deitou por terra os ídolos de Baal. A excitação depressa se alastrou pelas aldeias circunvizinhas. O Eleitor quis intervir, porém o povo declarou que devia obedecer a Deus e não aos homens. Diante disso o príncipe resolveu mandar Lutero a Orlamund, no intuito de restabelecer a calma. No conceito de Lutero, Carlstadt era um homem roído pelo desejo de notoriedade, (5) — um fanático que poderia ser arrastado a travar combate com o próprio Cristo. Frederico talvez pudesse ter feito melhor escolha. Lutero partiu e Carlstadt viu mais uma vez êsse importuno rival vir perturbar-lhe os planos de reforma e cortar-lhe as asas no seu vôo magnífico.

Iena situava-se na estrada para Orlamund. Che-gando a essa cidade, no dia 23 de Agôsto, Lutero subiu ao púlpito, no dia seguinte às sete horas da manhã, e durante hora e meia falou perante numeroso auditó-rio contra o fanatismo, a rebelião, a quebra de ima-gens e o desprêzo da presença verdadeira, ao mesmo tempo invectivando enèrgicamente as inovações de Orlamund. Absteve-se de mencionar o nome de Carlstadt, porém todos sabiam a quem êle visava.

Casual ou propositadamente Carlstadt se encontrava em Iena, integrando o número dos ouvintes de Lutero. Não hesitou em ir pedir uma explicaão daquele sermão. Lutero estava jantando com o prior de Wittemberg, o burgomestre, o secretário da cidade, o pastor de Iena e vários oficiais do Imperador e do mar-grave, quando recebeu uni bilhete de Carlstadt, couvidando-o para urna entrevista. Passando-o aos vizinhos a nota êle disse: "Se o Doutor Carlstadt quiser vir até mim, que venha; se não, posso passar sem êle". Carlstadt veio. Sua visita produziu viva sensação nos circunstantes. A maioria, excitada na expectativa de assistir a um duelo de leões, suspendeu o talher, enquanto que os mais tímidos empalideceram de susto.

A convite de Lutero, Carlstadt tomou assento diante dêle e disse: "Doutor, em vosso -sermão desta manhã classificaste-me entre aquêles que fomentam a rebelião e o assassínio. Essa acusação eu a declaro ser falsa".

Lutero. — "Não mencionei vosso nome; porém se a carapuça vos serve, podeis usá-la".

Depois de curta pausa Carlstadt continuou:

"Comprometo-me a provar que na doutrina do sacramento vós vos contradizeis e que, desde os dias dos apóstolos, ninguém a ensinou tão pura quanto eu".

Lutero. — "Escrevei! Combatei minhas opiniões!"

Carlstadt. — "Desafio-vos a uma sabatina pública em Wittemberg ou Erfurt, se me proverdes com um salvo-conduto".

Lutero. — "Nada temais, Doutor".

Carlstadt. Atais-me de mãos e pés, e quando me tomais incapaz de me defender, bateis-me. (6)

'Houve nova pausa, e então

Lutero respondeu:

"Escrevei contra mim, — porém abertamente, não secretamente".

Carlstadt. — Assim faria, se soubesse que falais com sinceridade-

Lutero. — "Fazei-o, pois, que vos darei um florim". Carlstadt. — "Dai-mo; aceito o repto".

A estas palavras Lutero tirou do bôlso um florim de ouro e deu-o a Carlstadt dizendo:

"Aqui tendes o dinheiro; agora atacai corajosa-mente".

Segurando o florim Carlstadt voltou-se para a as-sembléia e disse: "Caros irmãos, isto é o penhor de que tenho autorização de escrever contra o Doutor Lu-tero; sêde todos vós testemunhas disto".

Em seguida, mostrando o florim para que fôsse identificado, meteu-o na bôlsa e trocou com Lutero um apêrto de mãos. Lutero bebeu á saúde de Carlstadt, que retribuiu o gesto. "Quanto mais vigoroso o ataque, tanto mais o apreciarei", concluiu Lutero.

"Se não vos atingir", disse Carlstadt, "não será por minha culpa".

Depois de trocarem novo apêrto de mãos, Caristadt regressou a seu domicilio.

E assim, disse um historiador, tal como de uma simples faísca muitas vêzes lavra furioso incêndio em tôda uma floresta, dêsse pequeno incidente preliminar operou-se uma grande separação na Igreja- (7)

Seguindo viagem para Orlamund, Lutero ali chegou muito mal disposto em virtude da cena em Lena. Depois de reunir o conselho e a Igreja, disse: "Nem o Eleitor nem a universidade reconhecem Carlstadt como vosso pastor". — "Se Carlstadt não fôr nosso pastor", respondeu o tesoureiro do conselho da cidade, "São Paulo foi um falso pregador, e vossos livros estão cheios de falsidades, porquanto o temos eleito como tal".

Ao dizer êle isso, Carlstadt entrou na sala. Alguns dos que se achavam perto de Lutero acenaram-lhe para sentar-se, porém Carlstadt, dirigindo-se diretamente a Lutero, disse: "Caro Doutor, se me permitirdes, entreter-vos-ei".

Lutero. — "Sois meu adversário. Dei-vos para isso um florim".

Carlstadt. — "Serei vosso adversário, enquanto fôr-des inimigo de Deus e 'de sua verdade".

Lutero. — "Deixai esta sala; não posso permitir vossa presença aqui"-

Carlstadt. — "Esta é uma reunião pública. Se vossa causa é boa, que razão tendes para temer-me?"

Lutero (ao seu criado). — Ide preparar os cava-los. Não tenho nada que fazer com Carlstadt; se êle não sai, saio eu. (8)

Proferindo estas palavras Lutero se pós de pé, e então -Carlstadt saiu da sala.

Passada curta pausa Lutero prosseguiu:

"Provai pelas Escrituras que devemos destruir as imagens".

Um conselheiro, (abrindo a Bíblia). "O Doutor vai concordar em que Moisés sabia os mandamentos de Deus, pois não? Bem, então aqui estão as palavras: Não te farás nenhuma imagem gravada ou qualquer se-melhança".

Lutero. — "Essa passagem só se refere aos ídolos. Se eu tiver pendurado em meu quarto um crucifixo e não o adorar, que mal me poderá êle fazer?"

Um Sapateira. — Tenho sempre tirado o chapéu diante de uma imagem. que vejo numa sala ou na rua-E' um gesto idólatra que priva Deus da glória que só a êle é devida.

Lutero. — Precisamos, então, por causa de seu abuso, matar nossas mulheres e atirar à rua o nosso vinho ? (9)

Outro Membro da Igreja. — "Não! São criaturas de Deus, que não temos ordem de destruir".

Depois que a conferência se prolongou por mais algum tempo, Lutero e seus amigos voltaram à sua carruagem, admirados de quanto tinham visto e sem ter conseguido convencer a população, que reclamava para si o direito de livremente interpretar e explicar as Escrituras. A excitação em Orlamund era muito grande, o povo insultava Lutero e ouviam-se brados:

"Fora daqui, em. nome de todos os demônios! Tomara que quebres o pescoço antes de sair de nossa cidade!" (10)• Nunca o reformador :tinha sofrido tamanha humilhação.

Dali seguiu para Rale, cujo pastor também havia abraçado as doutrinas de Carlstadt. Resolvido a pregar ali, encontrou, quando subiu ao púlpito, os pedaços de um crucifixo quebrado. Sua emoção a princípio foi grande, mas recuperando o sangue-frio, juntou num canto os fragmentos e proferiu um sermão, sem a menor alusão àquêle incidente. Em época subsequente êle disse: "Resolvi vingar-me do demônio com o desprêzo".

Quanto mais o Eleitor se aproximava do fim da vida, tanto mais receava que os homens fôssem longe demais com a Reforma. Expediu ordens destituindo Carlstadt do seu oficio e impondo-lhe o afastamento, não apenas de Orlamund como ainda de todos os seus estados. Debalde quis a igreja local interceder em•seu favor, debalde pediram que o deixasse ficar entre êles como cidadão comum, autorizado a pregar ocasionalmente, debalde alegaram dar mais valor à verdade de Deus que ao mundo inteiro ou mesmo a mil mundos inteiros, (11) se Deus os houvesse criado tantos.

Frederico permaneceu inexorável, indo ao extremo de recusar a Carlstadt os fundos necessários para a sua viagem. Lutero nada teve a ver com essas medidas severas do príncipe, estando elas longe de suas tendências, como mais tarde o demonstrou. Entretanto Carlstadt viu nêle o autor de todos os seus infortúnios e encheu tôda a Alemanha com suas queixas e lamentos. Escreveu uma mensagem de despedidas aos seus amigos de Orlamund. Chamada com o bimbalhar de sinos a população se reuniu para ouvir a leitura da carta, que encheu de lágrimas todos os olhos. (12) Estava assi-nada: "André Bodenstein, expulso por Lutero sem ter sido nem ouvido nem julgado".

Não podemos deixar de nos penalizar vendo a luta entre êsses dois homens, ambos tão excelentes, que foram antes tão bons amigos. Uma sensação de tristeza apoderou-se de todos os discípulos da Reforma. Que seria dela, agora que seus dois mais ilustres defensores se achavam em oposição? Notando semelhantes temores Lutero se esforçou por aliviá-los. "Lutemos", disse êle, "como que lutando por outro. De Deus é a causa, o empenho, a obra, a vitória e a glória! (13) Éle contenderá e vencerá sem nós. Que caia aquilo que deverá cair; que fique de pé aquilo que deverá permanecer de pé. Não é a nossa causa individual que está em jôgo, nem é nossa glória individual que buscamos".

Carlstadt refugiou-se em Strasburg, onde publicou várias obras. Era, no dizer do Dr. Scheur, profundo conhecedor de latim, grego e hebraico. Lutero reco-nheceu sua erudição superior. Dotado de espírito elevado, sacrificou às suas convicções o seu renome, a sua posição, o seu lar, o seu próprio pão. Em seguida di-rigiu-se para a Suíça, onde já devera ter ido. Ali deveria ter começado sua campanha, pois sua indepen-dência precisava de respirar o ar livre da atmosfera de Zwinglio e de Oecolampadius. Sua doutrina logo despertou quase tanta atenção como a que obtiveram as primeiras teses de Lutero. A Suíça parecia que es-tava ganha; Bucer e Capito pareciam ter sido transportados por ela.

A indignação de Lutero estava no auge. Publicou, então, um dos seus mais poderosos e ao mesmo tempo mais violentos livros de controvérsia. A obra intitulava-se: "Contra os Profetas Celestes".

Assim atacada pelo papa, pelo Imperador e pelos príncipes, a Reforma começou a despedaçar-se. Parecia na iminência de tombar ao pêso de tantos males e seguramente teria tombado fôsse ela alguma obra humana. Porém logo, e da beira do abismo, reergueu-se com dobrada energia.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Vide Vol. L p. 33.

(2) Vide Hardenberg Vita Wesseli; Gerdes, Mist. Evang. renov. I. p. 228-230; Gieseler, Kirchen, G. ILL p. 190; Ulmán João, Wessel (2a. ed.) p. 564.

(3) Hardenberg, Vita, Wesseli; W. Op. Amst. p. 13. Handen-berg refere-se a Rhodius, Goswin, Melanchton e Th. Blaurer,- de quem, diz &e, recebera seu relatório, e acrescenta: "Interim velim illis credi, ut viris bonis, mini saltem, ut fideli relatori".

(4) L. Ep. II p. 577.

(5) L. Ep. II. p. 551.

(6) L. Op. XIX. D. 150.

(7) M. Adami, Vita Carlst., p. 83 Nossa narrativa foi extraída principalmente dos Atos de Reinhard, pastor de Iena, testemunha ocular, porém amigo de Carlstadt, e a quem Lutero acusa de inexatidões_

(8) L. Op. XIX. p. 154.

(9) Ibid.

(10) Dois dos mais distintos historiadores contemporâneos da Alemanha (Dr. Markeineke, Ref. Gesch. II. p. 139, e Freud von Raumer, Gesch. Europ. I. p. 371), acrescentam que o povo de Orlamund atirou lama e pedras em Lutero, porém êle afirma precisamente o contrário: "Fiquei contente de safar-me sem ter sido alvo de lama e pedradas". L. Ep. II. p. 579.

(11) Seck. p. 628.

(12) L. Ep. II. p. 558.

(13) Ibid. p. 556.

CAPÍTULO VIII

Progresso — Resistência contra a Liga de Ratis-bona — Encontro de Filipe de Hesse com Melanchton — O Landgrave convertido ao Evangelho — O Pa-latinado — Luneburg — Holstein — o Grão-Mestre de Wittemberg.

A Liga Católica de Ratisbona e as perseguições que lhe seguiram provocaram no povo alemão uma poderosa reação. Não se sentiam dispostos a ficar privados da Palavra de Deus que lhes tinha sido, por fim, restituída; e aos mandatos de Carlos V, às bulas do papa e às ameaças das fogueiras de Ferdinando e dos príncipes católico-romanos, êles respondiam: "Havemos de mantê-la!"

Nem bem os componentes da Liga haviam deixado Ratisbona, os deputados das cidades cujos bispos tinham tomado parte na aliança, reuniram-se com surprêsa e indignação, em Spira, e declararam que seus ministros, a despeito da proibição dos bispos, haviam de pregar o Evangelho, e nada senão o Evangelho, conforme a doutrina dos profetas e dos apóstolos. Puseram-se em seguida a organizar numa linguagem consistente e firme um memorial a ser apresentado à assembléia na-cional.

E' verdade que a carta imperial de Burgos lhes veio perturbar a mente. Não obstante, pelos fins do ano os deputados dessas cidades, muitos dêles nobres, se encontraram em Ulm, e juraram assistência mútua em caso de assalto.

Dêsse modo à aliança formada pela Áustria, Ba-vária e os bispos, as cidades livres imediatamente opu-seram outra na qual arvoraram a bandeira da Evan-gelho e das liberdades nacionais.

E assim, enquanto as cidades se colocavam na van-guarda da Reforma, muitos príncipes foram ganhos à sua causa. No comêço do mês de Junho de 1524, quando Melanchton, acompanhado de Carnerarius e outros amigos, cavalgava de volta de uma visita feita a mãe, encontrou êle um esplêndido cortejo perto de Frankfort.

Era o do Landgrave de Hesse, Filipe, que três anos antes tinha visitado Lutero em Worms e se achava agora a caminho do torneio de Heidelberg, onde estariam presentes todos os príncipes dá Alemanha.Assim a Providência pôs Filipe sucessivamente em contacto com os dois reformadores. Como se sabia que o célebre doutor havia partido com destino à sua terra natal, um dos assistentes do landgrave disse: "Acho que é Filipe Melanchton". Esporeando o cavalo o jovem príncipe imediatamente se aproximou do doutor, perguntando: "Seu nome ; Filipe?" — "É", res pondeu o doutor, um tanto intimidado e respeitosamente se preparando para apear. (1) "Fique montado", disse o príncipe. "Volte-se e venha passar a noite comigo; tenho uns pequenos assuntos para tratar com sua pessoa. Nada precisa recear". — "Que poderei recear de um príncipe como vós?", respondeu o doutor. — "Ah, ah!",

continuou o landgrave, rindo-se, "Se eu o prendesse para entregá-lo a Campeggio, acho que êle não ficaria ofendido". Os dois Filipes saíram cavalgando lado a lado, o príncipe fazendo perguntas e o doutor respondendo. O landgrave deleitava-se na perspectiva clara e impressiva que Melanchton lhe ia abrindo. Éste por fim pediu licença para prosseguir na sua viagem e Filipe de Hesse despediu-se dêle com relutância, di-zendo: "Com uma condição: quando voltar para casa, examinar cuidadosamente os pontos que estivemos discutindo e mandar-me por escrito o resultado". (2) E quando Melanchton prometeu fazê-lo, o príncipe concluiu: "Então vá, e passe pelos meus estados".

Com seu costumeiro talento Melanchton compôs um "Breviário da Doutrina do Cristianismo Revivido"; (3) um tratado eloqüente e conciso que causou decidida impressão na mente do landgravé. Logo após seu regresso do torneio de Heidelberg, êsse príncipe, sem ligar-se às cidades livres, lançou. um edito que, em opo-sição à Liga de Ratisbona, ordenava fôsse pregado o Evangelho em tôda a sua pureza. Êle próprio o abraçou com aquela energia peculiar ao seu caráter. "Pre-feria", disse êle, "dar meu corpo, minha vida, meus súditos e meus estados a abandonar a Palavra de Deus". Percebendo a inclinação dêsse príncipe para a causa da Reforma, um frade

Menor endereçou-lhe uma carta cheia de censura e conjurando-o a permanecer fiel a Roma. "Permanecerei fiel à antiga doutrina", respondeu êle, "porém tal como está contida nas Escrituras". E então demonstrou assaz expressivamente que o homem só se justifica pela fé. O espanto emudeceu o frade. (4) Ao landgrave comumente se referiam como o "discípulo de Melanchton". (5)

Outros príncipes seguiram o mesmo caminho. O eleitor-palatino negou-se a fazer qualquer perseguição. O Duque de Luneburg, sobrinho do Eleitor da Saxônia, começou a reformar os seus próprios estados. E o Rei da Dinamarca deu ordens para que em Sleswick e Holstein cada qual servisse a Deus livremente, como lhe mandasse a consciência.

Vitória ainda mais importante a Reforma obteve. Um príncipe cuja conversão ao Evangelho estava destinada a exercer grande influência mesmo em nossos dias, começara por êsse tempo a se afastar de Roma. Certo dia nos fins de Junho, pouco depois do regresso de Melanchton a Wittemberg, entrou na câmara de Lutero o margrave de Brandenburg, Alberto, grão-mestre da ordem teutônica. Êsse chefe dos monges militantes da Alemanha, então senhor da Prússia, tinha ido à Dieta de Nuremberg invocar o auxílio do Império contra a Polônia, mas voltara em grande aflição. Por um lado os sermões de Osiander e a leitura da Bíblia tinham-no convencido de que sua profissão monástica era contrária à Palavra de Deus, e por outro lado, a queda do govêrno nacional na Alemanha ti-nha-lhe levado tôdas as esperanças de conseguir o auxilio que fôra solicitar. Que fazer então?... O conselheiro saxônico de Planitz, com quem tinha deixado Nuremberg, sugeriu-lhe

que fôsse consultar o reformador. "Que me dizeis dos regulamentos da minha ordem?", inquiriu o príncipe, agitado e inquieto. Lutero não hesitou; viu que a única coisa capaz .de salvar a Prússia era uma linha de conduta em conformidade com o Evangelho. "Invocai o auxilio de Deus", disse êle ao grão-mestre, "atirai ao chão as regras insensatas e confusas da vossa ordem, dai fim a êsse abominável principado, verdadeiro hermafrodita que não é nem religioso nem secular (6); abandonai essa falsa castidade e procurai a verdadeira, tomai uma espôsa e, em lugar dêsse monstro inominável, fundai uma soberania legítima". (7)

Tais palavras puseram claramente diante do grão-mestre um estado de coisas que êle até então só tinha concebido vagamente. Um sorriso lhe iluminou o rosto, mas, demasiado prudente para declarar-se, guardou silêncio. (8) Melanchton que se achava também presente, falou como Lutero, e o príncipe voltou aos seus estados, deixando nos reformadores a convicção de que lhe haviam plantado no coração uma semente que algum dia daria seu fruto.

Carlos V e o papa opuseram-se à assembléia na-cional de Spira, receando que a Palavra de Deus ganhasse quantos se achassem presentes ali. A Pala-vra. de Deus, porém, não pode ser abafada: impedida de se fazer ouvir entre quatro paredes numa cidade no Baixo-Palatinado, vingou-se, espalhando-se por tôdas as províncias, agitando o coração do povo, iluminando príncipes e manifestando sôbre todo o Império essa potência que nem bulas e nem editos são capazes de remover.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Carnerarius, p. 94.

(2) Ibid. p. 94.

(3) Epitome renovatae ecclesisticae doctrinae. e

(4) Seekendorf, p. 738.

(5) Camer., g. 95.

(6) L. Ep. II. p. 527.

(7) Ibid.

(8) L. Ep. II. p. 527.

CAPÍTULO IX

Reformas — Igreja de Todos os Santos — Queda da Missa — usino — Escolas Cristãs — O Ensino estendido aos Leigos — As Artes — Religião moral — Religião estética — Música — Poesia — Pintura.

Enquanto as nações e seus dirigentes assim se apres-savam em direção à luz, os reformadores se afanavam por tudo regenerar, tudo interpretar pelos princípios do Cristianismo. A situação do culto público foi a primeira coisa a lhes ocupar a atenção. Tinha chegado a hora marcada pelo reformador, em sua chegada do Wartburg. "Agora que o coração dos homens foi robustecido pela graça Divina", disse êle, "precisamos pôr um fim aos escândalos que poluem o reino do Senhor, e atrever-nos a qualquer coisa em nome de Jesus".

Estipulou que os homens deviam comungar nas duas espécies (o pão e o vinho); que se eliminasse da cerimônia da eucaristia tudo quanto parecesse dar-lhe o aspecto de um sacrifício (1); que nunca se reunissem Cristãos sem a prédica do Evangelho (2) ; que os crentes, pelo menos os padres e escolásticos, deviam reunir-se tôdas as manhãs às cinco ou seis horas, a fim de ler o Antigo Testamento, e numa hora correspondente na parte da tarde, a fim de ler o Novo Testamento; que todos os domingos, de manhã e de tarde, a Igreja devia reunir-se com o objetivo magno de propagar ao som dos sinos a Palavra de Deus. (3)

A igreja de Todos os Santos em Wittemberg provo-cava de modo especial a indignação de Lutero. Se-ckendorf nos informa de que ali eram celebradas 9901 missas por ano, e se consumiam nesse tempo 35.570 libras de cêra. Lutero chamava a isso um "inferno sacrílego". "Só há três ou quatro indolentes", disse êle, "que ainda adoram êsse luxo vergonhoso, e não fôra eu ter contido o povo, essa casa de Todos os Santos, ou melhor, de. todos os demônios, teria feito no mundo um barulho como nunca antes se ouviu".

A luta começou em tôrno dessa igreja. Semelha- va-se aos antigos santuários do paganismo no Egito, Gália e Alemanha, destinados a cair para que o Cristia-nismo pudesse estabelecer-se. Desejando ver a missa abolida nessa catedral Lutero enviou ao capítulo uma petição, em 1.° de Março de 1523, e outra em 11 de Julho. (4) Tendo os cônegos alegado as ordens do Eleitor, Lutero respondeu, "Que significa para nós neste caso a ordem do príncipe? M.e é príncipe "secular; a espada e não a pregação do Evangelho, é o que lhe pertence. (5) Aqui Lutero marca acentuadamente a distinção entre o Estado e a Igreja. "Não há senão um sacrifício que releva os pecados", disse êle novamente, "Cristo, que unia vez se ofereceu por todos, e nisso somos partícipes, não por obras ou sacrifícios, porém Unicamente pela fé na Palavra de Deus".

O Eleitor que sentia aproximar-se o .fim da sua vida, opunha-se a novas reformas.

Porém aos pedidos de Lutero vieram juntar-se outros. "E' tempo de agir", disse ao Eleitor o preboste da catedral. "Uma manifestação do Evangelho tão no-tável como a que agora temos, não dura ordinàriamente mais tempo que uma réstea de sol. Apressemo-nos, pois". — Corp. Ref. 636.

Como a carta do preboste Jonas não alterasse o ponto de vista do Eleitor, Lutero perdeu tôda a paciência e, achando ter chegado o momento para desferir um golpe decisivo, despachou ao capítulo uma carta ameaçadora: Rogo-lhes amistosamente, sèriamente os concito a 'Arem um fim a todo êsse culto sectário. Se recusarem, receberão (com a ajuda de Deus) a recompensa merecida. Menciono isto para seu govêrno, e solicito uma resposta imediata e positiva, — sim ou não — antes do próximo domingo, para eu saber o que tenho de fazer. Possa Deus dar-lhes graça para seguirem Sua luz.

Terça-feira, 8 de Dezembro de 1524. Martinho Lutero, "Pregador em Wittemberg" (6)

Ao mesmo tempo o reitor, dois burgomestres e dez conselheiros cercavam o deão, pedindo-lhe, em nome da úniversidade, do conselho e dos cidadãos de Wittemberg, "que abolisse a grande e horrível impiedade cometida na missa contra a majestade de Deus".

O capítulo foi forçado a ceder, declarando que tendo sido iluminados pela santa Palavra de Deus, (7) êles reconheciam os abusos apontados. Concomitantemente publicaram uma nova ordem de ofício religioso que entrou a vigorar no dia de Natal do ano de 1524.

Dêste modo tombou a missa naquele famoso san-tuário, onde ela tanto tempo resistira aos reiterados ataques dos reformadores. Atacado de gôta e em rápido declínio de saúde, o Eleitor Frederico, apesar de todos os seus esforços, não conseguiu impedir essa grande vitória da Reforma. Viu nisso uma manifestação da vontade Divina e cedeu. A queda das observâncias romanas- na igreja de Todos os Santos acelerou sua abolição em grande número de outras igrejas por tôda a Cristandade. Por tôda parte se verificava a mesma resistência, — por tôda parte se presenciava o mesmo triunfo. Foi em vão que os padres, e mesmo os príncipes em muitos lugares, tentaram levantar obstáculos. Não podiam sair bem sucedidos.

Não era sèmente o culto público que a Reforma tinha ordem de modificar. A escola foi cedo colocada ao lado da Igreja, e essas duas grandes instituições tão poderosas para regenerar as nações, foram igualmente reanimadas por ela. Graças a uma íntima aliança com o saber foi que a Reforma ingressou no mundo, e na sua hora de triunfo ela não se esqueceu do seu aliado.

O Cristianismo não é um simples desenvolvimento do Judaismo. Diferente do papado, seu objetivo não é novamente envolver o homem nas faixas apertadas com que lhe envolveram o corpo de bebê, cingindo-o a ordenanças externas e a doutrinas humanas. O Cris-tianismo é uma criação nova. Toma o homem interior, transformando o que há de mais íntimo em sua natu- reza, de maneira que homem algum precisará de ou-tros homens que lhe imponham regras, mas auxiliado por Deus, êle poderá de si mesmo e por si mesmo distinguir o que é verdadeiro, e fazer aquilo que é direito. (8)

A fim de conduzir a humanidade à idade de ma-dureza em Cristo, e a fim de libertá-la da longa tutela de Roma, à Reforma incumbia desenvolver o 'homem total, regenerando-lhe por um lado o coração e a vontade pela Palavra de Deus, e por outro lado iluminando-lhe o entendimento como estudo das coisas sagradas e das coisas profanas.

Lutero tinha visto isso. Sentira que para fortale-cer a Reforma era mister operar sôbre os jovens, aper-feiçoar as escolas e propagar através da Cristandade os conhecimentos necessários para um estudo profundo das Sagradas Escrituras. Êsse por conseguinte foi um dos objetivos da sua vida. E êle o vira particularmente no período a que chegamos, quando então escreveu aos conselheiros de tôdas as cidades da Alemanha, concitando-os a criarem escolas cristãs. Prezados senhores", disse êle, "gastamos anualmente tanto dinheiro em arcabuzes, estradas e diques; por que não gastaríamos um pouco dando um mestre-escola

ou dois às nossas pobres crianças? Deus está batendo na porta. Abençoados seremos se lha formos abrir! Agora é abundante a Palavra de Deus. Oh, meus caros alemães, comprai, comprai, enquanto está aberta a feira diante de vossas casas. A Palavra de Deus e sua graça são como a chuva de verão que logo passa. Estêve entre os judeus, mas passou, e êles agora não a têm mais. Paulo a levara à Grécia, mas também ela passou naquele pais, onde agora reinam os turcos. Ela veio a Roma e ao império latino, mas ali também passou, e Roma agora tem o papa. (9) Oh, alemães, não esperai ter essa Palavra para sempre. O desprêzo mostrado para com ela, a afugentará. Por esta razão, quem a quiser ter, que a agarre e segure!

"Ocupai-vos com as crianças", continua Lutero, di-rigindo-se aos magistrados; "pois muitos pais são como os avestruzes, endurecidos contra os seus filhotes: satisfeitos de terem pôsto o ôvo, pouco se importam depois com êle. A prosperidade de uma cidade não consiste na mera acumulação de montões de tesouro, na construção de fortes muralhas, na edificação de maravilhosas mansões, na posse de armas faiscantes. Se sôbre ela cairem loucos, sua ruína será tanto maior. A verdadeira riqueza de uma cidade, sua segurança e sua fôrça estão em ter muitos cidadãos instruídos, sérios, dignos e bem educados. E contra quem havemos de

lançar a culpa de existirem presentemente tão poucos, senão aos magistrados que permitiram a nossos jovens crescer como árvores numa floresta?"

Lutero insistiu particularmente na necessidade de estudar-se literatura e línguas: "Que utilidade há", poder-se-ia perguntar, em saber-se latim, grego e hebraico quando podemos muito bem ler a Bíblia em ale-mão? Sem as línguas, respondo, não poderíamos ter re-cebido o Evangelho... As línguas são a bainha onde se guarda a espada do Espírito; (10) são a caixa que encerra as jóias; são a taça que contém o vinho; e, como diz o Evangelho, são o cêsto onde se acham os pães e os peixes para dar de comer à multidão.

Negligenciando as línguas não só perderemos eventualmente o Evangelho como ficaremos incapacitados de falar ou escrever latim ou alemão. Desde que os homens deixaram de as cultivar, começou o declinio do Cristianismo que caiu até se achar sob o poder do papa. Mas agora que estão sendo novamente honradas, as línguas projetam tanta luz que o mundo se admira, e todos são forçados a reconhecer que o nosso Evangelho é quase tão puro como o dos próprios apóstolos.

Nos tempos primitivos os santos Patriarcas frequentemente se enganavam, por serem ignorantes das línguas; hoje em dia há os que, como os Waldenses, não encontram nenhuma utilidade nas línguas; mas embora sua doutrina seja boa, êles amiúde erram na verdadeira signi-ficação do texto sagrado. Estão desarmados contra o êrro, e muito receio que sua fé, não continui pura. (11) Se as línguas não me tivessem tornado positivo quanto ao significado da Palavra, eu poderia ter sido um monge piedoso. Estaria pregando tranquilamente a verdade na penumbra do claustro, mas deixando ainda inabalados o papa, os sofistas e todo o seu império anticristão. (12) •

Lutero não se limitava sômente à instrução do clero, mas desejava que os conhecimentos não ficassem trancados na Igreja. Assim propunha que fôssem estendidos aos leigos, até então privados disso. Pugnava pelo estabelecimento de bibliotecas, onde se encontrassem não ~ente edições e comentários dos escolásticos e padres da igreja, mas também as obras de oradores e poetas, mesmo pagãos, e, ainda, escritos sôbre belas-artes, lei, medicina e história. "Essas produções", disse êle, "servem para tornar conhecidas as obras e as maravilhas de Deus".

Este esfôrço de Lutero foi dos mais importantes que a Reforma produziu. Emancipou o saber das mãos dos clérigos que o tinham monopolizado, como no Egito de outrora, e colocou-o ao alcance de todos. Dêsse impulso, produzido pela Reforma, partiram os grandes desenvolvimentos dos tempos modernos. Os leigos, literatos ou escolásticos, que agora envilecem a Reforma, esquecem-se de que êles próprios foram gerados por ela, e que, sem ela, estariam ainda, como crianças, ignorantes, sob a chibata do clero. A Reforma percebeu o elo íntimo que ligava tôdas as ciências. Viu que, procedendo de Deus o conhecimento, êsse conhecimento levava o homem de

novo a Deus. Desejava que todos os homens aprendessem, e que aprendessem tudo. "Aquêles que desprezam a literatura profana", disse Melanchton, "não têm a teologia em melhor conta. Seu desprêzo é mero pretexto com o qual procuram ocultar sua indolência". (13)

A Reforma não se contentou em simplesmente dar um grande impulso às letras; também deu novo incremento às artes. O Protestantismo tem sido frequentemente acusado de lhes ser inimigo, e muitos protestantes boamente aceitam essa censura. Não iremos indagar se a Reforma devera ou não gloriar-se nisso. Contentar-nos-emos em lembrar que a história imparcial não confirma o fato sôbre que se baseia tal acusação. O catolicismo romano se ufana de ser mais favorável às artes do que o protestantismo. Pois seja. O paganismo foi ainda mais favorável; no entanto, o protestantismo situa sua glória noutra parte. Há religiões que se ocupam mais com as tendências estéticas do homem do que com sua natureza moral.

O Cristianismo se distingue de tais religiões, visto que o elemento moral constitui sua propria essência. O sentimento cristão se manifesta não através de produções artísticas, mas através de obras de vida cristã. Qualquer seita que abandone essa tendência moral do Cristianismo, por essa mesma circunstância perde o direito à pretensão de dizer-se cristã. Roma não abandonou inteiramente êsse espírito, cujo característico essencial o Protestantismo acaricia com muito maior pureza. Me coloca sua glória no exame judicioso de tudo que concerne ao sêr moral, no julgamento das ações religiosas, não pela beleza exterior e modo como impressionem a imaginação, mas pelo seu valor intrínseco e a relação em que elas se acham perante a consciência. Assim, enquanto o papado é uma religião estética, como o demonstrou um 1 famoso escritor (14) o protestantismo é acima de tudo uma religião moral.

No entanto a Reforma dirigindo-se ao homem de início como um sêr moral, dirigiu-se ao homem total. Acabamos de ver como ela lhe falou ao entendimento e o que ela fez pela literatura. Também lhe falou à sua sensibilidade, à sua imaginação, e contribuiu para o desenvolvimento das artes. A Igreja já não se compunha mais de monges e de padres. Era a assembléia dos fiéis. Todos deviam tomar parte na adoração, pú-blica, e ao canto do clero devia suceder-se o canto do povo. Conseguintemente Lutero, traduzindo os Sal-mos, pensou em adaptá-los ao canto da congregação. E com isso difundiu-se pela nação o gôsto da música.

"Depois da teologia", disse Lutero, "dou à música o primeiro lugar e a honra mais alta. (15) Um mestre-escola precisa saber cantar", disse êle em outra ocasião, "pois do contrário eu nem sequer olhária para êle".

Certo dia, quando amigos cantavam lindos hinos em sua casa, êle exclamou com entusiasmo: "Se o Senhor Deus espalhou tão admiráveis doni nesta terra, que não passa de um obscuro recanto, como não será na vida eterna onde tudo é

perfeição !". .. Desde o tempo de Lutero o povo canta; a Bíblia inspirou-lhe as canções, e o impulso dado por ocasião da Reforma produziu em anos subsequentes êsses nobres oratórios que parecem formar o cume dessa arte.

A poesia participou do movimento geral. Cantando os louvores de Deus, os homens não podiam ater-se às meras traduções dos antigos hinos. Erguida pela fé até os ideais mais sublimes, movida ao entusiasmo pelos conflitos e perigos que continuamente ameaçavam a Igreja infante, e inspirada no gênio poético do Antigo Testamento e na fé do Novo, a alma de Lutero e a de muitos contemporâneos seus, logo vazaram seus sentimentos religiosos em canções onde a poesia e a mú-sica se fundiam nas suas vibrações mais celestiais. E assim, no século dezesseis, reviveu o hino que, no pri-meiro século, havia consolado o sofrimento dos mártires. Como já vimos, Lutero em 1523 consagrou-o à memória dos mártires de Bruxelas, exemplo que outros filhos da Reforma imitaram. Êsses hinos aumentaram de número e circulavam ràpidamente entre o povo, contribuindo poderosamente para o seu despertamento. Foi no mesmo ano em que Hans Sachs compôs O Rouxinol de Wittemberg. A doutrina que prevalecera na Igreja, nos quatro últimos séculos era como o luar, quando caminhantes perdem o trilho na floresta. O rouxinol, en- tão, proclama a madrugada, sobrevoando as neblinas da aurora, e festeja o brilho do dia nascente.

Enquanto a poesia lírica assim devia seu advento às inspirações mais altaneiras da Reforma, sátiras em verso e drama saiam da pena de Hütten e Manuel, atacando os mais berrantes abusos. Foi à Reforma que os maiores poetas da Inglaterra, da Alemanha e talvez da França, deveram seus mais altos vôos.

De tôdas as artes, a pintura foi aquela em que a Reforma teve influência mínima. Foi, não obstante, re-novada, e mesmo santificada, pelo movimento geral que na ocasião excitava tôdas as potencialidades do homem. Lucas Cranach, o maior mestre da época, instalou-se em Wittemberg, vivendo na intimidade de Lutero, e tornou-se o pincel da Reforma. Vimos como êle re-presentou o contraste entre Cristo e o Anticristo (o papa), (16) e assim se colocou entre os órgãos mais influentes da revolução que estava transformando as nações.

Logo que teve convicção de novos fatos êle consagrou seu casto crayon exclusivamente a pinturas em harmonia com os sentimentos cristãos, espalhando, então, sôbre grupos de crianças abançoadas pelo Salvador, as graças com que antes vinha adornando a santos lendários. Também Albert Durer foi ganho pela Palavra do Evangelho, e seu gênio artístico recebeu novo impulso. Datam dêsse período as suas obras-primas. Vemos pelos traços com que -daí por diante pinta os evangelistas e os apóstolos, que a Bíblia tinha sido restituída ao povo, e que nela o pintor foi haurir uma profundeza, vigor, vida e sublimidade que nunca teria encontrado no seu próprio intimo. (17)

Temos, entretanto, de confessar que de tôdas as artes, a pintura é a que mais se expõe a objeções fortes e bem fundadas, no que concerne à influência religiosa. A poesia e a música procedem do céu e voltarão a ser encontradas no céu; porém continuamente vemos a pintura associar-se a sérias imoralidades ou a êrros lamentáveis. Depois de uma viagem à Itália ou do estudo da história, nada benéfico à humanidade poderá um homem achar nessa arte. Seja qual fôr o valor dado a essa exceção, que por dever mencionamos, ainda subsiste o conceito geral que fizemos.

Embora dirigindo-se primàriamente à natureza moral do homem, a Reforma na Alemanha imprimiu às artes um impulso que nunca antes ela recebera do catolicismo romano.

Assim tudo progrediu. As artes, a literatura, a es-piritualidade do culto e a mentalidade dos príncipes e do povo. Mas a nobre harmonia que o Evangelho em seu revivescimento havia trazido, estava na iminência de perturbar-se. O canto do rouxinol de Witternberg devia ser interrompido pelo estrugir da tempestade e pelo rugir dos leões. Num instante uma nuvem cobriu tôda a Alemanha, e a um dia esplendoroso seguiu-se a treva mais densa.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) L. Op. (L) XXII. p. 232.

(2) Ibid. p. 226.

(3) Ibid. p. 227.

(4) L. Ep. II. p. 308, 354.

(5) L. Op. XVIII p. 497.

(6) L. Ep. II. p. 565.

(7) L. Op. XVIII. p. 502.

(8) Hebreus VIII. 11.

(9) L. Op. (W.) X. p. 535.

(10) Ibid. p. 535.

(11) L. Op. (W.) X. p. 535.

(12) Ibid.

(13) Corp. Ref. I. p. 613.

(14) Chateaubriand, Génie du Christianisme.

(15) L. Op. (W.) XXII. p. 2253.

(16) Vide vol. II. p. 216.

(17) Ranke, Dant. Gesch. II. p. 85.

CAPÍTULO x

Fermentação política — Lutero contra a Rebelião — Tomás Munzer — Agitação — A Floresta Negra — Os Doze Artigos — Opinião de Lutero Helfenstein — Marcha dos Camponeses — Marcha do Exército Imperial — Derrota dos Camponeses — Crueldades dos Príncipes.

Urna fermentação política muito diversa da que resultou do Evangelho havia muito operava no seio do Império. Curvado sob a opressão civil e eclesiástica, prêso em muitos países ao solo senhorial e transferido de mão a mão juntamente com os estados, o povo ameaçava sublevar-se furioso e romper suas cadeias. Essa agitação já se manifestava por vários sintomas, muito antes da Reforma. O elemento religioso se fundia com o político. Era impossível no século dezesseis separar-se êsses dois principias, tão intimamente associados na existência das nações. Na Holanda, pelos fins do século precedente, os camponeses se tinham revoltado, colocando em seu estandarte, à guisa de brasão, um pão, e um queijo, as duas grandes bênçãos daquela pobre gente.

"A Aliança dos Sapatos" tinha sido organizada nas vizinhanças de Spira, em 1502. (1) Novamente aparecera em Brisgau, em 1513, encorajada pelos padres. Em 1514, Wurtemberg vira a "Liga do Pobre Conrad", cujo objetivo era manter, pela rebelião, "o direito de Deus". Em 1515, a Carintia e a Hungria tinham sido teatro de terríveis agitações. Foram estancadas em torrentes de sangue essas sedições que nenhum benefício valeram ao povo. Uma reforma política, portanto, não era menos necessária do que uma reforma religiosa. O povo fazia jus a isso. Entretanto temos de admitir que êle ainda não estava maduro para êsse usufruto.

Desde o comêço da Reforma não se deram distúrbios populares, pois a mente dos homens se ocupava de outros pensamentos. Lutero, cujo olhar penetrante tinha discernido a situação do povo, já do alto do Wartburg, o exortara sèriamente a frear seu espírito de revolta.

"A rebelião", dissera êle, "nunca produz o melho-ramento que desejamos, e Deus a condena. Que significa revoltar-se, senão vingar-se? O demônio se esforça por excitar à revolta aquêles que abraçam o Evangelho, a fim de o cobrir de opróbrio. Aquêles, porém, que compreenderam direito a minha doutrina não se revoltam". (2)

Tudo fazia temer que a agitação popular não pudesse ser contida por muito mais tempo. Dissolveu-se o govêrno que Frederico •da Saxônia com tanto custo tinha formado, e que gozava da confiança da nação. O Imperador ausentou-se. Era êle quem, pela sua energia, poderia eficientemente substituir a influência daquêle corpo administrativo nacional. Os príncipes cuja união sempre fôra a fôrça da Alemanha, estavam divididos; e as novas declarações de Carlos V contra Lutero, afastando tôda esperança de harmonia futura, privaram o reformador de parte da influência moral

com que em 1522 conseguira acalmar a tempestade. Quebradas as principais barreiras que até aí continhamo ímpeto da corrente, nada mais lhe poderia tolher a fúria.

Não foi o movimento religioso que deu origem às agitações políticas, mas em muitos lugares êle foi ar-rastado na impetuosidade das ondas. Poderíamos talvez jr além e admitir que o movimento comunicado ao povo pela Reforma deu novo vigor ao descontentamento que fermentava na nação. A violência dos escritos de Lutero, a intrepidez de suas ações e linguagem, as duras verdades que dizia, não sômente ao papa e aos prelados, mas ainda aos próprios príncipes, contribuiram para inflamar os espíritos que já se achavam em estado de excitação. Assim Erasmo não se esqueceu de lhe dizer: "Estamos colhendo os frutos que semeaste". (3) Acresce a isso que as verdades alvissareiras do Evangelho finalmente trazidas à luz, comoveram todos os corações, enchendo-os de expectativa e esperanças. Muitas almas não regeneradas, porém, não estavam ainda preparadas, pelo arrependimento, para a fé e a liberdade dos Cristãos. Estavam prontos para jogar ao chão o jugo do papa, mas não queriam tomar o jugo de Cristo.

Quando os príncipes dedicados à causa de Roma tentaram raivosamente sufocar a Reforma, os verdadeiros cristãos suportaram pacientemente essas perseguições, o mesmo não acontecendo com a massa do povo que, depois de resistir e revoltar-se, vendo seu passo tolhido numa drieção, explodiu noutra direção. "Por que", clamavam êles, "há-de a escravidão perpetuar-se no estado, quando a Igreja convida todos os homens a uma liberdade gloriosa? Por que hão de os govêrnos governar sómente pela fôrça, quando o Evangelho só prega brandura?" Infelizmente, quando com igual alegria príncipes e povo recebiam a reforma religiosa, nessa mesma hora a reforma política tinha contra ela a parte mais poderosa da nação.

Enquanto a primeira tinha o Evangelho por regra e esteio, a segunda não dispunha de outros recursos, além da violência e do despotismo. Conseguintemente, enquanto uma se continha nos limites da verdade, a outra ràpi- damente transbordava em impetuosa torrente os limites de tôda justiça. Seria, porém, mostrar parcialidade fechar-se os olhos à influência que a Reforma teve indiretamente nos distúrbios irrompidos no,Império. Na Alemanha tinham acendido uma fogueira com discussões religiosas, e era fatal que alguns faúlhas crepitassem, incandescendo as paixões do povo.

A pretensão de alguns fanáticos à inspiração divina incrementou o mal. Enquanto a Reforma continuamente apelava da pretensa autoridade da Igreja para a verdadeira autoridade das Sagradas Escrituras, êsses entusiastas rejeitavam a autoridade, não sômente da Igreja, mas também das Escrituras. Falavam apenas de certa Palavra interna, de uma revelação intima de Deus, e, esquecidos da natural

corrupção do seu coração, davam asa a tôda a embriaguez .do orgulho espiritual, imaginando-se santos.

"Para êles as Sagradas Escrituras eram letra morta", disse Lutero, e todos se puseram a clamar, O Es-pírito! O Espírito! Mas eu certamente não irei aonde o seu espírito os conduz. Possa Deus, em sua misericórdia, guardar-me de uma Igreja onde só haja santos. (4) Desejo ficar ao pé dos humildes, dos fracos e dos enfermos, que conhecem e sentem seus pecados, e continuamente gemem a Deus do fundo do coração, pedindo o seu consôlo e ajuda. Estas palavras de Lu-taro têm grande profundeza de significação, pois indicam a mudança que se estava operando no seu ponto de vista, quanto à natureza da Igreja. Mostram ao mesmo tempo quão contrárias ao conceito religioso da Reforma eram as idéias dos rebeldes.

O mais notório dêsses entusiastas foi Tomás Munzer. Não era destituído de talento, tinha lido a sua Bíblia, era zeloso e teria feito bem, se tivesse podido concatenar seus pensamentos confusos e achar a paz do coração. Não conhecendo porém a si próprio e carecendo da verdadeira humildade, apoderou-se do desejo de reformar o mundo, esquecendo-se, coma acontece com todos os entusiastas, de que a reforma devia começar nêle mesmo. A leitura de certa literatura mística em sua mocidade imprimira em sua mente uma direção falsa. Primeiramente apareceu em Zwickau, deixando depois Wittemberg com a volta de Lutero, descontente com o papel inferior que estava representando, para ir fazer-se pastor na pequena cidade de Alstadt, na Turíngia. Não pôde manter-se calado muito tempo. Acusou, então, os reformadores de, com sua adesão ao pé da letra, estarem fundando um novo papado e formando igrejas que não eram puras e santas.

"Lutero", disse êle, libertou a consciência dos homens do jugo do papa, porém deixou-os na liberdade carnal, não os reconduzindo em espírito para Deus. (5)

Éle se julgava chamado por Deus para remediar êsse grande mal. A seu ver as revelações do Espírito eram o meio pelo qual sua reforma deveria efetuar-se. "Quem quer que esteja de posse dêste Espírito", diz êle, "possui a verdadeira fé, embora na vida nunca tenha visto as Escrituras. Os pagãos e os turcos estão mais aptos a recebê-lo que muitos Cristãos que nos apelidam de entusiastas". Era Lutero quem êle aqui visava. "Para receber êsse Espírito", disse êle, em outra ocasião, "precisamos mortificar a carne, vestir andrajos, deixar crescer a barba, ter fisionomia triste, guardar silêncio, (6) retirar-nos para lugares desertos, e suplicar a Deus que nos dê um sinal do seu favor. Deus, então, nos falará como outrora falou a Abraão,. 'saque e Jacó. Não o fizesse êle, não seria merecedor de nossa atenção. (7) Recebi de Deus a incumbência de reunir os seus eleitos numa aliança eterna e santa".

A agitação e a fermentação, que prevaleciam na mente dos homens não podiam senão favorecer a disse-minação dessas idéias entusiásticas. O homem adora o

maravilhoso e tudo quanto lhe estimule a vaidade. Tendo persuadido parte do seu rebanho a adotar suas idéias, Munzer aboliu o canto congregado e outras cerimônias. Afirmava que a obediência a príncipes sem compreensão, era servir a Deus e ao Diabo ao mesmo tempo. Marchando, então à frente dos seus paroquianos rumo a uma capela, na vizinhança de Alstadt, onde costumavam afluir peregrinos de tôda parte, êle a arrasou. Depois dessa façanha, forçado a deixar a localidade, pôs-se a vagar pela Alemanha, levando consigo até a Suíça o plano de uma revolução geral, que mostrava a quantos parassem para lhe dar ouvido. Por tôda parte ;encontrou homens com o espírito preparado : lançou pólvora sôbre as brasas e a explosão verificou-se.

Lutero que tinha repelido os empreendimentos bélicos de Sickingen, (8) não poderia ser arrastado pelo tumultuoso movimento dos camponeses. Para felicidade da ordem social o Evangelho o impediu. Que teria acontecido se Lutero tivesse levado ao campo dêles a sua grande influência?... Êle sempre manteve firme distinção entre as coisas espirituais e as coisas seculares. Repetia continuamente que foram almas imortais que Cristo emancipou com sua Palavra; e, se com uma mão atacava a autoridade da Igreja, com a outra defendia robustamente a autoridade dos príncipes.

"Um Cristão", disse êle, "deveria preferir mil vêzes morrer a ter a mais leve interferência na revolta dos camponeses".

Escreveu ao Eleitor: "Causa-me especial satisfação ver êsses entusiastas jactar-se a quem queira ouvir que êles não pertencem ao nosso grupo. O Espírito impele-os avante, dizem êles; mas respondo que é um espírito maligno, pois não medra outro fruto além da pilhagem de conventos e igrejas, e isso é coisa que os maiores salteadores da terra bem podem fazer".

Ao mesmo tempo. Lutero que desejava que outros fruíssem a liberdade que reclamava para si próprio, dissuadiu o príncipe de tomar alguma medida de rigor: "Deixá-los pregarem o que quiserem e contra quem quiserem", disse êle, pois é a Palavra de Deus que deverá marchar à frente da batalha e lutar contra êles. Se o seu espírito fôr o verdadeiro Espírito, êle não temerá nossa severidade; se o nosso fôr o verdadeiro, êle não temerá a sua violência. Deixemos que os es-piritos se engalfinhem e contendam rnútuamente. (9) Possivelmente algumas pessoas serão transviadas. Não há batalha sem feridos; mas será coroado aquêle que combater fielmente. Entretanto, se quiserem sacar da espada, proíba-os Sua Alteza, ordenando-lhes deixarem o país.

A inssurreição teve inicio na Floresta Negra, pró-ximo às nascentes do Danúbio, tantas vêzes teatro de comoções populares. No dia 19 de Julho de 1524 al-guns camponeses da Turgóvia levantaram-se contra o Abade de Reichenau, que não lhes queria conceder um pregador evangélico. Não demorou muito, milhares se reuniram

na pequena cidade de Tengen com o intuito ,de libertar uni eclesiástico que ali se achava aprisio-nado. A revolta se propalou com inconcebível rapidez desde a Suábia até as províncias renanas, Francônia, Turíngia e Saxônia. No mês de Janeiro de 1525 tôdas essas regiões estavam em revolução.

Pelos fins dêsse mês os camponeses publicaram uma declaração de doze artigos, nos quais reclamavam a li-berdade de escolher seus próprios pastores; a abolição de pequenos dízimos, da escravidão e de multas sôbre heranças; o direito de caçar, pescar e cortar lenha, etc. Cada pedido se apoiava num texto das Sagradas Escrituras, e disseram em conclusão: "Se estivermos enganados, que Lutero nos corrija pelas Escrituras".

A opinião dos teólogos, em Wittemberg, fôra con-sultada. Lutero e Melanchton emitiram separadamente a sua. Ambas evidenciavam a diferença do caráter de cada um. Melanchton, para quem era crime tôda e qualquer perturbação, saiu dos limites de sua costumeira brandura, não achando linguagem suficientemente forte para, exprimir sua indignação. Os camponeses eram criminosos. Contra êles invocava tôdas as leis humanas e Divinas. Se falhassem as negociações amistosas, os magistrados deviam caçá-los como a ladrões e assassinos. "E no entanto", acrescentou êle, (e precisamos ao menos de um característico que nos lembre

Melanchton) "que se apiadem dos órfãos, quando ti-verem de recorrer á pena de morte!"

A opinião de Lutero sôbre a revolta era a mesma de Melanchton, porém êle tinha um coração que pul-sava pelos infortúnios do povo. Nessa ocasião demonstrou nobre imparcialidade, dizendo francamente a ver-dade para ambas as partes. Primeiramente se dirigiu aos príncipes, e mais especialmente aos bispos:

"Sois vós", disse êle, "a causa desta revolta; são vossos clamores contra o Evangelho, vossa culposa opressão dos pobres, que levaram o povo ao desespêro. Não são os camponeses, meus prezados Senhores, que se erguem contra vós, — é Deus mesmo que vem opor-se á vossa loucura. (10) _ Os camponeses são meros instrumentos de que êle se serve para vos humilhar.

Não imagineis que possais escapar ao castigo que êle vos prepara. Ainda quando conseguísseis destruir todos êsses camponeses, Deus seria capaz de fazer outro tanto se levantar das pedras para punir vosso orgulho. Se eu desejasse vingança, poderia rir-me á sorrelfa e presenciar o espetáculo da operação dos camponeses, talvez mesmo açulando-lhes a fúria. Mas Deus me livre de tais pensamentos!... Meus prezados Senhores, ponde de lado a vossa indignação, tratai êsses pobres campônios como um homem sensato trataria gente ébria ou insana. Acalmai essas revoltas com brandura, a fim de que não se levante uma conflagração capaz de

incendiar tôda a Alemanha. Nesses doze artigos há certos pedidos justos e equitativos".

Êste prólogo destinava-se a captar a confiança dos camponeses em Lutero e fazer-lhes ouvir pacientemente as verdades que lhes tinha a dizer. Fêz-lhes sentir que todos os seus pedidos estavam bem fundados, porém que revoltar-se era um ato pagão; que o dever do cristão era de ter paciência, e não de lutar; que se insistissem em revoltar-se contra o Evangelho, em nome dêsse mesmo Evangelho êle os passaria a considerar como inimigos mais perigosos ,do que o papa. "O papa e o Imperador", continuou Lutero, i"`combinaram-se contra mim. Mas quanto mais vociferaram tanto mais terreno o Evangelho conquistou... E por que isso? Porque nunca saquei da espada nem clamei por vin-gança; porque nunca recorri ao tumulto ou à insurrei-ção. Contei exclusivamente com Deus e tudo deixei em suas mãos todo-poderosas. Os cristãos não lutam armados de espadas e arcabuzes, mas armados do sofrimento e da cruz. Cristo, seu Capitão, não brandiu á espada... foi pendurado num madeiro.

Mas de nada valeu a linguagem cristã de Lutero. O povo estava demais exaltado pela oratória fanática dos líderes da revolução, para dar ouvido, como an-tes, às palavras do reformador. "Está-se fazendo de hipócrita", disseram êles, "lisonjeia os nobres. Declarou guerra ao papa e, entretanto, quer-nos submissos a nossos opressores".

Ao invés de arrefecer, a revolta tornou-se medo-nha. Em Weinsberg os rebeldes condenaram à morte o Conde de Helfenstein e os setenta homens que esta-vam sob suas ordens. Um grupo de camponeses avan-çou de lança em riste, enquanto outros forçaram o conde e seus soldados a irem 4:1.e encontro àquela muralha de aço. (1.1.) A espôsa do infeliz Helfenstein, filha natural do imperador Maximiliano, ajoelhou-se diante dêles com uma criança nos braços, pedindo, em gritos lancinantes que poupassem a vida do marido, e em vão tentando impedir o bárbaro assassinio. Um menino que estivera ao serviço do conde e se juntara aos rebeldes, foi saltitando alegremente diante dêle, tocando na sua flauta uma marcha fúnebre, corno que dançando na vanguarda das vitimas que conduzia. Todos pereceram; a criança foi ferida nos próprios braços da mãe, e esta, atirada a uma carroça de estêrco, foi assim levada a Heilbrann.

À noticia dessas crueldades um grito de horror partiu dos amigos da reforma, e o coração sensível de Lutero experimentou tremendo conflito. De um lado os rebeldes, ridicularizando o seu conselho, pretendendo ter recebido revelações diretas do céu, faziam uso Mi- pio das ameaças do Antigo Testamento; proclamavam igualdade de posição e comunidade de bens; defendiam sua causa a ferro e fogo e se entregavam a atrocidades bárbaras. De outro lado os inimigos da Reforma, interrogando maliciosamente o reformador, perguntavam-lhe se não sabia que era mais fácil

acender uma fogueira do que apagá-la. Abalado diante dêsses excessos, e alarmado com a lembrança de que pudessem estorvar o desenvolvimento do Evangelho, Lutero deixou de hesitar, e de contemporizar. Investiu contra os insurgentes com tôda a veemência do seu caráter e talvez ultrapassou o justo limite dentro do qual devera conter-se.

"Os camponeses", disse êle, "cometem três horrí-veis pecados contra Deus e contra o homem. Por isso merecem a morte do corpo e da alma. Primeiro, revoltam-se contra seus magistrados a quem juraram fidelidade; segundo, praticam roubo e pilhagem nos conventos e castelos; e, terceiro, acobertam seus crimes com o manto do Evangelho. Se deixarmos de matar um cão danado, pereceremos e, conosco, todo o país. Quem quer que seja morto na luta pelos magistrados será um verdadeiro mártir, uma vez que tenha lutado com boa consciência".

Lutero, então, descreve vigorosamente a violência culposa dos camponeses, que forçam homens simples e pacatos a entrarem em aliança com, êles e dêsse modo os arrastam para a mesma condenação. E acrescenta: "Por esta razão, meus caros Lordes, salvai, livrai e tende piedade dessa pobre gente. Que fira, fure .e mate, quem é capaz... Se morreres, não poderás ter encontrado mais venturosa morte, pois morreste no serviço de Deus, tendo salvo do inferno o teu semelhante". (12)

Nem brandura nem violência podiam suster a torrente popular. Os sinos das igrejas já não tocavam anunciando o serviço divino. Quando seu badalar demorado e profundo se fazia ouvir nos campos era o toque de rebate, e todo o mundo corria às armas. O povo da Floresta Negra se tinha reunido em tôrno de João Muller de Bulgenbach. Com aspecto imponente, vestindo manto vermelho e usando chapéu vermelho, êsse líder avançou altivamente de aldeia em aldeia, seguido pelos camponeses. Atrás dele, num carro enfeitado de fitas e galhos de árvores, .voejava a bandeira tricolor da revolta, prêto, Vermelho; e branco. Um arauto ajaezado com as mesmas côres lia os doze artigos e convidava o povo a entrar na rebelião. Quem se recusasse era banido da comunidade.

Pouco demorou para que essa marcha, .a..principio pacífica, se tornasse inquietadora. "Precisamos obrigar os Lordes a submeterem-se à nossa: aliança",. exclamavam. E no intuito de constrange-los a isso. saqueavam celeiros, esvaziavam adegas, esgotavam ás piscinas senhoriais, demoliam castelos de nobres que lhes 'resistiam e incendiavam conventos. A oposição tinha inflamado as paixões daqueles homens rudes., A igualdade já não satisfazia. Estavam sedentos de sangue e juravam matar todo homem que usasse espora.

À aproximação dos campáneses, as cidades incapazes de oferecer resistência abriam-Ihe as pOrtas e juntavam-se a eles. Onde quer que entrassem derrubavam as imagens e quebravam os crucifixos; mUlheres armadas percorriam as ruas ameaçando os monges. Derrotados num local, reuniam-se logo em outro, e faziam

frente às fôrças mais poderosas. Em Heilbronn estabeleceu-se uma comissão de camponeses. Os Condes de Lowenstein foram aprisionados e, vestindo casaca e segurando uma vara branca que lhes puseram nas mãos, foram compelidos a jurar pelos doze artigos: "Irmão Jorge, e tu, Irmão Alberto", disse aos Condes de Hohenlohe um funileiro de Ohringen, "jurai conduzir-vos como nossos irmãos, pois que agora também sois cam-poneses, e não mais lordes". A igualdade de posição, o sonho de muitas democratas, foi estabelecida na Ale-manha aristocrática.

Muitos nobres, uns por mêdo, outros por ambição, juntaram-se, então, aos insurretos. Vendo que seus vassalos lhe recusavam obediência, o' famoso, Çoetz von Berlichingen, quis fugir para o Ëleitor da Saxôni'a, porém a espôsa que se achava grávida, para, tê-lo ao seu lado, escondeu a resposta do Eleitor. Perseguido muito de perto, fõi forçado a se colocar à frente do exército rebelde. No dia 7 de Maio os camponeses entraram em Wurtzburg, onde os cidadãos os receberam sob acla-mações. As fôrças dos príncipes e dos cavaleiros da Suábia e Francônia, reunidas naquela cidade, tiveram de evacuá-la e retirar-se desordenadamente para a cidadela, o último bastião da nobreza.

Mas o movimento se tinha estendido a outras partes da Alemanha. Spira, o Palatinado, a Alsácia e Hesse aceitaram os doze artigos, e os camponeses ameaçavam a Bavária, Westfália, o Tirol, a Saxônia e Lorraine. O margrave de Baden foi forçado a fugir, tendo rejeitado os artigos. O coajutor de Fulda acedeu com um sorriso. As pequenas cidades alegavam não possuir lanças com que rechassar os revoltosos. Mogúncia, Treves e Frankfort obtiveram as liberdades que haviam reclamado.

Imensa revolução preparava-se em todo o Império. Os privilégios eclesiásticos e seculares que tanto pesavam sôbre os camponeses seriam suprimidos; as propriedades do clero seriam secularizadas, a fim de indenizar os príncipes e prover às necessidades do Im-pério; os impostos seriam abolidos, com exceção de certo tributo pagável cada dez anos; o poder imperial deveria subsistir, visto ser reconhecido pelo Novo Testamento.

Todos os demais príncipes deixa-riam de reinar. Estabeleceriam sessenta e quatro tri-bunais livres, onde se assentariam homens de tôdas as classes sociais. Tôdas as posições deveriam voltar à situação primitiva; o clero daí por diante passaria a ser constituído de meros pastôres das igrejas. Os príncipes e os cavaleiros se tornariam em simples defensores dos fracos. Deveria introduzir-se a uniformidade nos pesos e medidas; e uma espécie de moeda deveria ser cunhada em todo o Império.

Neste ínterim os príncipes sacudiram de si sua letargia inicial, e o comandante-em-chefe do exército imperial, Jorge von Truchsess, avançava pela margem do Lago Constância. No dia 2 de Maio derrotou os camponeses em Bebligen. Marchou sôbre

a cidade de Weinsberg onde perecera o infeliz conde de Helfenstein, incendiou-a e arrasou-a dando ordens para que as suas ruínas fôssem deixadas como eterno monumento da traição dos seus habitantes. Em Fürfeld êle se uniu ao Eleitor Palatino e ao Eleitor de Treves, todos os três, em seguida, rumaram para a Francônia.

Frauemburg, citadela de Wurtzburg, ainda estava em poder dos príncipes e tinha diante de suas muralhas o grosso do exército camponês. Logo que tiveram notícia da marcha de Truchsess resolveram desferir o ataque. Às nove horas da noite, do dia 15 de Maio, as trombetas soaram. A bandeira tricolor foi desfraldada e os camponeses avançaram soltando gritos sibilantes. O governador do castelo era Sebastião von Rotenham, um dos mais calorosos partidários da Reforma. t.le preparara a fortaleza para uma defesa invencível e exortara a guarnição a repelir corajosamente o assalto.

Todos os soldados, com três dedos erguidos, juraram resistir até o último homem. Um medonho conflito ocorreu então. A fúria e desespêro dos revoltosos a fortaleza respondia do alto de suas muralhas e tôrres com petardos, chuvas de enxôfre e piche fervendo, além das descargas de artilharia. Os camponeses, atingidos assim por seus inimigos invisíveis, quedaram por um momento perplexos. Num instante, porém sua fúria se tornou mais violenta. O combate prolongou-se noite a dentro. Iluminada por mil fogueiras de guerra a fortaleza parecia um gigante colossal erguido no meio da escuridão, vomitando chamas e lutando sôzinho no ribombar de trovões para salvar o Império contra o valor feroz daquelas hordas furiosas. Duas horas depois da meia-noite os camponeses afastaram-se, frustrados em todos os seus esforços.

Procuraram então entrar em negociações ou com a guarnição ou com Truchsess, que avançava à frente do seu exército. Porém isso estava fora da sua linha de conduta. Só a vitória e a violência poderiam salvá-los. Ao cabo de pequena hesitação decidiram-se a marchar contra as fôrças imperiais, porém a cavalaria e artilharia provocaram tremendo caos em suas fileiras.. Em Kônigshofen, e subsequentemente em Engelstadt, essas infortunadas criaturas foram totalmente derrotadas. Abusando de sua vitória os príncipes, os nobres e os bispos se entregaram às mais insólitas crueldades.

Os prisioneiros foram enforcados nas árvores à margem da estrada. O Bispo de Wurtzburg que tinha fugido, voltou então acompanhado de carrascos e atra-vessou sua diocese, regando-a com o sangue tanto dos rebeldes quanto de amigos pacíficos da Palavra de Deus. Goetz von Berlichingen foi condenado à prisão perpétua. O Margrave Casimir de Anspach arrancou os olhos a oitenta e cinco revoltosos que haviam jurado que seus olhos nunca mais haveriam de pousar sôbre aquêle príncipe. Em seguida enxotou êsse bando de cegos que, segurando-se pelas mãos, andaram

vagando, tropeçando e mendigando pão. O menino maldoso que tocara na flauta a marcha fúnebre, por ocasião do assassínio de Helfenstein foi amarrado a unia estaca. Acendeu-se uma fogueira em tôrno do poste de suplício. E os cavaleiros riam-se vendo as horríveis contorsões do menino.

Por tôda parte foram restabelecidas as antigas formas de culto público. Os distritos mais florescentes e populosos do Império não mostravam ao viajante senão montões de cadáveres e de ruínas fumegantes. Cin-qüenta mil homens pereceram e o povo perdeu por quase tôda parte a pouca liberdade de que até então gozara. Tal foi o epílogo dessa revolta ao sul da Alemanha.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Vide vol. I. p. 25.

(2) L. Op. XVIII. p. 288.

(3) Erasm. Hyperasp B p. 4.

(4) L. Op. (W.) VIL g. 1469.

(5) L. Op. XIX. p. 294.

(6) Ibid.

(7) Ibid. 295.

(8) Vide vol. I, p. 47.

(9) L. Ep. II. p. 547.

(10) L. 0p. XIX. p. 254.

(11) Mathesius, p. 46.

(12) L. Op. XIX. p. 266.

CAPÍTULO XI

Munzer em Mulhausen — Apêlo ao Povo — Mar-cha dos Príncipes — Fim da Revolta — Influência dos Reformadores — Sofrimentos — Mudanças — Dois Resultados.

O mal todavia não se cingiu ao sul e ao oeste da Alemanha. Munzer, depois de atravessar parte da Suíça, da Alsácia e Suábia, voltou a dirigir seus passos para a Saxônia. Alguns cidadãos de Mulhausen, na Turingia, tinham-no convidado a ir à sua cidade, elegendo-o seu pastor. Tendo oposto resistência, Munzer demitiu o conselho da cidade, nomeando outro, composto de amigos seus, à frente do qual se pôs. Cheio de desdém por aquêle Cristo, "doce como mel", pre-gado por Lutero, e resolvido a empregar medidas mais enérgicas, êle exclamou: "Como Josué, precisamos passar todos os Cananeus pela espada". Estabeleceu uma comunidade de bens e saqueou os conventos. (1) "Munzer", escreveu Lutero a Amsdorff, em 11 de Abril de 1525, "não é ~ente pastor; é rei e imperador de Mulhausen".

Os pobres não trabalhavam mais. Se alguém necessitasse de comida ou roupa, só lhe bastava ir pedi-los a algum rico. Se êste recusasse a dar o pobre os levaria a fôrça; e se o rico resistisse, seria enforcado. Visto ser Mulhausen uma cidade independente, Munzer pôde exercer seu poder sem ser molestado durante quase um ano. A revolta no sul da Alemanha fêz-lhe lembrár de que era tempo de ampliar seus domínios. De posse de alguns canhões pesados, fundidos no convento franciscano, esforçou-se por sublevar os camponeses e Mineiros de Mansfeldt.

"Quanto tempo haveis de ficar dormindo?", perguntou-lhes numa proclamação fanática. "Levantai-vos para travar a batalha do Senhor! Chegou a hora! A França, Alemanha e Itália estão se movimentando. Avante, avante, avante! Drum, drum, drum!... Não vos importeis com os ge-midos dos ímpios. Implorar-vos-ão como crianças; mas sêde impiedosos. — Drum, drum, drum!... O fogo está ardendo. Que vossa espada se mantenha sempre quente com sangue. (2) — Drum, drum, drum!... Operai enquanto é dia". A carta ia assinada "Munzer, serva de Deus contra os perversos".

A gente do campo, sedenta de pilhagens, afluía sob o seu estandarte. Insurgiram-se em massa todos os camponeses dos distritos de Mansfeldt, Stolberg, Schwartzburg em Hesse, e o ducado de Brunswick. Os con-ventos de Michelstein, Ilsenburg, Walkenried, Rossleben e muitos outros nas vizinhanças do Hartz, ou nas pla-nícies da Turíngia, foram devastados. Em Reinhards- brunn, que Lutero tinha visitado, profanaram as sepul-turas de antigos landgraves e destruíram a biblioteca.

O terror se espalhava por tôda parte. Até Wit•temberg começou a sentir certa apreensão. Os doutores que não tinham receado nem o Imperador nem o papa 'tremiam na presença de um louco. Estavam sempre alertas por notícias.

Observavam cuidadosamente o progresso dos rebeldes. "Estamos aqui em grande perigo", disse Melanchton. "Se Munzer sair vitorioso, estará tudo acabado para nós, a não ser que Cristo nos salve. Munzer avança com crueldade maior que a dos •Citas (3) e é impossível repetir-se as ameaças medonhas que êle profere".

O piedoso Eleitor refletira muito sôbre o que de-veria fazer. Munzer o havia exortado, assim como todos os príncipes, a converter-se, porque, dizia êle, sua hora tinha chegado, e porque tinha assinado sua carta com êstes dizeres: "Munzer, armado da espada de Gedeão". Frederico gostaria de reconquistar, com medidas de doçura, êsses homens transviados. Grave-mente enfermo escreveu no dia 14 de Abril a seu irmão João: "E' possível que tenhamos dado a essa gente in-feliz mais de um motivo para insurgir-se. Ai! Os pobres vivem oprimidos de vários modos pelos seus senhores temporais e espirituais"- E quando lhe chamaram a atenção para a humilhação, as revoluções e perigos a que se exporia a não ser que prontamente abafasse a rebelião, êle respondeu: "Até aqui tenho sido um Eleitor poderoso, com carros e cavalos em abundância; se a Deus aprouver agora mos tirar, irei a pé". (4)

- -O jovem Filipe, landgrave de Hesse, foi o primeiro príncipe a pegar em armas. Seus cavaleiros e soldados juraram morrer com êle. Depois de apaziguar seus próprios estados, marchou na direção da Saxônia. Do seu lado o Duque João, irmão do Eleitor, o Duque Jorge da Saxônia e o Duque Henrique de Brunswick, avançaram para juntar suas tropas às de Hesse. Terrificados à vista daquele exército os camponeses fugiram para uma pequena colina onde, sem disciplina, sem armas e na maior parte sem coragem, formaram uma barricada com suas carroças. Munzer nem sequer havia preparado munição para os seus grandes canhões. Ne-nhum, socorro apareceu. Os rebeldes estavam acuados pelo exército e tinham perdido tôda confiança. Com-padecidos da sorte dos revoltosos os príncipes propu-seram uma capitulação que êles pareciam inclinados a aceitar. Diante disso Munzer lançou mão das mais possante alavanca que o entusiasmo é capaz de pôr em ação. "Hoje contemplaremos o braço do Senhor", disse êle, "e todos os nossos inimigos serão destruídos". Naquele instante apareceu por cima dêles um arco-íris. A hoste fanática que levava em sua bandeira um arco-íris, viu nêle um seguro prognóstico da proteção Divina. Munzer tirou partido disso: "Nada temei", disse êle aos citadinos e camponeses; "colherei tôdas as suas balas em minha manga". (5) Ao mesmo tempo mandou matar cruelmente um jovem emissário dos príncipes,

Maternus von Geholfen, a fim de privar todos os insurretos de qualquer esperança de perdão.

Reunindo os seus cavaleiros, o landgrave disse-lhes: "Bem sei que nós, príncipe, muitas vêzes erramos, porém somos humanos; mas Deus ordena todos os homens a honrar os poderes constituídos. Salvemos nossas espôsas e nossos filhos da sanha dêsses assassinos. O Senhor nos dará a vitória, porque êle disse: Quem quer que

resista ao poder, resiste à ordenança de Deus". Filipe deu, então, o sinal de ataque. Foi no dia 15 de Maio de 1525. O exército foi pôsto em movimento, mas a hoste icamponêsa permaneceu imóvel, entoando o hino "Vinde, Espírito Santo", à espera de que o céu se declarasse a seu favor. A artilharia sem demora lhes destruiu a rude barricada, levando a morte e o assombro para o meio dos revoltosos. Então o seu fanatismo e coragem os abandonaram. Tomados de pânico desataram a correr em. desordem. Cinco mil pereceram na fuga.

Finda a batalha os príncipes e as tropas vitoriosas entraram em Frankenhausen. Um soldado que subira ao sótão da casa onde se achava aquartelado encon-trou um homem de cama. (6). "Quem és tu?", perguntou êle; "um dos rebeldes?" Em seguida, avistando uma carteira de bôlso apanhou-a e encontrou nela várias cartas dirigidas a Tomás Munzer. "És Munzer?", perguntou o soldado, ao que o enfermo respondeu: "Não". Como, porém, o soldado fizesse terríveis ameaças, Munzer, pois era êle, confessou sua identidade. "És meu prisioneiro", disse o soldado. Levado à presença do Duque Jorge e do landgrave, Munzer persistiu em declarar que tinha razão em castigar os príncipes, pois que êles se opunham ao Evangelho. "Desgraçado!", responderam-lhe. "Pensa em todos aquêles de cuja morte fôste a causa". Mas êle, sorrindo em sua angústia, replicou: "Êles assim o quiseram!" Depois de receber o sacramento sob uma espécie, foi decapitado e com êle o seu tenente Pfeiffer. Mulhausen foi tomada e os camponeses aprisionados com pesadas correntes.

Tendo observado entre os prisioneiros um indivíduo de boa aparência um nobre chegou-se a êle e disse: "Então, meu amigo, que govêrno achas melhor? O dos camponeses ou o dos príncipes?" E o pobre homem respondera com um profundo suspiro: "Ah, meu senhor, nenhuma faca entra tão fundo como o mando dos camponeses sôbre os seus companheiros". (7)

O restante da insurreição foi afogado em sangue. O Duque Jorge, em particular, agiu com a máxima severidade. Nos estados do Eleitor não houve nem execuções nem castigos. (8) A Palavra de Deus, pregada em tôda a sua pureza, tinha mostrado sua fôrça de frear as paixões tumultuosas do povo.

Na verdade Lutero, desde os primeiros instantes, não tinha cessado de combater a rebelião que, na sua opinião, era o prenúncio do Dia do Juízo. Não poupara conselhos, preces e mesmo ironia. No fim dos artigos estipulados em Erfurt pelos rebeldes, e a título de suplemento, êle tinha ajuntado: "Item: O artigo seguinte foi omitido: Doravante o honorável conselho não terá mais poder; não fará nada; deixar-se-á estar como um ídolo ou um toro de madeira; a comunidade lhe mastigará os alimentos e êle governará de pés e mãos amarrados; doravante o carro guiará os cavalos, os cavalos tomarão as rédeas, e nós iremos maravilhosamente avante, de conformidade com o glorioso sistema exposto nestes artigos".

Lutero não se limitou a escrever. Quando a agitação ia no auge êle deixou Wittemberg e percorreu alguns distritos onde o motim era maior. Ali pregou, esforçando-se por abrandar o coração dos homens, e com a mão armada do poder de Deus desviara, acalmara e reconduzira aos seus canais naturais as torrentes impetuosas e avassalantes.

Por todos os lugares os doutores da Reforma ha-viam exercido idêntica influência. Em Halle, Breniz fizera reviver o espírito desalentado dos habitantes da cidade com as promessas da Palavra de Deus, e um punhado de seiscentos homens pôs em fuga a quatro mil camponeses. (9) Em Ichterhausen, uma multidão de camponeses reuniu-se com a intenção de depredar vários castelos e matar os seus senhores. Frederico Myconius foi sózinho ter com êles, e tal foi o poder das palavras que lhes dirigiu que êstes imediatamente abandonaram seu intento. (10)

Êsse foi o papel representado pela Reforma e pelos reformadores naquela revolta. Contenderam contra ela com todo o seu vigor, armando-se da espada da Pala-. vra, sustentando altivamente os princípios, os únicos que, em tôdas as épocas, são capazes de manter a ordem e a sujeição em tôdas as nações. Assim Lutero afirmou que se o poder da sã doutrina não tivesse sustado a fúria do povo, a revolução teria levada seus estragos muito mais longe, derrubando tanto a Igreja como o Estado. Tudo nos leva a crer que todos êsses melancólicos prognósticos se teriam verificado.

Não foi sem sérios ferimentos que os reformadores assim lutaram contra a sedição. A agonia moral que a princípio Lutero sofrera em sua cela de Erfurt agravou-se ainda mais depois da insurreição dos camponeses. Nenhuma grande transformação se dá entre os homens sem ser acompanhada de sofrimentos por parte das pessoas que servem de instrumento. O nascimento do Cristianismo efetuou-se pela agonia da cruz; porém Aquêle que nela foi pregado havia dirigido a cada um dos seus discípulos estas palavras: Podeis vós beber o cálix que eu hei de beber, e ser batizados com o batismo com que eu sou batizado?

Do lado dos príncipes dizia-se repetidamente que Lutero e suas doutrinas tinham sido a causa da revolta. Por mais absurda que fôsse a idéia, o reformador não a podia ver tão generalizada sem sentir no peito a mais funda mágoa. O povo, Munzer e todos os chefes da revolução consideravam-no vil hipócrita, bajulador dos grandes, (11) e suas calúnias sempre encontravam ouvidos abertos- A violência de Lutero contra os rebeldes causara desagrado, mesmo a homens de índole morigerada. Os amigos de Roma exultaram; (12) todos estavam contra êle. Carregaram severamente contra êle a ira dos seus contemporâneos. Porém sua maior desdita era presenciar a obra do céu arrastada a lodaçal e classificada entre os projetos mais fanáticos. Éle teve nisso o seu Getsêmane; viu a taça amarga estendida para êle, e pressentindo que seria abandonado de todos, exclamou: Logo

talvez eu também poderei dizer: Todos vós esta noite vos escandalizareis em mim. (13)

Não obstante, no fundo de sua amargura êle con-servou sua fé: "Quem me deu fôrça", disse êle, para calcar aos pés o inimigo que se ergueu contra mim qual furioso leão ou dragão cruel, não consentirá que me esmague êsse inimigo que agora surge diante de mim com o olhar traiçoeiro do basilisco. (14) Gemo ao contemplar essas calamidades. Muitas vêzes tenho perguntado a mim mesmo se não fôra melhor ter deixado o papado prosseguir tranquilamente, para não assistir a tanta agitação e sedição neste mundo. Mas não! Foi melhor ter arrancado algumas almas das mandíbulas infernais que deixá-las tôdas em suas garras assassinas. (15)

Assim terminou na mente de Lutero a revolução co-meçada no período de sua volta do Wartburg. A vida interior já não o contentava. A seus olhos se torna-ram mais importantes a Igreja e suas instituiões• A audácia com que êle tudo derrubara encontrara sua melhor rival naquela derrubada ainda mais catastró-fica. Sentiu-se no dever de conservar, governar e cons-truir. E do seio das ruínas sanguinolentas com que a guerra dos camponeses tinha juncado a Alemanha in-teira, começou a erguer-se lentamente o edifício da nova Igrej a.

Aquêles distúrbios deixaram na imaginaão dos ho-mens uma impressão funda e duradoura. As nações tinham sido tomadas de assombro. As massas que não tinham buscado na Reforma senão remodelação política, afastaram-se de moto próprio, vendo que só lhes oferecia a liberdade espiritual. A oposição de Lutero aos camponeses foi seu ato de renúncia ao efêmero prestigio popular. Logo se estabeleceu uma tranquilidade aparente, ao ruído do entusiasmo e da sedição, seguindo-se por tôda a Alemanha um silêncio inspirado no terror. (16)

Assim foram subjugadas, no Império, as paixões do povo, a causa da revoluão, e os interêsses de uma igualdade radical. A Reforma, porém, não se rendeu. Êsses dois movimentos que poderiam ter-se confundido destacavam-se nitidamente um do outro pela diferença dos seus resultados. A insurreição partira de baixo, a Reforma procedera de cima. Meia dúzia de cavaleiros e canhões foi quanto bastou para eliminar a primeira, ao passo que a segunda nunca parou de crescer em fôrça e vigor, a despeito dos reiterados assaltos do Império e da Igreja.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) L. Op. XIX. p. 292.

(2) L. Op. XIX. p. 289.

(3)

(4)

(5) L. Op. XIX. p. 297.

(6) So findet er einem am Bett.

(7) Mathes. p. 48.

(8) Corp. Ref. I. p. 752.

(9) M. Adami Vita Brentii, p. 441.

(10) M. Adami Vita Fred Myconii,. p. 178.

(11) L. Ep. II. p. 671.

(12) Ibid. p. 612.

(13) Mateus XXVI, 31, 33 (Ibid., p. 671).

(14) Ibid.

(15) L. Op. (H. Ed.) IX. p. 961.

(16) Corp Ref. I. p. 752.

CAPÍTULO XII

Morte do Eleitor Frederico — O Príncipe e a Reforma — Aliança Católico-Romana — Planos de Carlos V — Perigos.

Entrementes parecia que a causa da Reforma ti-nha desaparecido na voragem que sorvera as liberdades do povo. Um acontecimento lutuoso parecia destinado a lhe acelerar a queda. No momento em qua os príncipes marchavam contra Munzer, dez dias antes de sua derrota, baixou à sepultura o idoso Eleitor da Saxônia, o homem que Deus escolhera para defender a Reforma contra todos os perigos do exterior.

Suas fôrças se foram enfraquecendo dia a dia; seu coração sensível abalando-se com os horrores da guerras dos camponeses. "Ai!" exclamou êle, com um profundo suspiro. "Se fôsse da vontade de Deus eu morreria alegre. Não vejo sôbre a terra nem amor, nem verdade, nem fé, nem bem algum". (1)

Desviando o olhar da cena calamitosa que enchia a Alemanha tôda, o piedoso príncipe, que então residia em Lochau, preparou-se tranquilamente para partir. No dia 4 de Maio, chamando pelo seu capelão, o fiel Spalatin, disse-lhe suavemente quando êste entrou: "Fazes bem em vir ver-me, pois que é bom visitar os doentes". E então, mandando que rodassem o canapé para perto da mesa junto a qual se sentava Spalatin, e pedindo que seus assistentes se retirassem, tomou afetuosamente a mão do amigo e pôs-se a falar com intimidade sôbre Lutero, os camponeses e sua próxima partida. Spalatin tornou a ir às oito horas da noite, quando o idoso príncipe lhe abriu a alma, confessando seus pecados na presença de Deus. Na manhã seguinte (era 5 de Maio) recebeu a comunhão nas duas espécies. Não tinha ao pé de si nenhum membro da sua família. O irmão e o sobrinho tinham-se ausentado com o exér-cito; mas todos os fâmulos o cercavam, consoantes o an-tigo costume daqueles tempos. Contemplando aquêle venerando príncipe, a quem fôra tão doce tarefa ser-vir, irromperam todos em pranto. (2) "Meus filhinhos, disse êle com ternura, "Se ofendi algum de vós, perdoai-me pelo amor de Deus, pois nós, príncipes, não raro ofendemos aos 'pobres, o que é mal feito. E assim Frederico obedecera à injunção do apóstolo: Que o rico se rejubile em seu abatimento; porque êle passará como a flor da herva. (3)

Spalatin não o deixou mais. Expos-lhe as ricas promessas do Evangelho, e o piedoso Eleitor absorveu com paz indescritivel suas poderosas consolações. Para êle a doutrina do Evangelho não era mais a espada que agride o êrro, buscando-o onde quer que se encontre, para, ao cabo de renhida luta triunfar sôbre êle finalmente. Caia-lhe agora no coração o Evangelho como o orvalho, a chuva branda refrescante, enchendo-o de esperança e alegria. Frederico tinha-se esquecido do mundo presente. Só via diante de si Deus e a eternidade.

Sentindo a rápida aproximação da morte êle des-truiu um testamento que tinha feito alguns anos antes recomendando a alma à "mãe de Deus"; fêz outro no qual se dirigia exclusivamente aos santos méritos de Jesus Cristo "para o perdão dos seus pecados", declarando mais sua firme convicção de que "fôra remido pelo precioso sangue do seu amado Salvador". (4) Então declarou: "Estou exausto!" E nessa tarde, às cinco horas, adormeceu tranqüilamente. "Era um filho da paz", disse o médico, "e em paz morreu". — "Oh, morte amarga_ a quantas deixou atrás de si!" exclamou Lutero. (5)

Lutero que na ocasião viajava pela Turingia nunca tinha visto o Eleitor senão de longe, corno em Worms, ao lado de Carlos V. Porém êsses dois homens se tinham encontrado em espírito desde o primeiro ins- tante em que apareceu o reformador. Frederico ba-talhava pela nacionalidade e independência como Lutero o fazia pela verdade e pela Reforma. Sem dúvida alguma a Reforma era sobretudo uma obra espiritual, mas talvez. seu primeiro êxito devesse necessàriamente depender de certa ligação com algum interêsse nacional. Por conseguinte tão depressa Lutei•° se levantara contra as indulgências ficou tàcitamente concluída a aliança entre o príncipe e o monge — aliança puramente moral, sem contrato escrito ou sequer oral, na qual a parte forte não prestou auxílio algum à parte fraca, além de simplesmente deixá-la agir. Mas agora que jazia tombado o robusto carvalho a cuja sombra a Reforma gradualmente crescera, agora que os inimigos do Evangelho se manifestavam por tôda parte com novo vigor e ódio, e que seus partidários foram compelidos a ocultar-se ou calar, nada parecia capaz de os escudar por mais tempo da espada dos que os perseguiam com tal violência.

Os confederados de Ratisbona, vencedores dos cam-poneses ao sul e ao oeste do Império, por tôda parte atacavam simultâneamente a revolta e a Reforma. Fizeram matar em Wurtzburg e Bamberg a muitos dos cidadãos mais pacatos, mesmo dentre os que haviam resistido aos camponeses. "Que importa?" diziam abertamente, Essa gente era afeiçoada ao Evangelho. Isso bastava para que a cabeça lhes caísse no cadafalso. (6)

O Duque Jorge esperava contagiar com seu ódio e antipatias o landgrave e o Duque João. "Vêde", disse-lhes êle depois da derrota dos camponeses, apontan-do para o campo da batalha; "vêde as misérias trazidas por Lutero!" João e Filipe pareceram dar-lhe esperanças de adotar suas idéias. "O Duque Jorge", disse o reformador, "imagina que triunfará, agora que Frederico está morto, porém Cristo reina no meio dos Seus inimigos. Em vão rangerão êles os dentes... seu desejo perecerá". (7)

Jorge não perdeu tempo em formar no norte da Alemanha uma confederação semelhante à de Ratisbona. Encontraram-se em. Dessau os Eleitores de Mogúncia e Brandenburg, os Duques Henrique e Erick de Brunswick, e o Duque Jorge e ali

concluíram uma aliança, no mês de Julho. (8) Jorge instou com o novo Eleitor e o genro dêste, o landgrave, para se unirem a ela. E então como que para insinuar o que se poderia esperar dai, mandou decapitar dois cidadãos de Leipzig em cuja casa foram encontradas algumas obras do reformador. Ao mesmo tempo chegaram na Alemanha, datadas de To-ledo, cartas de Carlos V, convocando outra Dieta em Augsburg. Carlos V desejava dotar o Império de uma constituição que lhe permitisse manobrar à vontade as fôrças da Alemanha. Nas diferenças religiosas encontrara êle o meio. Só lhe bastava atirar os Católicos contra os seguidores do Evangelho para, quando exaustos os dois contendores, êle obter fácil triunfo sôbre ambos. Abaixo os Luteranos! foi, portanto, o brado do Imperador. (9)

Dêste modo tudo se combinou contra a Reforma. Nunca Lutero teve o espírito mais avassalado por tantos temores. Os remanescentes do partido de Munzer tinham jurado tirar-lhe a vida; seu único protetor não existia mais. O Duque Jorge, segundo estava informado, tencionava prendê-lo dentro da própria Wittemberg; (10) os príncipes que o poderiam defender curvavam a cabeça parecendo ter abandonado o Evangelho. Dizia-se que o novo Eleitor ia suprimir a universidade, cujo número de estudantes já se tinha reduzido em face dos acontecimentos. E Carlos V, vitorioso em Pavia, reunia nova Dieta, projetando aplicar na Reforma o seu golpe de morte. Que perigos Lutero não houvera prognosticado I... Sua alma agora se contorcia naquela agonia, naquelas lutas íntimas que lhe arrancara tão frequentes gemidos de tormento. Como resistir a tantos inimigos? Pois no meio dessas agitações, diante de tantos perigos e ao lado do cadáver ainda quente de Frederico e dos camponeses que juncavam as planícies da Alemanha, — ninguém o diria —Lutero casou-se.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Seckend. p. 702.

(2) Ibid. p_ 702.

(3) Tiago, 1:10.

(4) Seck. p. 703.

(5) L. Ep. II. p. 659.

(6) Ranke, Deutsche Gesch. E p. 226.

(7) L. Ep. III. p. 22.

(8) Ibid.

(9) Sleidan, Hist. de 1a. Ref. I. p. 214.

(10) Keil, Vida de Lutero, p. 160.

CAPÍTULO XIII

As Freiras de Nirnptsch — Os Sentimentos de Lutero — Dissolvido o Convento — Casamento de Lutero — Felicidade doméstica.

No convento de Nimptsch, perto de Grimma, na Saxônia, residiam em 1523 nove freiras, leitoras assíduas da Palavra de Deus, que tinham verificado o contraste entre a vida cristã e a vida no claustro. Chama-vam-se elas Madalena Staupitz, Elisa de Canitz, Ava Grossn, Ava e Margarida Schonfeld, Laneta de Golis, Margarida e Catarina Zeschau e Catarina de Bora. O primeiro impulso dessas moças após livrar-se da superstição do mosteiro foi escrever aos pais. "A salvação de nossa alma", disseram elas, "não nos permite ficar no convento mais tempo". (1) Os pais, temendo as consequências que pudessem resultar de semelhante resolução, negaram-se àsperamente a atender ao pedido de suas filhas. As pobres freiras ficaram consternadas.

Como poderiam deixar o mosteiro? Estavam aterrorizadas diante da resolução que tinham de tomar. Enfim ainda sob o horror causado pela subserviência ao papa, prometeram-se não abandonar uma à outra, mas seguir juntas a qualquer lugar respeitável, mantendo tôda ordem e decência. (2) Ofereceram-se para ajudá-las dois dignos e piedosos cidadãos de Torgau, chamados Leonardo Koppe e Wolff Tomitzsch. (3) As jovens aceitaram êsse auxílio, como vindo do próprio Deus, e saíram do convento de Nimptsch sem a menor oposição. Parecia que o Senhor lhes tivera escancarado as portas. (4)

Koppe e Tomitzsch receberam-nas em seu carro e no dia 7 de Abril, espantadas de sua própria te-meridade, as nove freiras, com grande emoção, para- rani à porta do antigo convento Agostiniano, onde Lutero residia.

"Isto não é obra minha", disse Lutero, quando as recebeu, "mas prouvera Deus que eu pudesse assim salvar tôdas as consciências cativas e esvaziar todos os claustros! (5) A brecha está feita!" Muitas pessoas se prontificaram a receber em casa aquelas freiras, e Catarina de Bora encontrou bom acolhimento na familia do burgomestre de Wittemberg.

Se naquele momento Lutero se preparasse para algum acontecimento solene, era antes para subir ao cadafalso, que ao altar. Muitos meses depois disto êle ainda respondia a quem lhe falasse de casamento: "Deus pode mudar o meu coração, sendo de sua vontade; mas, pelo menos agora, não estou pensando em me casar. Não porque não sinta atração para êsse es-tado, pois não sou nem de pau nem de pedra, mas porque espero cada dia que passa receber a morte e o castigo de um herege". (6)

Entretanto tudo na Igreja ia em progresso. Os hábitos da vida monástica, invenção humana, estavam por tôda parte cedendo terreno aos hábitos da vida

doméstica, indicada por Deus. No domingo, dia 9 de Outubro de 1524, Lutero depois de se levantar como de costume, ao invés de vestir o hábito de monge Agostiniano, pôs uma batina de padre secular. Assim paramentado apareceu na igreja, onde a mudança causou viva satisfação. O Cristianismo renovado saudava com transporte de alegria: tudo quanto anunciasse que as velhas coisas eram coisas do passado.

Pouco depois disto saía do convento o último frade que restava. Lutero porém ali continuou; seus passos solitários ecoavam nas longas galerias. Sentava-se sozinho no refeitório que, havia ainda pouco, ressoava com o vozerio dos monges. Um silêncio eloqüente atestava os triunfos da Palavra de Deus! O convento tinha cessado de existir. Pelos fins de Dezembro de 1524

Lutero mandou ao Eleitor as chaves do convento. In-formava-lhe que veria onde, pela vontade de Deus, conseguiria teto e comida. (7) O Eleitor deu o convento à universidade e convidou Lutero a continuar residin-do nêle. O domicílio dos monges estava destinado a ser, em breve, o santuário de uma família cristã.

Lutero que tinha inclinações para provar as doçu-ras da vida doméstica, honrava e amava o estado de casado, sendo mesmo provável que sentisse qualquer simpatia por Catarina .de Bora. Durante muito tempo os seus escrúpulos e o pensammto das calúnias que poderiam erguer-se em face de tal gesto de sua parte, impediram-no de pensar nela. Êle tinha oferecido a pobre Catarina primeiro a Baumgartner de Nuremberg, (8) e depois ao Dr. Glatz de Orlamund. Mas depois que viu Baumgartner recusá-la e o Dr. Glatz ser recusado por ela, pôs-se sèriamente a pensar se devia ou não êle próprio se casar com ela.

Seu velho pai que tanto lamentara sua entrada para a vida monástica, incitava-o agora a entrar para a vida conjugal. (9) Mas uma idéia, acima de tôdas, estava sempre presente na consciência de Lutero: o ca-samento era uma instituição de Deus — o celibato, urna instituição do homem. Tinha horror de tudo que ema-nasse de Roma. Costumava dizer aos amigos: "Não desejo reter nada na minha vida que tenha a influência papal". (10) Dia e noite orava implorando ao Senhor para que o libertasse da indecisão. Por fim um pensamento veio quebrar-lhe os derradeiros laços que ain-da o mantinham cativo. A todos os motivos de con-veniência e obediência que o levavam a aplicar a si mesmo a declaração de Deus de que "Não é bom o ho-mem viver sózinho", (11) veio somar-se outro motivo de natureza mais elevada e mais poderosa. Viu que, chamado ao estado conjugal como homem, êle também o era como reformador. Isso lhe valeu a decisão.

Se êsse monge casar-se", disse o seu amigo ad-vogado, Schurff, "êle fará o mundo inteiro e o próprio Satanás estourar de rir, e destruirá tôda a obra que principiou". (12) Essa observação causou em Lutero uma impressão totalmente diversa da que era de esperar-se. Enfrentar o mundo, o demônio, os seus inimigos e, por um ato que pensavam arruinar a causa da "Reforma, afastar de si todo e qualquer mérito nesse

êxito — isso sintetizava o seu desejo. Assim foi que ergueu soberbamente a cabeça quando respondeu : "Pois bem, vou fazê-lo; vou pregar em Satanás e no mun-do essa peça; vou contentar meu pai e vou casar com Catarina!" Com êsse casamento Lutero separou-se ainda mais inteiramente das instituições do papado. Confirmou, dando o exemplo, a doutrina que pregara, e encorajou todo homem tímido a fazer renúncia cabal dos seus erros. (13)

Roma parecia recuperar aqui e ali o terreno perdido, lisonjeando-se na esperança da vitória. Agora arrazadora explosão vinha espalhar surprêsa e terror nas suas fileiras, ao mesmo tempo que lhe revelava mais amplamente a impavidez do inimigo que ela julgava esmagado. "Testemunharei o Evangelho não sómente com as minhas palavras", disse Lutero, "mas também com os meus atos. Estou decidido, à vista dos meus inimigos que já exultam dando o grito da vitória, a casar-me com uma freira para que vejam e saibam que não me derrotaram ainda. (14)

Não tomo espôsa para viver longamente com ela. Vendo, porém, as nações e os príncipes desencadear contra mim a sua fúria e prevendo para breve o meu fim, e que depois de minha morte calcarão de novo aos pés a minha doutrina, revolvi para a edificação dos fracos, testemunhar de maneira marcante aquilo que nesta terra preguei". (15)

No dia 11 de Junho de 1525 Lutero procurou a casa de seu amigo e colega Amsdorff. Desejava que

Pomeranus, a quem êle enfàticamente chamava O Pastor, lhe abençoasse a união. O famoso pintor Lucas Cranach e o Doutor João Apella assistiram ao casamento. Melanchton não estêve presente.

Logo que Lutero se casou tôda a Europa entrou em distúrbio. De todos os quatro cantos vieram asso-berbá-lo acusações e calúnias. "Isso é incesto", exclamou Henrique VIII. "Um monge casou-se com uma vestal", disseram alguns. (16) "O Anticristo será o fruto dessa união", disseram outros, "pois diz uma pro-fecia que êle nascerá do casamento de um frade com uma freira". A isso Erasmo replicou com um sorriso sarcástico: "Se fôsse verdade a profecia, quantos milhares de anticristos já não existiriam no mundo!" (17)

Entretanto, enquanto Lutero era assim atacado, muitos homens moderados e sábios que a Igreja romana ainda contava entre os seus membros, tomaram a sua defesa. "Lutero tomou uma espôsa à nobre família de Bora", disse Erasmo, "porém ela não levou dote" (18)

Outro testemunho -valioso fôra então dado a seu favor. O mestre da Alemanha, Filipe Melanchton, que a principio ficara alarmado com aquêle passo de Lutero, e expressando-se na sua voz grave que os próprios inimigos ouviam com respeito, disse: "E' falso e calunioso dizer que haja qualquer coisa de indecoroso no casamento

de Lutero. (19) Acho que casando-se êle usou de violência contra si mesmo. A vida matrimonial é uma vida de humildade. E' também um estado santi-ficado, se tal coisa existir no mundo. As Escrituras por tôda parte representam o matrimônio como estado hon-roso aos olhos de Deus"-

Vendo-se alvo de tamanhas torrentes de ira e des-prêzo Lutero a principio se perturbou. Melanchton redobrou sua amizade e bondade para com êle, (20) e não tardou que o reformador visse naquela hostilidade humana um índice da aprovação divina. "Se eu não ofendesse o mundo", disse êle, "teria motivo de temer que o que fiz é desagradável a Deus". (21)

Oito anos tinham decorrido desde o ataque de Lu-tero às indulgências até o seu casamento com Catarina de Bora. Seria difícil atribuir, como ainda se faz, o zêlo com que investiu contra os abusos da Igreja, a algum "impaciente desejo" de união conjugal. Contava êle então quarenta e dois anos. de idade, e Catarina de Bora já residia em lVittemberg havia dois anos. "O melhor presente de Deus", disse êle, é uma espôsa pie-dosa e amável, temente a Deus e amante da familia, com quem possa um homem viver em paz e em quem possa seguramente confiar". Alguns meses depois do ma-triônio êle levou a um dos seus amigos a notícia da gravidez de Catarina, (22) e um anos depois de unidos ela deu à luz um filho. (23) As doçuras da vida doméstica logo dispersaram as nuvens tempestuosas a princípio condensadas sôbre sua cabeça com a exaspe-ração dos inimigos. Sua Keta, como êle a apelidava, manifestava-lhe a mais terna afeição; consolava-o no seu desânimo, citando-lhe passagens da Bíblia; liberta-va-o de tôdas as preocupações domésticas, sentava-se ao lado dêle nas suas horas de lazer, bordava-lhe o re-trato, lembrava-lhes os amigos a quem se esquecia de escrever e amiúde o divertia com a simplicidade das suas perguntas. Parece que certa dignidade marcava o seu caráter, pois Lutero algumas vêzes a chamava Meu Senhor Keta.

Um dia disse gracejando que, se tivesse de casar de novo, esculpiria de uma pedra uma espôsa obediente porque, acrescentou êle, "é impossível encontrar-se uma na realidade". Suas cartas transbor-davam de carinho por Catarina. Chamava-a "sua que-rida e graciosa espôsa, sua querida e amável Keta. O caráter de Lutero tornou-se mais jovial na convivência de Catarina, e essa feliz disposição de espirito jamais o deixou mesmo no meio de suas maiores provações.

A corrupção quase universal do clero tinha colocado o sacerdócio numa situação de desprêzo geral. As virtudes isoladas de alguns fiéis servos de Deus não puderam resgatá-lo. A paz doméstica e a fidelidade conjugal, essas duas sólidas bases da felicidade terrena, sofriam perturbação continua na cidade e no campo pelas paixões grosseiras de monges e padres. Ninguém estava livre de tentativas 'de sedução. Aproveitavam-se do franco acesso em todos os lares, e muitas vêzes das confidências do confessionário para instilar fatal veneno na alma das penitentes e satisfazer seus

desejos culposos. Abolindo o celibato dos eclesiásticos a Reforma restabeleceu a santidade do estado conjugal. O casamento do clero pôs têrmo a uma infinidade de crimes secretos. Os reformadores se transformaram em modelos para os fiéis nas relações mais intimas e importantes da vida. E o povo não tardou em alegrar-se de ver os ministros da religião mais uma vez convertidos em pais e maridos.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) L. Ep. II. p. 323.

(2) Ibid. 322.

(3) Ibid. 319.

(4) Ibid.

(5) Ibid. 322.

(6) L. Ep. II. p. 570. Carta a Spalatin aos 30 de Novembro de 1524.

(7) L. Ep. II. p. 582.

(8) Ibid. p. 553.

(9) Ibid. III. p. 2.

(10) Ibid. p. 1.

(11) Gênesis 2:18.

(12) M. Adami Vita Luth. p. 130.

(13) L. Ep. III. p. 13.

(14) Ibid. p. 21.

(15) Ibid. p. 32.

(16) M. Ad. Vita Luth. p. 131.

(17) Er. Ep. p. 789.

(18) Referindo-se a rumores espalhados por inimigos de Lu-tero, dizendo que nem bem quinze dias depois do casamento a mulher dera à luz um filho, Erasmo acrescenta: "Partu maturo sponsae vanus erat rumor". (Ibid. ps. 780, 789).

(19) Corp Ref. I. p. 753 ad Camerarius.

(20) Ibid.

(21) L. Ep. III. p. 32.

(22) Carta datada de 21 de Outubro de 1525. Ibid. p. 35.

(23) Ibid. p..119. 8 de unho de 1526.

CAPÍTULO XIV

O Landgrave — O Eleitor — Prússia — Reforma — Secularização — Dieta — Aliança de Torgau — Resistência dos Reformadores — Aliança de Mag-deburg — Os Católicos redobram seus Esforços —O Casamento do Imperador — Cartas ameaçadoras —Os Dois Partidos.

À primeira vista o casamento de Lutero pareceu ter incrementado as dificuldades da Reforma. Ela ainda estava sofrendo do golpe recebido na revolta dos camponeses; a espada do Imperador e dos príncipes ainda estava estendida contra ela. Os seus amigos, o Landgrave Filipe e o novo Eleitor João, pareciam votados ao desânimo e silêncio.

Todavia não durou muito êsse estado de coisas. Logo o jovem landgrave ergueu altivamente a cabeça. Corajoso e ardente como Lutero, o caráter do reformador tinha granjeado sua estima, e assim se lançou êle na Reforma com todo o entusiasmo da mocidade, ao mesmo tempo que se pôs a estudá-la com a gravidade de uma mente superior.

Na Saxônia o lugar de Frederico não podia ser preenchido por pessoa de igual discrição ou influência; porém seu irmão, o Eleitor João, ao invés de se ater à parte passiva de um protetor, interveio nos assuntos religiosos mais diretamente, e animado de maior coragem. Ao deixar Weimar, no dia 16 de Agôsto de 1525, êle disse ao clero reunido: "Desejo que para o futuro pregueis a pura Palavra de Deus sem adição alguma do homem". Alguns clérigos idosos, perplexos de como obedecer às suas ordens, perguntaram desajeitadamente, "Mas não estamos proibidos de rezar missa pelos mortos, ou benzer a água e o sal?" — "Tudo," respondeu o Eleitor, "tanto as cerimônias como os sermões deverão conformar-se à Palavra de Deus".

Não demorou muito o landgrave teve a extraordinária idéia de converter seu sogro, o Duque Jorge. Para tanto êle ora estabelecia a suficiência das Escrituras, ora atacava a missa, o papado e os votos compulsórios. Cartas e mais cartas . Tôdas as declarações da Palavra de Deus se opunham alternativamente às convicções do velho duque. (1)

Os esforços nesse sentido não foram improdutivos. O filho do Duque Jorge foi ganho para a nova doutrina. Porém Felipe não foi bem sucedido com o pai. "Daqui a cem anos havemos de ver quem está certo", disse êste. "Terrível afirmação," comentou o Eleitor da Saxônia "Que fé poderá ser essa que precise de experiência tão longa? (2) Pobre Duque!... terá muito que esperar. Receio que Deus lhe endureceu o coração, como fêz aos Faraós de outrora".

O partido evangélico encontrou em Filipe um líder inteligente e audaz, capaz de fazer frente aos tremendos ataques que o inimigo estava planejando. Não teremos,

contudo motivo de lamentar que o chefe da Re-forma seja dêsse momento em diante uni homem da espada, e não simplesmente um discípulo da Palavra de Deus? O elemento humano expandia-se na Reforma, ao passo que o elemento espiritual declinava. Isso era pre-judicial para a causa, pois que tôda obra tem de reger-se pela sua própria natureza, e a natureza da Reforma era essencialmente espiritual.

Deus estava ampliando o rol dos seus mantenedores. A Prússia, o poderoso estado nas fronteiras da Alemanha, já se tinha alegremente colocado sob o es-tandarte do Evangelho. O espírito cavaleiresco e re-ligioso que havia fundado a ordem teutônica desvanecera gradativamente com os séculos que o tinham gerado. Passando a consultar únicamente os seus interêsses pessoais, os cavaleiros descontentaram o povo sob o seu domínio. Em 1466 a Polônia tinha-se aproveitado disso para forçar a ordem a reconhecer sua supremacia. O povo, os cavaleiros, o grão-mestre e o domínio polonês eram outros tantos poderes em perene conflito que impossibilitavam a prosperidade do país.

Veio então a Reforma, e percebeu-se ser êsse o único meio de salvação que restava ao desventurado povo. Brismann, Speratus, Poliander, ex-secretário do Dr. Eck, na disputa de Leipzig, bem como muitos outros, pre-garam o Evangelho na Prússia.

Certo dia chegou a Wittemberg um mendicante do pais governado pelos cavaleiros teutônicos e, parando diante da porta de Lutero, pôs-se com voz solene a can-tar o belo hino de Poliander:

"Para nós chegou afinal a salvação!" (3)

Nunca tendo ouvido aquêle hino cristão, o refor-mador escutou-o com espanto e enlêvo. "Outra vez, outra vez", disse êle ao pedinte. Quando terminou, o seu sotaque estrangeiro deu-lhe novo encanto. Depois perguntou Lutero ao mendicante onde aprendera êle aquêle hino. As lágrimas começaram a rolar-lhe ao saber que com o pobre homem que chegava a Wittem-berg vinha um grito de livramento soltado nas praias do Báltico. Juntando as mãos Lutero rendeu graças a Deus. (4)

Na verdade tinham chegado até lá as noticias da salvação.

"Tende piedade do nosso estado desgraçado", dizia o povo da Prússia ao grão-mestre, "e dai-nos pregadores que nos ensinem a pura doutrina do Evangelho". A princípio Alberto não deu resposta, mas entrou em correspondência com Sigismundo, rei da Polônia, seu tio e senhor soberano.

Êste o reconheceu como duque hereditário da Prús-sia, (5) e o novo príncipe fez entrada pública na capital de Kõnigsberg com o bimbalhar de sinos e acla-mações do povo. Tôdas as casas estavam vistosamente enfeitadas e as ruas juncadas de flores.

"Só existe uma ordem", disse Alberto, "e essa é o Cristianismo". As ordens monásticas estavam desaparecendo e a ordem divina foi novamente estabelecida.

Os bispos renunciaram ao novo duque os seus di-reitos seculares; os conventos foram transformados em hospitais; o Evangelho foi pregado nas mais modestas aldeias e no ano seguinte Alberto casou-se com Dorotéia, filha do rei da Dinamarca, cuja "fé no único Salvador" era inquebrantável.

O papa dirigiu-se ao Imperador, solicitando medidas severas contra aquêle monge "apóstata", e Carlos V pôs Alberto sob interdição.

Outro príncipe da família Brandenburg, o Car-deal-arcebispo de Mogúncia, achava-se então prestes a seguir o exemplo do primo. Os estados eclesiásticos estavam especialmente ameaçados pelas guerras camponesas. O Eleitor, Lutero e tôda a Alemanha pensavam estar nas vésperas de uma grande revolução. Julgando que o único meio de conservar seu principado seria secularizá-lo, o arcebispo secretamente convidou Lutero a preparar o povo para aquêle ousado passo, (6) o que êste fêz, por meio de uma carta endereçada ao arcebispo e destinada à publicidade: "Deus", disse êle, "pôs sua pesada mão sôbre o clero. Êle terá de cair, nada o salvará". (7) Tendo, porém, a guerra carnponêsa terminado mais ràpidamente do que se esperava, o cardeal manteve suas posses temporais, desapa' recendo-lhe a ansiedade e abandonando êle seus planos de secularização.

Enquanto João da Saxônia, Filipe de Hesse e Alberto da Prússia tomavam parte tão proeminente na Reforma, e, em lugar do pruderae Frederico, êstes três príncipes cheios de resolução e coragem se apresentaram, e a santa obra progredia na Igreja e entre as nações. Lutero pediu ao Eleitor que, em lugar •do sacerdócio romano, criasse o ministério evangélico e dirigisse uma visitação geral às igrejas. (8) Mais ou menos por êsse mesmo tempo começava-se em Wittemberg exercer as funções episcopais e a ordenar ministros. Que o papa, os bispos, os monges e os padres não exclamem: Nós somos a Igreja: quem se separar de nós, separa-se da Igreja!" Não existe outra Igreja além da assembléia dos que têm a Palavra de Deus e são purificados por ela". (9) Tal era a linguagem de Melanchton.

Nada disso tudo se poderia fazer ou dizer sem pro-vocar forte reação. Roma imaginava a Reforma ex-tinta no sangue dos revoltosos camponeses, porém suas chamas voltaram a irromper por tôda parte com maior intensidade e brilho. Ela resolveu fazer novo esfôrço. O papa e o Imperador escreveram cartas ameaçadoras, um de Roma e outro da Espanha. O govêrno imperial preparou-se para colocar as coisas no pé em que estavam antes, e pensava sèriamente em esmagar definitivamente a Reforma na próxima Dieta.

No dia 7 de Novembro o Príncipe-Eleitor da Sa-xônia e o landgrave, alarmados, encontraram-se no castelo de Friedewalt e concertaram entre si que seus deputados

na Dieta agiriam de comum acôrdo. E assim na floresta de Sullinger criaram-se os primeiros elemen-tos de uma aliança evangélica para se opor às Ligas de Ratisbona e Dessau.

A Dieta começou no dia 11 de Dezembro, em Augsburg. Os príncipes evangélicos não estavam presentes pessoalmente. Desde o primeiro momento os deputados da Saxônia e Hesse declararam ousadamente: "A insurreição dos camponeses foi causada por uma severidade de imprudente. Não é nem com espada e nem com fogo que se arranca dos corações a verdade de Deus. Se quiserdes empregar medidas violentas contra a Reforma, sôbre vós cairão calamidades mais terríveis do que aquelas de que tão recentemente e por tão pouco escapastes".

Sentia-se que fôsse qual fôsse a resolução adota-da, os resultados seriam da mais vasta importância. Cada qual desejava protelar o momento decisivo, a fim de aumentar sua própria fôrça. Deliberaram, por conseguinte, encontrar-se novamente em Spira, no pró-ximo mês de Maio, continuando em vigor nesse ínterim o sumário de Nuremberg. E então, disseram êles, entrariam completamente no assunto "da santa fé, justiça e paz".

O landgrave perseverou no seu plano, tendo tido em Gotha, em fins de Fevereiro de 1526, uma conferência com o Eleitor. Os dois príncipes concordaram em unir suas fôrças contra os adversários, caso fôssem atacados a pretexto da Palavra de Deus. Essa aliança foi ratificada em Torgau e estava destinada a produzir importantes resultados.

A aliança de Torgau não satisfez ao landgrave. Convencido de que Carlos V estava se esforçando por organizar uma liga "contra Cristo e sua santa Palawa", escreveu ao Eleitor carta sôbre carta, salientando-lhe a necessidade de combinação com outros estados. Quanto a mim, escreveu, "prefiro morrer a renunciar à Palavra de Deus, e permitir que me tirem do trono". (10)

Reinava grande incerteza na côrte. Efetivamente sério obstáculo se opunha à união dos príncipes evan-gélicos, e tal obstáculo eram Lutero e Melanchton. Lu-tero desejava que a doutrina evangélica fôsse defendida por Deus exclusivamente. Achava que quanto menos homens se envolvessem nisso, tanto mais conspícua a intervenção de Deus. Parecia-lhe que quaisquer medidas que desejassem tomar, deveriam elas correr pol'i conta de alguma timidez indigna ou censurável desconfiança. Melanchton receava que a aliança dos príncipes evangélicos fôsse precipitar precisamente a luta que desejavam evitar.

O landgrave não estava disposto a parar diante de tais considerações e envidou os melhores esforços no sentido de atrair à aliança os Estados circunvizinhos. Todavia não foram coroados de êxito êsses esforços. Frankfort recusou-se. O Eleitor de Treves abandonara a oposição, aceitando uma pensão do Imperador. Até o

Eleitor-Palatino rejeitou as propostas de Felipe, a des-peito de suas notórias tendências evangélicas.

Dêsse modo o landgrave não foi bem sucedido ao lado do Reno; mas o Eleitor, apesar da opinião dos teólogos da Reforma, entrou em negociações com os príncipes que sempre gravitaram em tôrno da poderosa casa da Saxônia. A 12 de Junho reuniram-se em Mad-deburg o Eleitor e seu filho, os duques Felipe, e Ernesto, Oto e Francisco de Brunswick e Luneburg o Duque Henrique de Mecklenburg, o Príncipe Wolff de Anhalt e os condes Alberto e Gebhard de Mansfeldt, e ali, sob a presidência do Eleitçw formaram uma aliança semelhante à de Torgau.

"Deus Todo-Poderoso", disseram os príncipes, ten-do de sua inefável misericórdia feito reviver entre os homens sua eterna e santa Palavra, o pão de nossa alma e nossa maior ventura nesta terra; e tendo havido por parte do clero e seus aderentes muito empenho em sufocá-la e suprimi-la, nós, na firme segurança de que Aquêle que a mandou, a fim de glorificar Seu nome na terra também a saberá manter, nos comprometemos a preservar essa bendita Palavra para o nosso povo, pro-metendo para tanto empregar nossos bens, nossa vida, nossos estados, nossos súditos e tudo quanto possuímos, depositando nossa fé não nos éxércitos, mas únicamente na onipotência do Senhor, de quem desejamos ser instrumentos. (11) Tal fôra a linguagem dos príncipes.

Dois dias depois a cidade de Magdeburg era admi-tida na aliança, e o novo duque da Prússia, Alberto de Branenburg, aderiu a um tratado em separado.

Assim, formou-se a aliança evangélica; mas os pe-rigos que lhe competia evitar tornavam-se cada dia mais ameaçadores. O clero e os príncipes amigos de Roma que supunham a Reforma extinta, de súbito a viram erguer-se diante dêles, assumindo uma forma assustadora. Já os partidários da Reforma tinham quase a mesma potência que os do papa. Tivessem êles maioria na Dieta, e bem se poderiam calcular as con-sequências sôbre os Estados eclesiásticos. Agora ou nunca! Já não se trata mais de refutar uma heresia. Têm à frente, preparado para a luta um poderoso par-tido. Outras vitórias, diversas das que obteve o Dr. Eck, são necessárias para salvar o Cristianismo.

Já haviam sido tomadas medidas eficazes. O ca-pitulo metropolitano da igreja colegiada de Mogúncia havia convocado uma reunião de todos os seus sufra-gistas, tendo resolvido mandar uma deputação ao Im-perador e ao papa, pedindo-lhe a preservação da Igreja.

Ao mesmo tempo se tinham reunido em Halle o Duque Jorge da Saxônia, o Duque Henrique de Bruns-wick e o Cardeal-Eleitor Alberto, a fim de enviarem a Carlos V um memorial: "A detestável doutrina de Lu-tero", disseram, "está fazendo rápidos progressos. To-dos os dias se fazem tentativas de convencer, mesmo a nós; e

visto como não podem conseguir por meios pacíficos procuram forçar-nos concitando nossos súdi-tos à revolta. Imploramos a assistência do Imperador". (12) Imediatamente depois dessa conferência, Bruns-wick partiu pessoalmente para a Espanha, no intuito de influir sôbre a decisão de Carlos V.

Não podia êle ter chegado num momento mais pro-pício. Tendo acabado de concluir o famoso tratado de Madri com a França, o Imperador parecia nada mais te-mer dêste lado do seu Império, e seus olhos, então, vol-taram-se para a Alemanha. Francisco I tinha-lhe oferecio pagar metade das despesas de uma guerra, quer contra os turcos, quer contra os hereges.

Achava-se em Sevilha o Imperador. Estava para casar-se com uma princesa de Portugal, e as margens do Guadalquivir retumbavam com o ruído das festi-vidades. Um deslumbrante cortejo de nobres e grande multidão enchiam a antiga capital dos mouros. Sob a abóbada da magnificente catedral exibiam-se tôdas as cerimônias pomposas da Igreja. Oficiava um legado do papa, e jamais, mesmo sob o domínio árabe, assistira Andaluzia a um espetáculo de maior esplendor e sole-nidade.

Justamente nesse momento chegou Henrique de Brunswick, vindo da Alemanha afim de suplicar a Carlos V que salvasse o Império e a Igreja dos ataques do monge de Wittemberg. Seu pedido foi imediata-mente tomado em consideração e o Imperador resolveu adotar medidas drásticas.

Escreveu em 23 de Março de 1526 a vários príncipes e cidades que permaneciam fiéis a Roma. Ao mesmo tempo deu a Henrique de Brunswick a comissão especial de informá-los verbalmente de que êle sentira muitíssimo saber que o progresso contínuo da heresia luterana ameaçava encher a Alemanha de sacrilégios, devastação e derramamento de sangue; que, ao contrário, encarava com extrema satisfacão a fidelidade na maioria dos Estados; que. pondo. de lado tôdas as outras ocupações, estava para deixar a Espanha com destino a Roma, a fim de ter um entendimento com o papa, e dali seguiria para a Alemanha para combater a abominável peste de Wittemberg; que, da parte dêles, era dever permanecer fiéis à sua fé; e que, se os Luteranos procurassem induzi-los ao êrro por estratagema ou fôrça, formassem uma cerrada aliança para resistirem com coragem; e que breve chegaria para os ajudar com tôda a sua fôrça. (13)

Quando Brunswick voltou à Alemanha, o partido romano teve transportes de alegria, levantando orgu-lhosamente a cabeça. Os duques de Brunswick e Pomerânia, Alberto de Mecklenburg, João de Juliers, Jor-ge da Saxônia, os duques da Bavária e todos os príncipes da Igreja já se viam triunfantes, lendo as cartas ameaçadoras do vencedor de Francisco I. Resolveram apresentar-se à próxima Dieta e humilhar os príncipes hereges, forçando-os pela espada, caso recusassem a submeter-se. Consta que o Duque Jorge dissera: Poderei ser

Eleitor da Saxônia quando quiser". (14) Mais tarde, porém, procurou dar outra explicação a essas palavras. "Não durará muito a causa de Lutero. Éle que cuide disso!" disse, certo dia, com ar vitorioso, em Torgau, o chanceler do duque.

Efetivamente Lutero estava cuidando disso, mas não do modo como o chanceler entendia a expressão. Observava atentamente as manobras dos inimigos da Palavra de Deus, e, tal como Melanchton, via milhares de espadas desembainhadas contra o Evangelho. Porém êle procurou sua fôrça numa fonte superior, àquela contida nos homens. "Satanás", escreveu êle a Frederico Myconius, "desata sua fúria; ímpios pontífices tramam; e estamos ameaçados de guerra. Exorta o povo a contender valorosamente, perante o trono do Senhor com fé e oração, para que, vencidos pelo Espírito de Deus, os nossos inimigos sejam forçados à paz. Nossa primeira necessidade, nosso principal trabalho é a oração. Que saiba o povo que se acha exposto ao gume da espada e à tolera de Satanás, e, que ore". (15)

Assim todos se preparavam para uma luta decisiva. A Reforma tinha ao seu lado as preces dos Cristãos, a simpatia popular e uma crescente influência na mente dos homens, incapaz de ser obstada por poder algum. O papado contava a seu favor com a antiga ordem de coisas, a fôrça do hábito arraigado, o zêlo e ódio de formidáveis príncipes, e a fôrça daquele po-deroso Imperador que reinava em dois mundos e que havia ainda pouco aplicara tão rude golpe na ambição de Francisco I.

Esse o estado de coisas, quando se abriu a dieta de Spira. Agora voltemos á Suíça.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Romels, Urkundenbuch, I. p. 2.

(2) Seck. p. 739.

(3) Es ist das Heyl uns kommen.her.

(4) Seck. p. 668.

(5) Sleidan, Hist. Ref. p. 220.

(6) Seckend. p. 712.

(7) L. Ep. II. p. 674.

(8) L. Ep. III. p. 28, 38, 51, etc.

(9) Corp. Ref. I. p. 766.

(10) Seckendorf, p. 768.

(11)

(12)

(13) Seckendorff, p. 768.

(14- Ranke, Deut. Gesch. IL p. 349. Rommels, Urkunden.- bueh, p. 22.

(15) L. Ep. III. p. 100.

FIM DO TERCEIRO VOLUME